

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA



Tese de Doutorado

**Quando morrem os pets:**

sobre humanos, animais de estimação e novos mercados funerários

**MARCUS VINÍCIUS NASCIMENTO NEGRÃO**

Pelotas, 2024

# MARCUS VINÍCIUS NASCIMENTO NEGRÃO

## **Quando morrem os pets:**

sobre humanos, animais de estimação e novos mercados funerários

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Antropologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flavia Rieth

Coorientador: Prof. Dr. Gustavo Chiesa

Pelotas, 2024

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação da Publicação

N385q Negrão, Marcus Vinícius Nascimento

Quando morrem os pets [recurso eletrônico] : sobre humanos, animais de estimação e novos mercados funerários / Marcus Vinícius Nascimento Negrão ; Flávia Maria Silva Rieth, orientadora ; Gustavo Ruiz Chiesa, coorientador. — Pelotas, 2024.

297 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Ritos funerários. 2. Animais de estimação. 3. Mercado pet. 4. Antropologia da morte. 5. Antropologia dos humanos e não-humanos. I. Rieth, Flávia Maria Silva, orient. II. Chiesa, Gustavo Ruiz, coorient. III. Título.

CDD 636.088

MARCUS VINÍCIUS NASCIMENTO NEGRÃO

Quando morrem os pets: sobre humanos, animais de estimação e novos mercados  
funerários

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa:

Banca Examinadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flávia Maria Silva Rieth (Orientadora)

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Gustavo Ruiz Chiesa (Coorientador)

Doutor em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Rogério Rosa (Examinador Interno)

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Jean Segata (Examinador Externo)

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Bernardo Lewgoy (Examinador Externo)

Doutor em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo

*Aos meus cachorros Nemo (in memoriam) e Ricco.*

*Ao meu companheiro Rafael.*

## Agradecimentos

Agradeço a CAPES por ter proporcionado uma bolsa de estudos que viabilizou esta pesquisa. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPEL, a todos os professores com quem fiz disciplinas, aos coordenadores que passaram pela gestão durante meu período de estudos e à equipe técnico-administrativa que o integra.

Agradeço à minha orientadora Flávia Rieth e ao meu co-orientador Gustavo Chiesa por terem acolhido minha proposta de investigação e pelas trocas intelectuais que tivemos durante todo meu percurso de formação.

Agradeço aos professores Jean Segata, Juliana Macedo, Rogério Rosa e Bernardo Lewgoy pelas contribuições valiosas na qualificação e defesa desta pesquisa.

Agradeço aos meus colegas de mestrado e doutorado com quem dividi disciplinas ao longo do curso. Às colegas Patrícia Rosa e Luiza Marques pelo companheirismo e ajuda durante este processo de formação.

Agradeço ao Memorial e Crematório Pet São Francisco, Angelus Pet e ao Cemitério Saúde Animal por terem possibilitado que o trabalho de campo fosse realizado com sua ampla colaboração. Agradeço a todos os interlocutores que contribuíram com esta pesquisa, direta ou indiretamente, verbalizando ou não os seus processos de luto. As palavras ou o silêncio de vocês estão contemplados aqui e, certamente, contribuíram muito para o engrandecimento desta discussão.

Agradeço a Andrea Vogler da Silva, Liza Walerko, Márcia Schuch pela amizade, apoio emocional, convivência e conversas nietzschianas. Sem vocês esta pesquisa não seria a mesma.

Agradeço aos animais, de familiares e amigos, com quem convivi: Keite, Tille, Sadan, Espertinho, Cocí, Totó, Preto, Alemão, Cida, Caramelo, Puppy, Bóris, Zack e Ravi. Todos eles falecidos, mas eternamente vivos em mim.

Agradeço à minha mãe, Ana Maria Negrão, e ao meu pai, Laércio Negrão (*in memoriam*), por me ensinarem, desde cedo, a amar os animais. Agradeço ao Neminho (*in memoriam*) por todo o amor que me ensinou a sentir e por ter mudado a minha vida.

Agradeço ao Ricco por encher meu coração de alegria diariamente. E ao meu companheiro (também antropólogo), Rafael Noletto, pelo afeto e interlocução durante

este percurso sem os quais esta pesquisa não seria possível. O seu entendimento de teoria antropológica e a sua generosidade em acompanhar esta pesquisa de perto foram um grande incentivo para que eu desenvolvesse esta pesquisa.



arte: Marcus Negrão

*A morte é uma extensão do que se conheceu*

*Do que se foi, do que se viveu*

*Do que buscar, do que escolher*

*A morte é igual à vida*

*E seu contrário é nascer*

*(Joyce Moreno/Moacyr Luz)*

## Resumo

NEGRÃO, Marcus Vinícius Nascimento. **Quando morrem os pets**: sobre humanos, animais de estimação e novos mercados funerários. Orientadora: Flavia Maria Silva Rieth. Co-orientador: Gustavo Ruiz Chiesa. 2024. 290 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

Situada entre os campos da Antropologia da Morte e Antropologia dos Humanos e Não-Humanos, esta pesquisa visa discutir os ritos funerários destinados aos animais de estimação. Através de trabalho de campo desenvolvido no Rio Grande do Sul, busca-se problematizar a expansão da oferta de produtos e serviços no chamado mercado *pet*, um nicho de atuação mercadológico voltado para demandas de consumo de tutores humanos a partir das relações de afeto que estabelecem com seus animais de estimação. Com atenção focada nas possíveis ligações entre mercado *pet* e mercado funerário, a presente etnografia pretende dar visibilidade a temáticas sensíveis que marcam a consolidação de vínculos duradouros entre pessoas e *pets*. Dessa forma, discute-se certas categorias de pensamento – como “amor”, “amizade”, “vida”, “morte”, “luto”, “luto antecipado”, “deslegitimação do luto”, “acolhimento” e “saudade” –, que conformam e dão sentido às experiências vividas na interação entre animais humanos e não-humanos. Desenvolvida majoritariamente nas cidades gaúchas de Pelotas, Gramado, Nova Petrópolis e Rio Grande, esta etnografia está alinhada aos debates antropológicos contemporâneos que refutam a separação dicotômica entre as categorias de pensamento “natureza” e “cultura”, configurando-se numa pesquisa alinhada aos pressupostos epistemológicos da virada ontológica em Antropologia.

**Palavras-chave:** Ritos funerários; animais de estimação; mercado pet; antropologia da morte; antropologia dos humanos e não-humanos

## Abstract

NEGRÃO, Marcus Vinícius Nascimento. **When pets die**: about humans, pets and new funeral markets. Advisor: Flavia Maria Silva Rieth. Co-advisor: Gustavo Ruiz Chiesa. 2024. 290 f. Thesis (Doctorate in Anthropology) – Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2024.

Situated between the fields of the Anthropology of Death and the Anthropology of Humans and Non-Humans, this research aims to discuss funeral rites for pets. Through fieldwork carried out in Rio Grande do Sul, it seeks to problematize the expansion of the supply of products and services in the so-called *pet* market, a niche market focused on the consumption demands of human guardians based on the relationships of affection they establish with their pets. With a focus on the possible links between the *pet* market and the funeral market, this ethnography aims to give visibility to sensitive issues that mark the consolidation of lasting bonds between people and *pets*. In this way, it discusses certain categories of thought - such as “love”, “friendship”, “life”, “death”, “mourning”, “anticipated mourning”, “delegitimization of mourning”, “welcoming” and “longing” - which shape and give meaning to the experiences lived in the interaction between human and non-human animals. Developed mainly in the Rio Grande do Sul cities of Pelotas, Gramado, Nova Petrópolis and Rio Grande, this ethnography is aligned with contemporary anthropological debates that refute the dichotomous separation between the categories of thought “nature” and “culture”, configuring a research aligned with the epistemological presuppositions of the ontological turn in Anthropology.

**Keywords:** Funeral rites; pets; pet market; anthropology of death; anthropology of humans and non-humans

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa dos locais de realização de pesquisa. Fonte: Elaborado pelo autor.....	15
Figura 2 – Trajeto do bairro do Areal ao Laranjal .....	35
Figura 3 – Caminhos percorridos com Ricco.....	40
Figura 4 – Sala de Recepção do Memorial Pet São Francisco.....	88
Figura 5 – Recepção do Memorial Pet São Francisco.....	89
Figura 6 – Nichos com produtos oferecidos pelo Memorial.....	89
Figura 7 – Sala de despedidas.....	90
Figura 8 – Ornamentos da sala de despedidas.....	90
Figura 9 – Cama pet para cerimônia de despedida.....	91
Figura 10 – Bio urna cinerária.....	92
Figura 11 – Joias com cinzas e pelos do pet.....	92
Figura 12 – Veículo para transporte de pets falecidos (sem câmara fria).....	94
Figura 13 – Localização do Cemitério Saúde Animal.....	106
Figura 14 – Estrada que dá acesso ao cemitério.....	108
Figura 15 – Portão de entrada do Cemitério Saúde Animal.....	109
Figura 16 – Visão geral da entrada.....	110
Figura 17 – Visão externa da capela de despedidas.....	110
Figura 18 – Visão geral dos túmulos.....	111
Figura 19 – Visão aproximada das lápides.....	112
Figura 20 – Ornamentação das lápides.....	113
Figura 21 – Lápide de Max.....	114
Figura 22 – Capela do cemitério.....	114
Figura 23 – Interior da capela.....	115
Figura 24 – Visão frontal do interior da capela.....	116
Figura 25 – São Francisco de Assis em madeira.....	117
Figura 26 – Urna cinerária depositada na capela.....	118
Figura 27 – Livro de visitas e mensagens.....	119
Figura 28 – Mensagem deixada para um pet.....	119
Figura 29 – Mensagem com pedido de desculpas ao pet.....	123
Figura 30 – Área do cemitério a ser construída.....	126
Figura 31 – Rex.....	127
Figura 32 – Túmulo de Pepe.....	128
Figura 33 – Túmulo de Elvis.....	129
Figura 34 – Espaço para descanso dos visitantes.....	129
Figura 35 - Vista geral de parte do bairro Quartier ainda em construção.....	150
Figura 36 - Público se reúne para iniciar a Primeira Caminhada Pet.....	151
Figura 37 - Carro da União FM.....	153
Figura 38 - ONG A4 expõe cachorros para adoção.....	158
Figura 39 - Endrio Chaves (União FM) entrevista Daniel e Natália Corrêa.....	159
Figura 40 - Ativista da ONG A4 fala sobre cães disponíveis para adoção.....	160
Figura 41 - Cães da ONG A4 expostos para adoção.....	161
Figura 42 - Instrutores da Real Dog demonstram técnicas de adestramento para cães.....	162
Figura 43 - Cookies&Dogs sorteia brindes ao público e presenteia seus colaboradores....	164
Figura 44 - Público ganha brindes e posa para fotografias.....	165
Figura 45 - Empresas apoiadoras do evento enfeitam pets com acessórios promocionais	166

Figura 46 - Ricco é sorteado e ganha brindes da Cookies & Dogs .....	169
Figura 47 - Ricco come bolo oferecido pela Cookies & Dogs .....	170
Figura 48 - Cães beagle comem bolo e biscoitos da Cookies & Dogs.....	171
Figura 49 - Fotos de divulgação dos empreendimentos no bairro Quartier.....	178
Figura 50 - Ricco e eu: parceria no trabalho de campo .....	182
Figura 51 - Equipe da Angelus Pet aguarda o início do evento .....	195
Figura 52 - Vista frontal da entrada do Shopping Praça Rio Grande .....	196
Figura 53 - Equipe de vendas da Angelus Pet posa em frente ao stand .....	197
Figura 54 - Adriane Pires atende clientela .....	198
Figura 55 - Veículo da Angelus Pet posicionado na praça de alimentação do evento.....	200
Figura 56 - Visão geral da circulação de pessoas no Me Gusta .....	202
Figura 57 - Público faz atividade física durante o evento .....	203
Figura 58 - Vista anterior e posterior do portão do cemitério Asnières-sur-Seine .....	224
Figura 59 - Placas informativas sobre o cemitério Asnières-sur-Seine .....	224
Figura 60 - Astro do cinema: túmulo do cachorro Rin Tin Tin.....	225
Figura 61 - Túmulos do cachorro Topsy e do macaco Kiki .....	226
Figura 62 - Túmulos com esculturas de animais, pedras, brinquedos .....	228
Figura 63 - Lápides com homenagens póstumas aos pets .....	230
Figura 64 - Vista panorâmica dos túmulos no cemitério Asnières-sur-Seine.....	231
Figura 65 - Detalhes das esculturas tumulares no cemitério parisiense .....	231
Figura 66 - Print informativo sobre reconhecimento do luto I.....	235
Figura 67 - Print informativo sobre reconhecimento do luto II.....	235
Figura 68 – Mel: o primeiro registro de atendimento da Angelus Pet.....	252
Figura 69 – Kika: um amor incondicional .....	253
Figura 70 – Bento: companheiro de momentos felizes.....	253
Figura 71 – Branco: um gato resgatado .....	254
Figura 72 – Vans: um cão que resgatou uma família.....	255
Figura 73 - Carlos Eduardo: um gato que veio das chuvas.....	255
Figura 74 - Hope: tradução Esperança.....	256
Figura 75 - Xuxa: companhia da infância à vida adulta .....	257
Figura 76 - Uma nova morada para Amora.....	257

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>14</b>
<b>Capítulo I – Caminhando com os <i>pets</i>: farejando percursos metodológicos... 21</b>	
O que é um <i>pet</i> ?.....	22
Elaborando a pesquisa.....	28
Caminhar: iniciando um percurso etnográfico.....	29
Aguçando os sentidos: farejando o campo.....	36
Metodologia das caminhadas.....	41
Tempo e espaço: demandas caninas.....	46
Trilhas epistemológicas.....	49
Redes, malhas, aranhas e formigas: abordagens norteadoras.....	57
<b>Capítulo II – Quando morrem os <i>pets</i>: animais humanos e não humanos diante do fim .....</b>	<b>65</b>
Para falar de morte.....	66
O último dia.....	67
Primeiro crematório pet de Pelotas.....	85
Um cemitério na Serra Gaúcha.....	102
Reflexões sobre morte e luto.....	131
<b>Capítulo III – Ações promocionais: o que a expansão do setor funerário pet tem a ver com a classe média?.....</b>	<b>148</b>
Primeira Caminhada Pet de Pelotas.....	149
Sorteios, Brindes e Guloseimas.....	159
Mercado funerário <i>pet</i> e mercado imobiliário: conexões possíveis?.....	172
Expansão do setor funerário pet em Pelotas.....	184
Um crematório <i>pet</i> num evento de economia criativa.....	193
<b>Capítulo IV – Lutos interditos, memoriais online e mortes célebres.....</b>	<b>206</b>
Pensando sobre morte, luto e relações tutores-pet.....	207
Lutos antecipados e um cemitério parisiense.....	219
“No luto pet nós precisamos reforçar o óbvio”.....	232
Cemitérios online, memórias na rede e mortes célebres.....	248
Mortes célebres.....	259
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>267</b>
<b>Referências.....</b>	<b>273</b>
Referências Bibliográficas.....	274
Legislações, reportagens, sites, filmes, blogs e outras referências online.....	293

## **Introdução**

Esta é uma pesquisa cujo objetivo é tratar das relações entre humanos e não-humanos no que se refere à vivência do fenômeno social da morte dos animais de estimação sob a perspectiva de seus tutores. Tendo o estado do Rio Grande do Sul como cenário onde se desenvolveu meu trabalho de campo, esta etnografia estabeleceu como base a cidade de Pelotas, lugar onde vivo. Ainda assim, levado pelos fluxos de circulação de humanos e *pets*, esta pesquisa abrange, de alguma maneira, outras cidades gaúchas como Canela, Gramado, Glorinha, Nova Petrópolis, Porto Alegre, Rio Grande e São Leopoldo (Figura 1). Isso se deve a dois fatores: 1) realização de trabalho de campo *in loco* em alguns destes municípios e 2) circulação de interlocutores de pesquisa ou animais de estimação (vivos ou falecidos) por alguns desses lugares, evidenciando que está em vigor no estado uma rede de serviços fúnebres destinados aos *pets*.

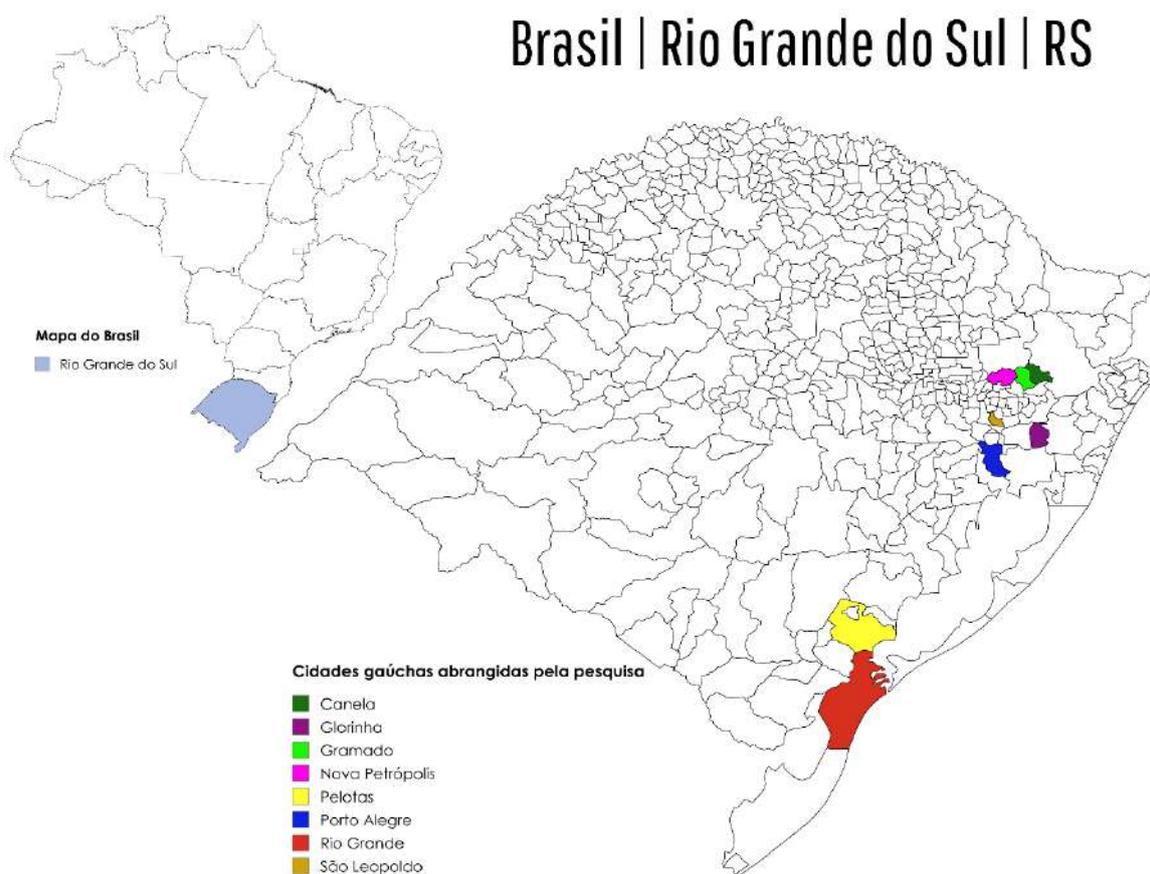


Figura 1 - Mapa dos locais de realização de pesquisa. Fonte: Elaborado pelo autor.

Considerando que minha pesquisa parte de Pelotas como centro propulsor para a investigação deste tema, devo dizer que é uma cidade situada no extremo sul

do Rio Grande do Sul cujo território urbano é margeado ou atravessado pelas águas<sup>1</sup>. No extremo leste da cidade, encontra-se a Lagoa do Patos, onde ficam situadas a Praia do Laranjal (importante área turística e de lazer), o Balneário dos Prazeres e a Colônia de Pescadores Z3<sup>2</sup>. Como uma espécie de “braço” d’água, o Canal São Gonçalo se constitui como uma via de conexão entre a Lagoa dos Patos e a Lagoa Mirim (localizada mais ao sul do estado e fora do perímetro territorial de Pelotas). É este canal que dá os contornos limítrofes da porção sul do território urbano de Pelotas, passando por diversos bairros da cidade como Laranjal, Balneário Valverde, São Gonçalo, Areal, Navegantes e Porto. Entretanto, o município ainda é cortado pelo Arroio Pelotas, cujo percurso se estende pela região (um pouco mais afastada do centro urbano) das antigas fazendas charqueadoras, vai até onde hoje se situam bairros e condomínios considerados nobres na cidade e alcança o Canal São Gonçalo. Mas há ainda o Arroio Pepino e o Arroio Santa Bárbara, cursos d’água que, devido ao crescimento urbano e o avanço da especulação imobiliária, aparecem como vias aquáticas fragilizadas por processos diversos de degradação<sup>3</sup>.

A presença negra em Pelotas é outro fator que complexifica o entendimento da cidade, tendo em vista que o Rio Grande do Sul é sempre muito imaginado e referido como um estado majoritariamente branco. De fato, o Censo de 2022, realizado pelo IBGE, atesta que o Rio Grande do Sul tem apenas 21% de população negra autodeclarada<sup>4</sup>, porém Pelotas é uma das cidades gaúchas com maior índice de pessoas pretas ou pardas em sua composição étnico-racial. Isso se deve aos processos econômicos de desenvolvimento da cidade que, durante o período escravocrata, trouxe para cá pessoas negras escravizadas para a produção de riquezas no ciclo econômico do charque. Se, por um lado, houve um gigantesco

---

<sup>1</sup> Cláudio Baptista Carle (2020) desenvolveu uma pesquisa que buscou demonstrar as relações entre o ambiente hídrico de Pelotas e as identidades culturais afro-brasileiras assentadas na região. O autor recusa a ideia de “hermenêutica” para interpretar essas relações cosmológicas afrocentradas com as águas e propõe uma nova abordagem interpretativa, nomeada como “exunêutica”, para melhor compreender esse universo.

<sup>2</sup> Carolina Bittencourt (2017) desenvolveu um interessante estudo sobre a presença de uma dimensão mitológica que conforma a identidade de pessoas que vivem na Colônia Z3. Sua pesquisa demonstra as interações possíveis entre cosmologias afro-brasileiras e indígenas num processo de formação identitária dos pescadores e suas famílias que ali vivem. Para a autora, os saberes tradicionais, em suas formas míticas ou rituais, revelam que o território das águas é constituído por uma relação íntima com cosmologias diversas.

<sup>3</sup> Para uma discussão detalhada sobre o Arroio Pepino, ver a pesquisa de Valentina Machado (2020) e o artigo de Batista et al. (2019).

<sup>4</sup> Ver mais detalhes na matéria de Fábio Schaffner (2023) <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2023/12/rs-tem-21-da-populacao-preta-ou-parda-aponta-ibge-clqilipq10021013lxonmjufk.html> [Acesso em 02 ago. 2024]

processo de desumanização dos escravizados, por outro lado, os movimentos sociais negros de Pelotas historicamente se articularam e fizeram resistência frente à escravidão, exploração do trabalho e racismo, conformando a cidade como um importante polo cultural negro no Rio Grande do Sul<sup>5</sup>.

Mas a cidade é também imaginada a partir de outros aspectos. Referida pelo discurso literário e histórico como “Princesa do Sul”, remetendo ao seu apogeu econômico no ciclo do charque e sendo entendida como uma princesa branca, Pelotas é também reimaginada contemporaneamente como “Satolep” – um anagrama que reconstrói a imagem de Pelotas de modo mais poético e subjetivo na contemporaneidade<sup>6</sup>. A cidade ainda é lembrada por sua tradição doceira que, por muito tempo, relegou ao esquecimento as contribuições das mulheres negras escravizadas para a conformação de uma cultura doceira, adicionando sabores, técnicas e ingredientes próprios das culinárias de matriz africana aos modos de se fazer doces em Pelotas<sup>7</sup>.

É a partir desta cidade que desenvolvi minha pesquisa entre os anos de 2020 e 2024 e, através de um mergulho no universo etnográfico que me propus investigar, pude testemunhar rápidas transformações no mercado funerário *pet* em Pelotas. Se em 2020 não havia nenhum crematório *pet* na cidade, em 2024 temos dois em funcionamento. E isso me faz recordar que o projeto embrionário desta pesquisa foi gestado quando chegou ao meu conhecimento a promulgação da Lei Municipal nº 6570/2018, publicada em 13 de Abril de 2018, cujo conteúdo trata da autorização para que tutores de animais de estimação possam sepultá-los em cemitérios particulares da cidade no mesmo jazigo de seus familiares humanos. A existência desta lei despertou em mim o interesse em pesquisar um tema novo e que considero de grande relevância para a Antropologia: as relações entre humanos e não-humanos sob o ponto de vista da Antropologia da Morte. Essa temática seria também uma

---

<sup>5</sup> Para uma discussão da articulação política do movimento negro em Pelotas, ver as pesquisas de Ana Beatriz Loner (1990; 2010), Ana Beatriz Loner e Lorena Almeida Gill (2009) e Fernanda Oliveira da Silva (2011).

<sup>6</sup> Para um debate mais aprofundado sobre Pelotas no discurso literário e histórico, ver a pesquisa de Simone Moreira (2017), que se dedicou a uma investigação sobre a construção de um imaginário em torno das ideias de “Princesa do Sul” e “Satolep”.

<sup>7</sup> Sobre a cultura doceira da cidade, ver Ferreira e Cerqueira (2012). Sobre um aprofundamento crítico acerca da participação de mulheres negras na cultura doceira de Pelotas, ver os trabalhos de Rieth e Kosby (2014) e Kosby (2021), além de reportagem de Bruna Vargas (2018) sobre o assunto. Consultar ainda o Dossiê de Registro da Região Doceira de Pelotas e Antiga Pelotas como Patrimônio Cultural (Brasil, 2018).

oportunidade para que eu pudesse reunir, numa mesma pesquisa, meus interesses acadêmicos nos estudos antropológicos sobre morte e nos estudos acadêmicos relacionados às áreas de Comunicação Social e *Marketing*. Se, por um lado, eu já tinha uma trajetória acadêmica construída em torno da Antropologia da Morte (NEGRÃO, 2014a; 2014b; 2017; 2019) e uma formação anterior como Bacharel em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda), por outro lado, o desafio seria acrescentar, entre esses dois grandes campos de estudo, uma abordagem propriamente antropológica dos animais. Este é o projeto ao qual me dediquei ao longo destas páginas.

Como recorte de pesquisa, decidi trabalhar com animais de estimação pertencentes a pessoas da chamada classe média. Opto por usar esta categoria de “classe média”, em oposição ao termo “camada média”, por estar afinado com as discussões de Donna Haraway (2022), que faz uma abordagem marxista da relação dos humanos com seus animais de estimação. Pensando a partir da noção de “Capital Vivo”, a partir da qual a autora evidencia a existência de uma gigantesca indústria *pet* com alto valor de mercado, os animais são aqui colocados como consumidores que são também produto de consumo simultaneamente, fazendo girar uma economia em escala global. Ainda que Gilberto Velho (2013), numa abordagem de perfil weberiano, use de modo muito profícuo a categoria “camadas médias” para pensar os hábitos de certos estratos da população de maneira mais matizada, sem fixá-la como uma classe estanque, escolho seguir com a abordagem de Haraway cujo diálogo com Marx problematiza a fundo questões que dizem respeito à reprodução do capital na contemporaneidade a partir dos *pets*<sup>8</sup>.

Esta tese está dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, tento recompor as trilhas epistemológicas e metodológicas que me fizeram chegar à concepção de etnografia que orientaria meu trabalho de campo ao longo destes anos de pesquisa, atentando para as contribuições de autores que me auxiliariam a delinear os pontos teóricos de sustentação desta investigação. É neste capítulo que proponho a utilização de uma metodologia das caminhadas, tendo meus cachorros *Nemo* e *Ricco* como parceiros, respectivamente, na concepção da pesquisa e na execução do trabalho de campo. No segundo capítulo, trato de três assuntos: a

---

<sup>8</sup> Para uma discussão sobre “classe social” como categoria em Antropologia, ver também Yaccoub (2011).

inauguração do primeiro crematório *pet* de Pelotas, a pesquisa etnográfica num cemitério para animais na Serra Gaúcha e ainda um mergulho autoetnográfico a partir do falecimento de *Nemo*, o que me obrigou a acessar, como cliente, os serviços funerários *pet* no Rio Grande do Sul. O terceiro capítulo aborda as ações de *marketing* em torno dos serviços funerários para animais no que se refere à promoção de eventos próprios e participação de empresas do setor funerário *pet* em eventos de economia criativa. O capítulo aborda ainda a expansão deste mercado em Pelotas a partir da criação de um novo crematório destinado aos animais de estimação na cidade. No quarto capítulo, abordo os lutos interditos vivenciados por tutores que perderam seus *pets*; trago a colaboração de uma interlocutora de pesquisa que visitou o cemitério *Asnières-sur-Seine* em Paris; abordo as ações de formação e difusão de saberes entre agentes funerários *pet* para trabalharem na legitimação do luto dos tutores; discuto sobre memórias online, cemitérios virtuais e mortes de animais célebres no Brasil, os *pet influencers*.

É válido ressaltar que a construção desta pesquisa foi pensada com base numa fundamentação teórica que considera as críticas de Juliana Fausto (2020, p. 11), em seu livro intitulado “A cosmopolítica dos animais”, direcionadas a um tipo de filosofia política que “parece ter se fixado exclusivamente no homem”. Busquei, então, acompanhar, através de minha etnografia, os propósitos desta autora quando me percebi compartilhando com ela interesses acadêmicos, filosóficos e políticos que indicam que “os animais estão implicados e são atores numerosos e potentes nas histórias e estórias que tecemos hoje, no começo do século XXI, sob o signo do capitalismo liberal, na época geológica chamada Antropoceno” (FAUSTO, 2020, p. 13).

Se as reflexões desta autora tiveram como ponto de partida as suas relações com seus gatos, no interior de seu apartamento, expandindo-se para os gatos da vizinhança e arredores de seu condomínio, para, só depois, expandir-se e lançar-se a uma discussão muito mais ampla sobre o status ontológico dos animais em contextos diversos, minha pesquisa seguiu o mesmo caminho. É interessante notar como os animais, neste caso os meus cachorros que me fizeram iniciar o trabalho de campo, foram agentes decisivos no planejamento desta etnografia, pois foi a partir deles que a metodologia de pesquisa, pautada nas caminhadas, se desenhou. E a partir deles fui percorrendo caminhos que me conduziram de um contexto micro para um contexto macrossociológico de reflexão.

A grata surpresa foi conhecer, nos meses finais de escrita desta tese, o livro de Juliana Fausto e sua forma de construir argumentos pautada numa abordagem filosófica. Embora aparentemente não faça caminhadas com seus gatos, pois dificilmente os felinos se moldam ao tipo de caminhada que apetece os cachorros, Fausto elabora as suas reflexões a partir dos gatos com quem tem relação próxima e da bibliografia do campo filosófico, que alimenta o seu pensamento na direção de radicalizar uma compressão animal e política da vida. Isso demonstra, para mim, como os bichos podem ser elementos catalisadores de epistemologias e metodologias. E me alegra encontrar uma pesquisa que tenha tantas reverberações em minha etnografia, tornando-se uma inspiração, sobretudo epistemológica, para este e outros trabalhos futuros.

Dito isso, gostaria de acrescentar que minha intenção é contribuir com o debate sobre famílias multiespécie através da perspectiva da Antropologia da Morte. Ao mesmo tempo, pretendo contribuir com a aproximação dos estudos sobre morte com o campo da Antropologia dos Humanos e Não-Humanos, criando pontes e diálogos possíveis entre estes dois universos. Com esta proposta em mente, convido a todas as pessoas interessadas no tema a lerem as páginas que se seguem.

**Capítulo I – Caminhando com os *pets*: farejando percursos  
metodológicos**

## O que é um *pet*?

Um cachorro pode fazer as pessoas falarem. Aliás, os *pets*, de modo geral, são capazes de fazer as pessoas refletirem muito explicitamente sobre temas que são de interesse da ciência antropológica contemporânea. Entendo os *pets* como uma categoria abrangente de animais, que pode incluir cachorros, gatos, coelhos, pássaros, peixes, chinchilas, hamsters, camundongos e quaisquer outros animais que venham a apresentar características passíveis de domesticação e, conseqüentemente, inserção em ambientes familiares urbanos tais quais casas e apartamentos que não disponham tanto de áreas verdes ou ambientes abertos para livre circulação dos animais.

Além de abrangente, *pets* é uma categoria comercial de circunscrição dos animais que, na atualidade, ocupam boa parte da composição do que viemos a conhecer como famílias multiespécies, uma categoria de natureza jurídica, que visa reconhecer a ampliação do conceito de família e, assim, resolver questões a isso relacionadas no âmbito da justiça. Sob o regime capitalista em que vivemos, a categoria comercial dos *pets* é útil para dar a perceber uma ampla cadeia de produtos e serviços que esses animais passam a demandar à medida em que são cada vez mais inseridos nas rotinas familiares, em especial nos centros urbanos de médio e grande porte, nos quais é possível perceber a constituição e a presença de uma indústria *pet* (OLIVEIRA, 2006; TOMA, 2017).

É necessário frisar que, embora o termo *pet* faça referência a um tipo de animal de estimação tutorado por humanos de todas as classes sociais nos grandes e médios centros urbanos, o recorte desta pesquisa se dirige especificamente aos *pets* tutorados por pessoas das camadas médias e altas, que acessam múltiplos produtos e serviços destinados a quem tem certo poder aquisitivo, pois compreendem demandas cada vez mais especializadas, variadas e mercadologicamente segmentadas que vão além da assistência básica aos animais de estimação. Ou seja, estou me referindo a serviços como banho e tosa, hidratação dos pelos, tratamentos estéticos, acupuntura, fisioterapia, escolas de adestramento, passeadores, recreação, creches para animais, hotéis e restaurantes para *pets*, festas de aniversário, roupas, acessórios, brinquedos e produtos de higiene cada vez mais especializados. Portanto, esta pesquisa parte de um recorte que abrange animais

que estão sob responsabilidade de sujeitos humanos das classes médias e altas cujo perfil financeiro e de consumo as torne ainda mais relevantes para esta indústria.

Assim, os *pets* são também consumidores na medida em que se beneficiam de um consumo mediado pelas decisões de seus tutores, passando a usufruir cotidianamente de cuidados veterinários, produtos de higiene, remédios, exames, serviços estéticos, atividades recreativas, terapias alternativas diversas (reiki, acunputura, massagens), itens de vestimenta, artigos especializados de alimentação, brinquedos, creches, hotéis e mesmo formação em adestramento. Entretanto, estamos falando de serviços que atendem às demandas de animais vivos, porém, esta mesma indústria *pet*, em seu rápido processo de adaptação às novas necessidades das famílias multiespécies, está cada vez mais atenta para o oferecimento de serviços pós-morte. Isso compreende itens como velório, celebrações fúnebres, cremação, sepultamento, confecção de lembranças funerárias dentre outros serviços deste setor. É sobre este assunto que pretendo falar no próximo tópico ao detalhar questões do meu trabalho de campo num cemitério para animais situado no Rio Grande do Sul.

É interessante observar que os *pets* são facilmente reconhecidos como “filhos” por quem os tutela, o que motiva a existência jurídica da categoria de família multiespécies (LIMA, 2016; BARBOSA, 2021). E, na condição de filhos ou membros da família, os *pets* modificam a forma como os humanos percebem as relações que possuem com outras espécies de animais, pois desencadeiam reflexões sobre temas como os direitos, as condições dignas de vida, os desejos, as necessidades, a racionalidade e a agência dos animais não-humanos. Junto a isso, os *pets* também provocam um debate sobre as responsabilidades que são imputadas aos humanos quando assumem a condição de tutores de outros animais.

É por todos esses motivos, apresentados muito resumidamente aqui, que considero os *pets* como seres que tem a capacidade de fazer as pessoas falarem, espontaneamente, sobre temas antropológicos da contemporaneidade. Isto significa dizer que a interação humano-pet é uma detonadora de debates, amplificadora de diálogos, produtora de pensamento crítico êmico por parte de todo aquele humano que possui uma interação, que gera conexão diária, com um animal de estimação que possa ser enquadrado na categoria comercial *pet*.

Ressalto que não apenas os *pets* são capazes de estimularem debates entre humanos, pois é perfeitamente possível que outras categorias – como, por exemplo,

os animais domésticos de contextos rurais, utilizados para o trabalho ou sustento de famílias do campo – também estimulem diálogos e debates sobre as implicações da relação entre humanos e não-humanos. Porém, é muito comum que, nesses contextos rurais, embora os animais domésticos também sejam percebidos como membros da família, haja uma propensão a percebê-los a partir de uma relação utilitária. Isto é, os animais são percebidos por uma perspectiva de serventia ao trabalho na lida do campo ou, de outro modo, são percebidos como potencial fonte geradora de renda<sup>9</sup>.

Entretanto, nos contextos urbanos onde opera com força a indústria *pet*, a percepção das relações utilitárias entre humanos e seus *pets* é esmaecida. Em alguns casos, os cachorros podem até ser colocados em algumas funções utilitárias como, por exemplo, cães de guarda e proteção, cães guia ou em terapia assistida (TEIXEIRA, 2015). Mas, à medida que apuramos o olhar para essa questão, percebemos que os *pets*, vistos sob a frieza de um olhar puramente pragmático, são “inúteis”. Desta maneira, os *pets* inseridos numa rotina familiar urbana, e consequentemente apressada, podem ser vistos como um obstáculo que pode mais atrapalhar do que ajudar a consecução de tarefas cotidianas na vida comum de um ser humano nas grandes e médias cidades.

Afinal, com quem deixar os *pets* durante uma viagem que vamos fazer à trabalho? Como levar um cachorro a um restaurante sem deixá-lo em casa destruindo objetos? Ou quem vai ocupar o tempo e atenção de um cachorro durante as horas semanais nas quais estamos ausentes de casa por força de nossa rotina de trabalho? Que tempo disponível temos para trocar regularmente a água de um aquário e mantê-lo adequadamente limpo para garantir uma boa vida aos peixes? Como adaptar o ambiente doméstico para que seja atrativo e estimulante aos gatos para que gastem sua energia e deixem de arranhar os móveis enquanto estamos fora de casa? Quanto de tempo precisamos, diariamente, para caminhar com nossos cachorros?

É sobre *pets*, em especial os cachorros, que pretendo falar. Embora a relação humanos-*pets* seja o principal foco desta pesquisa, penso que esta tese também se insere numa discussão mais ampla sobre o tempo. Neste caso, o tempo pode ser significado de diversas maneiras: as disparidades que podem existir entre o decurso

---

<sup>9</sup> Eric Barreto (2015) fez etnografia com humanos e seus cães de pastoreio na qual é possível perceber as diferenças entre esses tipos de cachorros e aqueles que são considerados *pets*.

da vida humana e da vida *pet*; as horas diárias que investimos nos cuidados que a tutoria *pet* nos demanda; o tempo de convivência íntima que estabelecemos com esses animais e, por fim, a percepção da passagem do tempo na perspectiva humana e na perspectiva *pet*.

Por um lado, os *pets* preenchem boa parte do nosso tempo de vida com a dedicação que, em geral, dirigimos a eles, proporcionando-lhes comida e água, mantendo sua higiene, planejando ações de recreação, elaborando uma agenda de cuidados veterinários e sociabilizando-os com outros animais da mesma espécie. Por outro lado, nós ocupamos todo o tempo de vida dos *pets*, pois é muito comum que vivamos mais do que eles, exceto com relação a algumas aves como, por exemplo, os papagaios, que são muito longevos. Para os *pets*, que, muitas vezes, vivem isolados de outros animais (na maior parte do tempo) nas grandes cidades, a referência animal mais próxima que possuem, a partir de uma interação cotidiana, somos nós, humanos. Ainda que vivam em residências nas quais estejam em duplas, trios ou num conjunto um pouco maior de animais da mesma espécie, os *pets* possuem restrições que limitam suas interações com outros animais da natureza ou de outros núcleos familiares no contexto urbano. Por isso, o tempo de vida dos *pets* é, quase sempre, inteiramente ocupado por uma relação de cuidado, carinho e muitas restrições que os humanos lhes direcionam, preenchendo todo o tempo de suas vidas e os condicionando a uma relação de dependência física e apego emocional aos humanos. E, no caso dos cães, essa percepção pode nos parecer mais nítida, pois a demonstração da relação de apego aos seus tutores é visível até aos mais desatentos observadores da relação humano-*pet*.

Contudo, no que tange ao apego emocional, os humanos não são imunes a esta condição, pois os *pets* também mobilizam seus recursos comunicativos para manifestarem aquilo que interpretamos como sentimentos dirigidos a nós, gerando um vínculo emocional forte e duradouro cujo status é altamente elevado quando consideramos o alargamento das fronteiras do nosso próprio conceito de família. Se me proponho a fazer uma reflexão etnográfica cujo encaixe mais amplo e abstrato é pensar sobre o tempo a partir das relações entre humanos e *pets*, é fundamental dizer que estou me referindo à dimensão das durações, dos ciclos vitais, dos períodos biológicos implicados no decurso da vida.

Todos esses momentos de vida podem remeter, se assim observarmos, a segmentos específicos dentro da indústria *pet*. Na infância de um cachorro, somos

direcionados aos brinquedos e mordedores. Na passagem para sua idade reprodutiva, somos estimulados a castrá-los ou, em caso da recusa à castração, a adotar métodos contraceptivos para cadelas, por exemplo. No inverno das regiões frias, somos impelidos a comprar roupas e apresentados a uma crescente indústria da moda *pet*. E, mesmo em datas comemorativas, somos estimulados a comprar acessórios de vestuário relativos ao carnaval, Páscoa, festas juninas, dia das bruxas e Natal – o que alimenta essa mesma indústria, imprime certo humor na convivência com os *pets* e, acima de tudo, pode gerar um debate sobre a humanização dos bichos através das relações de consumo de bens e serviços.

Na vida adulta, como um todo, parece haver certa estabilidade no que diz respeito ao que consumimos. Em geral, a saúde dos *pets* se mantém estável e entramos numa fase relativamente previsível de suas necessidades, que são complexificadas a partir do momento em que interagem com nossos desejos. Por exemplo, sabemos que tipo de alimentação podemos oferecer aos *pets*, atendendo às suas necessidades, porém isso não nos isenta de buscar, na indústria *pet*, por novidades dentro dos gêneros alimentícios (OSÓRIO, 2019) desse segmento, alimentando também os nossos desejos. O quadro de aparente estabilidade muda quando os *pets* entram em fase idosa, requerendo cuidados mais especializados e caros com sua saúde. Mas, independentemente de sua idade, todo e qualquer *pet* demanda uma variedade de gastos que se estendem por toda a sua vida tais como consultas veterinárias, vacinas, vermífugos, remédios diversos, coleiras, serviços de banho e tosa, tapetes higiênicos, produtos de higiene, comprimidos antipulgas e carrapatos, repelentes etc.

Assim, os *pets* ensinam à Antropologia sobre certas ligações que nos conectam, evidenciando a interligação entre animais não-humanos, humanos, indústria *pet*, laboratórios farmacêuticos, discursos médico-veterinários e o campo jurídico que discute essas ligações. E todas essas conexões ocorrem simultaneamente às reflexões que elaboramos sobre o tempo, ou melhor, sobre a produção de afetos entre animais humanos e não-humanos no decorrer de uma temporalidade. Os *pets* são os seres mais próximos a ensinar (mesmo àquelas pessoas que não são ou serão antropólogas) sobre a derrubada da cisão entre natureza e cultura percebida e discutida pela Antropologia nas últimas décadas.

Condição para o estabelecimento do conceito de Modernidade, a separação dicotômica entre natureza e cultura culminou na consequência de um apartamento

ontológico dos seres humanos de seu contexto natural. Isso resultou numa consciência equivocada de superioridade dos humanos em relação aos outros animais, plantas, seres vivos e recursos naturais, gerando, desastrosamente, o que a ciência hoje nomeia como Antropoceno (STENGERS, 2015), uma nova era geológica marcada pelo aumento exponencial da produção de massa antropogênica em detrimento da biomassa que possuímos na Terra. Neste caso, a massa antropogênica é o peso equivalente ao conjunto de tudo aquilo que é produzido industrialmente pela humanidade enquanto a biomassa é constituída pelo peso de todos os seres vivos do planeta. A primeira já superou a segunda, o que mudou os rumos da percepção da era geológica em que nos encontramos.

Capturados pelo capitalismo, os *pets* parecem satisfazer, ao menos temporariamente, nossas ânsias por uma interação mais próxima e menos nociva com o mundo natural, que enganosamente fomos condicionados a percebê-lo como apartados do mundo cultural, societário, civilizado. As conexões geradas entre nós e os *pets* nos fazem imergir num universo discursivo que, automaticamente e pelas linhas tortas do capitalismo, nos revela a continuidade, a interdependência, a articulação e as negociações entre natureza e cultura. E, apesar de ser suficientemente sagaz a ponto de nos fazer crer que estamos mais próximos da natureza ao tutelar um *pet*, o capitalismo se apropria de um discurso afetivo que nos conduz de volta à sua indústria e a todos os materiais que produz. Sem pretender solucionar este problema, esta pesquisa apenas aponta questões e reflete sobre pontos sensíveis da relação entre humanos e *pets*.

Se estou falando de animais inseridos numa lógica capitalista de consumo e se também pretendo refletir mais amplamente sobre o tempo, devemos saber que as durações são caracterizadas pelo perdurar de sua existência. E as existências findam, deixam de ser percebidas ao menos no plano material, transmutam-se em outras percepções que podemos ter, tornam-se discurso, sensações, emoções. Para cada momento da existência, certamente haverá um produto ou serviço a ele direcionado. É neste ponto que quero chegar, pois consiste no cerne daquilo que pretendo perguntar e responder com a ajuda de humanos e seus animais de estimação: e quando morrem os *pets*? Como nos comportamos diante da morte de um membro da família que é de outra espécie? Que ritos funerários a eles destinamos? Com quais serviços podemos contar na indústria *pet*? Que reflexões fazemos sobre o tempo e as emoções? Como se estabelece o debate sobre vinculações que evidenciam não

apenas a articulação de pessoas, animais e saberes diversos, mas também a nossa necessidade urgente de reagregar natureza e cultura num continuum? Poderiam os *pets* contribuir positivamente como agentes para uma reflexão humana sobre a urgência da superação do Antropoceno ou estariam os *pets* condenados ao aprisionamento a uma indústria de consumo que reforça o agravamento das consequências desta nova era geológica?

### **Elaborando a pesquisa**

Antes de adentrar nessa discussão central, devo dizer que o interesse por esta temática se deu por meu envolvimento anterior com uma pesquisa sobre ritos funerários (NEGRÃO, 2014a; 2014b; 2017; 2019). Aliado a isso, esta pesquisa foi formulada muito em decorrência de minha condição de tutor do *Nemo*, um cachorro com pelos dourados, de pequeno porte, da raça spitz alemão, que viveu comigo por exatos 15 anos e 10 dias. Ao contrário do que se pode imaginar, a ideia da pesquisa sobre este assunto se desenvolveu bem antes do falecimento do *Nemo*, que ocorreu um ano após meu ingresso no PPGANT/UFPEL. Pelo contrário, a pesquisa foi elaborada por meu interesse (muito anterior) acerca das temáticas da morte, dos ritos funerários, da arquitetura dos cemitérios e das interações entre vivos e mortos em contextos cemiteriais. Quando formulei a pesquisa, não imaginava que seria surpreendido pelo falecimento do *Nemo* no segundo ano do curso de doutorado. Não poderia prever que este acontecimento me faria repensar alguns rumos teórico-metodológicos da própria pesquisa, problematizando, em termos teóricos, não apenas as experiências dos interlocutores que iria encontrar em campo, mas também realizando uma autoetnografia e propondo um capítulo específico para abordar o luto – do qual falarei posteriormente, referindo-me tanto à experiência de meus interlocutores quanto à minha própria vivência a partir do falecimento do *Nemo*.

*Nemo* esteve presente no início de meu trabalho de campo durante todo o primeiro ano de doutorado. Sua existência me fez rever questões metodológicas e atentar para aspectos de nossa convivência diária que considero importantes para a reflexão antropológica. A partir de sua morte, pude perceber o quanto de sua presença já estava implicada no desenvolvimento de minha pesquisa, pois foi em nossas caminhadas cotidianas que considero ter iniciado meu trabalho de campo, interagindo com outros cachorros e ouvindo histórias de tutores que encontrávamos pelo

caminho. De um ponto de vista metodológico, o falecimento de *Nemo* me fez enxergar mais nitidamente o material de observação, dos cachorros e dos humanos, que fui acumulando em nossas caminhadas. Isso me fez olhar mais atentamente para o diário que passei a elaborar sobre a rotina de *Nemo* desde meu ingresso no Doutorado em Antropologia. E foi através dessas experiências, que marcaram meu primeiro ano de pesquisa, que pude chegar à conclusão de que um cachorro pode fazer as pessoas falarem.

As reflexões que iniciei a propósito da convivência com *Nemo* foram adensadas a partir do momento em que, quase um ano após seu falecimento, passo a conviver com *Ricco*, um cachorro de grande porte, de raça samoieda, que hoje possui 3 anos de vida. Ambos os cachorros, *Nemo* e *Ricco*, despertaram minha atenção para um debate cujo percurso se faz por dentro da perspectiva de uma antropologia sensorial. E, para adentrar essa discussão, gostaria de falar de nossas caminhadas, ora me referindo ao *Nemo* ora me reportando ao *Ricco*, no sentido de evidenciar aproximações e diferenças entre experiências com cachorros absolutamente distintos, que proporcionam conexões também distintas com as pessoas.

Quando afirmo que um cachorro pode fazer as pessoas falarem, estou me referindo à abordagem metodológica das caminhadas, pois, iniciado o trabalho de campo, penso que as caminhadas são um excelente recurso metodológico para um antropólogo que pretende produzir uma etnografia sobre cachorros e seus tutores. E, novamente, retorno à questão das durações, pois caminhar leva tempo, cria vínculos, estimula conversas, produz e extrai memórias que são particularmente relevantes para uma reflexão antropológica que tem, no tempo, a sua principal métrica de mensuração da dedicação que é possível haver entre tutores e *pets*. Afinal, quanto tempo as caminhadas nos roubam? Quantas experiências ganhamos ao caminhar com nossos cachorros? Tomando as caminhadas como ponto de partida metodológico, que aprendizados e achados etnográficos são passíveis de constar numa pesquisa antropológica sobre relações entre humanos e *pets*? Caminhar com um cachorro, observando suas interações com ambiente, comunicando-se com ele a partir de comandos específicos, percebendo-se também em comunhão sensorial com o mundo, é fazer trabalho de campo?

### **Caminhar: iniciando um percurso etnográfico**

Para isso, inicio esta reflexão acerca das caminhadas referindo-me ao cachorro com quem iniciei este percurso. *Nemo* nasceu em Belém (Pará), mesma cidade em que nasci, e viveu lá por 14 anos até sua mudança para Pelotas. Belém é uma cidade de grande porte, capital do estado do Pará, cuja população foi estimada pelo IBGE, em 2021, em 1.506.420 habitantes<sup>10</sup>. Em Belém, *Nemo* passava a maior parte do tempo em casa, interagindo com a família, que, além de grande, recebia muitas visitas cotidianamente. *Nemo* era um cachorro dócil e extremamente sociável, tendo particular interesse por crianças humanas. A movimentação da casa com a presença de muitos familiares, o fato de *Nemo* ser um cão de pequeno porte aliado ao seu pouco interesse por exercícios físicos, faziam com que ele não demandasse passeio diários. A atenção que requeria dos humanos à sua volta dizia respeito aos carinhos e à comida que recebia.

*Nemo* era um cão muito quieto, discreto, quase não latia, exceto quando estava muito feliz com alguma brincadeira que fazíamos ou quando anunciava a chegada de mais uma visita em casa. Além de todos esses fatores, Belém é uma cidade grande (o que requer transporte ágil para a locomoção por grandes distâncias), e enfrenta todos os problemas de uma metrópole: concentração de pessoas que migram do interior para a capital, crescimento desordenado, elevação expressiva da especulação imobiliária, áreas verdes concentradas em regiões centrais da cidade, expansão do tráfico de drogas, políticas de segurança pública deficitárias, aumento exponencial da violência urbana. Isto significa que, em termos de escala, Belém é uma cidade de grandes proporções, que apresenta diversos obstáculos para que se possa fazer caminhadas com cachorros em áreas destinadas ao lazer com áreas verdes. Enquanto morei naquela cidade, residindo no bairro do Mangueirão, minha casa ficava distante cerca de 15 a 20km do centro, onde é possível contar com praças e calçadas mais apropriadas para caminhar com os *pets*, além de possuir maior estrutura de segurança pública – embora, mesmo nas ruas centrais e mais movimentadas da cidade, sejam comuns notícias de roubos e sequestros à luz do dia e à vista de todos os passantes.

Para percorrer esta distância é necessário enfrentar, muitas vezes, um trânsito caótico em diversas vias de acesso ao centro da cidade, ter dificuldade para encontrar

---

10 Fonte IBGE: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belem/panorama> Acesso em 20 abr. 2022.

vagas de estacionamento (caso fosse com veículo próprio) ou para pegar transporte público com um cachorro em situações nada amigáveis nas quais é, infelizmente, comum que motoristas de ônibus avancem com seus veículos sem esperar adequadamente a subida de idosos, deficientes (ou pessoas com dificuldade temporária de locomoção). Isso sem mencionar que os pets não são aceitos no transporte público, embora já tenha visto pessoas que burlam esse tipo de proibição transportando animais que cabem em seu colo.

Ao longo dos anos, foi-se tornando comum em Belém ouvir histórias de sequestros de cachorro, mesmo que nem todos os roubos cheguem a ser noticiados nos jornais<sup>11</sup>. O site JusBrasil, uma plataforma dedicada a consultas jurídicas, noticiou há 8 anos o aumento do roubo de cães de raça em cidades como Porto Alegre, Curitiba e São Gonçalo<sup>12</sup>. O mais comum é que o alvo seja os cães de raça definida e valorizada no mercado *pet*. O site “Vidanimal”, criado para produzir conteúdo sobre raças de animais de estimação, compartilhou em seu blog um levantamento feito pelo *American Kennel Club* acerca das principais raças de cães visadas por ladrões<sup>13</sup>. A raça *spitz alemão* (à qual *Nemo* pertencia) está listada entre elas. Em 2018, Belém entrou no ranking das cidades mais violentas do mundo, de acordo com o levantamento da ONG mexicana Seguridad, Justicia y Paz (Conselho Cidadão para a Segurança Pública e Justiça Penal)<sup>14</sup>. Também em 2018, Belém foi considerada pelo Atlas da Violência, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), como a capital com mais mortes violentas do Brasil<sup>15</sup>. Em 2020, o blog da Secretaria de Segurança Pública do Pará noticiou que Belém saiu do ranking das cidades mais violentas do mundo<sup>16</sup>, o que não significa que os problemas de segurança pública da cidade tenham sido completamente resolvidos. Tudo isso precisava ser levado em consideração antes de se planejar fazer uma caminhada ao

---

<sup>11</sup> Aqui dois exemplos de notícias sobre sequestro de cães na cidade. Mulher que teve cachorro roubado, em Belém, recupera animal: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/02/mulher-que-teve-cachorro-roubado-em-belem-recupera-animal.html> Cão é sequestrado durante assalto em Belém: <https://anda.jusbrasil.com.br/noticias/113638346/cao-e-sequestrado-durante-assalto-em-belem-pa> [Acesso em 28 ago. 2022]

<sup>12</sup> <https://daniellixavierfreitas.jusbrasil.com.br/noticias/146506564/ladros-roubam-cachorros-de-raca-para-revender> [Acesso em 28 ago. 2022]

<sup>13</sup> <https://vidanimal.com.br/roubo-de-cachorro/> [Acesso em 28 ago. 2022]

<sup>14</sup> <https://dol.com.br/noticias/para/noticia-492071-belem-esta-entre-as-10-cidades-mais-violentas-do-mundo.html?d=1> [Acesso em 28 ago. 2022]

<sup>15</sup> <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/sete-cidades-do-pa-tem-altas-taxas-de-homicidios-e-belem-e-a-capital-com-mais-mortes-violentas-no-brasil.ghtml> [Acesso em 22 ago. 2022]

<sup>16</sup> <http://sistemas.segup.pa.gov.br/transparencia/belem-deixa-ranking-de-cidades-mais-violentas-do-mundo-aponta-estudo-internacional/> [Acesso em 28 ago. 2022].

ar livre com *Nemo*. Por todos esses motivos, a frequência das caminhadas com *Nemo* era mais espaçada, surgindo como acontecimentos esporádicos a romper uma rotina de um cão com perfil mais doméstico.

Também é necessário desmistificar que, por estar localizada na Amazônia, Belém seja uma cidade com fácil acesso a áreas verdes e de lazer apropriadas para caminhar com cães. No senso comum, é frequente que as pessoas se refiram às cidades amazônicas a partir de estereótipos que, de modo etnocêntrico, podem essencializá-las como estritamente (ou totalmente) ligadas ao domínio da natureza, ratificando a oposição binária (há muito questionada) relativa ao âmbito da cultura ou sociedade. No entanto, sem negar o caráter amazônico de Belém ou mascarar sua sólida base cultural alicerçada nas populações tradicionais (indígenas, quilombolas e ribeirinhas), devo advertir que Belém é uma metrópole imensa, complexa, diversa, plural. Assim, concordo que, nesta visão etnocêntrica sobre cidades amazônicas, “essas representações estereotipadas fazem de Belém uma cidade-folclore, uma lenda amazônica ensimesmada, um lugar que, quando se vai até lá, tem-se a sensação de mover-se em grandes distâncias no espaço, mas sobretudo no tempo” (NOLETO, 2018: 145). Assim, em termos de grandes áreas verdes da cidade, gostaria de mencionar que existem três grandes parques em Belém, são eles: o Bosque Rodrigues Alves (situado na Avenida Almirante Barroso, via de entrada da cidade com trânsito caótico), onde não é possível entrar com animais de estimação<sup>17</sup>; o Museu Paraense Emílio Goeldi (situado na Avenida Magalhães Barata, região entre os bairros de Nazaré e São Braz, com entrada de animais de estimação proibida)<sup>18</sup>; o Parque Estadual do Utinga, onde também é vetada a entrada de animais<sup>19</sup>.

Ao trazer *Nemo* para Pelotas, encontrei outro contexto: cidade de médio porte com 343.826 habitantes estimados pelo IBGE em 2021<sup>20</sup>, distâncias menores, áreas verdes com fácil acesso e, especialmente, menor violência urbana quando comparada à rotina de uma grande cidade na qual são comuns muitos crimes que envolvem mortes, roubos, sequestros etc. Vim morar em Pelotas por motivos

---

<sup>17</sup> Ver as normas para visitação disponíveis no site oficial do Bosque: <https://semma.belem.pa.gov.br/bosque/visitacao-horarios/> [Acesso em 28 ago. 2022]

<sup>18</sup> A informação sobre a possibilidade de entrada de animais de estimação no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) não consta em seu site oficial e nem em seus perfis nas redes sociais. Entretanto, enviei mensagem ao MPEG pelo Instagram e obtive resposta de que a entrada de *pets* é proibida.

<sup>19</sup> As instruções para visitação ao Parque do Utinga estão disponíveis em seu perfil na rede social Instagram. Nos destaques do perfil, há um item intitulado “Visitação” onde é possível observar a instrução que proíbe a entrada de animais.

<sup>20</sup> Fonte IBGE: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pelotas/panorama> Acesso em 20 abr. 2022.

profissionais de meu companheiro, que passou a trabalhar na cidade devido a sua aprovação em concurso público como docente da UFPEL. Ainda que Pelotas tenha uma série de problemas, os quais podem se tornar mais visíveis à medida que vamos adensando nossa experiência diária na cidade, seu contexto social me pareceu mais convidativo para realizar caminhadas com meu recém-chegado cão. Assim, *Nemo*, em pouco mais de um ano que viveu em Pelotas, caminhou diversas vezes por lugares como a Praia do Laranjal, Praça Coronel Pedro Osório, Mercado Público de Pelotas, as ruas do centro comercial, Parque Dom Antônio Zattera, Praça José Bonifácio (onde fica a Catedral Metropolitana de São Francisco de Paula), Shopping Pelotas, feiras livres e diversos outros lugares para onde o levávamos para andar. Além, é óbvio, de ter frequentado *pet shops* e clínicas veterinárias da cidade. Todos esses lugares demonstraram ser convidativos para andar com *Nemo* por vários motivos: calçadas acessíveis, fácil possibilidade de estacionamento, trânsito fluido nas ruas da cidade, menor grau de violência urbana se comparada aos altos índices de Belém.

Embora Pelotas seja constituída por uma relação íntima com seu caráter pastoril devido estar situada na pampa gaúcha (bioma compartilhado com parte da Argentina e Uruguai)<sup>21</sup>, trata-se também de uma cidade de médio porte, possuindo uma dimensão urbana que não pode ser negada. Isso se deve ao crescimento da cidade estimulado pelas diferentes investidas do capitalismo e seus ciclos econômicos, que contribuíram para o adensamento de seu tecido urbano e populacional. Por exemplo, Pelotas possui um histórico de crescimento e esvaziamento industrial (BRITTO; MARTINS, 2009), que impulsionou a urbanização da cidade desde o século XIX e ocasionou mudanças socioespaciais significativas em sua constituição. Em termos gerais de infraestrutura, Pelotas pode ser facilmente acessada por rodovias, em boas condições de tráfego, por transporte terrestre (carro, ônibus) ou aéreo (a cidade possui um aeroporto com voos regulares). Pelotas tem considerável rede de atendimento médico público e privado; ampla oferta de produtos e serviços somente encontrados em grandes e médias cidades; vida cultural

---

<sup>21</sup> Para informações sobre a pampa gaúcha e o modo de vida campeiro, ver artigo de Flávia Rieth e Daniel Vaz Lima (2017). Abordando questões relativas à pecuária desenvolvida no âmbito da pampa, os autores demonstram como esta atividade transcende a mera categorização por sua finalidade econômica. Nestes termos, a pecuária é também um modo cultural de viver, entendendo-se a ideia de cultura nos termos antropológicos delineados por Roy Wagner (2010).

alimentada por artistas da área de música, teatro, artes visuais, dança e cinema<sup>22</sup>; eventos de grande porte como a Feira Nacional do Doce (FENADOCE), a EXPOFEIRA (maior feira agropecuária da região) e o Festival Internacional de Música do SESC.

A presença da Universidade Federal de Pelotas, bem como de várias outras instituições privadas de Ensino Superior faz com que haja na cidade uma ampla circulação de estudantes das mais diversas regiões do país que movimentam a economia local e diversificam a composição cultural da cidade. Pelotas possui unidades de redes de lojas ligadas a grandes marcas de circulação nacional, um shopping center (situado no bairro do Areal) e uma crescente especulação imobiliária, destacando-se, nos últimos anos, a implantação de bairros planejados pela iniciativa privada como, por exemplo, o bairro Quartier (zona norte da cidade) e o Parque Una (localizado no bairro do Areal). Ao fixar residência em Pelotas, fui morar em um dos condomínios fechados construídos no bairro Areal, que tem sido marcado pela expansão imobiliária situada no trajeto que liga o centro da cidade à Praia do Laranjal<sup>23</sup>. Se, por um lado, a cidade cresce e se urbaniza, por outro lado, a agressividade do capital e sua especulação imobiliária faz desaparecer regiões verdes que deveriam ser preservadas, motivando conflitos ambientais<sup>24</sup>. Embora reconheça a importância de se discutir sobre o caráter campeiro que constitui Pelotas, a face do município que está diretamente ligada a este trabalho é a sua dimensão urbana, inserida na dinâmica do capital de produtos e serviços destinados aos *pets* da classe média e alta da cidade.

---

<sup>22</sup> Um dos eventos culturais da cidade que mais se destacam é o Sofá na Rua, realizado por produtores culturais locais, que atrai uma enorme quantidade de frequentadores aos finais de semana no bairro do Porto, como é possível verificar em artigo publicado por Inchauspe e Silva Neto (2019).

<sup>23</sup> Para um breve histórico do processo de desenvolvimento do bairro do Areal, ver matéria do Diário Popular disponível em: <https://www.diariopopular.com.br/geral/areal-uma-das-primeiras-regioes-a-se-desenvolver-170927/> [Acesso em 28 ago. 2022]

<sup>24</sup> Ver matérias: “Pelotas está ficando menos verde”, disponível em: <https://www.diariopopular.com.br/opiniao/pelotas-esta-ficando-menos-verde-164869/> “Unidade de Conservação segue apenas no papel”, disponível em: <https://www.diariopopular.com.br/geral/unidade-de-conservacao-segue-apenas-no-papel-157468/> “Moradores e pescadores de Pontal da Barra sofrem com empreendimentos irregulares e precárias condições de vida”, disponível em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/rs-moradores-e-pescadores-de-pontal-da-barra-sofrem-com-empreendimentos-irregulares-e-precarias-condicoes-de-vida/> [Acesso em 28 ago. 2022]

## Trajeto Areal - Praia do Laranjal | Pelotas | RS

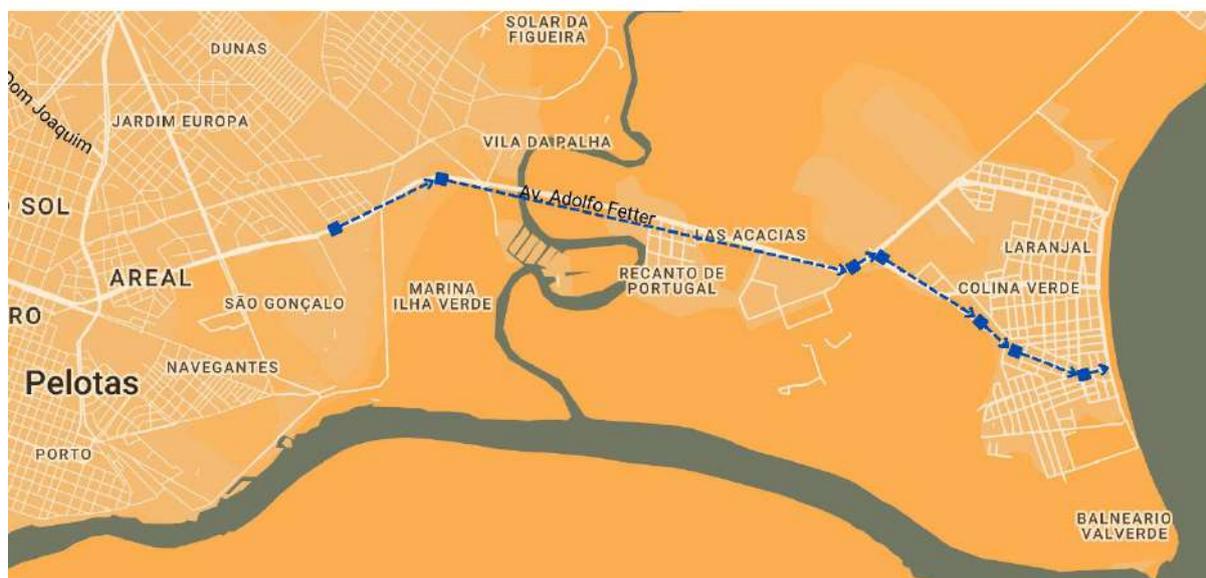


Figura 2 – Trajeto do bairro do Areal ao Laranjal  
Fonte: Elaborado pelo autor.

Fato é que, em Pelotas, *Nemo* passou a ser uma companhia muito mais frequente em minhas andanças pela rua do que o era quando morávamos em Belém e o deixávamos em casa com algum familiar, levando-o apenas a passeios curtos ou viagens mais longas para fora da cidade nas quais ele poderia ir à praia ou a lugares com área verde. Outra coisa me chamou atenção em Pelotas: as pessoas param para falar com os cachorros<sup>25</sup> que encontram morando pelas ruas, fazem carinho em suas cabeças, tocam em seus pelos, oferecem comida a animais desconhecidos. A cidade me pareceu amigável aos cães, pois percebi este tipo de comportamento das pessoas em relação aos cachorros em diversas e diferentes circunstâncias<sup>26</sup>. Foi em Pelotas que comecei também a caminhar com *Nemo* em outro lugar oportuno para iniciar meu

25 Em 2019 tive a oportunidade de assistir, num evento cultural em frente à Catedral de Pelotas, ao documentário “Cachorro” (2019), dirigido por Taíla Soliman. Nele é possível ver essa maneira peculiar de conviver com os cachorros na cidade.

26 Patrícia Rosa (2019) desenvolveu uma pesquisa na periferia da cidade de Pelotas, na qual discorreu sobre a relação dos humanos com os animais a partir de um olhar crítico sobre a Lei Municipal da Guarda Responsável.

trabalho de campo e observar, com mais calma, as interações que tínhamos com outros cães e seus tutores: no condomínio onde moro e na vizinhança próxima a este condomínio. É com base nas observações de todos esses lugares de caminhada que quero tecer as primeiras reflexões sobre o campo dos sentidos.

### **Aguçando os sentidos: farejando o campo**

Ao lidar com a alteridade canina numa caminhada, observando-a não apenas como tutor, mas como antropólogo interessado em entender a qualidade da interação que somos capazes de estabelecer com os *pets*, somos instantaneamente lançados ao campo dos sentidos, pois o uso da linguagem verbal na interação com um cachorro não se configura como a mais importante ferramenta de comunicação. Nesta relação, ganham preponderância os cheiros, que fazem do olfato uma das mais relevantes formas de conhecer o mundo para os cães; a gestualidade, que, de modo muito sucinto, é capaz de transmitir mensagens bem claras decodificadas pela visão dos cachorros; a audição, que os fazem perceber os sons de nossas palavras, mas também os permitem ouvir outros cães e qualificar o barulho de nossas pegadas em texturas diferentes de areia, pedras, barro, superfícies com grama ou folhas secas; o paladar, usado como atrativo de recompensa para quando nos obedecem em ações de adestramento ou mesmo quando experimentam sabores de coisas que encontram pelo chão como gravetos, restos de alimentos ou ainda excrementos de outros cães que acabam por lambem; o tato, que os cães experimentam ao pisar em diferentes tipos de solo (secos ou molhados), ao medirem a intensidade com que são guiados pela guia através da qual estão presos aos seus tutores e, por fim, ao sentirem o vento, a chuva, o calor ou frio sobre seus corpos.

A alteridade canina nos faz perceber muito nitidamente o grau de acentuação do uso dos sentidos que há em nós e também neles. Caminhar se faz com os pés. E uma das características mais marcantes a produzir diferenças entre humanos e cães é a constituição corporal bípede daqueles em comparação à disposição quadrúpede destes. Isto faz muita diferença quando passamos a observar que a condição bípede nos coloca muito mais longe do chão, favorecendo um distanciamento olfativo e visual das superfícies mais baixas, sem contar a amenização de nossa experiência tátil com o chão a partir do momento em que usamos qualquer tipo de calçado nos pés.

Esse distanciamento do chão, quando unido a uma capacidade olfativa e auditiva menor do que os cães, faz com que os humanos (pelo menos em sociedades ocidentalizadas como a nossa) utilizem a visão como sentido privilegiado, pois os olhos facilitam, se assim desejarmos, o uso de uma perspectiva distanciada. Afinal, os cheiros e os sons podem ser dissipados no longo caminho que deveriam percorrer até chegar aos nossos narizes e ouvidos, pois são fenômenos mais aparentemente afeitos ao sofrimento de distorções, perdas, extravios (embora a visão seja também extremamente enganosa). O paladar, por sua vez, só pode ser experimentado a partir de uma interação íntima com aquilo que se come. E o tato, por fim, é praticamente impossível sem um atrito direto entre as coisas e a nossa pele, exceto quando experimentamos fenômenos específicos como, por exemplo, as sensações térmicas. Resta-nos, então, a visão, que, de tão enganadora que é, nos faz crer na possibilidade de sermos assertivos pelas vias de um olhar distanciado.

Quero com isso dizer que boa parte dos sentidos que experimentamos está situada em órgãos que, na maioria das espécies, estão concentrados na cabeça. No caso dos humanos, nossa cabeça, em geral, anda longe da superfície que nos sustenta, como se flutuasse descolada do chão, ligada a ele por um filamento sensorial (o corpo) ao qual talvez não demos a devida importância. Ao contrário de nós, os cães vivem com suas cabeças próximas ao chão, mapeando trilhas, cheirando caminhos, decifrando mensagens sensoriais, que são decodificadas por um conjunto de sentidos utilizados pelos cães numa articulação sinestésica muito consciente. Ao caminhar com *Nemo*, tendo em mente a atenção que deveria dar ao seu comportamento, percebi que a constituição de um cachorro como alteridade pode nos colocar não apenas em posição de maior simetria com relação a outra espécie, mas também pode nos ensinar sobre como a cisão entre natureza e cultura nos fez compartimentalizar os sentidos. Assim, elegemos a visão como a porta de entrada da razão, inclusive quando, na Antropologia, fazemos da *observação* (MALINOWSKI, 2018) o método privilegiado de se chegar ao conhecimento antropológico. Um cachorro me faz perceber, como antropólogo, que observar não é simplesmente ver, mas aguçar a percepção através de uma articulação dos sentidos.

A estas primeiras reflexões, obtidas a partir de minha interação inicial com *Nemo*, devo acrescentar questões surgidas a partir de minha convivência com *Ricco* e, para isso, quero apresentá-lo. *Ricco* chegou em minha vida após 10 meses do falecimento de *Nemo*. Eu não pensava em ter outro cachorro em tão pouco tempo,

mas ganhamos (eu e meu companheiro) *Ricco* como um presente dado por um familiar que sabia do tamanho do vazio deixado por *Nemo*. Em pouco tempo de interação, pude perceber em *Ricco* muitas características que o diferenciavam: o seu tamanho grande, seu peso, sua robustez, sua disposição para fazer exercícios físicos, seu interesse em brincadeiras que demandam muita energia, sua postura que imprime um ar de responsabilidade, seu bom humor. *Ricco* aparenta ser uma mistura de cão trabalhador, que gosta de auxiliar os humanos na execução de atividades diárias, com cachorro bonachão, dócil com idosos e crianças. *Ricco* é um cão forte e demanda passeios diários. Neste aspecto, *Ricco* é particularmente útil para me fazer enxergar não apenas as diferenças que há em relação ao *Nemo* como também os diferentes tipos de interação que pude estabelecer com outros humanos e cachorros enquanto caminhava com *Nemo* e, posteriormente, com *Ricco*.

A primeira questão que pretendo levantar diz respeito às negociações que o percurso de uma caminhada nos leva a fazer com um cachorro. *Nemo*, com seu pequeno porte e seus quase 7kg de peso, sempre tentava me puxar em direção às suas escolhas pelos caminhos que percorríamos. Porém, a disparidade de pesos e forças entre nós fazia com que *Nemo* tivesse uma possibilidade muito pequena de imposição de sua vontade. Ou seja, quase sempre *Nemo* era vencido pelo direcionamento que eu desejasse dar ao nosso trajeto. Quando conseguia me “vencer”, experimentava, na verdade, uma atitude de condescendência de minha parte. A caminhada tornava-se, para nós, um trajeto cuja negociação era sempre assimétrica. Porém, *Nemo* me inspirava um caráter maior de proteção em relação aos riscos que poderia correr. Considerando que era pouco acostumado a uma rotina de passeios mais livres pela rua, sempre que eu conseguia perceber algum perigo iminente como, por exemplo, um veículo em alta velocidade ou um cão bravo vindo em sua direção, eu pegava *Nemo* em meu colo e o transportava tranquilamente em meus braços até que o perigo estivesse ultrapassado.

Com *Ricco* a experiência muda por completo. Sua força é mesmo impressionante para um filhote com apenas 10 meses de vida. Isso amplia e torna mais simétrica nossa interação e os processos de negociação que fazemos diariamente para que o trajeto de caminhada seja bom para ambos. Este aspecto me faz perceber que *Ricco* necessita de um adestramento mais complexo para entender os limites impostos à sua autonomia frente a contratemplos que possamos ter em nosso exercício cotidiano de caminhar. *Ricco* também inspira um caráter de proteção,

porém de sua parte em relação a mim. Seu porte grande, sua postura altiva, sua semelhança com um lobo, fazem-no aparentar um cão de guarda que pode despertar dúvidas quanto à sua real docilidade – o que faz com que as pessoas sempre perguntem, cautelosas, antes de uma aproximação: ele é raivoso? Não fosse por sua cara de filhote, seu rabo balançando e seu “sorriso”, uma das características dos cães samoieda, *Ricco* poderia amedrontar, à primeira vista, alguém mais desatento à linguagem dos cachorros. Quando estamos em caminhada, não há possibilidade de pegá-lo no colo caso avistemos algum perigo. Ou o enfrentamos juntos ou criamos uma estratégia conjunta de fuga da situação.

Mas é interessante notar a elaboração e percepção das trilhas nas caminhadas com ambos os cachorros: os contornos dos trajetos em si, os percursos que se desenham a partir de um mapeamento olfativo feito pelos cães e, finalmente, os rastros comunicativos deixados em forma de fezes e urina (esta última deixada, majoritariamente, pelos cães machos como documentação da passagem por aquele caminho). Outro traçado importante se percebe na conexão que há entre tutor e *pet*, mediado pela guia que se prende à coleira. Trata-se de uma linha reguladora, que atua constantemente, mediando uma comunicação que exprime direcionamentos específicos dados ao cão: desviar de uma poça de lama, seguir outro caminho, parar, continuar a andar.

## Caminhos percorridos com Ricco

-  Condomínio
-  Parque Una
-  Parque da Baronesa
-  Bairro Quartier
-  Parque D. Antônio Zattera
-  Praça Cel. Pedro Osório
-  Mercado Central
-  Av. Ferreira Viana
-  Av. Domingos de Almeida
-  Av. D. Joaquim
-  Av. S. Francisco de Paula



Figura 3 – Caminhos percorridos com Ricco.  
Fonte: Elaborado pelo autor.

Com *Nemo*, circulei pelas via internas do condomínio onde moro, Praia do Laranjal e pelas ruas de pontos específicos da cidade, já mencionadas anteriormente. Com *Ricco*, tenho circulado pelas ruas que compõe o condomínio onde moro, parte da Avenida Ferreira Viana (onde há uma calçada que facilita o trânsito de pedestres e ciclistas) e Avenida Domingos de Almeida (onde há um canteiro central, ladeado por calçadas que estimulam e facilitam as caminhadas), Praça Coronel Pedro Osório, Parque Una e Praia do Laranjal. As caminhadas mais cotidianas, obviamente, ocorrem no interior do condomínio. Com ambos os cachorros, percebi a importância de exercitar o silêncio verbal; o valor da economia das palavras (reduzindo-as ao essencial) e, principalmente, passei a qualificar melhor o meu conceito de silêncio. Um cachorro é capaz de nos fazer pensar acerca do caráter ruidoso do mundo, mesmo quando cremos estar em silêncio. E isso me possibilitou observar que por onde passávamos em nossas caminhadas, *Nemo*, *Ricco* e eu andávamos em silêncio apenas verbal, sem quase usar palavras, mas repletos de sons produzidos pelos outros bichos (especialmente aves) à nossa volta e pela água do lago que

costumávamos circundar cuja superfície era alterada pelo nado dos ratões-do-banhado e pelos rápidos mergulhos de aves de rapina que desejavam capturar os patos para sua alimentação.

### **Metodologia das caminhadas**

Para além da reflexão sobre os usos do campo dos sentidos por parte de humanos e *pets*, caminhar com cachorros mostra à Antropologia suas habilidades como conectores de relações. Isso se dá porque, ao avistar outro de mesma espécie, um cão procura estabelecer contato imediato, acionando todo seu campo sensorial e, principalmente, usando de seu olfato para conhecer o outro. Estabelece-se alguma comunicação entre os cães nos momentos de caminhada em que esses encontros caninos ocorrem. Mas o que fazem os humanos enquanto dois cães, presos à linha da guia que os vinculam aos seus tutores, resolvem se conhecer? Os humanos são lançados ao diálogo, ainda que involuntariamente, pois seria muito descortês não conversar com o tutor do *pet* à sua frente. E é particularmente neste ponto que pretendia chegar: demonstrar que os cachorros são seres conectores de relações e que isso é extremamente importante quando pensamos, metodologicamente, na produção de uma etnografia sobre humanos e *pets*. Ao assumirem o compromisso de caminhar com um cachorro, os humanos assumem também o compromisso do diálogo com outros humanos. E qual maneira melhor de coletar histórias de vida, pautadas na experiência humana da convivência com os cães, senão caminhando com um cachorro?

É neste ponto que defendo que a metodologia das caminhadas com os cães é uma maneira criativa de iniciar o trabalho de campo. Enquanto os cães interagem entre si, cheirando-se reciprocamente, mordendo-se, saltando para brincar, latindo, os humanos são levados a dialogar, contar histórias de seu *pet*, lembrar de cachorros que já faleceram, narrar episódios de doenças e tratamentos, trocar referências veterinárias, indicar serviços de pet shop, mostrar fotografias dos cães, comentar sobre produtos da indústria *pet*, relatar desavenças motivadas pelos cachorros, enfim, falar da experiência de uma vida inteira em convívio com aquele animal de outra espécie. Embora outros tipos de *pets* também motivem as pessoas a falarem (os gatos, por exemplo), os cães possuem uma característica marcante que os destaca entre outras espécies companheiras: eles são animais que, literalmente, nos

acompanham pelos caminhos, percorrem as linhas dos trajetos que propomos, andam conosco, nos seguem pelas vias (com ou sem coleira). Ainda que seja possível transportar outros tipos de animais pelas ruas, considero não ser tão fácil ou comum colocar uma coleira em um gato, coelho ou ave e sair andando pelas ruas, fazendo passeios diários. É característico dos cães o gosto pelos caminhos. Talvez isso os torne tão eficientes no tipo de companhia que nos conseguem fazer. Durante as andanças, podemos encontrar outros cães e outros humanos. E esses encontros interespecíficos são tudo o que um antropólogo precisa para alimentar seu trabalho de campo.

Trabalhos recentes têm sido desenvolvidos na Antropologia sob a denominação de *walking ethnography* (que traduzo aqui livremente como “etnografia caminhante”), reconhecendo as caminhadas como um recurso metodológico para a produção de etnografias contemporâneas inseridas no campo de uma antropologia sensorial. Destaco os trabalhos de Valéria Iared (2018; 2019) e de Valéria Iared e Haydée Oliveira (2017; 2018) que propõem uma abordagem ecofenomenológica pautada nas caminhadas para refletirem sobre questões ambientais. Gustavo Chiesa e Luz Brito (2022), por sua vez, colocam em simetria referências bibliográficas advindas da literatura (Goeth, Baudelaire, Manoel de Barros) e da antropologia (Tim Ingold, Gregory Bateson, Michel Leiris – este último também poeta) para refletirem sobre a importância de caminhar como recurso para despertar nosso campo sensorial com a finalidade de nos religar ao entendimento fenomenológico do mundo, conectando-nos com a poesia das coisas encontradas pelos caminhos para que elas alimentem nossa imaginação etnográfica.

Tim Ingold (2010; 2012b; 2015b) é, sem dúvida, o autor que inspira a *walking ethnography* no que diz respeito à ideia de educação da atenção como via de acesso ao conhecimento. Para ressaltar a potência das caminhadas como método, em um de seus textos, Ingold (2015b) contrapõe o dédalo (conjunto de opções de caminhos conhecidos que permitem chegar a um lugar pré-determinado pelo sujeito) e o labirinto (profusão emaranhada de caminhos desconhecidos onde o andarilho não determina a direção, mas é induzido pelas circunstâncias a seguir em frente). Assim, o dédalo é marcado por um trajeto *intencional* previamente criado pelo andarilho. Já o labirinto é caracterizado por impossibilitar as escolhas prévias dos trajetos a serem percorridos, isto é, são os caminhos que levam o caminhante. No labirinto, continuar

no caminho não é um ato *intencional*, mas sim *atencional*. Trabalhando com a ideia de educação da atenção, Ingold considera que

a educação não tem nada a ver com objetivos rotineiros tais como “obter uma distância crítica” ou “assumir uma perspectiva” sobre as coisas. Não se trata de chegar num ponto de vista. No labirinto, não há ponto de chegada, não há destino final, pois cada ponto já se encontra no caminho para algum outro. Longe de assumir um ponto de vista ou perspectiva a partir dessa ou daquela posição, o ato de caminhar continuamente nos remove longe de qualquer ponto de vista – de qualquer posição que possamos adotar. “Caminhar”, explica Masschelein (2010b, p. 278), “é colocar em questão essa posição; trata-se de ex-posição, de estar fora-de-posição” [...] A atenção do caminhante vem não da chegada a uma posição, mas de ser constantemente apartado dela, do próprio deslocamento (INGOLD, 2015b: 28)

Ao realizar minha pesquisa, pretendo contribuir com o campo da *walking ethnography* inserindo um agente ativo na elaboração da pesquisa: o meu próprio cachorro. Ainda que eu possa estabelecer mentalmente caminhos predeterminados por trajetos que já conheço (como se faz num dédalo), *Ricco* me lança a uma espécie de “labirinto”, pois procura impor ao nosso trajeto a obediência a certas condicionantes (por exemplo, cheiros, presença de outros cães, sons, objetos no chão) que o levam a outras opções de direcionamento à caminhada. Como num labirinto, as caminhadas com o cachorro vão me conduzindo a um deslocamento atencional no qual há a imprevisibilidade dos encontros com outros cães (acompanhados de tutores ou soltos nas ruas) e humanos carregados de suas histórias e percepções.

Dentre esses acontecimentos imprevisíveis nas caminhadas, um deles particularmente me marcou. Numa manhã de caminhada com *Ricco* pelo condomínio, avistei, do outro lado da rua, uma criança pequena, que aparentava ter cerca de 6 ou 7 anos de idade, acenando para nós. Logo atrás dela, havia uma senhora idosa, que era a sua avó. Ao perceber o interesse da menina em interagir com *Ricco*, perguntei à sua avó se poderíamos chegar perto. Ela me respondeu com uma pergunta: “ele morde?” Disse que não, que era muito sociável e brincalhão. Após o sinal positivo da avó, atravessamos à rua fomos em direção à criança. Eu nunca tinha visto nenhuma das duas, mas a avó me contou que, dentre todos os cachorros que a criança observa, de sua janela, passeando, *Ricco* era o que ela mais gostava. A avó disse que a menina já sabia o horário em que passávamos pela frente de sua casa e, por isso, ficava à espera. A criança me perguntou se poderia fazer carinho no *Ricco* e eu disse que sim.

Instantaneamente, começou a passar a mão em seus pelos brancos, *Ricco* pulava, abanava o rabo, pedia mais carinho. A criança sorria e dizia “ele é muito fofinho. Ele é muito grande”.

Num dado momento, a avó relatou que possuía dois cachorros do tipo “salsicha” (nome popular para a raça *Daschshund*) e que sua neta os adorava. Disse ainda que aquela criança, apesar da pouca idade, havia passado por um tratamento sério de saúde, devido a uma isquemia que teve no útero. Após o diagnóstico da doença e de enfrentar o tratamento adequado, a menina perdeu a fala. O trauma pelo qual passou, simplesmente, a fez parar de se comunicar verbalmente, preocupando seus familiares. Conservou-se assim durante um bom tempo – que não foi detalhado a mim por sua avó. Porém, a mulher contou que resolveu levar a menina para passar uma temporada em sua casa, onde reside com os dois cachorros “salsicha”. Depois de algum tempo, recebendo carinhos da avó e interagindo com os dois *pets*, a criança recuperou a fala. “Foram os cachorros que fizeram ela falar. Ela chamava os cachorros e, quando eu percebia, começava a conversar com eles. Depois disso, nunca mais parou de falar”, disse a avó.

É com base nesta experiência, relatada a mim em trabalho de campo, que chego à conclusão que fundamenta o ponto de contato entre metodologia e epistemologia no contexto de minha pesquisa, pois parto do princípio de que um cachorro pode fazer as pessoas falarem. E isso é relevante tanto no aspecto metodológico, utilizando as caminhadas como via de acesso às pessoas e aos *pets*, quanto no aspecto epistemológico, aprendendo com os cachorros sobre os fluxos sociais, culturais e sensoriais que conectam os seres no mundo. Aqueles breves momentos em que eu, a avó, o *Ricco* e a menina trocamos informações diversas foram cruciais para que eu acreditasse, definitivamente, que a metodologia das caminhadas era, de fato, um recurso importante para a feitura do trabalho de campo. Afinal, que idosa pararia um homem desconhecido na rua para apresentar sua neta e falar de um problema familiar sério e íntimo de saúde? Um cachorro pode fazer as pessoas falarem.

Outro episódio ocorreu quando *Ricco* avistou um cachorro idoso, andando na frente de sua casa com sua tutora. Sem perceber a disparidade etária que havia entre os dois, *Ricco* se aproximou do outro cachorro com muita empolgação, cheirando todo o seu corpo, pulando em sua frente, convidando-o para brincar. O outro cachorro rosnava discretamente, não pretendia interagir. “Ele é um velho ranzinza”, disse a

tutora. “Está doente, tem diabetes canina e várias outras doenças, já fez muitos tratamentos”, completou a mulher. O cão tem 12 anos de idade, possui passos lentos, seu pelo está embranquecido, sua face aparenta a idade avançada.

E, falando de doenças, também conheci *Mel*, uma cadela da raça *Chow Chow* com 10 anos de idade. Eu já tinha avistado *Mel* em outras caminhadas, mas um dia tive oportunidade de me aproximar dela e de sua acompanhante, uma babá, que tinha como uma das tarefas de seu dia, passear com *Mel* e com um menino de quem cuidava na ausência de seus pais. *Mel* foi diagnosticada com câncer, relatou a babá e, noutra ocasião, sua tutora me contou a mesma coisa. De acordo com ambas, a causa do câncer foi a alimentação consumida por *Mel* ao longo de sua vida, composta por ração industrializada. Sua tutora confessou que estava apreensiva porque *Mel* passaria pela sua primeira sessão de quimioterapia.

Se um cachorro faz as pessoas falarem espontaneamente de questões íntimas do *pet* e da família que o tutela, é necessário pensar o *status* da entrevista no trabalho de campo antropológico. Afinal, antropólogos utilizam as entrevistas como um dos muitos recursos para se tecer reflexões acerca de um campo realizado. As entrevistas não são um fim, mas um meio e, ainda assim, não são o único meio, isto é, não são imprescindíveis. As caminhadas que faço possibilitam coletar fragmentos de experiências, que podem ou não ter continuidade, nem sempre apresentando um desfecho. Por isso, valorizo as caminhadas como recurso metodológico porque me permitem considerar, epistemologicamente, a potência do inesperado, pois o inesperado é fluxo, é devir, é acontecimento, é a própria experiência do existir no mundo. O que sabemos do que pode acontecer em nossas vidas? E por que queremos pautar nossas pesquisas antropológicas em etapas previsíveis, perguntas pré-definidas, entrevistas formalmente marcadas?

Há também outra questão a ser discutida. Deveriam as pessoas que encontro nas caminhadas saber que estou produzindo uma pesquisa sobre a relação entre humanos e *pets*? Em que momento eu deveria informá-las? Se seus nomes e suas identidades não são aqui reveladas, informar sobre a pesquisa é um fator relevante? Falar da pesquisa não interromperia os fluxos da vida que, naturalmente, nos convidam ao diálogo? Considero importante destacar que as caminhadas também não são um fim, mas sim um meio de realização do trabalho de campo. Contudo, tais caminhadas não são o único recurso metodológico, são apenas uma das várias maneiras através das quais conduzi esta investigação.

Assim, a pesquisa conjuga, em termos metodológicos, caminhadas espontaneamente realizadas; entrevistas formalmente marcadas com interlocutores conscientemente dispostos a colaborar com esta pesquisa; apreciação de documentos referentes a leis destinadas aos *pets*; estudo e produção de imagens (em especial de fotografias) relacionadas ao campo; análise discursiva de dedicatórias fúnebres presentes em livros de registros cemiteriais; observação de ritos funerários destinados aos *pets*; discussão da arquitetura tumular dos cemitérios *pet*. Em suma, as caminhadas foram apenas um ponto de partida, inclusive, para angariar interlocutores cuja contribuição formal e consciente, extraída de entrevistas e outras interações, será compartilhada ao longo dos próximos capítulos desta tese. Contudo, durante as caminhadas em si, penso ser mais interessante seguir os fluxos da vida, sem caderno ou gravador, conectando-me às pessoas, inteirando-me ao ambiente, e deixando-as compartilhar seus fragmentos de vida. Dessa forma, posso caminhar livremente, sem a preocupação de demorar para coletar relatos etnográficos, partindo para o próximo ponto das trilhas que *Ricco* e eu desenhamos cotidianamente. Considero que esta é também uma maneira de respeitar *Ricco* cuja vontade é sempre seguir adiante em seu percurso.

### **Tempo e espaço: demandas caninas**

Se esta pretende ser uma etnografia acerca do tempo, é imprescindível também falar de espaço. Novamente, evoco as diferenças entre *Nemo* e *Ricco*. Sempre que encontro pessoas na rua quando passeio com *Ricco*, sou questionado sobre as dificuldades de lidar com o tamanho do cachorro, sua necessidade de espaço e áreas livres. Isso não ocorria nas caminhadas com *Nemo*, pois seu tamanho pequeno nunca foi problematizado por ninguém. *Nemo* poderia circular em diversos lugares classificados no mercado como *pet friendly*. Por exemplo, no shopping center da cidade, o peso e a altura de *Nemo* se encaixam perfeitamente no perfil de cachorro permitido (e talvez desejado) por aquele estabelecimento comercial. Certa vez, *Nemo* foi almoçar com nossa família no Mercado Central de Pelotas e coube perfeitamente embaixo da mesa onde estávamos. Por ser discreto e dificilmente latir, quase ninguém percebia sua presença embaixo da mesa. Foi, então, que uma criança na mesa ao lado o viu e pediu para tirar uma foto com ele. Sentamos *Nemo* no banco em que

estávamos e a foto foi tirada, destacando que havia um cachorro nos acompanhando durante o almoço.

Quando se mudou para Pelotas, *Nemo*, por ser de pequeno porte, veio junto a mim na cabine do avião, dentro de uma caixa de transporte adequada às exigências da companhia aérea. Isso seria impossível com *Ricco*, cachorro de porte grande, que só poderia viajar no subsolo dos aviões, no compartimento de bagagens, sob efeito de sedativos. Entretanto, as experiências de transporte de cães grandes realizadas por companhias aéreas brasileiras, têm sido trágicas para alguns usuários que perderam seus *pets* e reivindicam justiça<sup>27</sup>. Analisar esses fatos me faz tecer algumas considerações: o fato de as pessoas não ficarem admiradas ou não questionarem o tamanho de *Nemo* indica que a categoria *pet* pode estar mais relacionada a cães ou outros animais considerados “portáteis”. Isto é, dentro do recorte de classe social em que circulo, pensar num cão é imaginá-lo do tamanho adequado para caber em apartamentos ou casas pequenas, consciente de que aquele cachorro não necessitará, obrigatoriamente, de uma rotina ao ar livre.

O cão da classe média deve ser de pequeno porte para caber em suas possibilidades de moradia e em seus horários disponíveis para a interação com o *pet*. O espanto causado pelo tamanho do *Ricco* talvez seja uma manifestação da dúvida se eu teria acomodação residencial suficiente para abrigar um cão visivelmente espaçoso. Caso contrário, as demandas por caminhadas com *Ricco* seriam maiores, o que me roubaria tempo. Estas experiências me fazem depreender que possivelmente há a circulação de um senso comum entre tutores de *pet* que os faz concluir que a falta de espaço precisa ser compensada com o aumento do tempo dedicado ao cachorro.

Assim, tempo e espaço são dois indicadores importantes para compreender a relação entre os humanos e seus cães. Que vivências de espaço podemos lhes proporcionar? Quanto tempo temos para compensar a falta de espaço? O tamanho dos cães pode servir como índice de classe social, desde que problematizado junto ao fato de pertencer ou não a uma raça definida. Inclusive o preço dos serviços de *pet shop* como, por exemplo, os banhos e as tosas, varia conforme o tamanho e o tipo de pelagem do animal. O porte dos cachorros também vai definir suas

---

27 <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/09/21/cachorro-morre-apos-voo-rio-sp-e-dona-culpa-a-companhia-aerea.ghtml>

mobilidades. Nas lojas, nos restaurantes, nos condomínios, nas hospedagens por temporada e nos hotéis é comum haver restrições aos cachorros de tamanhos grandes e a algumas raças específicas. Tais restrições não ocorrem sem alguns impasses: como impedir a entrada e circulação de todos os cães de grande porte num determinado hotel (imaginando-se evitar a hospedagem de pastores alemães, akitas, rottweilers, pit bulls, e mesmo os cães sem raça definidas) se há cachorros grandes que são dóceis e altamente sociáveis como os golden retrievers? Devem esses estabelecimentos criar vários pesos e várias medidas para a aceitação de grandes *pets*?

Mas o tempo é a mais abstrata medida que diferencia um cachorro de um humano. Para nós, é perfeitamente possível abstrair e racionalizar o tempo. Marcamos compromissos para daqui a algumas horas, contamos os aniversários, vislumbramos certa expectativa de vida para nós, entendemos com facilidade as noções de “agora” e “depois”. Obviamente que os cães também entendem o tempo quando demonstram conhecer perfeitamente a sua rotina: hora de comer, brincar, passear, dormir, ser adestrado etc. *Ricco*, por exemplo, sabe a hora em que fazemos nossas caminhadas. Mas, por outro lado, não parece conseguir mensurar as horas quando os humanos saem de casa. Não demonstra ter certeza de que, ao sairmos, voltaremos daqui 1 ou 2 horas. E talvez também não consiga medir as horas que dedico aos estudos para, só depois, lhe dar a devida atenção.

O tempo dos cachorros é agora, é hoje, é urgente. Sua expectativa de vida é muito baixa, se comparada a dos humanos. Por isso, o cães aparentam não ter tempo a perder e, sempre que podem, procuram nos mostrar a urgência de experimentar a vida em todas as suas possibilidades sensoriais e lúdicas, que, muitas vezes, são a razão para que gostemos de viver. E, pelo motivo de haver grande disparidade entre a expectativa de vida de um humano e de um cachorro, há um desacordo muito nítido entre as temporalidades de ambos. Em termos de tempo de vida, quantos humanos cabem na vida de um cachorro e quantos cachorros cabem na vida de um humano?

A chegada de *Ricco*, após o término da vida de *Nemo*, revela a possibilidade de convivência sucessiva com, pelo menos, uns quatro cachorros mais, caso eu consiga chegar à expectativa de vida média dos brasileiros atestada pelo IBGE em

2019<sup>28</sup>. Assim, quase sempre temos certeza de que nossos cães morrerão antes de nós, porém, continuamos a medir o tempo com nossa régua e, muitas vezes, não somos capazes de entender o sentido de urgência que há na vida dos cachorros. Minha pesquisa é sobre o que fazemos quando o tempo dos cachorros se esgota. Como demonstramos o reconhecimento por sua importância em nossas vidas? Passamos por um processo de luto? Isso é comparável ao luto motivado pela morte de um humano? Como expressamos nossa dor? A quem procuramos? E como está se produzindo um mercado funerário *pet*?

### **Trilhas epistemológicas**

O percurso desta pesquisa está pautado, epistemologicamente, em dois eixos de interesse para a Antropologia: os estudos sobre morte e os estudos sobre a interação entre humanos e animais. Pretendendo situar minha pesquisa com relação a estes eixos teóricos, considero necessário recuperar alguns debates que são constitutivos das trilhas percorridas por pesquisas socioantropológicas desenvolvidas pioneiramente por autores/as que me precedem neste tipo de discussão. Assim, é necessário abordar, sem pretender esgotar, alguns aspectos que foram debatidos ao longo da história da Antropologia e das Ciências Sociais como um todo, a saber: o entendimento das Ciências Humanas sobre o fenômeno da morte; os ritos funerários sob perspectiva antropológica; os espaços cemiteriais como lugares de memória; a compreensão histórica do morrer; a virada ontológica que abala uma cisão fundante do pensamento ocidental a partir do binarismo entre Natureza e Cultura; as relações entre animais humanos e não-humanos; a constituição das famílias multiespécies; os desdobramentos que o novo *status* ontológico dos animais tem provocado na indústria *pet*.

Começando a recuperar alguns debates oriundos dos estudos sobre morte, devo dizer que grandes pensadores têm se debruçado sobre esta temática e, com isso, abriram um campo de investigação muito vasto e em constante transformação. Entretanto, as reflexões sobre o morrer quase sempre estão circunscritas ao fenômeno da morte de seres humanos. Isto significa dizer que pouca atenção tem

---

28

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29502-em-2019-expectativa-de-vida-era-de-76-6-anos>

sido dada ao falecimento dos animais e aos ritos funerários que, possivelmente, marcam o término da vida desses seres não humanos. Por isso, antes de comentar as ideias norteadoras dos debates engendrados pelos pesquisadores que pavimentaram o campo de pesquisa sobre a morte nas Ciências Humanas e Sociais, é importante localizar que esta pesquisa adota uma perspectiva antropológica e tem como objeto de investigação os ritos funerários dedicados aos animais de estimação. A intenção aqui contida visa contribuir com o preenchimento de uma lacuna etnográfica que, provavelmente, pode produzir costuras interessantes entre dois campos distintos: a Antropologia da Morte, ligada a discussão de rituais, e a Antropologia de Humanos e Não Humanos, que “humaniza” os animais e “animaliza” os humanos, embaralhando a dicotomia ocidental entre natureza e cultura.

Pesquisadores como Norbert Elias (2001) e Philippe Ariès (1989) dedicaram algumas reflexões importantes que serviram como parâmetro para o estabelecimento do debate sobre a Morte no âmbito das Ciências Humanas. Ora salientando a necessidade histórica de promover um “isolamento” da morte, dos moribundos e de todo elemento provocador da reflexão sobre a finitude da vida (como o que se percebe na obra de Norbert Elias); ora reafirmando que as relações com o processo de morrer eram mais naturalizadas em períodos históricos anteriores, onde a morte e os mortos eram completamente inseridos no ambiente doméstico familiar (como é possível identificar no argumento de Philippe Ariès, as discussões sobre a morte procuravam lidar com as estratégias de compreensão filosófica, cultural e histórica em torno das noções de “sofrimento”, “perda” e “luto” (Morin, 1970).

Um dos estudos pioneiros sobre as representações coletivas sobre a morte em âmbito antropológico é de autoria de Robert Hertz (1960). O autor pesquisou os funerais duplos dos povos do arquipélago malaio. Nestes rituais, os cadáveres dos chefes e de pessoas abastadas eram temporariamente enterrados em lugar provisório para que, posteriormente, tivessem um enterro definitivo. A partir desses elementos etnográficos, Hertz constatou que a morte é um fenômeno preeminente na consciência social, possibilitando que certas representações coletivas sejam finalmente compreendidas. O autor advoga pela ideia de que a morte provoca mudança de status social e também origina uma mudança de consciência da sociedade como um todo, estimulando representações sobre espiritualidade através das possibilidades de vida em outros mundos. Para Hertz, é no campo do ritual que as emoções internas serão postas em ordem através de duas fases rituais:

*desintegração*, que seria a permanência temporária do corpo; *reintegração*, onde a coletividade se apresentaria triunfante sobre a morte.

Ainda no campo dos estudos clássicos em Antropologia, Mauss (1979) dá grande contribuição à Antropologia da Morte ao analisar os ritos orais funerários ocorridos na Austrália. Com seu projeto intelectual de demonstrar que as emoções são, além de fisiológicas e psicológicas, sociológicas, Mauss dá relevo à cultura como um elemento que conforma as ações dos sujeitos em termos “emocionais”. O autor destaca que os sentimentos e ideias compartilhados nos ritos fúnebres são de caráter coletivo, retirando o campo das emoções do âmbito puramente individual.

Sem pretender fazer uma revisão bibliográfica que esgote o tema, é importante dizer que há inúmeras pesquisas sobre a Morte na tradição socioantropológica, tal como os trabalhos de Morin (1970), Carneiro da Cunha (1978), Bloch e Parry (1982), Thomas (1983), Pina Cabral (1984), Rodrigues (2006), Motta (2009; 2010), Reesink (2010) e Fochi (2011). Entretanto, a grande pergunta desta pesquisa consiste em tentar perceber como a antropologia tem olhado para a morte de animais não-humanos. Se, no que se refere aos animais de estimação, as relações de afeto entre tutores e *pets* tem reconsiderado o *status* ontológico dos não-humanos, constituindo-se ambientes domésticos habitados por famílias multiespécies, como as pessoas têm lidado com suas mortes? Que tipo de cuidados lhes são dedicados? Quais ritos funerários destinados aos animais tem sido colocados em prática na contemporaneidade? Como a indústria dos cuidados veterinários tem se apropriado das mudanças atuais nas relações entre humanos e animais quando o assunto é a morte?

Nos últimos anos tem crescido a bibliografia que discute as relações entre tutores e animais de estimação a partir de espaços cemiteriais. Por exemplo, a pesquisa de Schuurman e Redmalm (2019) aborda a complexidade dos significados culturais implicados no advento de cemitérios destinados a animais na Escandinávia, tais espaços cemiteriais servem como lugares de memória que criam comunidades em torno da legitimação do luto por animais de estimação – um sentimento que, de acordo com os autores, é marginalizado. Desenvolvida em contexto japonês, a pesquisa de Veldkamp (2009) problematiza o desenvolvimento de funerais *pet* e as transformações nas formas como os animais são cuidados no *post mortem*. Estas pesquisas estão inseridas num contexto amplo de crescente interesse acadêmico pelos animais nas Ciências Humanas como demonstra a pesquisa do historiador

Bulliet (2005) na qual é possível identificar alguns períodos históricos visíveis nas relações humano-animal tais como a “separação” (quando humanos percebem-se diferentes dos animais); a “pré-domesticidade” (marcada por uma coexistência simbólica e espiritual com os animais); a “domesticidade” (caracterizada pela relação utilitária com os animais) e a “pós-domesticidade” (reveladora do gradual distanciamento entre os humanos e os animais de produção). Para Digard (2012), a domesticação animal foi responsável por criar diferenciações culturais entre as sociedades humanas.

O debate sobre a relação humanos e não-humanos é intrinsecamente ligado à problematização do binômio natureza e cultura. Tais noções balizam a antropologia desde seus primórdios como disciplina. Na impossibilidade de pautar aqui toda a amplitude deste debate, vale dizer que um dos pesquisadores mais proeminentes acerca desse tema é Lévi-Strauss (1990; 2010; 2012), que, em diversas obras, discute a passagem da natureza à cultura pelas vias do parentesco e do tabu do incesto, pelas narrativas mitológicas que ordenam o mundo indígena em dicotomias como “cru” e “cozido” ou pela construção de compreensões nativas de mundo que constituem as bases do que o autor denomina sugestivamente como “pensamento selvagem”.

Entretanto, contemporaneamente, a etnologia indígena tem dado significativas contribuições que relativizam a divisão conceitual entre natureza e cultura. Philippe Descola (2006; 2016) apresenta argumentos convincentes, a partir de sua famosa etnografia entre os índios *achuar* (habitantes da Amazônia equatoriana/peruana), que implodem a dicotomia natureza/cultura para colocar os humanos em relação de igualdade com os seres não-humanos<sup>29</sup>. Seguindo essa mesma perspectiva, Eduardo Viveiros de Castro (2002) lança a ideia de perspectivismo ameríndio com o objetivo de sofisticar a compreensão de que os povos indígenas observam e compreendem o mundo “natural” como indissociável do mundo “cultural”, atribuindo capacidades aos animais, plantas e outros seres que também observam este mundo de relações a partir de uma perspectiva específica que lhes é própria.

---

<sup>29</sup> Descola (1998) destaca que, diferente das sociedades ocidentais, os povos indígenas desenvolvem outros tipos de relações com os animais que fazem parte de seu convívio. De acordo com o autor, estas relações são moldadas a partir de esquemas comportamentais que estão estritamente relacionados a concepções de ordem cosmológica, ontológica e sociológicas muito próprias aos povos originários.

Marshal Sahlins (2003) dedicou-se a refletir sobre as bases culturais que orientam certas concepções acerca dos animais domésticos, tornando-os bons para comer, trabalhar ou fazer companhia ou, para a antropologia, bons para pensar em noções estruturantes das relações humanos e não-humanos. Outros importantes pesquisadores dão novos contornos a essa discussão fora da etnologia indígena. Bruno Latour (2013), por exemplo, leva o debate para o contexto da antropologia da ciência ao problematizar as invenções humanas híbridas, em termos naturais e culturais, ao argumentar que as sociedades ocidentais “jamais foram modernas”, pois foram incapazes de operar com a dicotomia fundante da suposta modernidade, a saber, a divisão entre natureza e cultura. Para Latour, os fenômenos que experienciamos são, ao mesmo tempo, naturais, discursivos e culturais.

Atualmente, a Antropologia tem se aberto a discussões mais específicas sobre animais, investindo de modo crescente nos rendimentos desse debate para se repensar as configurações de grandes conceitos como “cultura” e mesmo “sociedade”. Além disso, a imaginação dos antropólogos tem colocado em pauta questões metodológicas acerca da pesquisa com seres não humanos, atentando para as possibilidades e limitações desse tipo de pesquisa. Destacam-se nesse campo, os trabalhos de Rapchan e Neves (2014) cuja reflexão se deteve na provável aplicabilidade do método de inspiração etnográfica para se discutir questões comportamentais entre chimpanzés. Nesse sentido, a exemplo das discussões recentes encabeçadas por Sophie Houdart (2015), o debate antropológico contemporâneo tem levado às últimas consequências sua tentativa de compreender seres não humanos, problematizando inclusive as relações entre humanos e partículas físicas, átomos, elementos minerais, vírus e outros seres microscópicos que possuem vida.

A chamada “virada animalista” (*tournant animaliste*), na qual se percebe a admissão do animal não humano como ser que junto a nós, humanos, integra o social (Segata, 2012), foi utilizada pela primeira vez em 2011, na França, e representa a busca por entender o animal não humano constituinte de coletivos, fazendo-nos refletir acerca da agência e o ambiente em que humanos e animais se encontram inseridos. Velden (2015) considera os animais como símbolos e sujeitos a todo tempo, ressaltando que a antropologia não deve sentir a obrigatoriedade de escolher entre uma ou outra forma para se fazer análise. Sendo assim, esta pesquisa se insere numa busca por compreender as relações entre humanos e não humanos a partir da

interligação com contextos em que animais não humanos aparecem como símbolos ou também desempenhando ou não alguma função.

Há um reconhecimento de pureza moral direcionada aos animais de estimação (OLIVEIRA, 2006; PASTORI, 2012; OSÓRIO, 2013), e conseqüentemente é atribuído um certo grau de divindade também, pois se acredita que os animais de estimação sejam possuidores de um amor incondicional e perfeição há muito esquecidos pelos humanos. No entanto, Haraway (2021) em *O manifesto das espécies companheiras* afirma que esse amor incondicional é uma constante busca por satisfazer as condições de amar e também por conhecer a intimidade um do outro. A autora argumenta que a relação entre humanos e seus *pets* é permeada pela alegria, porém se encontra ameaçada caso o animal de estimação não corresponda à fantasia de amor incondicional que lhe é atribuída. É uma relação de amor onde o conhecimento do outro é uma jornada, na qual o *pet* é sujeito dotado de capacidades, assim como o humano, e desenvolve o amor numa relação construída pelos dois.

Tal capacidade nos permite afirmar que os animais não devem ser tratados como seres desprovidos de intencionalidade, decorrentes do especismo (SINGER, 2013), que nada mais é do que a discriminação àqueles não pertencentes à mesma espécie. A ética no trato com os animais confere legitimidade a uma relação que articula a todo momento direitos, deveres com pesos iguais para seres diferentes. Portanto, o enterramento de animais em cemitérios particulares na cidade de Pelotas e outros municípios do Rio Grande do Sul pode reforçar essa nova maneira de olhar para os *pets* como sujeitos de direitos, cujo fim da vida necessita de rituais que os reconheçam como integrantes de um contexto social e dotados de agência. Neste sentido, a pesquisa de Lewgoy, Sordi e Pinto (2015) fornece importantes contribuições ao demonstrar como, na contemporaneidade, vem ocorrendo uma mudança significativa nas sensibilidades e moralidades relacionadas aos animais em contextos urbanos. Materializadas a partir de atitudes de resgate, adoção e iniciativas de proteção aos animais de companhia, essas novas sensibilidades têm estabelecido uma nova gramática de direitos, que visa incorporar os animais como parte importante de famílias antes compostas apenas por humanos, mas que agora se abrem para uma configuração multiespécie.

No que se refere a esse tipo de discussão entre humanos e não humanos, esta pesquisa mantém proximidade com a proposta investigativa de Jean Segata (2012), que elaborou etnografia sobre as relações dos humanos com seus animais de

estimação, constituindo-os como uma alteridade importante para a Antropologia. A grande pergunta realizada pelo autor é sobre como se dão e quais são os limites dos processos de humanização dos animais de estimação. Como forma de contribuir com o debate que esta etnografia de Segata nos lança, pretendo elaborar uma resposta à sua pergunta à luz do que a Antropologia da Morte tem a dizer sobre ritos funerários dedicados aos animais de estimação.

Mas é imprescindível dizer que esta pesquisa entende os *pets* como espécies companheiras, isto é, espécies não-humanas, entendidas como bichos e plantas diversos, com as quais os humanos estabelecem relações duradouras que podem gerar responsabilidades e/ou laços emocionais muito fortes. Tendo em vista que os cachorros são o principal (ainda que não sejam o único) foco desta investigação, dialogo diretamente com as reflexões de Donna Haraway (2021) acerca de sua percepção dos cachorros como espécies companheiras:

É impossível que haja apenas uma espécie companheira; pelo menos duas são necessárias para que uma exista. Está na sintaxe, na carne. Os cachorros fazem parte da inescapável e contraditória história dos relacionamentos – relacionamentos coconstitutivos em que nenhum dos parceiros preexiste à relação, e essa relação nunca está acabada (HARAWAY, 2021: 15)

A leitura de suas considerações sobre espécies companheiras permite constatar que a principal base onde se fixa este conceito é a noção de existência de um relacionamento interespecie que se cultiva na feitura diária da convivência, havendo reconhecimento de necessidades, literalmente, específicas que precisam ser supridas por quem desempenha a função de tutoria. Entretanto, Haraway questiona certo senso comum que baliza o entendimento das relações estabelecidas historicamente entre humanos e cachorros. Um dos pontos fundamentais de sua discussão é a noção de amor incondicional, questionada frontalmente pela autora, que tece suas reflexões a partir do contexto dos EUA:

Comumente, nos Estados Unidos, atribui-se aos cachorros a capacidade de “amar incondicionalmente”. De acordo com essa crença, as pessoas, cansadas da falta de reconhecimento, da contradição e complexidade que existem em suas relações com outros humanos, encontram consolo no amor incondicional de seus cachorros. Em troca, essas pessoas amam seus cachorros como filhos. Na minha opinião, ambas as crenças não são apenas baseadas em equívocos, ou até mentiras, mas são também abusivas, com cachorros e com humanos. Uma mirada superficial nos mostra que cachorros e humanos sempre tiveram um vasto repertório de modos de se relacionar.

Mas mesmo entre as pessoas que têm animais de estimação, inseridas na cultura consumista contemporânea, ou talvez especialmente entre essas pessoas, a crença no “amor incondicional” é perniciosa. Se a ideia de que o homem produz a si mesmo manifestando suas intenções em suas ferramentas – como animais domésticos (cachorros) e computadores (ciborgues) – é evidência de uma neurose que chamo de narcisismo humanista tecnofílico, então a ideia superficialmente oposta de que os cachorros restauram as almas humanas com seu amor incondicional só pode ser a neurose do narcisismo caninofílico. Como acredito ser precioso o amor entre cachorros e humanos historicamente situados, é importante divergir do discurso do amor incondicional (HARAWAY, 2021: 33)

A ideia do amor incondicional é questionada porque se sabe que os cachorros precisam corresponder a certas expectativas (às vezes equivocadas ou excessivas) de seus tutores. Isto é, deposita-se sobre os cachorros certas cobranças que precisam ser atendidas: dar vazão às suas necessidades excretoras de fezes e urina nos lugares indicados, não destruir objetos do ambiente, ser dócil com visitas, não latir muito, não ser agressivo. Por outro lado, os cães esperam que os humanos lhes deem a maior atenção possível, tendo em vista que estão presos à condição de *pets*, muitas vezes privados do convívio pleno com outros cães e das caminhadas livres, sem coleira. Sobre essa questão, Haraway afirma que

Ser um animal de estimação parece ser um emprego exigente para um cachorro, já que requer autocontrole e habilidades emocionais e cognitivas comparáveis às de cachorros trabalhadores. Muitos animais de estimação e pessoas que os têm merecem respeito. Ainda, brincadeiras entre humanos e animais de estimação, bem como apenas passar um tempo juntos sem fazer nada, são experiências que trazem alegria para todos os envolvidos nessa troca. Certamente, esse é um importante significado de espécie companheira. Entretanto, o status de animal de estimação, em sociedades como a que vivo, coloca o cachorro em um risco singular; o risco de ser abandonado quando a afeição humana diminui, quando o que é conveniente para as pessoas passa a ser mais importante ou quando o cachorro não corresponde à fantasia do amor incondicional (HARAWAY, 2021: 36)

Outro autor importante para compreendermos certos aspectos é Tim Ingold (1995) quando problematiza as fronteiras e porosidades entre os conceitos de humanidade e animalidade. Ingold nos mostra que, embora haja uma concepção ainda vigente de que as diferenças entre humanos e animais de outras espécies são radicalmente notáveis, atualmente ganha espaço uma concepção gradualista das diferenças entre animais humanos e não-humanos. Nesta perspectiva, as diferenças existentes não se fundamentam em capacidades distintas verificadas apenas nos humanos ou nos outros animais. Pelo contrário, as diferenças são percebidas apenas com relação ao grau com que certas capacidades se manifestam em determinadas

espécies. Sobre a diferenciação radical entre humanos e outros animais, Ingold nos diz que

uma consequência dessa pressuposição é que, enquanto as ações humanas são geralmente interpretadas como produtos de desígnio intencional, as ações dos outros animais - mesmo que ostensivamente semelhantes por sua natureza e consequências - costumam ser explicadas como resultado automático de um programa comportamental instalado (Ingold, 1988, p. 6). Certamente, quando se trata dos poucos animais com os quais mantemos relações estreitas e duradouras, tais como gatos e cães domésticos, logo descobrimos exceções, e lhes atribuímos intenções e propósitos, da mesma maneira que fazemos com os seres humanos. Em muitas culturas não-ocidentais, onde o envolvimento prático com outras espécies é muito maior do que o nosso, as exceções que costumamos fazer podem ser exatamente a regra (INGOLD, 1995: 05)

Percebe-se que, para o autor, os animais de estimação, isto é, aqueles que poderiam ser enquadrados na categoria de “espécies companheiras” ou também entendidos como *pets*, são protagonistas no desencadeamento de uma mudança de paradigma no que tange a diferenciação estabelecida entre animais humanos e não-humanos. Neste aspecto, Don Kulick (2009: 501) aponta com exatidão o fato de que os animais domésticos “são em geral agentes frequentemente mais corrosivos da fronteira entre as espécies”. Fazendo o diálogo entre o que dizem Ingold e Don Kulick, percebe-se que são os animais domésticos, mais próximos da convivência humana, os grandes responsáveis pela demonstração de inteligências, habilidades, e intencionalidades verificadas na construção de relações íntimas interespecies. Assim, a diferença não se configura como algo de caráter essencial, isto é, algo que está essencialmente ligado a habilidades exclusivas dos humanos. A diferença entre animais humanos e não-humanos se dá pela gradação com que certas faculdades são manifestadas, mobilizadas, articuladas.

### **Redes, malhas, aranhas e formigas: abordagens norteadoras**

Porém, os debates sobre as relações entre humanos e não-humanos em Antropologia são calorosos, trazendo desafios para as escolhas teóricas que fazemos no processo de seleção dos autores e debates que nos auxiliam a compreender o campo. Falo, neste caso, do conflito epistemológico entre Bruno Latour (2012) e Tim Ingold (2015a), que são dois teóricos fundamentais para a compreensão do debate atual acerca das transformações ontológicas que permeiam o entendimento do meu

campo. Conceitos como “rede”, “malha”, “controvérsia”, “antropologia da vida ou ecológica”, “objetos”, “coisas”, “ambientes” assim como metáforas animais representadas por “formigas” e “aranhas”, marcam as diferenças entre estes dois autores.

Latour (2012) nos instiga a rastrear redes com base nos deslocamentos dos sujeitos, objetos e discursos que constituem uma cadeia de ligações invisíveis, mas relatáveis e analisáveis pelas Ciências Sociais, motivadas por controvérsias e disputas no campo das associações estabelecidas por quem integra essas redes. Para Latour, o campo social nunca está dado, não é algo que se conheça *a priori*, não está cristalizado, não é visível, não é palpável, não funciona como um substantivo que desempenha uma função sintática de ser um objeto que nomina algo existente. O social é, para Latour, uma associação que denota movimento, intenção, dinâmica, deslocamentos, disputas, agitações em torno de controvérsias e debates que se desenrolam no espaço público. É um devir que vai se construindo e, simultaneamente, desaparecendo através dos deslocamentos dos atores. O social é efêmero, como um rastro, e funciona como um verbo cuja função sintática é marcar a ação e os seus direcionamentos. Para Latour, as controvérsias são responsáveis por impelir a construção das redes, pois ativam o movimento dos atores, entendidos aqui como tudo aquilo que é capaz de agir, motivar ação, alterar o *status* de algo: pessoas, animais, objetos, plantas, recursos naturais etc.

Um dos conceitos fundamentais para que entendamos sua proposta teórico-metodológica é a noção de rede. Para o autor, o conceito de rede diz respeito às maneiras através das quais os atores estabelecem associações. Isto é, a rede não pode ser entendida nem como uma rede material, que remete a um serviço prestado ou trabalho técnico concreto (telefones, internet, circuito elétrico, saneamento básico, estações de metrô), nem como uma rede que revela vínculos organizacionais e/ou empresariais (cadeias de hotéis, organizações internacionais, circuitos culturais, entidades diversas etc). Embora o termo “rede” carregue toda uma semântica que inclui estes significados, a proposta conceitual de Latour é a de que a “rede” é o resultado de uma descrição e uma análise de percursos percebidos pelas vias de um rastreamento de associações. Latour considera que

a rede não designa um objeto exterior com a forma aproximada de pontos interconectados, como um telefone, uma rodovia ou uma ‘rede’ de esgoto. Ela nada mais é que um indicador da qualidade de um texto sobre os tópicos

à mão. Restringe sua objetividade, isto é, a capacidade de cada ator para induzir outros atores a fazer coisas inesperadas. O bom texto tece redes de atores quando permite ao escritor estabelecer uma série de relações definidas como outras tantas translações (LATOURE, 2012, p. 189).

Do outro lado deste debate, encontramos Tim Ingold (2012a; 2015a), cuja oposição epistemológica a Bruno Latour é notória e se dá através de metáforas que condensam os significados atribuídos à sua concepção de uma antropologia da vida ou, em outros termos, uma ecologia da vida. As metáforas usadas por Ingold são “malha” (que se opõe à noção de “rede” proposta por Latour) e “aranha”, animal usado como contraponto à “formiga”, que, em inglês, se chama “*ant*” e foi mobilizada por Latour como sigla (ANT) para denominar sua *Actor-Network Theory*, traduzida no Brasil como Teoria do Ator-Rede.

Para compreender esta questão, reproduzo a seguir um excerto longo, mas muito necessário e elucidativo, que destaca a concepção de malha, proposta por Ingold, autor que nos diz o seguinte:

para o peregrino, no entanto, o mundo não é apresentado como uma superfície a ser atravessada. Em seus movimentos, ele costura o seu caminho *por* este mundo, ao invés de *atravessá-lo* de um ponto a outro. Claro que o peregrino é um terrestre, e forçosamente deve viajar sobre a terra. As superfícies da terra, no entanto, estão *no* e não são *do* mundo, tecidas a partir das linhas de crescimento e movimento de habitantes [...] O que formam, como já vimos, não é uma rede de conexões ponto a ponto, mas uma malha emaranhada de fios entrelaçados e completamente atados. Cada fio é um modo de vida e cada nó um lugar. Na verdade, a malha é algo semelhante a uma rede em seu sentido original de um tecido de fios entrelaçados ou atados. Mas, através de sua extensão metafórica aos reinos do transporte e comunicação modernos, e especialmente da tecnologia da informação, o significado da “rede” mudou. Estamos agora mais inclinados a pensar nela como um complexo de pontos interconectados do que de linhas entrelaçadas. Por essa razão achei necessário distinguir entre a *rede* de transporte e a *malha* de peregrinação. A chave para esta distinção é o reconhecimento de que as linhas da malha não são conectoras. Elas são os caminhos *ao longo* dos quais a vida é vivida. E é na ligação de linhas, não na conexão de pontos, que a malha é constituída (INGOLD, 2015a: 223-224)

Uma das bases ontológicas na qual Ingold (2012a; 2015a) finca sua argumentação reside na diferença conceitual que consegue identificar entre as ideias de “objeto” e “coisa”, “lugar” e “caminho”. Dialogando diretamente com Heidegger, Ingold afirma que

o objeto coloca-se diante de nós como um fato consumado, oferecendo para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas. Ele é definido por sua própria contrastividade com relação à situação na qual ele se encontra

[...] a coisa tem o caráter não de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós. Numa palavra, as coisas *vazam*, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas (INGOLD, 2012a: 29).

A diferença entre “objeto” e “coisa” é o ponto crucial para colocar a oposição, vista sob a ótica de Ingold, entre “malha” e “rede”. Assim, Ingold entende que a rede proposta por Latour se refere à conexão de pontos, que existem como domínios fechados, e se interligam através da constituição de ligações entre pessoas, objetos, instituições, animais e seres diversos que são tratados como entes circunscritos em si mesmos. Por sua vez, a noção de coisa destaca os vazamentos que a perpassam, demonstrando as conexões porosas entre as coisas e o ambiente. Essa característica evidencia os fluxos que fazem as coisas serem pensadas como nós, elaborados por longos fios soltos que podem se ligar a outros fios e nós. Desta maneira, uma rede é constituída por objetos e uma malha seria integrada por coisas.

Para nos ajudar a entender, Tim Ingold conta a história de uma formiga e uma aranha, "sendo ambas filosoficamente inclinadas" (INGOLD, 2015a, p. 144), conversando no chão da floresta. A formiga entende o mundo como uma rede, na qual todos os seres atuantes e objetos estão relacionados igualmente. A aranha lhe dirige uma crítica, argumentando que é um equívoco alegar que todos os objetos e formigas atuantes são entidades iguais, e que ‘agência’ é uma força autônoma. Em vez disso, Ingold argumenta, usando a voz da aranha, que

a essência da ação não reside na premeditação (como nosso filósofo humano diria), mas no estreito acoplamento do movimento corporal e da percepção. Mas isso é também dizer que toda ação é, em graus variados *habilidosa*. O praticante habilidoso é aquele que pode continuamente sintonizar seus movimentos com as perturbações no ambiente percebido sem nunca interromper o fluxo da ação. Mas essa habilidade não vem pronta. Ao contrário, ela se *desenvolve*, como parte integrante do próprio crescimento e desenvolvimento do organismo em um ambiente. Uma vez que a agência exige habilidade, e uma vez que a habilidade surge através do desenvolvimento, segue-se que o processo de desenvolvimento é uma *condição sine qua non* para o exercício da agência. Atribuir agência a objetos que não crescem ou se desenvolvem, que conseqüentemente não incorporam nenhuma habilidade, e cujo movimento não está, portanto, acoplado a sua percepção, é ridículo (INGOLD, 2015a: 151-152)

A aranha afirma que a teia não é uma entidade, como a teoria ator-rede representaria, mas uma condição para o surgimento da agência. “O mundo, para mim,

[a aranha], não é um conjunto de pedaços, mas um emaranhado de fios e caminhos.” (INGOLD, 2015a: 148). A aranha argumenta que a ação não resulta de uma agência que é disseminada pela rede, mas é resultado de um conjunto de habilidades que acionamos para responder ao ambiente e que funcionam como forças conduzidas ao longo da malha. Assim, podemos desenvolver e praticar as habilidades para responder ao ambiente em que habitamos de tal forma que a agência possa emergir.

A mensagem mais latente na obra “Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição” é que estar vivo é estar na vida. Assim, a vida não é uma pitada de pó mágico sobre o material inanimado; a vida não está nas coisas, ao contrário, as coisas estão na vida (INGOLD, 2012a). Esta noção de “estar na vida” e a compreensão que é trazida por isso, coloca em suspensão aquele entendimento dicotômico que divide o mundo em categorias (mente/matéria; humanos/natureza). Ingold apresenta uma compreensão de que os humanos estão integrados ao ambiente e não são separáveis de tudo que os rodeia. No entanto, para evitar uma perspectiva centrada no ser humano, ele pede para considerarmos o trabalho do agricultor no estabelecimento de condições favoráveis para as colheitas. Provoca-nos a considerar que, do ponto de vista da cultura, o agricultor é um ser ambiental manipulado para permitir a propagação da cultura. O autor argumenta que “seres vivos de todos os tipos, naquilo que fazem, constituem as condições de existência uns dos outros, tanto para si próprios quanto para as gerações subsequentes” (ibid., p. 32).

Depois de refletir a partir de Ingold, retorno a Latour. Em primeiro lugar, como já citado nas páginas anteriores, este autor não define rede como um objeto material exterior que teria uma forma concreta, cuja materialidade adquiriria o formato de pontos conectados (LATOURE, 2012: 189). Porém, o autor reconhece que as palavras são insuficientes para designar certas ideias, assim, admite que “qualquer que seja a palavra, precisamos de alguma para designar os fluxos de translações [...] não existe palavra boa, apenas uso sensível” (LATOURE, 2012: 193). Ainda que reconheça a “traição” a que se está suscetível ao traduzir ideias usando certas palavras limitadoras, Latour defende que a palavra “rede”, usada inicialmente como uma metáfora material (que depois se transformará em conceito), mantém certos aspectos que são úteis para compreendê-la quando, posteriormente, for transmutada em ideia epistemológica:

- a) uma conexão ponto por ponto se estabelece, fisicamente rastreável e, portanto, pronta para ser registrada empiricamente;
- b) essa conexão deixa *vazia* boa parte daquilo que *não* está conectado, como todo pescador sabe ao lançar sua rede ao mar; essa conexão não é gratuita, exige esforço, como todo pescador sabe ao repará-la no convés (LATOUR, 2012: 193-194)

Porém, como aponta Latour, a definição acima se alimenta, primordialmente, da rede entendida como artefato material, o objeto em si, acrescida das reflexões que o autor é capaz de extrair dela para formular uma abstração conceitual que fundamenta a sua Teoria do Ator-Rede. Assim, Latour completa:

uma rede não é feita de fios de *nylon*, palavras ou substâncias duráveis; ela é o traço deixado por um agente em movimento. Você poderá estender para secar suas redes de pesca, mas não um ator-rede: ele tem de ser traçado de novo pela passagem de outro veículo, outra entidade circulante (LATOUR, 2012: 194)

Assim, rede não é objeto visível, demonstrável, palpável. Rede é percurso, é uma série de movimentações que são apenas descritas e analisadas porque deixam traços, rastros que se apagam e que só existem pela descrição socioantropológica interessada em entender este “social” que não existe, mas se faz e desfaz o tempo inteiro. Para Latour, devemos atentar para a dinâmica das ações, posto que “a ação não ocorre sob o pleno controle da consciência; a ação deve ser encarada, antes, como um nó, uma ligadura, um conglomerado de muitos e surpreendentes conjuntos de funções que só podem ser desemaranhados aos poucos” (LATOUR, 2012: 72). Assim, a Teoria do Ator-Rede (ou ANT) se configura como uma proposta metodológica que nos leva a reagregar o social através da recomposição analítica das associações feitas por seus atores. Nas palavras de Latour:

em lugar de assumir uma postura sensata e impor de antemão um pouco de ordem, a ANT se considera mais capaz de vislumbrar ordem *depois* de deixar os atores desdobrarem o leque inteiro de controvérsias nas quais se meteram. É como se disséssemos aos atores: “Não vamos tentar disciplinar vocês, enquadrá-los em nossas categorias; deixaremos que se atenham a seus próprios mundos e só então pediremos sua explicação sobre o modo como os estabeleceram”. A tarefa de definir e ordenar o social deve ser deixada aos próprios atores, não ao analista. É por isso que para recuperar certo senso de ordem a melhor solução é **rastrear conexões** *entre* as próprias controvérsias e não tentar decidir como resolvê-las. A busca de ordem, rigor e padrão não é de modo algum abandonada, apenas reposicionada um passo à frente sob a forma de abstração, para que os atores possam desdobrar seus próprios e diversos cosmos, *pouco* importa quão irracionais pareçam (LATOUR, 2012: 44, grifo meu)

Latour usa as redes como recurso metodológico para rastrear as controvérsias que alimentam aquilo que o analista vai reconstruir como “o social”. Para o autor, “as controvérsias não são um mero aborrecimento a evitar, e sim aquilo que permite ao social estabelecer-se e às várias ciências sociais contribuírem para sua construção” (LATOURE, 2012: 46). Como se não bastasse, Latour (2012: 28) se define como um ser “farejador e gregário”. Então, o próprio vocabulário do autor, ao mobilizar os verbos rastrear e farejar, aponta para um direcionamento importante à minha pesquisa, que evidencio aqui no formato de uma pergunta: que melhor enquadramento teórico-metodológico um antropólogo, que trabalha com as controvérsias suscitadas pelos ritos funerários destinados a cachorros e outros *pets*, poderia usar senão uma proposta de um autor que nos instiga a farejar e rastrear associações?

Embora Ingold seja importantíssimo para inspirar a escrita etnográfica, abrindo nossa percepção acerca da articulação dos sentidos e a integração das coisas ao ambiente, Latour é muito preciso ao mapear controvérsias, olhando para o desenvolvimento de associações dinâmicas entre atores, enxergando disputas que, no seu traçado, vão iluminando uma rede. Dessa maneira, pretendo caminhar com Latour, farejando controvérsias que circulam no senso comum e que estão diretamente associadas com o tema que pesquiso. Darei alguns exemplos de discursos cotidianos, amplamente difundidos, que insistem na primazia do humano sobre o não-humano: “ao invés de adotar um cachorro, poderia adotar uma criança”; “tanta gente passando fome e os cachorros são melhores tratados do que as pessoas”; “cachorro não é gente, não tem que ser membro da família”; “por que sofrer tanto, foi só um cachorro que morreu”; “compra ou adota outro cão, você logo vai esquecer o anterior”. Por outro lado, há outro conjunto de discursos rotineiros que postulam equivalências entre humanos e cães. Exemplo: “ele é meu filho de quatro patas”; “dorme na cama comigo”; “minha filha queria um irmãozinho e eu adotei um cachorro”; “todo ano faço aniversário do meu *pet*”; “meu cachorro só dorme no ar condicionado”; “ele não bebe a água se estiver quente”<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> É interessante observar que em outras culturas como, por exemplo, na sociedade Kaingang (Brasil), os indígenas utilizam a nomenclatura “filho” para referirem-se a certos animais, conforme aponta a pesquisa de Rogério Rosa e Robert Crépeau (2020). Obviamente, o uso desta categoria de parentesco se dá por motivos completamente diferentes daqueles percebidos nas sociedades capitalistas ocidentais. Rosa e Crépeau (2020) apontam que, para os Kaingang, os animais são capazes de moldar práicas culturais e espirituais, tendo em vista que são percebidos como fontes de conhecimento e poder. A cosmologia Kaingang indica que os animais foram os primeiros organizadores do *kikikoi*, um

No fundo, esses discursos opostos parecem alimentar uma controvérsia: o quão importante é uma vida *pet*? Ao tentar responder a esta pergunta, farejando os caminhos que me lançam num deslocamento constante, vislumbro entrar em contato com uma rede constantemente desenhada pelos trânsitos de humanos e *pets* por clínicas veterinárias, *pet shops*, laboratórios, parques ao ar livre, estabelecimentos *pet friendly*, redes sociais, companhias aéreas, alfândegas, cemitérios, crematórios e outros domínios por onde passam as pessoas e seus animais de estimação. O que parece estar em jogo aqui é que, ao tentar dimensionar a importância de uma vida *pet*, pode-se chegar a uma mensuração mais exata sobre o grau de relevância de sua morte. É este o ponto que me interessa e, por isso, pretendo me alimentar de questões éticas, morais e até espirituais que me levem a estabilizar a controvérsia mais importante desta pesquisa: os animais são dignos de ritos funerários e de luto?

No próximo capítulo, trarei um relato autoetnográfico acerca do acionamento de serviços funerários para *pets* no Rio Grande do Sul, motivado pelo falecimento de *Nemo* em Pelotas. Acrescentarei colaborações de interlocutores de pesquisa entrevistados para obtenção de relatos sobre o uso ou não de serviços funerários no Estado. Pretendo abordar questões que se referem aos estudos sobre cemitérios destinados a humanos e não humanos. E, dessa forma, tenho a intenção de trazer dados etnográficos acerca do trabalho de campo que realizei em um cemitério de animais em Nova Petrópolis (RS), num Crematório de Animais em São Leopoldo (RS) e no recém fundado memorial e crematório de animais em Pelotas (RS). O que fazer quando um cachorro ou outro *pet* morre? Pretendo refletir sobre isso no próximo capítulo.

---

importante ritual funerário que expressa plenamente a cultura desta etnia. Sendo assim, os animais são tidos como aqueles que primeiro dominaram os conhecimentos técnicos e rituais, ensinando aos Kaingang cantos, danças e as maneiras de tocar instrumentos musicais que são utilizados nos rituais. Os autores analisam ainda o xamanismo Kaingang, que é pautado na relação entre os *kujá* (xamãs) e *jagrê* (animais que são entidades-auxiliares ou entidades-mestre). Os *jagrê* transmitem habilidades aos *kujá*, que são adquiridas através de rituais iniciáticos. Rosa e Crépeau (2020) analisam que o termo *jagrê* poderia ser traduzido como “meu companheiro” ou “meu filho” no intuito de demonstrar uma interdependência entre *kujá* e *jagrê* na qual o segundo, por ser uma entidade auxiliar, é tido como “filho” do primeiro. Para os Kaingang, o *jagrê* é visto como um filho no sentido de que é uma extensão do *kujá*. Embora o *jagrê* seja uma entidade-mestre, o *kujá* também precisa orientá-lo e dedicar-lhes cuidados. Daí decorre essa ideia de “filiação”. Para Rosa e Crépeau (2020) consideram que o *jagrê* é mais que um auxiliar funcional, pois consiste num ser responsável pelas competências espirituais e sociais dos xamãs. É neste aspecto que o *jagrê* é percebido como um “filho espiritual” porque a capacidade de atuação do *kujá* em sua comunidade está diretamente vinculada à sua relação com o *jagrê*.

**Capítulo II – Quando morrem os *pets*: animais humanos e não humanos diante  
do fim**

## Para falar de morte

Imagine a seguinte situação: uma pessoa gravemente enferma está internada em um hospital e, infelizmente, morre em decorrência do agravamento de seu estado de saúde. Imediatamente após o óbito, todos os dados referentes ao tratamento daquela pessoa, assim como as informações referentes a consultas, medicações e procedimentos anteriores realizados ao longo de sua vida, são excluídos do sistema de gerenciamento de dados do hospital ou, no mínimo, ficam indisponíveis aos familiares do falecido. Procuram-se os médicos plantonistas, que foram responsáveis pelo último atendimento ao paciente, e não são encontrados, pois somente estariam de volta ao hospital alguns dias depois, quando entrariam em novo plantão. Como obter um atestado de óbito sem as informações necessárias? Com quem falar a respeito da morte? O que fazer com o corpo do falecido?

Talvez a situação descrita acima seja considerada inadmissível e revoltante quando pensamos em mortes de humanos. Por maior que seja a frieza possível de se encontrar entre alguns profissionais de saúde, acostumados a lidar cotidianamente com a morte a ponto de considerá-la um aspecto comum do ciclo biológico natural, há toda uma legislação que trata detalhadamente do encaminhamento civil e, se for o caso, penal que se deve tomar, do ponto de vista jurídico, após a ciência da morte de um humano. Porém, e quando morrem os *pets*? A situação acima descrita ocorreu com *Nemo* e será detalhada adiante com o intuito de introduzir o conteúdo deste capítulo, que trata mais especificamente da morte dos *pets*.

Buscarei centrar minhas reflexões a partir de alguns eixos que integram o trabalho de campo destinado à composição deste capítulo: 1) um relato autoetnográfico detalhado acerca do falecimento de *Nemo*, que me possibilitou conhecer o tratamento dado por uma clínica veterinária de Pelotas aos *pets* falecidos, assim como acionar serviços funerários destinados a *pets* no Rio Grande do Sul; 2) trabalho de campo que venho realizando num Memorial e Crematório Pet São Francisco, recém criado em Pelotas; 3) incursão etnográfica que realizei no primeiro cemitério para animais do Rio Grande do Sul, localizado em Nova Petrópolis, mas vinculado a uma clínica veterinária situada em Gramado; 4) discussão sobre a bibliografia acerca de luto e morte nas ciências humanas. Ao final do capítulo, pretendo chegar a uma reflexão sobre morte, espaços cemiteriais e serviços funerários destinados aos animais estimação. O que tudo isso nos permite pensar?

No intuito de entender este percurso, gostaria de começar com um relato autoetnográfico sobre os últimos momentos de vida de *Nemo*, meu cachorro, já mencionado em capítulo anterior. Gostaria de pontuar algumas questões que me conduziram a esta escolha e que a justificam. Primeiro, nunca imaginei, e jamais planejaria, que a morte de meu próprio cachorro fizesse parte de meu trabalho de campo. Como dito antes, o interesse por esta temática se deve, por um lado, à minha trajetória pregressa como pesquisador do campo da Antropologia da Morte e, por outro lado, à minha curiosidade intelectual acerca dos debates sobre animais na Antropologia. Jamais contaria com a possibilidade da morte de *Nemo*. E, se fosse por minha vontade, ele estaria vivo, ao meu lado. Segundo, relatar a morte nunca é algo prazeroso e raramente se tem garantia de que receberemos um relato detalhado quando indagamos a alguém acerca da morte de outrem. O tabu de falar sobre a morte pode ocasionar uma tendência à abreviação das histórias de falecimento.

Terceiro, é muito difícil acompanhar o exato momento em que um *pet* morre, possibilitando extrair o máximo de informações possíveis acerca do acontecimento. Caso eu procure interlocutores, avisando sobre meu tema, em clínicas veterinárias onde seus *pets* estejam internados com enfermidades graves, poderei ser visto como alguém que antecipa a morte dos animais em questão. E, se eu abordar as pessoas durante os procedimentos funerários destinados aos *pets*, serei inconveniente e indelicado. O que resta é conseguir relatos em terceira mão por funcionários de clínicas veterinárias ou funerárias *pet*. Ou, no máximo, acessar lembranças seletivas de tutores que queiram compartilhar comigo a experiência de morte *pet* vivenciada por eles.

Mas há também um quarto motivo para este relato detalhado: a pesquisa acabou se tornando importante para documentar a memória de *Nemo*, registrando o seu último dia de vida em detalhes e, a partir dele, refletindo sobre questões relativas ao tratamento dado, em certos tipos de estabelecimentos veterinários, aos *pets* falecidos. A experiência do falecimento de *Nemo* me auxilia a elaborar, de perto e de dentro, críticas importantes ao despreparo de parte significativa da rede de serviços *pet* para lidar com o incômodo tema da morte. Sem *Nemo*, a elaboração desta crítica não seria possível de ser realizada com tanta propriedade de causa.

## **O último dia**

*Nemo* possuía 15 anos, 11 meses e 10 dias de idade, um cão idoso que conseguiu atravessar uma década e meia de vida. Sua companhia o fez testemunhar várias fases de minha vida, muitas mudanças e a minha própria formação em Antropologia no mestrado, seguida, alguns anos depois, do meu ingresso no doutorado. Embora eu consiga perceber inúmeras mudanças em minha vida ao longo desses quase 16 anos, a vida de *Nemo* parecia mudar pouco, como se ele tivesse entrado num longo período de estabilidade. Sua vida parecia previsível porque nunca tivera grandes problemas de saúde, era um cachorro pacato, afeito aos confortos domésticos, dorminhoco, glutão, dócil e muito fácil de lidar. Fazia caminhadas esporádicas, viajava conosco nas férias, tomava banho em *pet shops* e somente ia ao veterinário para verificar que seu estado de saúde, em geral, permanecia bom apesar de ter tido alguns problemas que foram contornados.

*Nemo* parecia jovem. Não raro as pessoas que o encontravam nos consultórios veterinários, praças, *pet shops* e viagens perguntavam se era filhote ou tinha pouca idade. A característica de seu pelo ser uma mistura de caramelo e branco favorecia que as pessoas não percebessem, à primeira vista, que *Nemo* já possuía pelos esbranquiçados em seu rosto e suas vibrissas, que antes eram pretas, também ficaram brancas. Aliás, *Nemo* possuía pelos brancos no rosto desde a infância, dificultando, mesmo para quem o conhecia desde sempre, identificar algum “avanço” aparente de sua velhice. Num primeiro olhar, *Nemo* parecia bem jovem e isso não se deve apenas às características aparentes de sua pelagem, mas ao seu comportamento. Apesar da idade, *Nemo* andava apressado, corria, tinha um olhar ativo, era extremamente curioso e comunicativo, fazia coisas consideradas engraçadas, gostava de interagir com todos e demonstrava agressividade quando outro cachorro se aproximava de algum familiar. Ou seja, seus gestos e movimentos não eram lentos, seu comportamento não era desinteressado ao que ocorria à sua volta, sua disposição para dormir era comum de um cachorro doméstico e não aparentava estar além dos limites que denunciariam que já era um cão idoso.

Pelo contrário, após sua chegada a Pelotas, *Nemo* parece ter acentuado sua vida social, pois passeava mais e circulava por lugares diferentes com mais frequência, como quando nos sentimos ainda turistas numa cidade na qual recém estabelecemos moradia. Porém, apesar da juventude quase inquestionável, um sinal de velhice havia em seus olhos: *Nemo* estava com início de catarata, que nem sempre era evidente dependendo do ângulo em que olhássemos para ele. Com o tempo,

apesar de não ter perdido a visão, fomos percebendo que *Nemo* estava usando mais intensivamente o olfato quando, por exemplo, tinha necessidade de cheirar as pernas dos familiares para atestar sua presença em algum ambiente. Embora não estivesse cego e pudesse entender todos os gestos que fazíamos para nos comunicar com ele, *Nemo* parecia desconfiar de sua visão. E, para se certificar de estar na presença de algum integrante da família, quase sempre os familiares eram surpreendidos com *Nemo* cheirando suas panturrilhas durante alguma atividade doméstica como lavar louças na cozinha. Esse comportamento não era frequente em sua juventude.

Outro sinal havia em seus ouvidos: *Nemo* parecia ter perdido boa parte da audição. Desde a infância sempre escolhia os comandos que queria escutar. Quando o chamávamos para comer ou fazer algo divertido, *Nemo* atendia feliz. Quando fazíamos alguma advertência a algum comportamento inadequado, *Nemo* virava o rosto, olhava de soslaio, fingia não estar ouvindo e se escondia embaixo de algum móvel da casa. Mas, dessa vez, não se tratava de audição seletiva, um fenômeno divertido para todos os familiares, era o início de uma surdez. Embora não estivesse surdo, a família decidiu, então, começar a enfatizar uma comunicação com *Nemo* por gestos, evitando emissão de sons ou palavras. Passamos a viver numa casa um pouco mais silenciosa, ainda assim, sabendo de sua dificuldade de escuta, procurávamos manter algumas poucas comunicações verbais diárias com ele, dirigindo-lhe elogios ou gracejos. Serviam mais para conforto dos familiares do que propriamente para dizer algo a ele. Quando queríamos falar algo realmente importante a ele, como algum comando para comer, beber água, deitar em seu travesseiro para ficar mais confortável, usávamos os gestos. *Nemo* entendia e atendia prontamente.

Embora os sinais de sua idade avançada fossem evidentes, ainda o considerava apto a viver alguns anos mais. Não pensava em sua morte, nem imaginava que ela seria objeto de reflexão como parte do meu trabalho de campo. Mas a percepção que tínhamos de *Nemo* mudou radicalmente na transição entre os anos pandêmicos de 2020 e 2021. Percebi que *Nemo* estava nitidamente mais quieto, dormindo mais, interagindo menos. Ingenuamente, toda a família considerou que a velhice de *Nemo* havia chegado recentemente, pois seus sinais só nos pareceram nítidos após quase 16 anos de vida. A excelente saúde de *Nemo* nos impediu de notar que sua velhice já havia chegado há muito tempo. Sua predisposição à solidão se aprofundou, assim como se agravou seu desequilíbrio para andar pela casa. *Nemo*

passou a escorregar e a cair enquanto andava pelos cômodos. Inicialmente, pensávamos que precisava apenas cortar suas unhas para evitar escorregões e estabilizar-se no piso da casa.

Em dezembro de 2020, o Brasil havia registrado 194.976 mortes<sup>31</sup> por coronavírus, resultantes, em grande parte, pela ineficiência das políticas públicas federais de enfrentamento à pandemia, acrescidas de correntes de pensamento negacionistas, que ganharam força na internet e aplicativos de mensagens, ao negarem a gravidade da covid-19, incentivarem o não uso de máscaras e promoverem supostos tratamentos ineficazes ao enfrentamento da doença. Ainda não havia vacina contra o coronavírus disponível no Brasil, sendo a primeira vacinação datada de 17 de janeiro de 2021. O calendário de vacinação impunha, com toda a razão, grupos prioritários para o acesso à vacina, o que gerava espera para tomar a primeira dose do antídoto. A severidade da pandemia de coronavírus nos impedia de levar *Nemo* ao pet shop e decidimos cortar suas unhas em casa, hábito que não tínhamos.

Durante a pandemia chegamos a cortar as unhas de *Nemo* algumas poucas vezes. Diante de sua fragilidade aparente, estudamos muito como cortar suas unhas, pedimos orientações, inclusive, a profissionais especializados nesse tipo de serviço estético, que já haviam cortado as unhas do *pet* anteriormente. *Nemo* possuía as unhas brancas, quase transparentes, o que facilitava identificar os limites de até onde se poderia cortá-las. No último corte de unhas antes de seu falecimento, conseguiu-se cortar as unhas das patas dianteiras sem grandes problemas, apesar de *Nemo* parecer irritado. Porém, ao iniciar o corte das unhas das patas traseiras, *Nemo* reagiu com uma agressividade jamais vista, parecia ter sentido dor, embora o corte de suas unhas não tivesse ocasionado nenhum rompimento de algum vaso sanguíneo. Encerrou-se o corte imediatamente.

A alternativa encontrada foi comprar-lhe meias e calçar-lhe as patas no intuito de evitar escorregões pela casa. Não adiantava, pois *Nemo* retirava as meias assim que possível, passando pouco tempo com elas. Aos poucos, foi reagindo também agressivamente quando se tentava colocar as meias, chegando a morder severamente um familiar que tentou calçar suas patas. Percebi que a situação de

---

31 <https://g1.globo.com/google/amp/bemestar/coronavirus/noticia/2020/12/31/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-31-de-dezembro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>

*Nemo* se agravava velozmente à medida que aumentava o seu esforço físico para se levantar do chão e andar. Estava sem forças para sua locomoção básica e sem equilíbrio para manter-se adequadamente de pé. *Nemo* estava diferente, parecia ter perdido o “sorriso” que tinha em seu rosto, optava por isolar-se. Agora somente gostava das coisas calmas, não tolerava nenhum tipo de perturbação ao seu isolamento. Em seus últimos dias de vida, sua atividade favorita era, logo pela manhã, ir ao pátio da casa, sentar-se de frente para o sol, levantar seu focinho para cima e respirar profundamente o ar da manhã como se estivesse sorvendo a mais agradável das fragrâncias. Ficava muitos minutos assim.

Num sábado à noite, dia 20.02.2021, em pleno verão gaúcho, assistíamos televisão na sala de casa. *Nemo*, como sempre, estava deitado no seu canto predileto: sobre seu travesseiro, que ficava no chão, entre o sofá e um dos cantos da sala. Terminamos de ver TV e fomos dormir, como em todas as noites, na sala com *Nemo* para fazer-lhe companhia. Desde sua infância, *Nemo* nunca dormira longe de algum familiar, pois sempre teve espaço reservado nos quartos onde a família humana dormia. Percebendo sua velhice, suas dificuldades de locomoção e equilíbrio corporal, passei a evitar levá-lo para outros cômodos da casa onde ele ficasse mais distante de sua água, comida e de seu tapete higiênico, conservando-o, sempre que possível, onde queria e poderia estar.

Todos dormiram e, no dia seguinte, por volta das 06:30h da manhã, acordei e fiquei olhando para *Nemo* sem que ele percebesse, pois queria verificar se estava bem, mas não desejava incomodá-lo. *Nemo* estava com um olhar aéreo, movendo a cabeça de um lado para o outro, sua boca estava aberta e o olhar voltado para cima como se estivesse procurando por algo invisível. Eu o observei ficar assim por longos minutos, buscava entender o que se passava a partir da leitura confusa que conseguia fazer de seu semblante completamente diferente do habitual. *Nemo* parecia olhar para o nada, seu corpo deitado estava imóvel, mexia apenas sua cabeça, a boca permanecia aberta como quando nós, humanos, expressamos espanto com alguma notícia.

Um pouco mais tarde, quando todos em casa sentam-se à mesa para o café da manhã, outro sinal ficou evidente: *Nemo* não veio para perto da mesa. Em todos os anos de sua vida, isso nunca ocorrera, porém, nos últimos dias de sua existência, comecei a perceber a diminuição de seu interesse em estar perto da mesa na hora das refeições. No café da manhã, *Nemo* adorava ficar próximo dos familiares com o

intuito de ganhar algum petisco canino, que sempre deixávamos à mesa, ou comer algo que, casualmente, caísse no chão. Neste domingo, *Nemo* não veio para a mesa, permaneceu em seu canto. Logo após o café, fui conferir como *Nemo* estava e me surpreendi com seu aspecto: o rosto estava franzido, olhos quase fechados, corpo sem forças para fazer qualquer movimento. Sua expressão aparentava dor. Fiquei preocupado.

Logo depois, *Nemo* conseguiu reunir forças físicas para se levantar, caminhou com muita dificuldade até o seu tapete higiênico e foi defecar. Parte de suas fezes estavam em consistência líquida, sujando o tapete higiênico, o chão da casa e a parte traseira de seu corpo. Fizemos a limpeza necessária no tapete e na casa. Além de limpar a sua região anal, também aparamos um pouco dos pelos desta parte do corpo a fim de evitar novos episódios em que ele se sujasse. Apesar do desconforto, *Nemo* suportou que seu corpo fosse manuseado. Em família, ingenuamente avaliamos que ele, de fato, estava idoso, mas que aquilo por que estava passando naquela manhã era apenas resultado de uma dor de barriga, como tantas que teve em sua longa vida canina. Pensou-se até que sua dor de barriga poderia ter sido motivada pela transição alimentar que fizemos para uma alimentação natural, com um cardápio recomendado pelo veterinário.

Foi então que nos planejamos para ir à farmácia comprar as medicações habituais que os veterinários sempre passavam para regular sua flora intestinal. Na verdade, por já ter notado que *Nemo* estava comendo menos e suas fezes estavam com consistência pastosa, chegou-se a falar em comprar os remédios na noite anterior. Entretanto, diante de uma falsa melhora de *Nemo* em sua última evacuação noturna, considerou-se que a consistência inadequada de suas fezes não representava algo grave, podendo seus remédios serem comprados no dia seguinte. Contudo, naquela manhã de domingo, percebendo sua fragilidade manifestada por um semblante atormentado com algo muito desagradável, decidimos que os remédios deveriam ser administrados imediatamente e saímos em direção à farmácia.

Compramos tudo o que era necessário e colocamos os remédios em sua comida para que fossem ingeridos sem que ele percebesse. *Nemo* não tinha ânimo nem para fazer aquilo de que mais gostava: comer. Comeu a metade sua amada comida. E isso não se deveu ao fato de estar misturada com remédios, pois em outras tantas vezes nunca recusara uma refeição, especialmente se ela fosse com alimentação natural. Dei a comida em sua boca, seu corpo estava muito fraco,

lânguido, flácido, somente sua cabeça parecia reagir. Com muita dificuldade para levantar-se, colocamos a focinheira em seu rosto para poder calçar-lhe as meias e, assim, reduzir possíveis deslizamentos pela casa. Ainda que sua fraqueza fosse evidente, poderia morder ferozmente alguém que tentasse manipular seu corpo, pois suas reações de força e fraqueza pareciam, para toda a família, irreconhecíveis.

A gravidade dos fatos era inegável. *Nemo* estava muito mal, precisava de atendimento veterinário com urgência, planejamos levá-lo à clínica. Ao ligar para o consultório, informamos os sintomas de *Nemo* numa ligação que durou cerca de 3 minutos. Então, a secretária da clínica nos avisou que não era possível atendê-lo imediatamente. Restava-nos aguardar uma eternidade até que chegassem as 17h para que fôssemos atendidos. Enquanto não chegava o horário marcado, reunimos toda a documentação de *Nemo*: exames anteriores e carteiras de vacinação. Escovamos seus pelos, fizemos uma breve assepsia em seu corpo. Fazíamos revezamento entre os familiares para que *Nemo* ficasse sempre em companhia de alguém enquanto nos preparávamos para ir até a clínica. Num dado momento, peguei *Nemo* no colo na tentativa de reanimá-lo, levando-o para o lugar da casa que mais amava: o pátio, perto da grama e das plantas. Lá havia um piso com mais aderência para que permanecesse de pé. Ao perceber a incapacidade de *Nemo* para se movimentar, chorei. A constatação da gravidade de seu estado de saúde era indiscutível. Não havia mais nenhuma possibilidade de considerar que seu quadro era decorrente de um mero mal-estar intestinal. Durante todos esses momentos, procurei falar com *Nemo* em voz calma, pois apesar de sua baixa audição, ainda era possível ouvir. Eu queria acalmá-lo e, obviamente, me tranquilizar dizendo-nos que tudo daria certo e ele ficaria bem.

Próximo do horário de ir até a clínica, fui me preparar para sair. Em algum momento em que estava na companhia de outro familiar, *Nemo* sentiu minha falta e tentou levantar-se para ir à minha procura. Contudo, sua debilidade física não o permitia levantar quando quisesse, sua mobilidade também estava comprometida para manter o equilíbrio corporal enquanto andasse. Ao perceber que *Nemo* não tinha forças para levantar-se sozinho, um familiar o auxiliou. Bravamente, reunindo as poucas forças que tinha, *Nemo* atravessou a sala de estar da casa e andou devagar em minha direção, com seu equilíbrio vacilante, parando na porta do quintal para me observar. Esse era um de seus hábitos corriqueiros: parar na porta que dava acesso ao pátio para nos ver fazer tarefas domésticas cotidianas. *Nemo* consolidou este

hábito no início da pandemia de covid-19, quando passou a ficar, com mais frequência, na porta do quintal me observando higienizar as compras trazidas do supermercado. Ao vê-lo de pé na soleira da porta, naquela posição que costumava ficar, senti-me muito feliz, pois vislumbrei sua melhora. *Nemo* então voltou andando para o seu canto perto do sofá e fui atrás dele para que percebesse que eu estaria sempre por perto.

Neste momento de dor e incerteza, *Nemo* foi acariciado por todos em casa. Passávamos a mão suavemente em seus pelos, beijávamos sua cabeça, tentávamos criar um ambiente de acolhimento e tranquilidade. Para ficar mais cheiroso e com os pelos bem penteados, *Nemo* tomou banho seco através da aplicação de um *spray* com aroma bem suave para este fim. Teve seus olhos limpos de secreções oculares que ainda não tinham sido retiradas naquele dia. Retirou-se as meias que ainda estavam em suas patas. Como de costume, quando fazíamos sua assepsia diária, deu-se a ele a sua recompensa favorita: um biscoito. *Nemo* simplesmente amava aquele biscoito e atendia a qualquer comando para ganhá-lo. Naquele dia, *Nemo* não se interessou por ele, não fez menção de comê-lo. Como quando era filhote, colocou-se o biscoito sobre sua pata dianteira, pois esta era uma brincadeira que fazíamos e com a qual *Nemo* se divertia antes de comer seu biscoito. Olhou hesitante para o petisco, cheirou devagar, sem interesse, pensou e, por fim, comeu lentamente com certa prudência.

Em algum momento percebemos que *Nemo* queria levantar-se, mas não tinha forças. Imaginando que ele poderia querer urinar ou defecar, nós o levamos no colo até o pátio. Naquele dia, o quintal estava muito ensolarado e levemente quente quando *Nemo* foi posto no chão, numa parte externa do pátio, logo após o pergolado, onde um piso de cimento antecede a grama de nosso pequeno jardim. Ali nós sabíamos que *Nemo* poderia fazer xixi com maior facilidade, pois adorava urinar na grama. Ele ficou em pé com dificuldade, sua parte traseira não estava totalmente levantada, cheirou a grama, passeou perto das plantas e urinou. Andou devagar em direção à parte interna da casa, criou forças e conseguiu subir sozinho o pequeno degrau na soleira da porta que dava acesso à sala de estar. Já dentro de casa, caminhou até o tapete higiênico e novamente urinou. Voltou para o seu canto próximo ao sofá.

Às 16:30h fomos à clínica. Fiquei no banco de trás do carro com *Nemo* em meu colo, pois ele estava fraco e eu preocupado. Seu corpo estava praticamente

desfalecido, como se estivesse desmaiado. Num determinado cruzamento, quando o carro precisou fazer uma conversão à esquerda, *Nemo* sentiu o impacto da manobra do carro e reagiu, parecendo reanimar-se, mexeu com a cabeça e passou a olhar para a rua pela janela. Acreditei que seu corpo poderia se reanimar. Chegamos na clínica por volta das 16:55h e, devido a precauções sanitárias referentes à pandemia, somente eu fui autorizado a entrar no consultório. Conteí do quadro clínico do *Nemo* e, ouvindo meu relato, a veterinária realizou vários testes físicos com ele: enfiou um clipe de metal em seu nariz; colocou-o próximo a uma mesa e balançou suas patas (dianteiras e traseiras) para testar se *Nemo* teria o reflexo de apoiá-las na mesa; testou sua visão através de gestos repentinos próximos aos seus olhos. *Nemo* não respondeu a nenhum destes procedimentos como deveria.

A veterinária diagnosticou que *Nemo* poderia ter uma inflamação na região do cerebelo, provavelmente causada por um tumor. Tudo indicava que *Nemo* poderia ser portador de um câncer no cérebro que era, até então, desconhecido para nós e para o qual não havia tratamento quimioterápico eficaz. De acordo com a veterinária, as quimioterapias disponíveis até o momento não conseguiam atingir aquela região do cérebro, sendo inúteis para tratar da doença da qual *Nemo* provavelmente padecia. Os tratamentos disponíveis eram apenas paliativos, mas, de saída, estávamos conscientes de que não poderiam proporcionar a cura definitiva. Pelo fato de *Nemo* estar muito debilitado, sem vontade para comer, além dos sintomas causados pelo tumor em seu equilíbrio corporal, decidiu-se pela sua internação imediata. *Nemo* passaria a noite internado na clínica para alimentar-se e receber atenção médica com urgência se fosse necessário. Reproduzo abaixo a íntegra, sem alterações, do relato que a veterinária produziu a partir da consulta realizada:

Segundo o tutor o paciente vem há dias ficando mais quietinho e iniciou com tremores de cabeça, há quatro dias paciente já não consegue caminhar e passa maior parte do tempo deitado, quando se levanta logo perde a movimentação dos membros pélvicos. Tutor também relata que em algum momento com os membros torácicos o mesmo parece dar passos maiores (hiperestesia) e cair com os membros abertos. Relata que alimentação do mesmo é com comida natural e que está se alimentando e bebendo água bem, no dia de ontem apresentou um episódio de vômito, mas após o ocorrido o mesmo se alimentou e não apresentou mais o sinal clínico. Hoje, o tutor colocou por conta própria uma medicação no alimento do paciente (prediderm comprimido) e o mesmo se recusou a comer e após isso não aceitou mais a alimentação. Disse também que em 2018 o paciente foi diagnosticado com colapso de traquéia e o mesmo foi tratado mas que desde então o mesmo apresenta ofegância quando fica em estado de estresse. Paciente também possui doença de pele e trata de forma crônica para isso.

No exame físico paciente não apresentou alteração em ausculta cardíaca e pulmonar, na ausculta traqueal foi observado abafamento. Linfonodos estavam todos fisiológicos. TPC em 2 segundos e mucosas normocoradas. No exame neurológico o mesmo apresentou ataxia cerebelar, ausência de reflexos de ameaça, nasal e pupilar consensual. Não respondeu aos testes espinhais de saltitar, apoio e base. Apresentou nistagmo de posição. Foi conversado com tutor sobre locais de lesão e possíveis diagnósticos e também que só seria possível chegar a um diagnóstico definitivo com realização de exames específicos como a TC ou RM, que as mesmas só seriam realizadas em PoA e que aqui o que poderíamos oferecer ao paciente seria tratamento de suporte. O tutor entendeu e concordou em tentar tratamento paliativo para o paciente enquanto o mesmo exerce suas necessidades fisiológicas.

Deixamos *Nemo* por volta das 18h na clínica. Fomos para casa para que eu preparasse a comida natural, recomendada pela veterinária, com frango, beterraba e batata, que seria levada mais tarde para o jantar de *Nemo*. Entre 20:30 e 21h, levamos a comida pronta para que *Nemo* pudesse jantar. Também levamos peças de roupa dos familiares da casa para que fossem deixadas próximas ao *Nemo*. Este era um hábito familiar antigo que tínhamos cultivado por notar que, quando saíamos de casa por longos períodos, *Nemo* sempre pegava peças de roupas da família e levava para sua cama, gostava de cheirá-las e dormia sobre elas. Desde que percebemos essa atitude de *Nemo*, entendemos que estar próximo a nossas peças de roupa poderia acalmá-lo e, dessa forma, passamos a deixar, propositalmente, roupas à sua disposição sempre que fôssemos viajar ou demorar a voltar para casa. E assim fizemos em sua internação, levamos nossas roupas para que ficassem perto dele.

Ao chegarmos na clínica, não tivemos acesso ao *Nemo*. Entregamos a comida e as roupas a uma funcionária que as levou até o seu local de internação. Uma veterinária nos relatou que *Nemo* teve um episódio de vômito, que estava tomando soro na veia e que estava com quadro estável, apesar de não estar bem. Após ter analisado seus exames, relatou que as enzimas do seu fígado e rins estavam muito altas, indicando que *Nemo* tomaria a medicação adequada para regularizá-las, o que ocorreria, de acordo com a médica, no dia seguinte. A veterinária disse ainda que *Nemo* havia defecado e sido higienizado. Após a conversa com a veterinária, saímos da clínica preocupados, mas confiantes.

No dia 22.02.2021, segunda-feira, acordei às 6h da manhã, peguei o celular para verificar se havia alguma atualização do sistema no qual a clínica armazenava as informações sobre o estado de saúde de *Nemo*. Era possível acessá-lo com *login* e senha informados num cadastro realizado pela internet. E lá constava todo o

histórico de vacinações, consultas, exames e prontuários médicos de *Nemo*. Ao acessar o sistema, notei que, por enquanto, não havia atualizações. Eu não havia percebido, mas em meu celular tinha uma chamada não atendida às 05:29h para a qual não dei importância. Na verdade, só fui perceber a existência desta chamada muitos dias depois, quando tentei reconstituir a memória daquele dia e fui em busca de informações no meu celular para verificar o histórico de ligações.

Com o celular na mão, saí da cama descalço e fui em direção ao quintal da casa, quando recebi uma ligação da clínica às 08:04h. A ligação durou exatos 3 minutos, o volume da voz com quem falei era baixo, a qualidade da chamada era ruim, tudo parecia muito confuso, não era possível ouvir nitidamente. Eu estava falando com a veterinária, ouvindo o relato de que *Nemo* havia passado mal durante a madrugada, vomitando, ficando sem ar. Por conta deste episódio, *Nemo* foi entubado. A médica continuou a narrar os detalhes do que tinha ocorrido, mas a esta hora eu não conseguia mais compreender o que ela dizia e, por isso, pulei para a pergunta que mais me interessava: “ele morreu?”, questionei. “Sim, infelizmente, ele não resistiu”, disse a mulher. Não quis mais continuar a conversa, agradeeci educadamente e, já chorando, fui comunicar à família. “O *Nemo* morreu”, disse em lágrimas. Nossa casa inundou-se de tristeza e silêncio. O tempo parecia ter parado. Após ter comunicado a família, fui então acessar o sistema de dados da clínica veterinária para realizar o *download* dos arquivos referentes a todo o histórico de saúde de *Nemo*, incluindo as informações relacionadas à sua internação, quadro clínico e falecimento. Fui desagradavelmente surpreendido pela ausência de toda e qualquer informação sobre *Nemo*. Seu cadastro fora excluído do *site*, como se ele nunca tivesse existido. Entre a dor, o choque e a revolta com a morte e com o tratamento dado ao *pet*, optei por me concentrar na dor pela morte e nas providências que, a partir de então, deveriam ser tomadas.

Somente alguns dias depois do falecimento de *Nemo* consegui falar diretamente com a mesma veterinária que estava de plantão na noite em que ele veio a óbito. Pude extrair as informações de que, naquela madrugada de plantão, a veterinária notou que *Nemo* havia tido uma discreta melhora em relação ao quadro anterior. Embora melhor, *Nemo* vocalizava bastante, talvez sentindo algum tipo de dor ou manifestando sua vontade de estar com a família. Por volta das 4h da manhã, *Nemo* ficou ofegante e apresentou alteração pulmonar e cardíaca. Diagnosticou-se, então, um edema pulmonar leve devido a uma cardiopatia. *Nemo* foi colocado numa

máquina de fluido (soro) que calculava exatamente a dose e o ritmo com que o remédio deveria chegar às suas veias. Por causa de sua visível falta de ar, *Nemo* foi colocado no oxigênio, apresentou pequena melhora. Embora tenha permanecido ofegante, seu quadro foi estabilizado naquele momento. Algum tempo depois, *Nemo* teve uma convulsão e isso fez sua situação desandar. Conseguiu-se controlar a convulsão, mas *Nemo* permaneceu ofegante e foi entubado, passava pelo que a veterinária denominou como angústia respiratória. Após a convulsão, seu quadro piorou muito. A veterinária narrou que um líquido escuro saiu de dentro de seu corpo, o que foi interpretado como um sangramento interno causado por alguma lesão decorrente da convulsão.

*Nemo* era muito apegado a mim e, diante de qualquer doença ou fragilidade, era a mim que pedia ajuda e somente comigo acalmava seus episódios de dificuldade respiratória. Embora eu não tivesse o poder ou conhecimento para curá-lo, considero que seu sofrimento e sentimento de solidão seriam menores se eu estivesse ao seu lado nos últimos instantes de sua vida. De alguma maneira, a presença de alguém que o amava poderia tê-lo trazido maior conforto emocional. Se sua morte era inevitável, poderia ter falecido em casa, ao lado das pessoas que o amavam, ou mesmo na clínica tendo algum membro de nossa família em sua companhia. Por outro lado, se estivesse com *Nemo* em casa em seus momentos de agonia respiratória intensa, poderia querer levá-lo à clínica e sentiria culpa caso não houvesse tempo hábil para chegar à clínica com vida. Quando aparece, a morte traz impasses sem solução. *Nemo* faleceu por volta das 5h da manhã, partindo longe da pessoa com quem se sentia mais seguro: eu.

Tendo relatado todas as informações sobre o falecimento de *Nemo*, creio ser possível fazer algumas críticas à clínica veterinária. A experiência dolorosa de lidar com a doença e morte de um *pet* despertaram minha atenção para algumas questões. Por exemplo, o fato de que clínicas veterinárias com o perfil daquela em que *Nemo* foi atendido, em geral, abrigam muitos veterinários, que nem sempre possuem vínculo estável com o estabelecimento e, por isso, prestam serviço de forma, muitas vezes, terceirizada aos proprietários da clínica (que também podem ser veterinários). Isso pode significar uma dificuldade para estabelecer uma relação duradoura entre *pet* e veterinário, pois a rotatividade de profissionais na clínica esmaece a afirmação de ligações a médio e longo prazo. Ou seja, torna-se difícil que um veterinário específico

possa desempenhar um papel semelhante aos “médicos de família”, que firmam relações duradouras com seus pacientes humanos.

Outro ponto crítico foi a constatação de que a clínica veterinária, simplesmente, não nos forneceu nenhum tipo de auxílio acerca do que fazer com o corpo de nosso animal de estimação. *Nemo* foi colocado num canto da clínica, dentro de uma caixa de papelão, coberto por um pano, em cima de um carrinho de ferro usado para transporte de coisas e animais pela clínica. Não havia lugar adequado para acondicionar animais que possivelmente morressem na clínica, não se tinha nenhuma câmara fria que pudesse abrigar temporariamente o corpo. E estávamos sob a pressão de ter que tirar *Nemo* da clínica. Nenhuma funcionária ou veterinária soube nos dizer para onde levar o corpo ou se havia serviços funerários destinados aos *pets* no Rio Grande do Sul. Era como se *Nemo* fosse o primeiro e único cachorro que havia falecido naquela clínica. Penso que, se aqueles profissionais pertencem ao ramo veterinário, atuando numa clínica que envolve internação de pacientes em diversos estados de saúde, eles têm por obrigação conhecer o nicho de mercado em que atuam e saber, inclusive, acerca dos nichos de mercado correlatos ao seu. Isto é, se uma clínica lida com animais doentes cuja probabilidade de morrer é alta, deveria ao menos saber que o Rio Grande do Sul conta com serviços funerários oferecidos a animais de estimação. Num momento de dor e choque, fornecer este tipo de informação é de grande valia, além de ser uma demonstração de respeito.

Considero que a exclusão do cadastro de *Nemo*, bem como de todas as suas informações no sistema de armazenamento de dados, foi desrespeitosa e de uma insensatez criminoso. Qual o interesse em excluir estas informações? E por que eu só conseguiria contato com a veterinária que o atendeu (naquela madrugada de plantão) uma semana após o falecimento de *Nemo*? De acordo com a clínica, não seria possível entrar em contato com a veterinária antes do dia em que estivesse trabalhando na clínica. Seria necessário esperar a conclusão do rodízio de profissionais que prestam serviços à clínica para que, num determinado dia, eu pudesse encontrar aquela mesma veterinária novamente no estabelecimento (mesmo que nosso contato fosse apenas por telefone). Com base na experiência que tive, recomendaria hoje a todos os tutores de *pets* que optem por veterinários que possam dar um atendimento mais pessoal, direcionado e contínuo ao animal, evitando, sempre que possível, clínicas nas quais os veterinários são terceirizados ou atuam em rodízio. Outro ponto em questão é a criação de legislações que obriguem clínicas

veterinárias a fornecerem aos tutores o histórico médico do *pet* e ainda um atestado de óbito contendo todas as informações relacionadas a este fato.

Por fim, é importante dizer que as clínicas veterinárias devem melhorar as condições de atendimento a fim de dar amplo acesso às dependências da clínica a um tutor acompanhante do *pet* em todos os momentos do seu tratamento de saúde. O triste episódio de falecimento do meu cachorro me fez perceber o quanto as redes de serviços destinados aos *pets* ainda operam a partir do entendimento da suposta superioridade humana em relação aos outros animais, prestando serviços menos rigorosos do ponto de vista do respeito à vida dos *pets* e aos sentimentos de seus tutores. Por outro lado, a mercantilização da saúde de modo geral (referindo-me à privatização dos serviços de saúde para humanos, ao incentivo para que a população desacredite nas políticas de saúde pública e, por fim, ao crescimento dos planos de saúde) contribui para que as vidas, humanas ou *pets*, sejam percebidas como mercadoria. Quando deixam de existir, as vidas perdem o interesse do ponto de vista médico, as famílias experimentam a indiferença dos estabelecimentos de saúde e devem encaminhar, como numa linha de “produção”, seus entes falecidos a outro nicho mercadológico: o funerário.

As urgências pragmáticas relacionadas à morte de um *pet* me fizeram não ter tempo para entender, imediatamente, o que havia acontecido. Estava sob a pressão de retirar o corpo de *Nemo* da clínica veterinária dentro de algumas horas. Comecei a pesquisar serviços funerários para *pets* na internet. Não consegui encontrar nenhum serviço deste tipo em Pelotas. Lembrei da Lei Municipal nº 6570/2018, publicada em 13 de Abril de 2018, que diz respeito à autorização para sepultamento de animais de estimação, prioritariamente cães e gatos, em cemitérios privados na cidade de Pelotas. Resolvi telefonar para funerárias destinadas a humanos no intuito de verificar se já havia alguma oferta destes serviços para *pets*. Ao ser atendido por uma funerária, fui rispidamente tratado ao me fornecerem a informação de que não prestavam estes serviços aos *pets*, quase sem me deixarem explicar. Ainda tentei argumentar que estava fazendo a pergunta porque tomei conhecimento de que em Pelotas há uma lei específica para este fim. “Senhor, eu já disse que não fazemos este tipo de serviço”, interrompeu-me, grosseiramente, o funcionário sem me deixar concluir a frase. Telefonei para outras funerárias humanas, mas não obtive êxito.

Na impossibilidade de realizar serviços funerários para *pets* em Pelotas, passei a pesquisar sobre funerárias *pets* no estado do Rio Grande do Sul. Foi quando

encontrei serviços de crematório ofertados em Porto Alegre, Região Metropolitana e Serra Gaúcha. As horas se passavam e eu precisava logo encontrar uma empresa que pudesse prestar o serviço. Por ser na capital, optei por uma empresa que oferecia o serviço de cremação em Porto Alegre. A urgência não me permitiu fazer uma pesquisa detalhada e calma sobre o perfil das empresas com as quais estava entrando em contato. Falei ao telefone com os funcionários que foram muito atenciosos, tiraram todas as dúvidas, e demonstraram paciência para os longos questionamentos que fiz acerca da dinâmica deste processo. Ao final, concluí que contrataria o serviço e marcamos para que o motorista da funerária viesse até Pelotas recolher o corpo de *Nemo* da clínica veterinária e levá-lo para cremação. O motorista chegaria a Pelotas em cerca de 3h30min.

Era fevereiro de 2021, período crítico da pandemia de covid-19, e o Rio Grande do Sul adotara um sistema de bandeiras indicativas da situação sanitária de cada uma de suas regiões. A região de Porto Alegre e Serra Gaúcha estava sinalizada com a bandeira preta, indicando o pior grau da situação sanitária no que referia ao coronavírus. Eu estava impossibilitado de levar, por conta própria, o corpo de *Nemo*, pois convivia com uma familiar idosa e, por precaução, evitei a todo custo me expor ao vírus antes que existisse uma vacina imunizante. Por isso, a opção por uma empresa funerária que fizesse o transporte do animal até o forno crematório e enviasse as cinzas. Neste caso, a empresa contratada enviaria as cinzas através de um ônibus de transporte de passageiros, que fizesse o trajeto Porto Alegre-Pelotas. De acordo com informações do funcionário, as cinzas chegariam em, no máximo, uma semana.

Mais tranquilo por ter conseguido contratar o serviço funerário adequado, fui à clínica veterinária ver o corpo de *Nemo* e conversar para que ele ficasse lá mais algumas horas até que chegasse a funerária para recolhê-lo. O acesso ao seu corpo nos foi liberado e pudemos, pela primeira vez, vê-lo morto. Parecia dormir. Parecia que ia acordar a qualquer momento. Parecia que, se fizéssemos carinho em sua barriga, iria virá-la para cima, espreguiçando-se. Tristeza e incredulidade me faziam tocar os seus pelos e chorar sobre seu corpo. Como eu não poderia imaginar que *Nemo* era um cão idoso e sua morte era uma possibilidade muito mais próxima? Não era permitido que eu permanecesse na clínica por muito tempo. Tinha que decidir entre deixar *Nemo* na clínica ou levá-lo para casa. Pensei em transportá-lo para casa, mas fui dissuadido. Embora um lugar inadequado, a clínica era conveniente do ponto

de vista emocional e prático para resolver as questões pragmáticas relativas à cremação de seu corpo. *Nemo* permaneceu na clínica, fomos para casa aguardar a aproximação do motorista da funerária para que retornássemos à clínica veterinária e procedêssemos com a entrega de seu corpo.

Já em casa, anestesiado pelo choque, resolvi pesquisar referências mais detalhadas sobre a empresa funerária que havia contratado. Fiquei assustado com os comentários negativos de clientes. Um, em especial, narrou que, durante a contratação dos serviços, os funcionários da funerária são muito atenciosos, prestam informações, esclarecem dúvidas, enviam arquivos promocionais de foto e vídeo através de aplicativos de mensagem. Enfim, são muito solícitos. Porém, após recolherem o corpo do *pet*, simplesmente, deixam de responder as mensagens com frequência, são evasivos, demoram para entregar as cinzas do *pet* e não informam o prazo exato de conclusão do serviço. Somente após muita insistência e desespero dos tutores, a empresa explica certos pormenores referentes à existência de uma fila de espera para a cremação dos corpos. Ou seja, a funerária não possuía forno crematório próprio, pois terceiriza o serviço e precisa aguardar que sua demanda seja atendida por outra empresa. Assim, o prazo máximo de uma semana, dado no início da contratação, se transformaria (com sorte) em um mês. Além deste comentário, havia outras referências negativas à empresa na internet.

Jamais deixaria que *Nemo* fosse atendido por uma funerária com tantas referências negativas. Mesmo sabendo que o motorista já tinha percorrido boa parte da estrada que sai de Porto Alegre a Pelotas, telefonei à funerária para cancelar o serviço. Perguntaram o motivo do cancelamento e me recusei a dar maiores explicações. Argumentaram que o motorista estava a caminho, que prestariam um excelente serviço, mas mantive minha decisão e entramos num acordo para que eu pagasse apenas o valor do traslado do motorista. E assim foi feito. Próximo à hora de sua chegada, nos dirigimos à clínica veterinária para realizar o pagamento. O motorista ainda insistiu para concluir o serviço, mas não aceitei. E agora? O que fazer com *Nemo*?

Meu companheiro, Rafael, telefonou para outra empresa de cremação que eu já havia pesquisado na internet. Tratava-se do “Crematório de Animais ZôoBraz Brazcão”, o primeiro crematório de animais do Brasil, fundado em 1995 de acordo

com seu site oficial<sup>32</sup>. Ao telefone, o atendente Valdemir tirou todas as dúvidas referentes ao procedimento de retirada e transporte do corpo até São Leopoldo (cidade onde a empresa está situada), bem como sobre a cremação em si. Recebemos um excelente atendimento na longa conversa estabelecida por telefone e, depois, continuada por aplicativo de mensagem. Além das ótimas referências de clientes encontradas na internet, a empresa nos forneceu toda a segurança de que precisávamos, comprometendo-se a nos atualizar de cada etapa do serviço: trajeto do motorista na ida e volta, chegada do corpo do *Nemo* para depósito na câmara fria, horário exato da cremação e envio das cinzas. As atualizações seriam feitas por meio de mensagens, vídeos e fotos de todo o processo.

Havia um único problema: já era tarde e o motorista não teria tempo hábil para chegar a Pelotas e transportar *Nemo* até São Leopoldo dentro do horário comercial. *Nemo* precisaria ficar mais uma noite em Pelotas e tínhamos que, novamente, decidir entre levá-lo para casa ou deixá-lo na clínica. Rapidamente, pensei que pudéssemos trazê-lo conosco para casa, proporcionando que “dormisse” sua última uma noite com a família. Mas todos já estavam emocionalmente fragilizados, em dúvida quanto ao assunto. Fomos até a clínica para nos informar se (caso necessário) *Nemo* poderia ficar mais tempo na clínica até o amanhecer do outro dia. Apesar de nos parecer uma eternidade, ainda não fazia 24h que sua morte tinha ocorrido. Uma veterinária nos disse que poderíamos levá-lo para casa ou negociar mais algumas horas para que seu corpo pernoitasse na clínica. Os funcionários do crematório contratado tinham garantido que o corpo não entraria em decomposição severa antes de 40h desde sua morte. Refletimos, estávamos frágeis, e optamos por deixar *Nemo* na clínica até o dia seguinte. Seria psicologicamente muito difícil passar a noite ao lado de seu corpo falecido.

Já de manhã muito cedo, fui avisado que o motorista saiu de São Leopoldo em direção a Pelotas. Por volta das 10h, ele chegou e estávamos na clínica aguardando. Seu nome era Leandro, um funcionário que foi muito gentil e respeitoso com nosso momento de dor. Fizemos todo o procedimento de retirada do corpo de *Nemo* para colocá-lo no carro de transporte, equipado com câmara fria, e realizamos o pagamento pelos serviços. Em fevereiro de 2021, os serviços que contratamos e valores que pagamos foram os seguintes:

---

32 <https://xn--brazco-7ta.com.br/>

<b>SERVIÇO</b>	<b>VALOR</b>
Cremação	R\$ 550,00
Urna Modelo Casa de Cachorro	R\$ 50,00
Sedex para retorno das cinzas	R\$ 50,00
Transporte para busca	R\$ 950,00
<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 1.600,00</b>

*Tabela 1: Valores dos serviços prestados em Fevereiro de 2021*

Ao colocar *Nemo* no carro de transporte, Leandro, o motorista, nos perguntou se gostaríamos de nos despedir, ficando um pouco mais de tempo ao lado do *Nemo*. “Sim”, foi a resposta. Leandro se afastou, ficou respeitosamente aguardando, e nós, numa rua de Pelotas, ficamos de pé olhando para seu corpo em silêncio, acariciando seus pelos. Os carros passavam com pressa pela rua, balançando o veículo onde *Nemo* estava e, num exato momento, isso nos deu uma doce ilusão de que *Nemo* havia respirado, levantando sua caixa torácica. Era muito bom acreditar naquilo e, ao mesmo tempo, chorar e sorrir simultaneamente, resignado àquela impossibilidade. *Nemo* estava morto, prestes a ser transportado numa câmara fria móvel para um crematório em São Leopoldo. Esta foi a última vez que vimos, pessoalmente, *Nemo* em seu formato de cachorro.

Sinalizamos a Leandro que poderia se aproximar e levá-lo ao seu destino. Fomos para o nosso carro e ficamos aguardando a saída do veículo em direção a São Leopoldo. Leandro fechou a câmara fria, fez algumas anotações e partiu. Ficamos observando o carro sair lentamente e meu ímpeto era o de tentar segui-lo. Mesmo sabendo das ótimas referências do crematório, que nos esclareceu todas as dúvidas com relação à seriedade de seus serviços, era muito difícil deixar o corpo de *Nemo* seguir sozinho, falecido, sendo transportado num veículo funerário. Ao longo do trajeto, pedíamos informações do crematório acerca da localização do motorista, sendo prontamente atendidos. E, quando *Nemo* chegou, recebemos um vídeo onde aparece outro funcionário colocando seu corpo na câmara fria da empresa para que fosse cremado no dia seguinte. Embora a tamanha tristeza que sentíamos, o

recebimento de um vídeo, no qual se pode ver o corpo de *Nemo* sendo devidamente conduzido até onde deveria estar, nos dava sensação de conforto.

Agendamos com a empresa o horário exato da cremação, que duraria cerca de 1 hora, e recebemos um vídeo do momento em que *Nemo* foi introduzido no forno crematório. Esta foi sua última imagem: seu corpo sendo conduzido por uma espécie de espátula de metal que o levava até o interior do forno já em chamas. Senti uma mistura de tristeza e alívio. Silêncio em casa. Passaram-se dois dias quando as cinzas de *Nemo* chegaram até meu endereço. Num pequeno frasco de plástico, as cinzas ficam dentro de uma urna funerário em forma de casa de cachorro. Na frente da casa, o nome de *Nemo*. Além da urna, um chaveiro no formato de um cão dourado e um cartão onde havia escrito: “Obrigado pela confiança neste momento!”, acrescido do nome *Nemo* desenhado dentro de um coração. Enviaram ainda um certificado de cremação individual onde é possível ler o nome do *pet*, de seus tutores e a data de falecimento.

Contar com os serviços do Crematório de Animais ZôoBraz Brazcã, atendendo outras cidades do Rio Grande do Sul além de São Leopoldo, traz à tona como ainda são escassos os serviços funerários para *pets*. Mesmo numa cidade como Pelotas, que já possui legislação que prevê o sepultamento de animais em cemitérios privados desde 2018, estes serviços (sepultar ou cremar) eram inexistentes em fevereiro de 2021. Isso acarreta a concentração de serviços funerários em poucas empresas que, em sua maioria, prestam um tipo de serviço terceirizado, sem cemitério (para sepultamento) ou forno crematório próprios, o que resulta em filas de espera para a cremação e recebimento das cinzas. Por se tratar de uma categoria de animais fortemente ligada a uma indústria do consumo, que lida diretamente com o apego emocional dos tutores, os *pets* estão sendo cada vez mais inseridos numa extensa rede de serviços especializada, segmentada para públicos distintos. E, nesse movimento ascendente, é possível notar o crescimento rápido dos serviços funerários destinados aos *pets*. Apenas quatro meses após a morte de *Nemo*, inaugurou-se em Pelotas o “Memorial Pet São Francisco”, onde tenho feito trabalho de campo e sobre o qual falarei no tópico seguinte.

### **Primeiro crematório pet de Pelotas**

No centro de Pelotas, na rua General Telles, a casa situada no número 363 ficou conhecida, tempos atrás, por ser um endereço onde morava uma ativista da causa animal. Seu trabalho era voluntário, abrigando animais abandonados ou encaminhando para tratamento aqueles que estavam enfermos. A casa vivia repleta de animais cujo fluxo de chegadas e saídas era constante, pois a mulher tornou-se famosa na cidade pelo trabalho que fazia. Passados alguns anos, a casa onde aquela protetora dos animais residia foi colocada à venda e, hoje, neste mesmo endereço, funciona o “Memorial Pet São Francisco – Crematório e Despedida”, primeira empresa funerária destinada aos animais de estimação em Pelotas.

O proprietário da empresa é Daniel Corrêa, um policial aposentado, que mora do lado oposto da rua e decidiu comprar a casa que estava para vender no endereço à sua frente. Seu objetivo era abrir uma empresa junto de sua filha, Natália, voltada aos animais de estimação. Inicialmente, pensaram em abrir um empreendimento na área de estética animal. Porém, diante da constatação da grande oferta deste tipo de serviço na cidade, optaram pelo ramo funerário, cuja oferta era, até então, inédita. O Memorial Pet São Francisco foi oficialmente aberto em junho de 2021, somente 4 meses após o falecimento de *Nemo*. E, quando soube de sua existência na cidade, informei sobre minha pesquisa e perguntei se poderia fazer trabalho de campo na empresa. Tanto Natália quanto o seu pai foram muito receptivos e aceitaram, imediatamente, que eu fizesse trabalho de campo no Memorial Pet.

Durante o campo, fui colhendo informações sobre a empresa, os tipos de serviços que prestam, o perfil de seus clientes, a avaliação que tem feito acerca da receptividade das pessoas nas cidades etc. Certa vez, Natália me contou que a ideia de fundar um crematório *pet* surgiu com o falecimento de seu cachorro, que os colocou diante do impasse de não saber o que fazer com seu corpo. O artigo 54 da Lei 9.605/1998 criminaliza quem causar poluição de qualquer natureza ao meio ambiente, e isso inclui o sepultamento inadequado de animais, considerado crime ambiental por apresentar possibilidade de contaminação do solo. Foi a partir deste fato e do conhecimento de empresas do ramo de crematório *pet*, que decidi abrir uma funerária que atenda a região sul do Rio Grande do Sul, abrangendo cidades como Pelotas, Rio Grande, São Lourenço do Sul, Canguçu e Morro Redondo.

O crematório de Pelotas funciona em parceria com o Grupo Mathias, que atua no ramo funerário há mais de 30 anos e, há 10 anos, ingressou no mercado crematório destinado aos *pets*. A parceria consiste no envio de animais para serem

cremados no forno crematório situado no município de Glorinha (RS), que é de propriedade do Grupo Mathias. Através desta parceria, Daniel e Natália receberam todo um rigoroso treinamento para que pudessem atuar neste segmento. De acordo com ambos, este tipo de serviço requer muita sensibilidade profissional, pois “os cachorros, gatos e pets em geral viraram membros da família”, como relatou Natália. “Antigamente, os cachorros viviam do lado de fora da casa, no campo, mas hoje em dia vivem na cidade com as famílias, dormem na cama, se tornaram membros da família mesmo”, apontou Daniel. É esta elevação de *status* do *pet*, tornando-o constituinte de uma família multiespécie, que motiva a reconsideração das possibilidades de ritos funerários que lhes são destinados. Assim, uma empresa que atua neste ramo precisa ter uma equipe familiarizada com este perfil de cliente, que está em busca de uma despedida digna ao seu *pet*. Todo o atendimento precisa ser muito respeitoso.

Logo ao entrar, percebe-se que o memorial é sóbrio, decorado com urnas cinerárias e objetos que remetem aos animais de estimação, destacando-se imagens de São Francisco de Assis<sup>33</sup>, protetor dos animais, que dá nome à empresa. O espaço compreende uma sala de recepção, outra sala restrita com uma câmara fria cujo acesso é reservado exclusivamente aos funcionários para a preparação dos corpos que chegam falecidos ao local, uma sala de despedidas para realização dos velórios<sup>34</sup>. A empresa opera hoje dispendo desta sede própria para atendimento ao público e possui dois carros: um automóvel comum para remoção de animais mortos em seus locais de falecimento e outro veículo equipado com uma câmara fria, que possibilita o transporte adequado dos animais até o crematório propriamente dito. Atualmente, está em preparação uma nova sala de despedidas para atender um maior número de pessoas que desejarem velar por seus animais de estimação. No

---

<sup>33</sup> São Francisco de Assis é um personagem ímpar dentro do catolicismo. Homem que morreu no século XIII, cujas experiências, humana e religiosa, atravessaram os séculos e ecoam nas novas dinâmicas da sociedade contemporânea. Segundo o historiador italiano Giovanni Merlo (2007), em entrevista dada à Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Francisco é um “produto ideológico, um ente abstrato, quase uma ideia platônica que cada um constrói para si e utiliza para várias finalidades”. Sendo assim, Francisco tem muitas faces, entre elas o anticapitalista, o feminista e também o ecológico. É este lado ecológico, protetor dos animais, que ele aparece nessa etnografia. É assim que sua imagem é usada como sinal de respeito e amor aos animais no momento da morte.

<sup>34</sup> Durante todos os contatos que estou tendo com os proprietários do Memorial Pet São Francisco, observei que a categoria mobilizada por eles é “despedida” ao invés de velório. Entretanto, para evitar repetições, tenho alternado o uso de “velório” e “despedida”. Porém, pretendo investigar mais a fundo se há alguma implicação mais densa para o uso desta categoria “despedida” por parte de meus interlocutores.

treinamento que receberam, Natália e Daniel foram instruídos a como lidar com o público e tranquilizar as pessoas num momento tão difícil, oferecendo os serviços de cremação e despedida. Conheceram todo o funcionamento do processo de cremação e as especificidades que envolvem este serviço destinado aos *pets*. Além disso, uma das partes mais importantes da formação para atuar no segmento é a preparação dos corpos mortos dos *pets*, que precisam ser higienizados e manipulados para que fiquem apresentáveis para a realização de um velório (se os tutores assim desejarem).



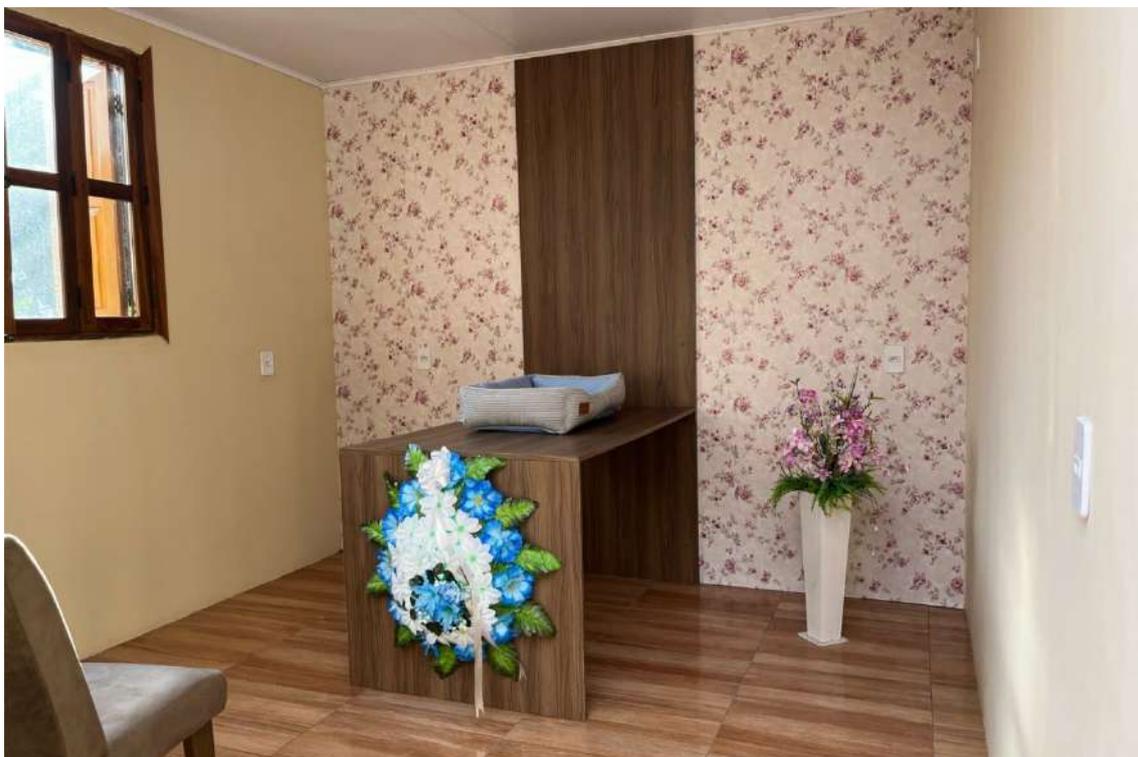
*Figura 4 – Sala de Recepção do Memorial Pet São Francisco.  
Foto: Marcus Negrão*



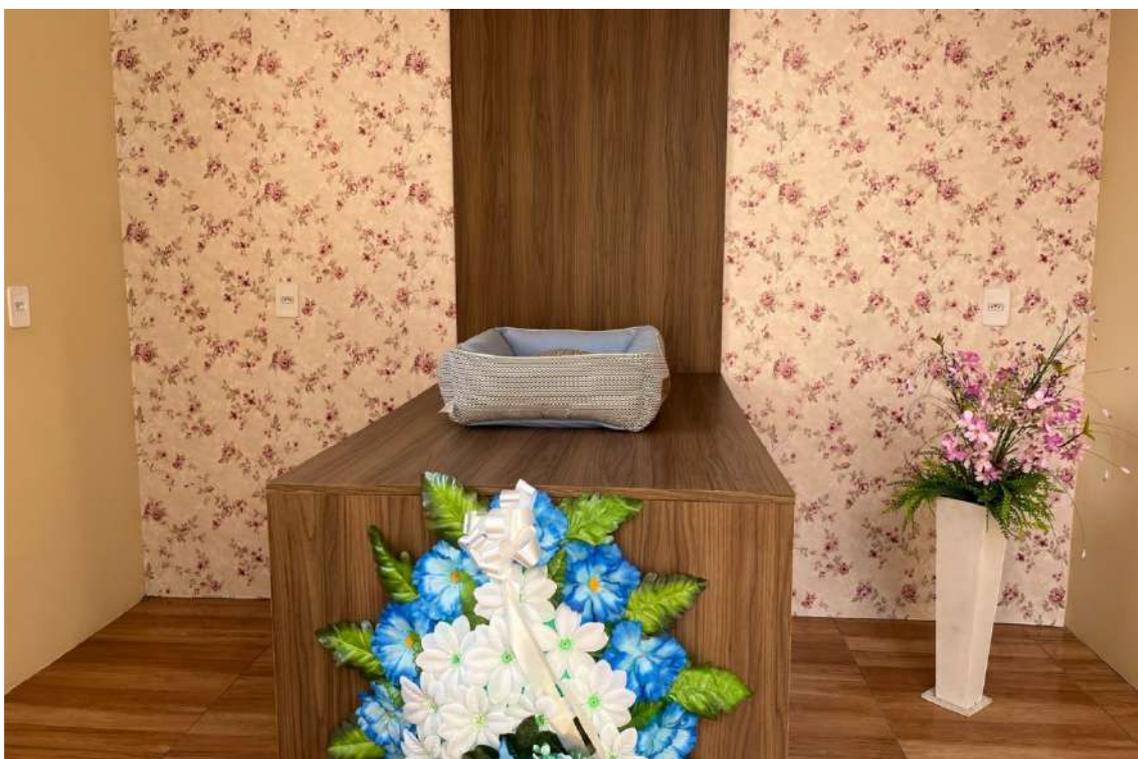
*Figura 5 – Recepção do Memorial Pet São Francisco.  
Foto: Marcus Negrão*



*Figura 6 – Nichos com produtos oferecidos pelo Memorial.  
Foto: Marcus Negrão*



*Figura 7 – Sala de despedidas.  
Foto: Marcus Negrão*



*Figura 8 – Ornamentos da sala de despedidas.  
Foto: Marcus Negrão*



*Figura 9 – Cama pet para cerimônia de despedida.  
Foto: Marcus Negrão*

Caso seja contratado, o serviço de velório deve durar, no máximo, 2 horas na sala de despedidas, cuja agenda fica disponível para locação em horários previamente acertados. O tutor informa como gostaria que seu *pet* fosse posicionado na cama disponível para o velório. De acordo com Natália, há tutores que pedem para que o animal seja colocado deitado com a barriga voltada para o chão, as duas pernas dianteiras estendidas e a cabeça entre as patas. Outras pessoas solicitam que o animal seja colocado deitado em posição lateral como se estivesse dormindo. Outras pedem que o *pet* seja posicionado com a barriga para baixo e o corpo formando um “C”, provavelmente uma posição habitual de descanso de seu animal. Antes da despedida, os funcionários do memorial dão uma espécie de banho no *pet*, utilizando produtos específicos para este fim. Também é possível que o animal seja vestido com alguma de suas roupas (caso os tutores tivessem este costume), acessórios (laços, gravatas) e que seja aplicado seu perfume habitual (se houver). É comum que os tutores acrescentem à cena do velório alguns objetos do *pet* como, por exemplo, brinquedos dos quais gostava, coleira e guias, prato de refeições e água. Fato é que a empresa busca atender a todas as solicitações possíveis dos clientes no que tange a apresentação dos *pets* em seus velórios.



Figura 10 – Bio urna cinerária.  
Foto: Marcus Negrão

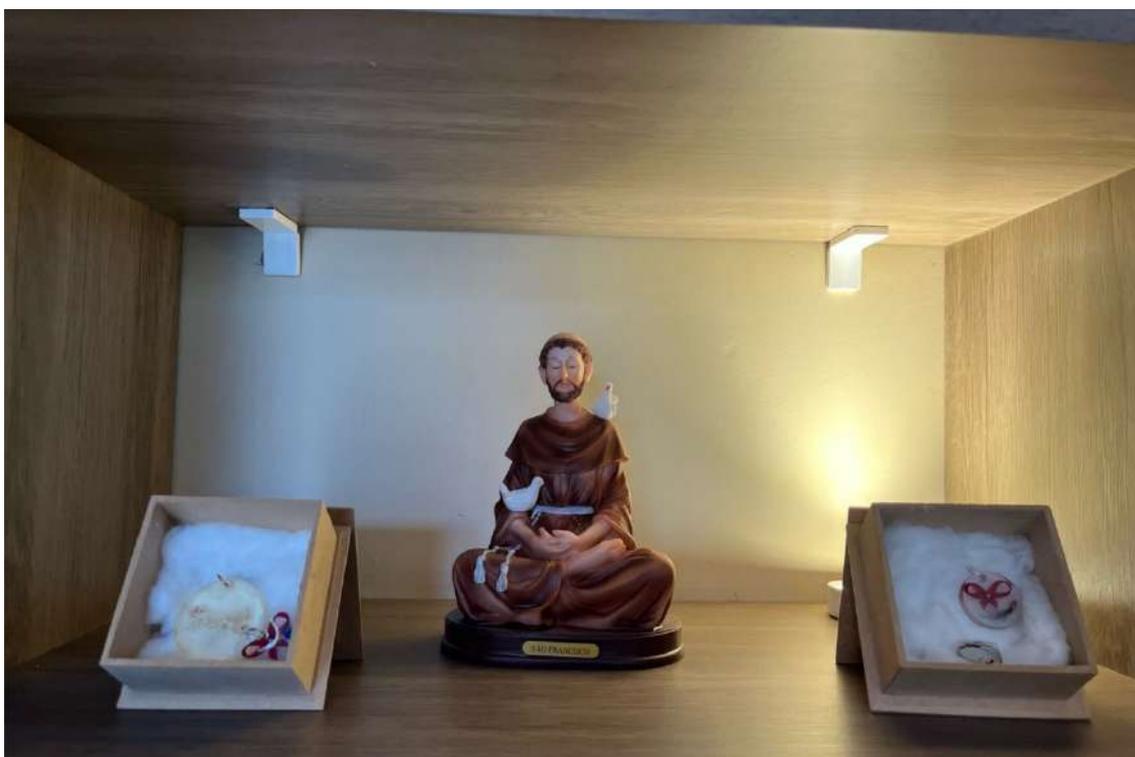


Figura 11 – Joias com cinzas e pelos do pet.  
Foto: Marcus Negrão

O ambiente é decorado com flores artificiais já disponibilizadas pelo Memorial, porém a decoração pode ser ajusta conforme preferências dos

contratantes. Certa vez, por exemplo, um cliente optou por colocar flores naturais no local e assim teve sua demanda atendida pela empresa. Inclusive há tutores que já optaram por encomendar a confecção de uma coroa de flores com o nome do *pet*. Todos estes casos são devidamente observados por Natália e Daniel para que, aos poucos, consigam ir entendendo as demandas do seu público-alvo e aperfeiçoando os serviços oferecidos. Ou seja, a cada especificidade solicitada, um custo adicional é cobrado. Para o velório é possível chamar os familiares e amigos, não sendo raras as ocasiões em que também se levam outros animais companheiros do *pet* falecido para se despedir.

Após o velório (caso seja contratado) ou imediatamente após a chegada do *pet* falecido ao memorial, seu corpo é congelado e embalado de forma adequada para ser levado até o município de Glorinha, onde fica situado o crematório *pet*, que pertence ao Grupo Mathias. O Memorial Pet São Francisco, em Pelotas, possui carro e motorista para levar os animais até Glorinha, cidade que fica a 54 km de distância de Porto Alegre. Sua cremação é agendada e todo o processo leva cerca de 30 dias para ser concluído, dependendo do tipo de serviço contratado. Os clientes podem optar pelas modalidades de cremação coletiva, na qual os animais são cremados em grupo e as cinzas não retornam aos tutores devido à sua impossibilidade de diferenciação. Outra opção é a cremação individual, permitindo o retorno das cinzas para armazenamento em urnas cinerárias de diferentes tipos e preços. Há ainda a opção de uma urna ecológica, que vem acompanhada de sementes e pode ser plantada para que floresça num jardim.

Natália e Daniel relatam que não trabalham apenas em horário comercial, pois o atendimento deve ser oferecido 24h, tendo em vista que este mercado demanda orientação aos clientes em momentos de emergência, muitas vezes durante as madrugadas em que seus animais de estimação falecem em clínicas veterinárias ou nas residências dos tutores. Por isso, a equipe de funcionários da empresa faz revezamento para que sempre haja alguém de plantão para o devido atendimento dos casos urgentes de remoção de *pets* falecidos. É notável no discurso de ambos que o trabalho desenvolvido não apresenta uma rotina previsível, podendo ser acionados a qualquer momento do dia ou da noite em situações diversas. Mortes por doenças, eutanásias, atropelamentos, afogamentos, infartos, acidentes em geral podem ocorrer e demandar

habilidades específicas para a retirada dos animais daquela situação. Embora a maioria dos casos atendidos sejam de animais domésticos como cães e gatos, o Memorial Pet recebe animais com até 80kg, podendo ser cremados os pássaros, coelhos, peixes, roedores e até répteis.



Figura 12 – Veículo para transporte de pets falecidos (sem câmara fria).  
Foto: Marcus Negrão

Na maior parte das vezes, os animais morrem por motivos de doença, o que os aciona a ir retirá-los de clínicas veterinárias. Neste caso, os médicos veterinários devem oferecer ao Memorial Pet algum laudo que informe a causa da morte do animal, formalizando, aos poucos, um procedimento comum da conduta veterinária, em termos burocráticos, no que diz respeito aos casos de falecimento. É válido dizer que a informação da *causa mortis* é de fundamental importância não por ser apenas um registro de um dado estatístico, mas porque isso influencia diretamente no tratamento dado ao *pet* no processo de preparação funerária de seu corpo para o velório e cremação. Isto significa que o motivo da morte deve ser informado para que o corpo do animal possa ser higienizado e congelado da maneira mais adequada possível para evitar transmissão de doenças, por exemplo, se a morte do *pet* tiver sido causada por uma doença viral. Nos casos de morte por doença, os diferentes tipos de

enfermidades influenciam no tempo de congelamento do *pet* para o transporte até o forno crematório em Glorinha. Assim, os serviços prestados pelo Memorial Pet necessitam estar em consonância com a legislação ambiental vigente e também com as resoluções, normas técnicas e de condutas estabelecidas pela Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária.

Outro detalhe que deve ser informado é se o animal tinha instalado em seu corpo algum *chip* de identificação – procedimento de segurança muito comum que os tutores realizam no intuito de facilitar a identificação de seu *pet* em casos de fuga e desaparecimento – ou algum tipo de placa de metal resultante de alguma interferência médica. Essa necessidade existe para evitar que materiais não orgânicos sejam introduzidos no forno crematório que, devido as altas temperaturas, é muito propenso a explosões, incêndios etc. Nos casos em que o *pet* possui *chip* é obrigatório que este equipamento seja removido de seu corpo antes do procedimento de preparação fúnebre. O *chip*, neste caso, continuará em funcionamento e há casos em que os tutores querem, inclusive, aproveitá-lo para inserir em outro animal.

Trabalhar com serviços funerários requer também um preparo para lidar com situações inusitadas em que os tutores, por exemplo, solicitam que os animais sejam removidos das situações ou contextos que causaram sua morte. Daniel, certa vez, narrou que foi chamado até uma casa para retirar um cachorro que havia morrido de afogamento na piscina. O *pet* estava cego e caiu na água sem ser notado pelos familiares. Ao avistarem o animal morto na piscina, os tutores não tiveram coragem de retirá-lo do lugar e, por isso, acionaram os serviços do Memorial, solicitando que o tirassem da piscina para que fosse realizado todo o processo de cremação. Daniel mergulhou, retirou o *pet* e o levou para passar pelo procedimento de preparação funerária do corpo. Outro fato inusitado ocorreu quando um cão da raça *boxer*, cujo peso era em torno de 80kg, faleceu numa clínica veterinária de Pelotas. Seus tutores acionaram o Memorial Pet, que, ao chegar, não puderam remover, como de costume, o *pet* falecido. Os tutores do animal disseram que ele entrou na clínica andando com a família humana e era assim que deveria sair do local. Cada tutor segurou uma parte do cachorro e o foram conduzindo andando até o carro da empresa funerária.

O alcance dos serviços do Memorial tem aumentado em relação à região sul do estado, tornando-se referência para outros municípios. Um exemplo que

ilustra bem esta ampliação de abrangência ocorreu com o falecimento de um cachorro da raça *Pinscher* na zona rural do município de Herval. Tratava-se do *pet* de um casal de idosos de Porto Alegre, que possui uma propriedade rural em Herval e que, ocasionalmente, viaja até este município para desfrutar de dias de descanso. Sendo assim, em mais uma de suas viagens para o interior do estado, o casal de idosos levou o seu cachorro de estimação para passear na zona rural. Conhecidos por seu temperamento agitado, sua disposição para correr, seu perfil de guardião da casa e dos tutores bem como suas características territorialistas, os *pinschers* aparentam ser cachorros com as emoções à flor da pele. Latem e rosnam quando alguém se aproxima dos tutores, ficam ofegantes quando sob estado de muita alegria. O cachorro adorava os ares do campo e, ao chegar em Herval, no ambiente ao ar livre de sua família humana, de tanta felicidade, infartou. Morreu subitamente, apesar de ser aparentemente muito saudável. A família procurou os serviços funerários do Grupo Mathias em Porto Alegre e foi informada que havia serviço de crematório *pet* em Pelotas, que fica distante de Herval cerca de 147km. Imediatamente a família se deslocou para Pelotas com o cachorro falecido para ser atendido.

“As pessoas chegam muito abaladas emocionalmente aqui. É incrível como a morte de um *pet* mexe com os nossos sentimentos, por isso a gente precisa ser muito sensível. Mas a gente tem uma mascote aqui, a *Mel*, que recebe os clientes com muita alegria e, mesmo num momento de dor, consegue fazer as pessoas sorrirem”, afirmou Natália. *Mel* é uma cadela de cor preta, sem raça definida, encontrada em situação de abandono numa praça da cidade, foi adotada e hoje é a mascote da empresa. Logo ao conhecê-la, notei sua energia alta, sua disponibilidade para interagir, sua alegria contagiante. Penso que *Mel* desempenha um papel muito relevante no Memorial Pet São Francisco, pois a percebi como uma espécie de “funcionária” da empresa, fazendo as vezes de uma recepcionista canina.

Quando chegam naquele ambiente, os tutores de seus *pets* falecidos estão tristes, talvez em choque, provavelmente sem tomar decisões com clareza, sob forte abalo emocional, vivenciando um momento muito dolorido de perda. E, de toda a equipe do Memorial Pet, *Mel* é uma integrante cujo comportamento fora do tom, alegre, festivo, interativo, é bem-vindo, pois é a única autorizada a quebrar qualquer protocolo fúnebre. Para quem gosta de cachorros, o

comportamento de *Mel* emerge como uma ruptura muito acertada de humores, pois sua efusividade canina, num momento de profunda tristeza humana, pode trazer alento. “Já teve clientes que vieram ser atendidos e quiseram levar a *Mel* porque, quando alguém chega aqui, ela pula e abraça todo mundo”, disse Daniel. “Ah! Não! A *Mel* é nossa”, afirmou Natália entre risos com seu pai.

Porém, há outro hóspede temporário no Memorial em busca de adoção. Trata-se de *Guerreiro*, um cão que sofreu maus tratos e foi resgatado após um espancamento violento que feriu gravemente o seu crânio. Seu estado de saúde era muito grave quando a vereadora Marisa Schwarzer – uma conhecida ativista da proteção aos animais em Pelotas – o resgatou. Naturalmente, *Guerreiro* seria encaminhado para eutanásia, mas decidiu-se que ele receberia um tratamento com o objetivo de curá-lo e evitar, assim, a sua morte induzida. *Guerreiro* sobreviveu, daí foi rebatizado com este nome mais que apropriado. Na primeira vez em que o vi, estava brincando com *Mel*, também muito feliz, ambos subindo em meu corpo na tentativa de uma interação mais enérgica. E, embora estivesse curado da maioria de seus males, *Guerreiro* tinha uma ferida ainda aberta no centro de seu crânio, o que dificultava que pudesse acariciar a sua cabeça (como fazemos com os cachorros).

A presença de *Guerreiro* no Memorial servia também para que Daniel e Natália expusessem seu objetivo de que ali também funcione um lar temporário para animais em busca de adoção, o que demonstra um desejo de vinculação da empresa com projetos sociais da causa animal em Pelotas. “A gente tem pesquisado sobre o assunto e percebeu que o momento de falecimento de um *pet* é bem propício emocionalmente para a adoção de outro animal”, disse Natália em um de nossos contatos. “A gente quer muito estar ligado a projetos sociais com os animais. É óbvio que a empresa é o nosso trabalho, nós precisamos receber remuneração pelos serviços que a gente oferece, mas também queremos ajudar gratuitamente as pessoas e os animais com esse tipo de trabalho social voltado pra adoção”, completou Daniel.

Um dos projetos futuros para o Memorial é ter um forno crematório próprio. Isso vai diminuir consideravelmente o tempo de espera pelo serviço de cremação e entrega das cinzas aos tutores. O forno crematório já foi encomendado a uma empresa especializada na fabricação deste tipo de equipamento em São Paulo, pois deve atender a especificações técnicas voltadas para a cremação de

animais. O projeto arquitetônico do crematório já está pronto e atualmente aguarda aprovação para obter licença de funcionamento, após avaliação de profissionais competentes neste assunto, no âmbito da Prefeitura Municipal de Pelotas. A previsão é de que o projeto seja colocado em execução o mais breve possível para que esteja funcionando até o final do ano de 2022. Assim, o Memorial Pet São Francisco poderá proporcionar aos tutores a realização de uma cremação assistida na qual poderá haver o acompanhamento do processo crematório. Uma das intenções dos proprietários é desenvolver trabalho social, cremando gratuitamente animais que estejam vinculados a alguma ONG protetora de animais ou que estivessem em situação de rua, vulnerabilidade ou algo semelhante.

Desde sua fundação, a empresa vem notando o aumento no número de atendimentos realizados. “No início, passamos duas semanas sem atender ninguém. As pessoas não sabiam do nosso serviço”, disse Natália. “A gente fez um trabalho muito detalhado de divulgação nos *pet shops*, clínicas veterinárias e até funerárias para humanos”, afirmou Daniel. E, de fato, em todos os estabelecimentos voltados para animais nos quais tenho circulado em Pelotas é possível encontrar um *folder* de divulgação do Memorial Pet São Francisco. De acordo com os proprietários, há uma média mensal de 10 a 15 atendimentos atualmente. Porém, a tendência é que este número aumente, pois a empresa está se tornando conhecida na cidade, já é recomendada em clínicas veterinárias onde ocorrem falecimentos de animais e está em franco processo de investimento para crescer ainda mais. Isso indica que está se posicionando como referência no mercado da região Sul do Estado.

Faz parte do trabalho de divulgação da empresa a atuação nas redes sociais e a concessão de entrevistas em programas de rádio locais bem como participação em *lives* (transmissões ao vivo) em canais de internet. Nas redes sociais da empresa tem sido feito um trabalho de esclarecimento de dúvidas dos humanos em relação aos procedimentos de cremação dos *pets*. Apenas para citar um exemplo etnográfico que diz respeito a este assunto, devo mencionar que, durante nossos primeiros contatos, fiz várias perguntas sobre este ramo de atuação funerária. E muitas das perguntas feitas diziam respeito aos termos técnicos ligados ao tema. Por exemplo, cheguei a indagar a Daniel e Natália acerca de uma prática, sobre a qual tomei conhecimento que algumas pessoas

utilizam, de enviar animais de estimação para serem incinerados em fornos destinados a isso. Ao trazer esta questão, recebi uma explicação técnica sobre a diferença entre incinerar e cremar. A incineração consiste, geralmente, na queima de resíduos de lixo comum, lixo hospitalar, resíduos e outros materiais não orgânicos. Já a cremação é a redução do corpo humano ou *pet* a cinzas, permitindo que haja a identificação e certeza de que as cinzas são do *pet* sem nenhum tipo de mistura com qualquer outro tipo de material. Dias depois de ter feito esta pergunta, percebi que o Memorial Pet acrescentou em seu perfil no Instagram uma postagem na qual o objetivo era explicar a diferença entre incineração e cremação, possibilitando um esclarecimento ao seu público-alvo sobre este tema.

É importante dizer que as empresas que trabalham com cremação de *pets* (ou humanos) passam por fiscalizações ambientais periódicas, sendo avaliadas a cada seis meses (pelo menos no caso de empresas voltadas aos *pets*) por engenheiros ambientais que verificam as condições de funcionamento e operação dos fornos crematórios. Isso ocorre para evitar a contaminação do meio ambiente devido a emissão de gases que estes equipamentos liberam. No Rio Grande do Sul, a Fundação Estadual de Proteção ao Meio Ambiente Henrique Luis Roessler (FEPAM), vinculada à Secretaria Estadual do Meio Ambiente (SEMA), é quem faz o trabalho de fiscalização e concessão de licenciamento ambiental às empresas interessadas. Atualmente, a FEPAM trabalha em conjunção com a Patrulha Ambiental da Brigada Militar (PATRAM-BM), cuja responsabilidade é o exercício do poder de polícia para garantia da execução de ordens determinadas pela FEPAM. Em seu projeto de implantação de forno crematório próprio, o Memorial Pet São Francisco já previu uma parceria com um engenheiro ambiental vinculado ao Grupo Mathias para dar-lhes o suporte necessário quanto à adequação do forno crematório às normas sanitárias exigidas em legislação. “Com o nosso forno aqui em Pelotas, a gente não vai virar concorrente do Grupo Mathias, nós vamos continuar a parceria”, afirmou Daniel Correa.

No que diz respeito à operacionalização do serviço funerário de cremação, vale ressaltar que os fornos crematórios destinados a humanos e *pets* são parecidos externamente, mas muito diferentes em sua constituição interna

e no tratamento que recebem da legislação ambiental. Em primeiro lugar, a capacidade máxima de um forno crematório *pet* vai até 80kg, não sendo permitida uma capacidade maior. Ou seja, embora seja possível cremar qualquer tipo de *pet*, sem discriminação de espécie, podendo ser cães, gatos, coelhos, roedores diversos, peixes, passarinhos ou outras aves e até répteis como as cobras, um forno crematório *pet* não poderia receber, por exemplo, animais de grande porte como cavalos, por exemplo. Isso não se dá por uma proibição relativa à espécie do animal, mas sim por seu peso exceder a capacidade máxima permitida num forno crematório *pet*.

Em comparação, os fornos destinados a humanos possuem uma capacidade ampliada para atender as dimensões e pesos dos corpos humanos, que são, em geral, bem maiores e pesados em relação aos tipos de animais de estimação cremados neste tipo de forno. Outra diferença diz respeito às especificidades dos filtros utilizados para evitar a passagem de gases poluentes para a atmosfera. Os filtros usados em fornos humanos e *pets* são diferentes, pois referem-se a tipos distintos de corpos que liberam substâncias cujo potencial de poluentes é também distinto.

Para encerrar esta seção, gostaria de mencionar uma informação muito importante acerca das mudanças recentes que tem ocorrido em Pelotas no que diz respeito aos ritos funerários destinados aos *pets*. Atualmente, o Cemitério São Francisco de Paula, pertencente ao Grupo Cortel e administrado em parceria com a Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, situado à Avenida Duque de Caxias nº 454, encontra-se em fase de adaptação para receber sepultamentos *pet*. De acordo com Daniel Correa, a administração do cemitério resolveu adaptar uma área que estava desativada, reabilitando-a em alguns aspectos, inclusive com relação à distribuição espacial dos lugares para sepultamento. Estão sendo construídas gavetas funerárias suspensas, com proporções menores às gavetas destinadas a humanos, para que os *pets* sejam depositados no sistema de sepultamento vertical. Isto é, os corpos são sepultados em gavetas funerárias sobrepostas, que, juntas, dão um aspecto de um “prédio” cujos “andares” são as gavetas com os corpos sepultados.

Para o devido funcionamento, essas gavetas, denominadas tecnicamente como lóculos, precisam ser equipadas com tubos para a devida coleta e tratamento do necrochorume, um líquido, com potencial poluente, liberado pelos

corpos de animais humanos ou *pets* em decomposição. Embora também inseridos numa indústria funerária, que está interessada na obtenção de lucros através da otimização dos recursos utilizados para oferta de seus serviços, os cemitérios verticais são, de fato, mais ecológicos, pois o sistema de tratamento dos cadáveres em decomposição é muito mais eficiente e rigoroso do que nos cemitérios horizontais. Nos cemitérios verticais, os sepultamentos ocorrem, geralmente, sem a realização da cremação. Ou seja, os corpos são depositados nos lóculos para que entrem em decomposição dentro daquele espaço devidamente adaptado para este fim. Porém, a decomposição ocorre de maneira aeróbia, isto é, a partir de um sistema de ventilação que permite a circulação de oxigênio no espaço interno da gaveta, trocando o ar com frequência e favorecendo a evaporação adequada do necrochorume. Tudo isso passando por filtros altamente preparados para o devido tratamento dos gases poluentes liberados pelos corpos em decomposição. É por este motivo que a decomposição dos corpos é mais rápida nos cemitérios verticais, chegando a uma duração aproximada entre seis e oito meses. Comparando a um cemitério horizontal, este processo de decomposição, no qual o corpo está enterrado sob o solo, sem contato com o oxigênio, demoraria cerca de dois a três anos para ser concluído.

De acordo com Daniel Correa, num futuro breve, os tutores poderão sepultar seus *pets* no cemitério São Francisco de Paula, depositando-os nos lóculos por cerca de dois anos – caso seja um contrato de cessão temporária do espaço – ou permanentemente – caso optem pela compra definitiva do espaço para sepultamento. “A expectativa é de que o cemitério *pet* esteja em funcionamento ainda em 2022, o que vai nos permitir entrar nesse ramo de sepultamentos, além de oferecer os serviços crematórios”, disse Daniel. Em uma de nossas conversas, Daniel relatou que, apesar da existência da Lei Municipal nº 6570/2018, que permite o enterramento de *pets* em cemitérios privados da cidade, as funerárias locais, destinadas aos humanos, não se mobilizaram rapidamente para se adaptarem a este mercado emergente.

Em sua análise, Daniel avalia que essa reação se deve ao fato de que muitas pessoas, clientes que buscam serviços funerários, possivelmente não querem contratar serviços de empresas funerárias que também atendam *pets*. Assim, com receio de uma avaliação negativa ao tomar esta iniciativa de ampliar

o atendimento aos *pets*, as funerárias preferiram permanecer oferecendo apenas serviços funerários destinados a humanos. Penso que isso é um desdobramento da ainda persistente ideia de separação entre natureza e cultura, na qual os humanos são percebidos e autoproclamados como “fora” da natureza. Embora a avaliação de Daniel apresente uma perspectiva valiosa de quem atua dentro deste mercado, percebo também que está ocorrendo um movimento de incorporação dos serviços para *pets* por parte das empresas funerárias para humanos. Tenho observado empresas funerárias *pets* que estão em funcionamento em diversas partes do Brasil. Ao entrar em contato com seus sites institucionais ou perfis em redes sociais, percebo que, na grande maioria dos casos, estão vinculadas a grupos empresariais que já atuavam no setor funerário para humanos. O próprio Grupo Mathias, atuante no Rio Grande do Sul, entrou no ramo de crematório *pet* há 10 anos, depois de já estar consolidado no mercado para humanos. E, em Pelotas, se a ativação do cemitério *pet* se concretizar, será uma demonstração clara de que o Grupo Cortel, também ligado ao mercado funerário para humanos, está adentrando no nicho relativo aos *pets*.

Essas mudanças todas estão abrindo novas possibilidades de atuação e, certamente, terão impacto na readequação de outras empresas funerárias tradicionais ou na criação de novas empresas funerárias exclusivamente destinadas aos animais de estimação. Contudo, Daniel tem razão ao observar que há uma necessidade de separação e distinção dos serviços e públicos-alvo. Em geral, os grupos funerários criam sites institucionais e perfis nas redes sociais distintos para apresentarem os serviços funerários para cada público, seja humano ou *pet*. Mas antes de todas essas mudanças recentes como a rápida expansão do mercado crematório, a fundação de empresas funerárias destinadas a animais não humanos, a criação de cemitérios verticais para *pets* e a promulgação de leis específicas para tratar das possibilidades de exercício de ritos funerários para animais de estimação, já havia um cemitério para animais no Rio Grande do Sul, situado em plena serra gaúcha. E este será o tema do próximo tópico deste capítulo.

### **Um cemitério na Serra Gaúcha**

Neste tópico, reflito sobre uma experiência de trabalho de campo num cemitério, localizado na Serra Gaúcha, destinado ao sepultamento de animais de estimação<sup>35</sup>. Como parte do trabalho de campo que realizei para a produção de uma tese interessada nos ritos funerários destinados aos *pets*, trago aqui considerações acerca desta experiência etnográfica em um espaço cemiterial *pet*, especialmente no que diz respeito à análise do conteúdo discursivo presente no livro de visitas do cemitério, no qual são registradas mensagens de carinho e homenagens póstumas a animais já falecidos. Para construir este tópico, conto com algumas inspirações teórico-metodológicas. No que tange a discussão sobre cemitérios para humanos, há pesquisas que se dedicam a investigar, por meio da visita a espaços cemiteriais, temas como a relação entre formas tumulares e transformações sociais mais amplas nas dinâmicas de parentesco (Motta, 2009) e os diferentes modos de sociabilidade passíveis de serem analisados a partir da observação dos estilos mortuários em cemitérios da transição entre os séculos XIX e XX (Motta, 2010).

No âmbito epistemológico de uma Antropologia da Morte interessada nas relações humano-animais, inspiro-me em pesquisas como a de Auster, Auster-Gussman e Carlson (2020) que, a partir de visita ao cemitério de Lancaster (Pensilvânia), analisou placas de inscrições tumulares que homenageiam *pets* falecidos entre os anos de 1951 e 2018 no intuito de identificar mudanças na percepção dos humanos quanto a sua relação com os animais de estimação. Inspiro-me ainda na pesquisa de Tourigny (2020) que, por meio de visitas a cemitérios de animais no Reino Unido, também analisou lápides e epitáfios como testemunhos das mudanças nas sensibilidades sociais em relação aos *pets*. Bardina (2017) realizou pesquisa semelhante no *Metropolitan Pet Cemetery* em Moscou. Trata-se do primeiro cemitério russo oficialmente dedicado aos *pets*. Por meio da análise de lápides, a autora concluiu que os cemitérios *pets* cumprem uma função de preservar a memória dos *pets* (através de frases escritas nas lápides, fotografias e colagens) e expressar, de modo peculiar, certas crenças na vida após a morte. Neste caso, trata-se de uma crença de que os animais continuam vivos nos corações de seus tutores.

---

<sup>35</sup> No Brasil, há diversos cemitérios para animais localizados em todas as regiões do país. Para mais detalhes, ver matéria de Pinto *et al.* (2019) publicada no Portal Clínica Veterinária, disponível em: <https://www.revistaclinicaveterinaria.com.br/opiniao/mvcoletivo/cemitrios-de-animais-no-brasil/>

Há também outros estudos como, por exemplo, as pesquisas de Elizabeth Kenney (2004) e Barbara Ambros (2010), ambas desenvolvidas em contexto japonês. Kenney (2004) demonstrou como os japoneses fizeram adaptações nos rituais fúnebres destinados aos *pets* a partir de práticas rituais destinadas aos humanos. Para a autora, essas novas formas de honrar os *pets* são representativas da combinação de certos aspectos da espiritualidade budista e cristã. Ao mesmo tempo, estas práticas estão relacionadas às mudanças nas relações entre humanos e animais de estimação, revelando que há uma preocupação com o pós-morte dos animais para que sejam seres pacíficos no mundo espiritual e não se tornem animais errantes. Já a pesquisa de Ambros (2010) demonstrou que os animais ocupam um lugar paradoxal na cultura japonesa: por um lado, as práticas mortuárias visam perpetuar e honrar suas memórias; por outro lado, os *pets* ocupam lugares subordinados e de menor destaque nos altares domésticos e nos espaços cemiteriais pesquisados pela autora. Ambros (2010) analisa que, embora o budismo japonês reconheça os animais como entes que fazem parte de um ciclo cármico, esta vertente filosófico-religiosa considera os animais como seres inferiores em relação aos humanos. Por isso, os *pets* são, geralmente, colocados em locais inferiores e separados dos seus ancestrais humanos nos altares budistas analisados pela autora<sup>36</sup>.

Com base no trabalho de campo que realizei na Serra Gaúcha e em diálogo com uma bibliografia que abriu caminhos para a realização de uma antropologia da morte voltada ao estudo dos espaços cemiteriais (tanto para humanos quanto para *pets*), compartilho neste tópico algumas reflexões que são diretamente derivadas da experiência etnográfica que tive no Cemitério Saúde Animal. Tenho em mente a seguinte questão: o que a morte e o sepultamento de animais de estimação pode ensinar à Antropologia no que se refere aos debates sobre as relações entre humanos e não humanos?

---

<sup>36</sup> Michał Pręgowski (2018), também pesquisou em contexto japonês, mas o fez em comparação com os contextos polonês e estadunidense. Sua investigação conclui que, apesar das diferenças culturais entre Japão, Polônia e Estados Unidos, os rituais fúnebres destinados aos *pets* guardam algumas semelhanças, notadamente, no que diz respeito à materialização da crença na vida após a morte a partir da realização de rituais mortuários. A diferença é que, no Japão, essas práticas mortuárias mantêm vínculos com tradições milenares. Já nos EUA e Polônia, essas práticas mortuárias seguem tendências mais modernas de reinvenção das relações entre humanos e *pets*.

A experiência etnográfica à qual me refiro neste tópico deu-se na Serra Gaúcha, entre as cidades de Gramado, Canela e Nova Petrópolis. Sabe-se que Gramado e Canela são os destinos turísticos mais visitados do Rio Grande do Sul de acordo com inúmeras notícias veiculadas na internet com resultados de pesquisas realizadas por empresas de viagens. No site da Prefeitura de Gramado, há uma notícia recente cujo conteúdo se refere ao fato de que a cidade é o segundo destino preferido dos brasileiros para viajar nos meses de julho e agosto, época das baixas temperaturas no Estado devido à estação do inverno gaúcho<sup>37</sup>. Incluo o município de Canela nesta conta porque, em virtude da proximidade entre as duas cidades, é inevitável não visitá-la, sendo difícil distinguir onde termina e começa cada um desses dois destinos turísticos no exato trecho rodoviário em que eles se conectam.

Gramado e Canela estão situadas na serra gaúcha, região nordeste do Rio Grande do Sul, que abrange um conjunto de outros municípios cuja economia gira em torno do turismo e da indústria de bens de consumo. O crescimento turístico de Gramado se deve ao investimento grandioso em atividades de lazer ligadas à gastronomia, entretenimento, turismo rural e aos atrativos relacionados a produção de uvas, vinhos, queijos e outros produtos típicos da culinária colonial de ascendência italiana e alemã fortemente presentes na região. Fato é que a colonização desta região se beneficiou de políticas públicas, datadas do século XIX, de embranquecimento e expulsão dos povos indígenas. A pesquisa de Soraia Dornelles (2011), por exemplo, desenvolve uma historiografia da ocupação alemã e italiana na Serra Gaúcha a partir de tensos processos de convívio e negociação com os Kaingang – povo originário daquela região –, destacando a agência indígena e suas capacidades de trato político diante dos avanços coloniais. Assim, toda esta região é marcada pela ênfase dada às heranças culturais alemãs, italianas, portuguesas e holandesas ali cultivadas, gerando, especialmente nos turistas, a expectativa de encontrar um pedaço da Europa no Brasil.

Contudo, a fama turística de Gramado e Canela acaba por beneficiar uma série de outros municípios da Serra como, por exemplo, Nova Petrópolis, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Garibaldi, São Francisco de Paula, Carlos Barbosa

---

37 <https://www.gramado.rs.gov.br/noticias/gramado-e-eleita-um-dos-principais-destinos-turisticos-para-as-ferias-de-julho>

dentre outras cidades. Ou seja, um município acaba auxiliando, de modo recíproco, a economia do outro girar em torno do turismo, pois os visitantes circulam entre estas cidades através de passeios que as conectam por via rodoviária. São inúmeros os vídeos disponíveis na internet com roteiros turísticos prontos para quem vai visitar a Serra Gaúcha, dispondo inclusive de orçamento médio gasto por atração turística visitada. No *YouTube*, site de compartilhamento de vídeos, há diversos “*youtubers*”, como são conhecidos os produtores de conteúdo desta plataforma, que veiculam vídeos onde relatam como foram suas experiências de viagem nestas cidades da Serra Gaúcha. E, atualmente, há um crescente número de canais de vídeos com relatos cotidianos de ex-turistas que hoje são moradores de alguma cidade da Serra Gaúcha e ganham a vida vendendo pacotes turísticos ou tickets promocionais de desconto para consumo de pratos gastronômicos ou atividades de lazer para quem vem de outras regiões do Brasil.

## Serra Gaúcha | Rio Grande do Sul | RS



 Cemitério Saúde Animal

Figura 13 – Localização do Cemitério Saúde Animal.  
Fonte: Elaborado pelo autor.

Pois é na Serra Gaúcha, mais precisamente entre Gramado e Nova Petrópolis, que há um cemitério para animais de estimação cujo nome é Cemitério Saúde Animal<sup>38</sup>. Existente há mais de 20 anos, o cemitério fica situado no município de Nova Petrópolis, no alto de uma montanha, mas sua administração é feita (desde 2013) por Bruna Henzel proprietária da Clínica Veterinária Saúde Animal, localizada em Gramado. Tomei conhecimento do cemitério para animais através de reportagem que li no Jornal de Gramado, cuja manchete dava conta de chamar a atenção para o pioneirismo deste empreendimento no Estado do Rio Grande do Sul<sup>39</sup>. Aliás, o mercado de serviços funerários vem crescendo em toda a Serra Gaúcha, conforme atesta matéria jornalística do site Gaúcha ZH<sup>40</sup>. Logo que chegou ao meu conhecimento, tratei de entrar em contato com a empresa para, talvez, conseguir uma entrevista que me possibilitasse obter maiores informações, visitar o local etc. Após algum tempo de negociação, obtive a resposta de que o cemitério estaria de portas abertas para visitação, porém uma entrevista com a proprietária do estabelecimento não seria possível naquele final de ano de 2021, período de alta estação turística em Gramado e, provavelmente, de grande movimentação em sua clínica veterinária.

Com autorização para visitar o cemitério, fui alertado de que seu endereço era de difícil acesso e não correspondia exatamente ao endereço oficial disponível na internet. Isto porque o cemitério fica no alto de uma montanha e, para acessá-lo, é necessário obter coordenadas precisas de GPS, responsáveis por indicar sua localização de modo mais confiável. De acordo com Bruna é bem difícil encontrar o cemitério mesmo em aplicativos de GPS bem consolidados no mercado como, por exemplo, o *Google Maps*. Assim, a proprietária, gentilmente, me forneceu as coordenadas extraídas de um aplicativo de GPS voltado para motoristas automotivos, o *Waze*. Segundo Bruna somente através do acesso ao *Waze* seria possível chegar até lá por uma rota confiável.

Foi então que viajei de Pelotas até Gramado, onde estabeleci hospedagem, para só então me deslocar ao cemitério em Nova Petrópolis. A

---

38 <https://www.cemiteriosaudeanimal.com.br/home/>

39 <https://www.jornaldegramado.com.br/noticias/regiao/2021/10/29/cemiterio-para-caes-e-gatos-em-nova-petropolis-e-pioneiro-no-estado.html>

40 <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2021/10/conheca-os-servicos-funerarios-para-animais-na-serra-ckv16c76h0054017fhotg7553.html>

distância entre Pelotas, no sul do estado, e Gramado, na Serra Gaúcha, é de cerca de 376 km, levando em torno de 5h50min para chegar até lá de carro. De Gramado a Nova Petrópolis a distância fica em torno de 35km, cujo deslocamento pode durar cerca de 47 minutos. Entretanto, para chegar ao cemitério não é necessário ir até o centro de Nova Petrópolis, pelo contrário, sua localização fica no trecho que a interliga à cidade de Gramado. Fui até lá, seguindo as orientações do GPS, de acordo com a localização que me foi informada. O cemitério fica localizado na Linha Chapadão, no alto de uma montanha. Passei pelo pedágio na saída de Gramado em direção a Nova Petrópolis e segui viagem. Num determinado trecho, o GPS indicou que deveria dobrar à esquerda, numa via não asfaltada, feita em piçarra, aberta entre as árvores, que dava início a uma subida de montanha.



*Figura 14 – Estrada que dá acesso ao cemitério.  
Foto: Marcus Negrão*

O tráfego era ruim e pavoroso, pois a subida era muito íngreme, a estrada não tinha pavimentação adequada e havia muitos pedregulhos no caminho, o que dificultava a fixação dos pneus do carro no solo, facilitando deslizamentos. Não havia nenhuma possibilidade de um outro carro passar em sentido contrário porque o espaço disponível era muito estreito. Fiquei com receio de que, em algum momento, outro carro pudesse aparecer, com o intuito de descer aquela

via, e não haver o que fazer para solucionar aquele impasse. Para completar a experiência, por entre as árvores que margeavam o caminho, era possível avistar grandes penhascos. A única alternativa que tinha era continuar a subida, pois também não havia condições para manobrar o carro em círculo e posicioná-lo para descer a montanha. Em certos trechos a subida era tão íngreme que temi a possibilidade de o carro capotar de costas, despencando sobre a montanha. Não havia sinalização alguma que indicasse que estávamos indo pelo caminho correto, o sinal de GPS começava a falhar, o celulares tinham dificuldade para encontrar rede de comunicação.

Depois de muitos temores e de uma subida repleta de adrenalina, chego a um trecho mais plano, numa encruzilhada em formato de “T”, onde havia uma placa, no formato de seta, apontando para a direita em que estava escrito “Cemitério de Animais”. Senti imediatamente um alívio por saber que todo aquele esforço não fora em vão e que, logo mais, chegaria ao meu destino. Já estava pensando em como faria para descer aquele trajeto íngreme, o que poderia ser igualmente perigoso. Depois de mais alguns trechos de estrada de piçarra, finalmente, chego ao Cemitério. Os portões estavam abertos e, logo ao entrar, fui recebido com muitos latidos de um cachorro sem raça definida, de grande porte, chamado Rex, que era o guardião do lugar.



*Figura 15 – Portão de entrada do Cemitério Saúde Animal  
Foto: Marcus Negrão*



*Figura 16 – Visão geral da entrada.  
Foto Marcus Negrão*



*Figura 17 – Visão externa da capela de despedidas.  
Foto: Marcus Negrão*

Ao entrar naquele lugar é possível logo perceber a presença de uma casa (habitada na época por Seu Antônio, caseiro que cuidava da manutenção física

do espaço junto de sua esposa, Maria de Fátima), uma capela de orações destinada às cerimônias de despedida dos *pets* e uma área aberta onde estavam situados os túmulos dos animais. Seu Antônio me recepcionou com muito entusiasmo e logo descobrimos uma afinidade: ele havia morado, durante muitos anos, em Belém, cidade onde nasci no Pará, sua esposa e diversos de seu familiares eram meus conterrâneos. A recepção foi muito boa, mas não pude deixar de comentar o difícil acesso ao local. “Ah! Você veio pela pior estrada. Tinha que ter vindo por outro caminho, que é mais fácil. Na volta, eu te ensino por onde tem que ir”, disse Seu Antônio. Ele estava sozinho com seu companheiro canino, aparentava estar gripado, tossia muito, mas não perdia a simpatia. Era nascido no Ceará, mas já morava no Rio Grande do Sul há muitos anos e já se acostumara com o frio da Serra Gaúcha. “Recentemente, isso aqui tudo ficou coberto de neve, tudo branquinho. Mandeí fotos pros meus parentes e eles ficaram impressionados”, referindo-se à queda de neve que caiu na região em agosto de 2021. “Fique à vontade, pode olhar tudo, se quiser tirar fotos também pode. Qualquer coisa é só me perguntar”, disse mostrando sua hospitalidade e retirando-se para entrar em casa.



*Figura 18 – Visão geral dos túmulos.  
Foto: Marcus Negrão*

Caminhei por toda a área externa e fotografei todo o espaço. O Cemitério Saúde Animal é um cemitério parque, localizado num amplo e bonito espaço verde com tamanho de 6 hectares, ornamentado por uma atmosfera calma naquele dia de sol em que o visitei pela primeira vez. O lugar é muito bem cuidado, a grama aparada, o paisagismo bem pensado. Era verão, o céu estava azulado e cheio de nuvens, o que acentuava a beleza da vegetação distribuída por todo aquele espaço. O Cemitério oferece as modalidades de enterro coletivo, em túmulos onde são abrigados diversos *pets*, ou individual, em sepulturas únicas e personalizadas. O custo para sepultamento individual é de um salário-mínimo vigente na época em que ocorrer o enterro, sendo cobrada ainda uma taxa no valor de R\$200,00 para manutenção anual do túmulo. Nos casos em que os tutores querem colocar uma lápide personalizada, este serviço é cobrado à parte. No total, há 132 túmulos, mas nem todos eles já estão ocupados por animais enterrados naquele espaço. Chamam a atenção as lápides personalizadas com fotos dos animais, sobretudo cachorros, já falecidos. As datas de falecimento demonstram que aquele cemitério já possui uma extensa trajetória, pois há animais que morreram, por exemplo, na década de 1990 e estão ali enterrados. “Este cemitério funcionava em outro lugar, mas depois mudou de administração e foi colocado aqui”, disse Seu Antônio.



Figura 19 – Visão aproximada das lápides.  
Foto: Marcus Negrão



*Figura 20 – Ornamentação das lápides.  
Foto: Marcus Negrão*

A presença de flores ainda vivas ou em processo de decomposição em alguns túmulos demonstra que o espaço é visitado com frequência pelos tutores humanos. Nos túmulos era possível ler frases que destacavam a fidelidade dos animais, o amor tido como incondicional, a pureza em relação aos maus sentimentos humanos, a alegria de viver. “Max, saudades eternas, te amamos muito, vó, mãe e dinda”, dizia o letreiro de uma lápide, provavelmente pertencente a um cachorro nascido em 05.02.2001 e falecido em 12.04.2020. Utilizo este letreiro como exemplo da concepção de família multiespécie presente em tantos outros túmulos deste cemitério. O grau de parentesco é estendido aos animais conforme seu posicionamento em relação ao seu tutor principal, isto é, aquela pessoa que o adotou ou comprou e que está incumbida, de maneira mais imediata, de proporcionar-lhe cuidados para seu bem-estar. Assim, a “mãe” de Max seria sua tutora principal, ao passo que a “vó” seria a mãe humana de sua tutora. E a “dinda” é um grau de parentesco mais difícil de precisar, podendo ser uma irmã, prima ou mesmo amiga da família. No caso deste *pet* em específico não havia relações de parentesco com nenhum homem, aparentando que se tratava de um núcleo familiar centrado nas mulheres.



*Figura 21 – Lápide de Max.  
Foto: Marcus Negrão*



*Figura 22 – Capela do cemitério.  
Foto: Marcus Negrão*

“Aqui é uma região turística. Então, isso facilita que o pessoal sempre venha aqui no cemitério visitar seus cachorros quando estão de férias ou

passando feriado em Gramado, Canela, essas cidades aqui de perto”, disse Seu Antônio. As visitas também ocorrem em datas comemorativas como, por exemplo, Dia das Mães/Pais, Páscoa, Natal, mas também no Dia de Finados. “Tem uma família que vem muito aqui, visitam sempre o cachorro deles, fazem oração, deixam flores, sempre cuidam do túmulo”, observou. “Mas tem gente que demora a aparecer, talvez porque mora mais longe, e vem só uma vez por ano. Geralmente, no período de férias”, completou Seu Antônio. De acordo com a administração do cemitério, há muitas pessoas que sepultam seus animais em Nova Petrópolis por ainda não terem cemitérios de animais em sua região ou cidade de residência. Tutores do Brasil inteiro acabam sepultando seus animais naquele espaço cemiterial, que atualmente recebe, em média, quatro enterros ao ano. Por estar localizado numa região turística muito visitada por pessoas de diversos estados brasileiros, o cemitério acaba recebendo um bom fluxo de visitantes de outras localidades em datas comemorativas e feriados.



*Figura 23 – Interior da capela.  
Foto: Marcus Negrão*

Chama a atenção uma capela localizada ao lado dos túmulos. Construída a partir de uma mistura de tijolos, madeira e pedras, a capela é parte da infraestrutura do espaço cemiterial e serve para que sejam realizadas cerimônias de despedidas dos *pets* falecidos. A capela é toda construída em estilo rústico,

que enfatiza a cor marrom, associada a São Francisco de Assis, nas madeiras que forram o teto, contornam as janelas, compõem os bancos para acomodação do público e, por fim, servem como base para um suporte, onde são colocados os *pets* falecidos, e para as prateleiras dispostas na parede central, onde seria localizado uma espécie de “altar”<sup>41</sup>. As pedras também são muito presentes no interior da capela, constituindo a parede central do “altar” e as colunas que sustentam o suporte de madeira, que forma uma espécie de mesa, para acomodação dos *pets* falecidos.



*Figura 24 – Visão frontal do interior da capela.  
Foto: Marcus Negrão*

---

41 Utilizo a palavra altar entre aspas para facilitar o entendimento acerca de qual parte deste espaço físico estou me referindo. Porém, não se trata, formalmente, de uma igreja com uma estrutura própria de altar e acessórios pertinentes às celebrações feitas por padres. O espaço ao qual me refiro é apenas uma capela para orações, homenagens póstumas etc.

No centro do “altar” há uma imagem realista de São Francisco de Assis (provavelmente feita em resina) com um pássaro em suas mãos e um cervo em pé, ao seu lado, próximo à parte inferior de suas pernas, abaixo do joelhos. Acima desta imagem, já em direção ao teto há um crucifixo com a representação da crucificação de Jesus Cristo. Na lateral esquerda do “altar”, há ainda outra imagem do santo, desta vez esculpida em madeira, numa estética menos realista, mostrando apenas os contornos de seu corpo e roupa, mas sem olhos, boca, nariz e orelhas, apenas com o formato de sua cabeça aparente. No entanto, é possível identificar dois pássaros em seu corpo: um sobre seu ombro e outro pousado em sua mão. Existem três prateleiras que integram o contorno do “altar” e, nelas, é possível identificar algumas urnas cinerárias deixadas no local. “Tem gente que opta pela cremação dos animais, mas não quer ficar com as cinzas em casa e nem quer jogar em algum lugar especial. Preferem deixar aqui na capela”, explicou Seu Antônio.



*Figura 25 – São Francisco de Assis em madeira.  
Foto: Marcus Negrão*

As urnas são de diversos formatos, mas quase todas feitas em madeira. Algumas mais enfeitadas, outras mais sóbrias. Havia, inclusive, uma urna dourada adornada com um laço branco que se destacava sobre sua parte superior, indicando que se tratava das cinzas de uma cadela. Percebi que, em geral, as urnas ali depositadas eram mais sóbrias quando se referiam aos animais de sexo masculino e mais enfeitadas quando se tratava de um *pet* de sexo feminino. Isso se repete nas decorações dos túmulos na área externa, o que possibilita inferir que a generificação dos corpos e identidades humanas é também aplicada aos animais por seus tutores, tanto em vida (vide as peças de vestuário no mercado *pet*) quanto após a morte (conforme os túmulos, urnas funerárias e dedicatórias fúnebres).



*Figura 26 – Urna cinerária depositada na capela.  
Foto: Marcus Negrão*

Também é notável a presença de esculturas decorativas de cães espalhadas pela capela, havendo apenas uma escultura de gato no espaço. Isso pode ser indicativo da predominância do cães nos enterramentos realizados naquele cemitério; pode ser também uma manifestação expressiva da força da imagem que os cachorros possuem como guardiões dos espaços; e, finalmente, pode ainda evidenciar uma percepção cristalizada acerca da “fidelidade” canina

com relação aos “sentimentos” dedicados aos seus tutores. O fato é que imagens e esculturas de cães são predominantes em todos os espaços funerários pelos quais tenho circulado.



Figura 27 – Livro de visitas e mensagens.  
Foto: Marcus Negrão

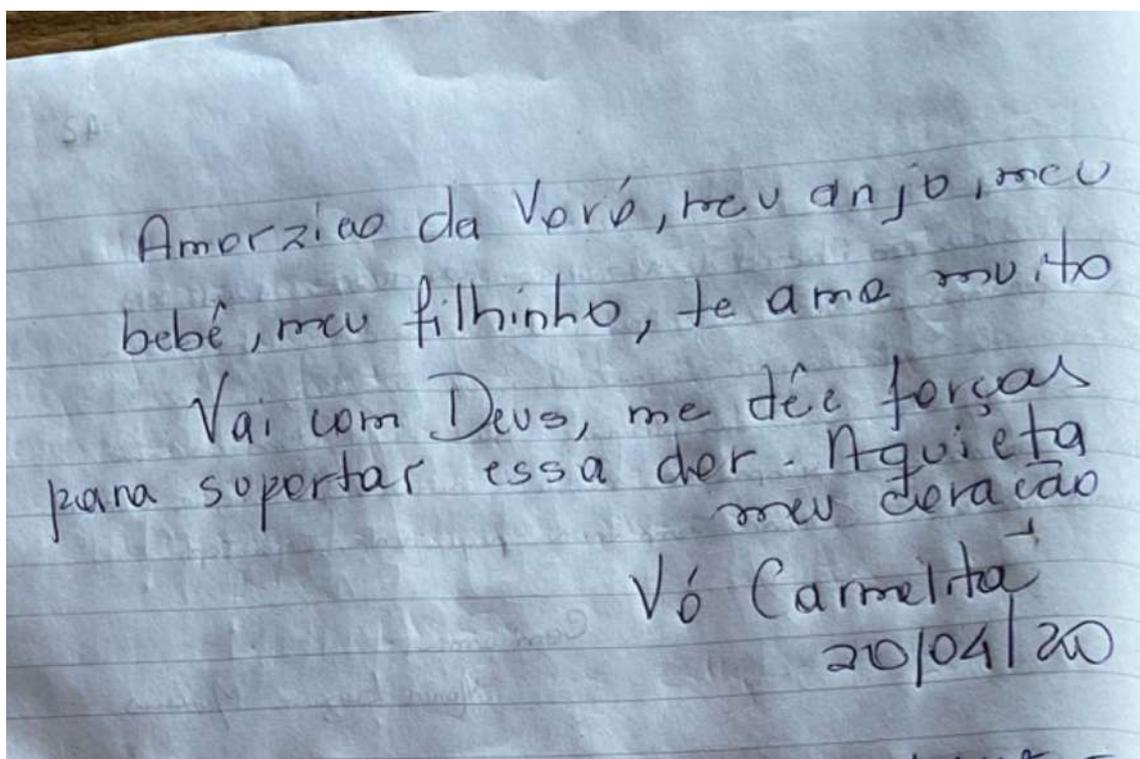


Figura 28 – Mensagem deixada para um pet.  
Foto: Marcus Negrão

Contudo, o que mais me chama a atenção neste espaço é a presença de um livro de visitas com dedicatórias fúnebres destinadas aos *pets* enterrados naquele espaço. Em sua folha de rosto é possível ler “Cemitério Parque e Crematório Saúde Animal: livro de visitas e mensagens”, escrito em tinta preta com pincel atômico. Passei a maior parte do tempo dedicado a ler e fotografar todas as páginas daquele livro de visitas. São inúmeras as dedicatórias, declarações de amor, manifestações de afeto colocadas de forma muito espontânea e genuína. Sem nenhum intuito de criticar qualquer expressão de sentimentos ali verbalizada, devo dizer que me fiz algumas perguntas, que talvez tenham utilidade antropológica para o tema que pesquiso: por que a existência de um livro de visitas? Que tipo de conforto emocional poderia haver em registrar o amor sentido pelos animais naquelas páginas? Por que tantas dedicatórias repetidas pelos mesmos tutores para os mesmos animais? Qual a importância da escrita das emoções se seus principais destinatários não compreendem a representação gráfica e abstrata da escrita? Seriam os *pets* os reais destinatários daquelas mensagens?

Na incerteza de responder a todas estas perguntas, devo mencionar que este material é de fundamental importância para o meu trabalho de campo, pois é através dele que posso acessar e inferir questões antropológicas diretamente das fontes proporcionadas por interlocutores, humanos e *pets*, que, neste caso, colaboram indiretamente com esta pesquisa. Por isso, quero me debruçar sobre aquelas páginas e deixar que elas comuniquem um pouco daquilo que pretendem, passando pela interpretação que posso fazer delas na condição de antropólogo pesquisador da temática. Ao escrever todas aquelas mensagens de afeto, os tutores comunicam muito acerca de suas concepções de vida no que tange as relações que estabelecem com seus animais de estimação.

Amorzinho da vovó, meu anjo, meu bebê, meu filhinho, te amo muito. Vai com Deus, me dê forças para superar essa dor. Aquieta meu coração. Vó Carmelita. 20/04/2020

Que São Francisco de Assis ilumine e abençoe sempre esse local sagrado onde todos os nossos irmãozinhos de luz repousam em paz!!! Fique com Deus, meu querido amiguinho Max. Do teu amigo, Gilberto (Giba)!!! Nova Petrópolis, 16/10/2020.

As mensagens acima trazem questões muito relevantes para a Antropologia. Na primeira, há uma vinculação direta de parentesco entre o *pet* (cuja espécie não é informada) e sua tutora, a “avó”, que mobiliza ainda palavras como “bebê” e “filhinho”. Na segunda mensagem, a relação de parentesco não é evocada diretamente, mas substituída por uma relação de amizade, embora o termo “irmãozinhos” seja utilizado para se referir, de modo geral, à construção de laços entre *pets* e humanos, colocando-os numa posição fraterna de relação. Porém, em ambas as mensagens há menções a Deus, São Francisco de Assis e a termos como “luz” e “anjo”, indicando a existência de uma concepção de espiritualidade envolvendo aquela perda física. “Vai com Deus” ou “Fique com Deus” são expressões que podem demonstrar o entendimento de que o *pet* possui alma, espírito ou algo equivalente. E, sendo assim, sua vida continuará no plano espiritual, tal como se costuma crer, em diversas religiões, que aconteça aos humanos. Embora possam ser interpretadas como meras formas corriqueiras (e talvez não racionalizadas) de expressão, não posso considerar que, num contexto de um cemitério *pet*, no qual as pessoas levam a sério o tratamento póstumo dado aos seus animais de estimação, estas mensagens sejam simplesmente um modo educado de falar que não tenha significados mais profundos.

Vejamos as mensagens abaixo:

Lara, minha amada imortal! Me espere na porta do paraíso. Amo você. Mariana.

Bud! Brinca bastante no céu dos cachorros! Dá um beijão na Charlotte e no Lord! Bjs!

Meu querido Pepe, Vou deixar o teu corpinho aqui. Tem um campo verde e lindas árvores. Agora é nossa separação física, mas no meu coração você vai viver. Amado, adeus. 26/06/2020

Meu amado Pepicho, Fica com Deus e São Francisco de Assis. Corre feliz pela área verde do céu dos cachorros. Fica bem. Seja muito feliz, meu filho, meu amigão, meu companheiro e obrigada pelos nossos 12 anos de convívio, pelo seu amor, pelos seus carinhos. Espero com fé que possamos nos reencontrar. Saudades, Mamãe Silvana 26/06/2020

Estamos aqui novamente neste lugar sagrado para reverenciar o espírito do nosso querido anjinho Max; que São Francisco de Assis abençoe sempre a todos os irmãozinhos da luz que nos deram seu amor incondicional. Muito obrigado, Max!!! Gilberto e Martha (Tia querida). Nova Petrópolis, 19/09/2021.

Há, na linguagem corrente destas mensagens, a utilização de noções que remetem a um “céu dos cachorros”, onde esses animais poderão viver felizes, finalmente livres de coleiras, podendo correr pela imensidão de áreas verdes sempre retratadas como tranquilas, bonitas, agradáveis, desenhando uma noção de paraíso espiritual fortemente associada a uma natureza idílica, talvez domesticada, jamais selvagem, parecida com o próprio entorno do cemitério parque onde os corpos *pets* permanecem sepultados. Isto é, uma natureza tratada sob um tipo de paisagismo específico, com campo, grama aparada, árvores selecionadas, flores bem posicionadas, caminhos de pedra detalhadamente desenhados, bancos para sentar e muitos outros cachorros brincando.

As mensagens transparecem uma diferenciação entre separação física, ocorrida inevitavelmente mediante a morte do *pet*, e separação espiritual, jamais consumada devido à ligação emocional e energética existente entre humanos e seus animais de estimação. Entretanto, há ainda a constante esperança de um reencontro futuro, que, por mais espiritual que seja, parece ganhar uma dimensão física com as expressões “me espere na porta do paraíso” ou “dá um beijão na Charlotte e no Lord”. Ou seja, esses textos indicam que haverá um reencontro espiritual onde será possível um reconhecimento (quase físico) uns dos outros como uma comunidade unida em torno de uma ligação muito superior de almas.

Assim, torna-se muito explícito que, por um lado, os tutores operam com a separação entre corpo e espírito quando mencionam que o sepultamento no cemitério traz à tona uma mera separação física entre os corpos, porém a ligação de afeto construída (em vida) por ambas as partes nunca permitiria uma separação espiritual entre humanos e *pets*. Por outro lado, as mensagens deixam entrever que esses mesmos tutores não operam com a separação entre natureza e cultura, pois, apesar de existir um “céu dos cachorros”, há a previsão de um reencontro entre os animais humanos e não humanos num plano espiritual onde não há distinção de espécies segundo o binômio natureza e cultura<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> Essa discussão sobre vida após a morte no que se refere aos *pets* não é recente. A pesquisa de Howell (2002), por exemplo, mostra como já na Era Vitoriana surgiram os primeiros cemitérios *pets* na Grã-Bretanha. Para o autor, estes cemitérios desafiavam o antropocentrismo e a própria teologia cristã, tendo em vista que, nestes espaços cemiteriais, ficava patente uma crença na possibilidade de reencontro entre tutores e *pets* num paraíso idealizado.

Resta saber se esta indistinção se estende para todas as espécies de animais não humanos ou se seleciona apenas algumas espécies companheiras, isto é, aqueles animais com os quais é possível estabelecer uma convivência cotidiana, doméstica e a longo prazo.

Além disso, há outros sentimentos que são manifestados em algumas mensagens. Ao folhear o livro de visitas, encontrei duas mensagens dedicadas a uma *pet* chamada *Mel*, nome comumente utilizado para cadelas, embora não seja possível identificar com precisão se se tratava de uma. Uma das que mais me marcou

Vai com Deus, meu anjo, cuida de nós aí de cima! Nós te amamos, Mel  
<3 Com amor, Marcele. 30 de abril de 2020.

Me perdoa, Melzinha... Agora tu vai conhecer o Roger. Te amo além  
dessa vida. E um dia iremos nos encontrar... Mel, minha "cholona". Meu  
cotoquinho. Com amor, Luciane. 30/04/2020

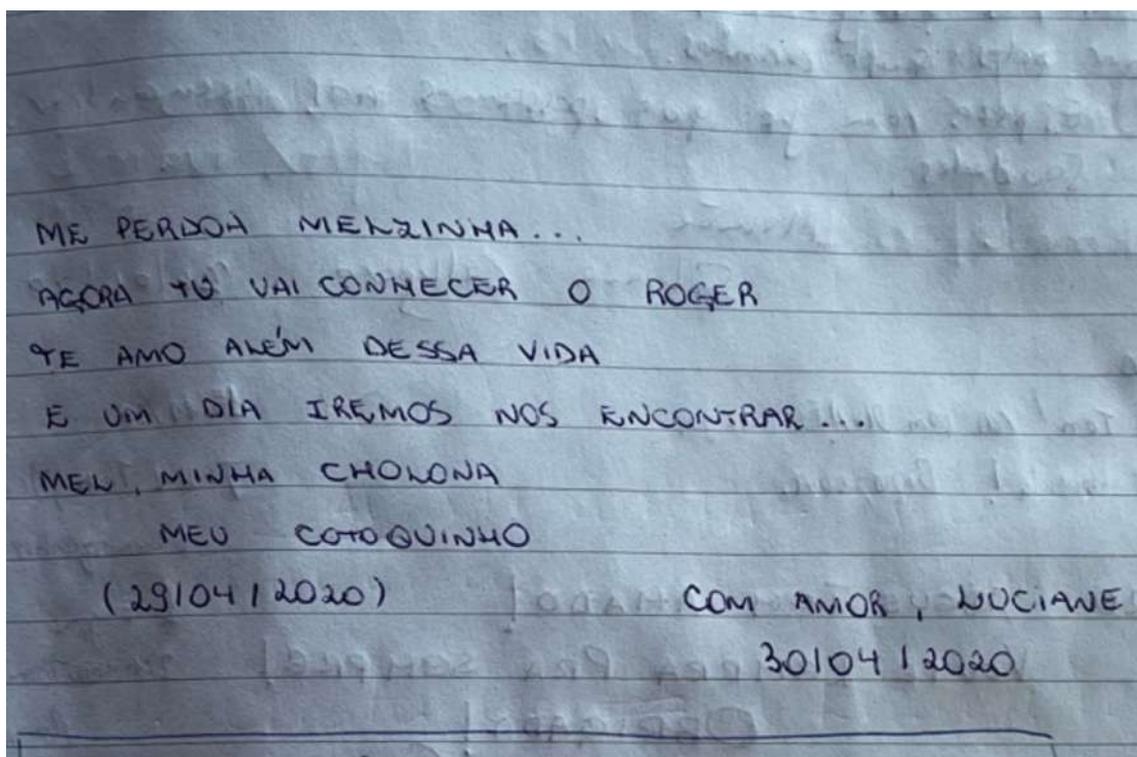


Figura 29 – Mensagem com pedido de desculpas ao *pet*.  
Foto: Marcus Negrão

Por estarem na mesma folha do livro, citarem o mesmo nome do animal falecido e terem a mesma data de redação, suponho que sejam duas mensagens escritas por diferentes tutoras da *Mel*. Na primeira inscrição, destaca-se novamente a concepção de espiritualidade implicada no entendimento do

fenômeno da morte dos *pets* e isso se repete na segunda mensagem, situada na parte inferior da página. A repetição das expressões “vai com Deus” e “meu anjo”, acrescida da observação “cuida de nós aí de cima”, indica a ideia de viagem para outro plano espiritual superior onde será possível conhecer ou encontrar outros familiares como, por exemplo, o Roger (não se sabe se é humano ou *pet*) mencionado no segundo excerto. A noção de amor além da vida é mobilizada para também marcar um encontro futuro neste mesmo plano espiritual.

Porém, o que mais me chama a atenção na segunda mensagem é o seu início, onde se lê a frase “Me perdoa”. Há um sentimento de culpa, expresso no começo desta mensagem através de um pedido de perdão. Ainda que não seja possível identificar com clareza o motivo pelo qual se pede perdão, é possível inferir que *Mel* passou por um procedimento de eutanásia, comum em clínicas veterinárias quando há casos de doenças sem solução ou que afetam drasticamente a qualidade de vida dos *pets* e tutores. Se este for o caso, o pedido de perdão pode ser a expressão de dor não apenas pela morte em si, mas por sua tutora ter autorizado a sua antecipação via procedimento médico. De todo modo, o pedido de desculpas pode ser por outras motivações como, por exemplo, não ter cuidado do *pet* como deveria, não ter estado presente em algum momento crucial de sua vida ou qualquer outra razão semelhante. Um exemplo disso é outra mensagem cujo conteúdo é: “Você vai fazer muita falta, Gorducha... Desculpa não ter brincado mais contigo! Te amo, Emili”, dizia outra mensagem.

As mensagens revelam ainda a recorrência das visitas àquele cemitério, provando que, por mais difícil que seja o acesso ao local, os tutores mantêm o compromisso e o desejo de visita dos *pets*. No decorrer das páginas do livro de visitas, são recorrentes as mensagens a diversos cães, destacando-se, entre eles, Elvis, Max e Pepe com diversas visitas ao longo do ano.

Elvis, estivemos aqui. Regina, Cynthia, Regina Socorro. Em 18/04/2019

Elvis, estivemos aqui. 29/05/2019. Carvalho, Regina e Cynthia. 29/05/2019

Cynthia 29/08/2019 = ver meu filhinho Elvis.

Feliz Natal para o nosso Elvis e para todos nessa linda morada!  
Cynthia, Maria Regina, Paulo. 18/12/2019

Feliz Natal, Elvis. Tio Carvalho. Dez/2019.

Elvis – amor da vó Regina. 18/12/2019

Elvis, querido!!! A vó esteve aqui hoje. Beijo, meu cãozinho do coração.  
Saudades! 08/07/2021

Elvis, estamos aqui contigo. 08/07/2021

Querido Pepe, Estivemos aqui! Dimitri e Silvana. 10/07/2021

Estive aqui com o coração apertado e cheio de saudade de nosso PET  
MAX. Sei o quanto ele sabia do nosso amor, e por amor a ele, desejo  
que ele está bem na companhia de S. Francisco e do nosso pai amado,  
Deus. Um dia nos encontraremos, te amo, MAX. Tua mãe humana.  
Setembro/2021.

As mensagens acima deixam registrado aquilo que Seu Antônio já havia relatado, isto é, a frequência com que os tutores visitam o espaço. “As pessoas ligam pra administração, agendam a visita e aí fico esperando eles chegarem no dia combinado”, disse Antônio. “A gente acaba criando uma aproximação com as pessoas que vem aqui. Naquele dia em que caiu neve, as pessoas queriam saber como ficaram os túmulos dos animais, pediram fotos e eu mandei”, completou. Durante a conversa que tive com Seu Antônio, entrei em vários assuntos pertinentes ao cemitério, aos frequentadores do espaço, aos planos futuros da administração. De acordo com ele, há diversas áreas dentro da propriedade onde está localizado o cemitério que serão utilizadas para sua expansão. Por exemplo, atrás da Capela há um grande espaço verde onde será possível abrir mais túmulos individuais ou coletivos para futuros sepultamentos. Também em outra área situada ao lado de onde se encontram os atuais túmulos há bastante espaço para novas sepulturas. “O projeto aqui é de aumentar o cemitério. Mas, por enquanto, essa área onde os animais já estão sendo enterrados está dando conta de atender as necessidades de espaço”, afirmou Antônio. Caso a expansão se concretize futuramente, a administração terá que preparar as novas áreas de sepultamento de acordo com a legislação ambiental para evitar contaminação do solo e, assim, obter o licenciamento para operar.



*Figura 30 – Área do cemitério a ser construída.  
Foto: Marcus Negrão*

Fiquei conversando com Seu Antônio ao ar livre durante um bom tempo. Em nossa companhia estava Rex, o cachorro que morava com ele no local. “O Rex era um cachorro da vizinhança, vivia por aqui e por ali, na casa de um e de outro”, contou. “Todo mundo aqui de perto cuidava um pouco dele, dava comida. Mas, depois que eu vim morar no cemitério, ele veio aqui pra casa e a gente ficou com ele”, finalizou. Foi quando, quase no fim da conversa, resolvi fazer uma pergunta ao Seu Antônio. Primeiro, disse-lhe que, em cemitérios humanos, é comum haver histórias de assombração e, em seguida, perguntei se, naquele cemitério de animais, tinha assombração também. Seu Antônio deu uma longa gargalhada, quase não conseguia responder de tanto rir. “Aqui não existe isso não, rapaz! Assombração é coisa de gente!”, exclamou o homem gargalhando. “Mas dizem que os cachorros conseguem ver fantasmas. O Rex nunca viu nenhum cachorro fantasma por aqui?”, insisti. “Que nada! Aqui não tem fantasma não!”, concluiu Seu Antônio.



*Figura 31 – Rex.  
Foto: Marcus Negrão*

Após aquele dia de visitação, Seu Antônio me informou outro caminho mais amigável por onde deveria retornar, dizendo que as portas do cemitério estariam sempre abertas para visitação. No percurso de volta, de fato, percebi que, embora nas mesmas condições de pavimentação, a estrada era bem menos íngreme e um pouco mais larga, visando abranger dois carros na via. No caminho de volta a Gramado uma pergunta não saía de minha mente: para quem são aquelas mensagens no livro de visitas? A que se destinam? Somente agora, durante o processo de escrita, percebo que, embora aquelas mensagens desejem estabelecer algum tipo de comunicação com os *pets*, elas se destinam a construir um imaginário coletivo entre os humanos acerca da morte de seus *pets*. Em outras palavras, cria-se uma rede discursiva na qual estão sendo debatidas, entre palavras de luto e afeto, concepções de família e parentesco, noções de vida após a morte e o dimensionamento do amor interespécies.



*Figura 32 – Túmulo de Pepe.  
Foto: Marcus Negrão*

Quem lê as mensagens são outros humanos, que se reconhecem na dor sentida pela morte de seus *pets*. E, ao folhear as páginas daquele livro de visitas, é possível observar a frequência das visitas de outros tutores, criando uma necessidade coletiva de vigilância da atenção dada aos *pets* falecidos. Assim que os *pets* morrem, os tutores deixam longos textos de despedidas, mas, no decorrer dos anos, passam a deixar mensagens curtas, apenas com o objetivo de registrar a passagem por aquele lugar, informando aos outros humanos que a família daquele *pet* não o abandonou. As mensagens funcionam como uma maneira de continuar nutrindo uma relação de afeto com os animais, pois haverá um reencontro final quando os humanos, familiares do *pet*, falecerem. E como reencontrar o animal sem, após a sua morte, tê-lo dado a devida atenção? É preciso cultivar a relação, registrar presença, rezar pelo *pet*, manter a limpeza e decoração de seu túmulo.



*Figura 33 – Túmulo de Elvis.  
Foto: Marcus Negrão*



*Figura 34 – Espaço para descanso dos visitantes.  
Foto: Marcus Negrão*

Mas também é preciso mostrar aos outros humanos, estimulá-los a não abandonar os seus animais, chamá-los à reflexão sobre espiritualidade para

endossar uma perspectiva em um debate mais amplo: os animais merecem toda essa reverência?<sup>43</sup> O que está sendo discutido neste livro de visitas é, em outras palavras, expressão de outra face dos direitos dos animais. Se o ativismo pelos direitos dos animais luta para manter condições dignas de vida a todas as espécies, considero que os ritos funerários destinados aos *pets* podem ter iniciado um movimento de expansão da garantia de direitos pós-morte relacionados ao direito à memória dos animais<sup>44</sup>. O crescimento mercadológico das funerárias e crematórios *pets* não pode ser apenas tido como mero oportunismo capitalista, embora, de certa forma, não deixe de ser. Mas, nas profundezas dessas ações de sepultamento ou cremação de *pets*, estão contidas questões que tocam em assuntos como dignidade e honra póstumas que, aos poucos, podem começar a ser reivindicadas como direito pertinente a todos os animais.

O que a indústria *pet* está fazendo é se aproximar de um debate pré-existente a seu favor, abrindo as fronteiras do ramo funerário para abarcar os animais. Trago essa discussão do mercado funerário e indústria *pet* com base em Donna Haraway (2022). A autora levanta dados que demonstram que, em termos de valor de mercado, a indústria *pet* se equipara à indústria farmacêutica em termos globais. Isso significa um altíssimo valor de mercado que se encontra em franca expansão. Para a autora “os cães [...] são ao mesmo tempo mercadorias e consumidores de mercadorias” (p. 70). Numa abordagem (de inclinação marxista) da indústria *pet*, Haraway nos faz perceber como os animais estão enquadrados no mundo contemporâneo como capital vivo. Na relação que constituem com a humanidade, os animais e os humanos estão implicados em regimes mútuos de consumo dentro da lógica do capital.

---

<sup>43</sup> Este é um questionamento ao qual os tutores enlutados por seus *pets* são constantemente constrangidos. Em meu trabalho de campo, muitos tutores relataram se sentirem julgados por estarem em luto, configurando-se assim um luto interdito e socialmente deslegitimado. Atualmente, há uma ampla bibliografia que discute a temática dos lutos não reconhecidos. Neste sentido, recomendo a leitura de Rémillard, Meehan, Kelton e Coe (2017); Spain, O’dwyer e Moston (2019); Cleary, West, Thapa, Westman, Vesik e Kornhaber (2021); Lapa e Nogueira (2022); Ciliberti, Malcotti e Alfano (2023). Desenvolverei este assunto do luto interdito com maior detalhamento no capítulo IV desta tese.

<sup>44</sup> Aos poucos, é possível perceber que há uma discussão corrente sobre o direito dos animais de estimação de serem sepultados dignamente e isso está dando início a um processo (ainda embrionário) de promulgação de leis que tratam acerca do tema. Em Pelotas/RS, duas leis já foram promulgadas a este respeito são elas: Lei nº 6570/2018 e Lei 7350/2024.

## Reflexões sobre morte e luto

A morte é um fenômeno social que insere estranhamento ao cotidiano da humanidade, visto que nos faz pensar sobre o tamanho (biológico e simbólico) da vida e nos causa incômodo ao apresentar a finitude dos corpos como um destino último e comum a todos. Esse incômodo se torna mais visível, principalmente, quando se vive em uma sociedade urbana, ocidentalizada pela colonialidade, que vive sob o regime capitalista, preocupada em produzir mecanismos que incitem o consumo de fórmulas que, aparentemente, garantem estender ao máximo a chegada do dia fatídico.

Apesar das diferentes formas como vem sendo tratada através dos séculos, a morte ainda traz consigo uma diversidade de sentidos e atributos. “Assim, a mesma consciência nega e reconhece a morte: nega-a como aniquilamento, reconhece-a como acontecimento” (MORIN, 1976, p. 26). Ter consciência da morte traz implicações como se ater a uma jornada interpessoal, que agrega diversas questões ritualísticas, religiosas, médicas, familiares etc., fazendo-nos perceber que o processo sociocultural da morte, tal qual conhecemos atualmente, vem sendo construído ao longo de séculos, trazendo transformações na percepção do morrer, que adquire diversas nuances devido a diversidade humana em termos de seus processos culturais e históricos.

Na bibliografia brasileira, a antropologia da morte já vem sendo debatida há décadas por antropólogos que foram abrindo caminhos para este tema no Brasil. Por exemplo, Roberto DaMatta (1997), afirma que morrer é uma experiência individual que considera as questões do nosso tempo sobre o individualismo, a ética da modernidade e das instituições sociais da atualidade, bem como questionar se a morte pode ser vencida e até conhecer seu significado. O autor coloca ainda a angústia causada pelo paradoxo de que a morte é a única experiência social que não pode ser transmitida, tirando a oportunidade de discutir a imortalidade, o tempo, e a eternidade de forma ampla. Embora seja um autor atualmente lido com ressalvas pela comunidade antropológica, em decorrência de propostas teóricas de compreensão totalizante do Brasil que desconsideram questões pertinentes à sua diversidade, DaMatta foi um dos antropólogos brasileiros pioneiros ao abordar a temática da morte em função dos ritos sociais que ela demanda.

A tristeza e os questionamentos trazidos pela morte são sempre ritualizados e, portanto, a Antropologia, com sua tradição teórica de abordagem dos ritos, possui lugar reservado para este campo de estudos. O debate sobre morte nos auxilia a entender que o confronto com a finitude é amenizado pelos ritos e significações que levam à crença em uma continuidade da existência humana. A Antropologia nos ensina que os ritos fúnebres são uma maneira encontrada pelas sociedades para atenuar a dor e o sofrimento diante de perdas fatais, preservando a memória dos entes falecidos e procurando reorganizar um sentido de comunidade ou grupo que foi abalado.

Essas realizações culturais da humanidade (os ritos) facilitam o enfrentamento da morte, pois buscam considerá-la não como um fim, mas parte da construção social da humanidade. E essa construção também vem sofrendo mudanças, principalmente nas últimas décadas, quando percebemos as transformações ocorridas nas relações entre humanos e não humanos, especialmente em relação aos animais de estimação, às espécies companheiras. Percebe-se interdependências emocionais existentes entre indivíduos dentro de famílias multiespécies, onde é experimentado o sentimento de que o *pet* é, de fato, parte integrante da família. Isso abre espaço para compreendermos o luto a eles destinado, a fim de ratificarmos os vínculos estabelecidos interespécies. Essas ligações emocionais permanecem, entre humanos e não humanos, mesmo após a morte dos *pets*.

A relação da humanidade com os processos de doença e envelhecimento dos animais, e os cuidados dedicados a cada uma das situações, sofreu inúmeras transformações ao longo do tempo. Keith Thomas (2010) cita como exemplo a visão de René Descartes, durante o século XVII, que considerava os animais como meras máquinas, incapazes de sentir ou expressar emoções e até mesmo sensações físicas. Os adeptos de seus postulados consideravam que os sons emitidos por um animal ao apanhar, por exemplo, não provavam qualquer sofrimento sendo apenas reflexos externos sem relação com qualquer sentimento interior. Thomas enfatiza, também, que essa visão perdurou por muito tempo, pois era uma forma contundente de defender a religião (somente acessível à humanidade) e afirmar a supremacia do homem sobre qualquer outra forma de vida que fosse não humana.

O autor evidencia que o ato de criar compaixão pelas criaturas não humanas ocorreu de forma bastante lenta, ainda que no século XVIII os ingleses já começassem a se mostrar mais solidários à forma como os animais eram tratados. Se, atualmente, percebemos que existem diversos debates e questionamentos correntes sobre como os animais podem e devem ser cuidados, é porque a racionalização cartesiana, que orienta a divisão natureza e cultura, ainda é latente em nosso modo colonial de pensar. Por mais branda que seja em relação à concepção original de Descartes, a divisão natureza e cultura ainda opera com força, está presente em nosso cotidiano, pois embasa, até hoje, a concepção liberal do mundo. Essa ideologia se faz presente no tratamento dado aos animais não humanos, implantando frequentemente dúvidas acerca do seu merecimento em relação aos cuidados e afetos que os animais humanos lhes dedicam<sup>45</sup>. Esse tipo de questionamento ocorre não somente com os animais de estimação, mas também com aqueles destinados à criação e abate.

Essa avaliação do “merecimento” dos animais de estimação a certos cuidados, essa busca por racionalizar e compartimentalizar o afeto, não se verifica forte nos processos humanos em assuntos ligados à velhice e à morte. Contudo, é plenamente aceitável questionar e racionalizar os limites dos cuidados diante dos mesmos processos quando se trata de outras espécies animais. Este fato tem mudado com o decorrer das transformações ocorridas na sociedade e na modernidade, já que as tecnologias que antes atendiam apenas às necessidades humanas, tem cada vez mais se estendido também aos cuidados para com os *pets*.

Apenas a título de exemplo, recorro a uma situação que vivenciei no final de 2021 na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, ao fazer exames de rotina num laboratório de análises clínicas no centro da cidade. Enquanto aguardava minha vez na sala de espera, um diálogo entre uma cliente e a atendente da empresa me chamou a atenção: a funcionária explicava detalhadamente quais exames laboratoriais o *pet* poderia realizar naquele estabelecimento. Fiquei

---

45 Em artigo da área de Educação Ambiental, Dictoro *et al.* (2019) discute, a partir da visão de pensadores do campo filosófico, as transformações ocorridas, ao longo dos séculos, na percepção das relações entre os seres humanos e a natureza. No que se refere ao pensamento de Descartes, Mauro Grün (2006) demonstra com precisão a influência deste filósofo na concepção liberal do mundo, forjada com base num apartamento supostamente existente entre a humanidade e a natureza.

surpreso, pois, desde minha mudança para a cidade em 2018, frequento o mesmo laboratório, e tais serviços direcionados aos *pets* foram implantados muito recentemente. Isso ratifica a materialização de um debate, que, por ser cotidiano, ocorre na arena pública de maneira imperceptível, acerca do lugar dos animais de estimação como parte integrante das famílias, exigindo maiores demandas de procedimentos médicos e medicamentos capazes de acompanhar o crescimento nos diagnósticos realizados junto às medidas de prevenção à saúde dos animais.

Percorrendo esse caminho, Segata (2012; 2012b) constata que os segmentos que tratam a saúde dos animais humanos e não humanos tem cada vez mais se assemelhado. Seu questionamento é acerca do intuito de tal caminho: a minimização dos danos e sofrimentos do animal ou a conveniência para o tutor humano? Esse tipo de análises e os questionamentos a elas associados estão ligados à institucionalização do cuidado do qual trata Burke (2014), que apresenta um código de conduta que confina ao espaço privado, responsabilizando sujeitos específicos, o lugar do cuidado com o corpo e os processos vitais do animal. Isso se revela, por exemplo, nos casos em que alguns tutores preferem deixar seu animal internado, retirando-o do seu ambiente doméstico, por falta de tempo hábil para lidar com a enfermidade do *pet*, compartilhando, assim, a responsabilidade com a instituição ou indivíduo que suprirá os cuidados ao animal.

A velhice é outro processo inerente à vida, humana ou não. O desejo pela juventude eterna acompanha a humanidade desde tempos imemoriais. Porém, na atual sociedade de consumo em que vivemos, em que novos produtos surgem para mercados que se renovam com a emergência das juventudes, parece mais agressiva a necessidade de manter-se jovem, ao menos em aparência. Esse fato está ligado a uma concepção de que a juventude, o corpo jovem, é considerado ideal ou padrão da sociedade contemporânea.

A sociedade se constrói, especialmente, tratando dos corpos e dispondo-os no espaço [...] ela impõe distâncias convenientes ou eficientes, recobre os corpos de suas marcas e insígnias, modos e uniformes, modelando-os segundo cânones que expressam seus valores por meio de práticas esportivas, medicaís e estéticas [...] Ora, chegado o momento da aposentadoria, quando os corpos não podem mais se encaixar nesse modelo face a impossibilidade de corresponder

aos ideais e modelos sociais propostos, voltados fundamentalmente para a juventude e a maturidade, no momento em que a sociedade não lhes propõe um modelo e consagra os corpos ao distanciamento, à ocultação, ou melhor, à assistência, acusa-os de envelhecimento (Barus-Michel, apud Peixoto, 2000, p. 56).

É difícil aceitar a velhice, nossa ou de quem amamos, humanos ou não humanos, pois esta enfatiza as debilidades, fraquezas e outras características daquilo que é vivo e está perecendo (ELIAS, 2001; BEAUVOIR, 1990). Mais ainda, Elias nos ensina que as formas como agimos em relação aos adoecidos e a morte não são inalteráveis ou acidentais, elas mudam. E, ao longo dos séculos, a humanidade foi empurrando para longe, relegando a outros espaços delimitados a agonia de lidar com tais processos de morte. Para o autor, isso demonstra uma falha no enfrentamento dos problemas do moribundo nas sociedades de modo geral (ELIAS, op. Cit, p. 102).

A medicina veterinária e as indústrias farmacêuticas vêm explorando em demasia os medos humanos do envelhecimento dos seus *pets*, oferecendo mecanismos que prolonguem a vida do animal tanto quanto a adoção de um estilo de vida diferente ou mudanças na rotina do animal que envolvem exercícios físicos e cuidados com a alimentação do *pet* como o uso de suplementos nutricionais. O envelhecimento do *pet* é, justamente, o processo de aceitação de que morrer é inevitável. Diante disso, existem inúmeras formas de lidar com essa perda e uma delas é com a adoção de um outro animal com o *pet* idoso ainda vivo. A convivência com o *pet* idoso exige compaixão e cuidado constante, onde, em alguns casos, o prazer da convivência vai diminuindo com o tempo. Tal processo incita também o conflito consigo mesmo, pois ao cuidar da saúde, doença e envelhecimento do animal de estimação, reflete em si mesmo processos igualmente humanos, onde o medo da morte dos animais de estimação remete ao medo da própria morte.

Pensar sobre a morte é um ato de reflexão que enfrentamos no decorrer da vida e que se intensifica à medida que envelhecemos ou vivenciamos o envelhecimento de pessoas próximas nós. E, refletir sobre o modo como lidamos com a morte dos animais de estimação, tão mortais quanto nós, ajuda a compreender como a relação entre humanos e não humanos vem se transformando ao longo do tempo. Ao observar este processo em diferentes culturas, atentando para a forma como se cuida dos mortos humanos em

paralelo à forma como os *pets* vem sendo cuidados, encontramos pistas importantes para entender como os animais podem chegar a ser considerados aptos a estarem no mesmo patamar de relevância, mesmo em meio às controvérsias, dos humanos no que se refere ao direito à vida e, especialmente, ao respeito às suas mortes. É a partir disso que se percebe uma via de mão dupla, na qual tanto os humanos sofrem a perda de seus *pets*, como estes também sentem profundamente a perda de seus tutores. Lidar com a morte de animais de estimação pode ajudar ainda a processar melhor a perda de outros futuros *pets* ou mesmo de seres humanos (TEIXEIRA, 2015).

Entretanto, ainda assim é importante pensar que esta condição não se estende a todos indivíduos e nem a todas as espécies. Como pontuam Joy (2014), Francione (2013) e Adams (2012), no caso de relações interespecíficas, o afeto, a sensibilidade e o luto variam. A manifestação destes sentimentos pode ser radicalmente modificada com base, por exemplo, na definição dos animais que podemos amar e os animais que podemos comer. Além disso, há os animais que *precisam* morrer, por serem considerados pragas, ou aqueles que *merecem* morrer, como os demasiadamente agressivos, que machucam crianças ou são capazes de levar um humano a óbito. De maneira infinda, a morte dos animais e, dentro desta categoria, os *pets*, pode ser encarada de diferentes formas. Há quem vá reagir de forma prática, mas também há quem poderá se afetar até podendo adquirir traumas ou depressão. E há ainda a relação com o luto em que se “escolhe” por quem sentir. Ou seja, de toda forma o indivíduo sentirá a morte de seu *pet*, mas não necessariamente sofrerá o luto por todo cão ou outro animal que não pertença ao seu convívio ou família.

Para nos ajudar a refletir sobre famílias multiespécies e suas relações com o luto e os cuidados na morte, precisamos compreender que esses laços de emocionais de parentesco acontecem pela troca de afeto e não por uma construção biológica.

Cohen (2002) acredita que nos centros urbanos os animais de estimação são membros do núcleo familiar e cumprem a função de conforto e companhia. Ressalva que ocupam um espaço diferente dos humanos, mas seu funcionamento é congruente ao sistema familiar. Referindo-se a esta configuração da família multiespécie, Bowen (1978) sugere a existência de um sistema familiar emocional que pode ser composto por membros da família estendida, por pessoas sem grau de parentesco e por animais de estimação. O vínculo entre eles é

constituído pelas emoções, o que contribui para nossa afirmação de que as relações entre pessoas e cães sejam relações amorosas (FARACO; SEMINOTTI, 2011, p. 312).

A família multiespécie tem o parentesco como uma construção social, representando mudanças socioculturais, advindas de uma nova percepção ontológica das coisas, pelas quais as sociedades atuais vem passando. Há inúmeros registros antigos do convívio da humanidade com outras espécies. Seja de modo pacífico ou não, tal convívio se transformou e se fortaleceu quando houve o movimento dos centros rurais para os centros urbanos. A partir desse momento, há um direcionamento maior do afeto aos animais de convívio mais próximo, elevando-os à uma categoria especial, o animal de estimação. Abonizo e Baptistella (2016: 19) afirmam que “amar um animal não é amar toda a sua espécie, menos ainda significa amar todas as espécies alocadas”. Esses são não humanos que passam a ser alvo de tratamento especial, num processo constante de dar e receber afeto dos humanos. Há um desejo e uma certa exigência de que os animais de companhia demonstrem ações contínuas de amor incondicional (HARAWAY, 2021). Restando aos animais não humanos que não se enquadram nesta “função”, serem passíveis a sofrer quaisquer tipos de infortúnios (DESCOLA, 1998). Sendo, portanto, os *pets* pertencentes a um grupo específico entre os não humanos, pensar na morte desta categoria de animais e experienciar o luto em decorrência de seus falecimentos, corresponde a essa construção atual de afeto, uma troca emocional interespécie que foi estabelecida com o animal de estimação ainda em vida.

O século XX traz o surgimento da “morte invertida” ou “interdita”. Seguindo este caminho, Ariès (2013, p. 757) diz que “tudo se passa como se ninguém morresse”, ao analisar as transformações que ocorreram principalmente no ocidente em meio a cultura latina, católica e protestante. O autor explica que, na contemporaneidade, há uma crise vigente da morte porque o que se incentiva é a impressão de que “nada mudou”, então a boa morte “passa a ser aquela em que não se sabe se o sujeito morreu ou não” (KOVACS, 1992, p. 38). É por este motivo que as mortes que costumeiramente aconteciam em casa, passaram a ocorrer em hospitais, por exemplo, a fim de que as demais pessoas não vissem mais a morte dos seus entes. E o hospital passa a ser o melhor lugar para esconder todos os aspectos repugnantes da enfermidade e dos momentos do

fim. Isso ratifica a persistência da dificuldade do homem de lidar com o seu próprio fim, pois o intuito aqui é banir a morte, como defesa da vida, escondendo toda histeria, tristeza, choros etc.

Todo esse evento é chamado de “medicalização da morte”, cuja responsabilidade e obrigação para com o prolongamento da vida passa ao médico, principalmente, se a pessoa enferma é alguém que sempre foi cheia de boa saúde. O avanço medicina ao longo dos séculos, o incômodo da humanidade em lidar com a morte, a idolatria à juventude, a forte articulação profissional das categorias médicas e o aprimoramento tecnológico dos ambientes hospitalares constitui uma combinação ideal para relegar o adoecimento e a morte para lugares restritos: hospitais em seus ambientes de UTI (Unidade de Tratamento Intensivo) e CTI (Centro de Terapia Intensiva), funerárias e capelas mortuárias fora do ambiente doméstico e familiar.

A burguesia inventa, portanto, um sentido novo para a morte e atribui a ela uma qualidade nova: a secularização. Neste palco novo, um personagem também novo aparece e esta aparição, com o tempo, vai adquirindo um peso cada vez mais considerável. Este personagem é o médico, que se apropria da morte porque primeiro foi obrigado a prolongar a vida de seus clientes; mas também porque, no enredo da farsa que desenrola, seu papel é cada vez mais nítido: não falar em morte (RODRIGUES, 2006, p. 163).

Sobre o mesmo assunto, Michel Vovelle (1991), historiador francês, traz a importância dos estudos sobre o tema e ressalta que surgiram diversas produções fantasmagóricas em torno da morte através das mídias no século XX. “A história da morte é de fato a história de toda uma série de artimanhas, de mascaramentos, de evitações, mas também de criações do imaginário coletivo em relação a uma passagem obrigatória em toda a existência humana” (VOVELLE, 1991, p. 129).

Pensando nisso, fica perceptível o quanto a morte é importante para que as sociedades consigam formar suas tradições e cultura, quando esta se dá como produto social, que liga toda uma sociedade às reproduções de si mesma e representações simbólicas presentes nos ritos religiosos ou nos ritos de passagem da vida para a morte.

A maneira como uma sociedade se posiciona diante da morte e do morto tem um papel decisivo na constituição e na manutenção de sua

própria identidade coletiva e individual e, conseqüentemente, na formação e tradição cultural comum (GIACOLA, 2005, p. 15).

Nesse contexto, surge Edgar Morin, um dos principais estudiosos sobre o tema, cujo livro, "O homem e a morte" (1976), procurava compreender a relação entre o homem e a morte através de uma visão antropobiológica, o duplo e a morte-renascimento, supondo que esses três elementos são fundamentais ao desenvolvimento das crenças acerca da morte. Seu objetivo é tornar essa discussão mais ampla em comparação aos estudos de Ariès, que tinha um olhar pautado na compreensão da atitude dos homens perante a morte de acordo com cada sociedade. A proposição de Morin era a de que

a consciência da morte não é algo inato, e sim produto de uma consciência que capta o real. O risco de morte é também um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que tem horror da morte, o indivíduo se expõe a ela. Na guerra, por exemplo, corre-se o risco de morte por martírio, por prestígio, por orgulho, por valores. Desde os povos arcaicos até a contemporaneidade sempre existiu uma crença no renascimento do morto, na própria imortalidade. Essa crença pode ser observada na manifestação do duplo através do qual o indivíduo pensa assegurar sua vida após a morte (MORIN, 1976, p. 119).

Norbert Elias em "A solidão dos moribundos" (2001), traz teorias e algumas generalizações sobre a morte e as formas de reação sobre ela. O autor destaca como maior problema a dificuldade em tornar a experiência com a morte mais agradável, tanto aos outros quanto para si mesmo, e aponta também como a inserção de novas tecnologias e os avanços da ciência trouxeram impactos sobre as concepções e atitudes do homem sobre a morte e o morrer. Elias (2001) mostra que, ao longo da Idade Média, a morte era tida como um fenômeno natural que chegava de surpresa e não tinha nenhuma chance de sofrer interferências, só restando a aceitação. Diferente da Idade Moderna, onde o foco era justamente as causas ou motivações que levaram à morte, dando espaço para que a ciência pudesse atuar de forma que tornasse possível interromper ou modificar o seu curso. De acordo com Elias, Ariès consegue até fundamentar bem seus estudos sobre a morte na Antiguidade e contribui com grandeza para a discussão, porém deixa de explicar algumas questões. "A seleção de Ariès se baseia numa opinião preconcebida. Ele tenta transmitir sua suposição de que as pessoas morriam serenas e calmas" (ELIAS, 2001, p. 19). E complementa: "acumula imagens e mais imagens e assim, em amplas pinceladas, mostra a

mudança total. Isso é bom e estimulante, mas não explica nada” (ELIAS, 2001, p. 19).

As fontes literárias e outros registros mostram, por fim, que a morte na Idade Média era um assunto discutido com muito mais abertura entre as pessoas. “Em comparação com o presente, a morte naquela época era, para jovens e velhos, menos oculta, mais presente, mais familiar. Isso não quer dizer que fosse mais pacífica.” (ELIAS, 2001, p. 21). Por fim, o autor se atenta ao fato de que a morte da consciência sempre foi um tema que buscavam omitir, mas as formas de fazer isso mudaram, já que atualmente essa omissão vem por meio dos avanços científicos e tecnológicos que tem ofertado justamente a chance do prolongamento da vida e demais cuidados com idosos e enfermos.

Diante disso, é possível notar que a forma de compreender a morte foi mudando com o tempo. Durante a Idade Média, o assunto sempre foi discutido com normalidade, sem implicar na inexistência da dor pela perda, mas reconhecer a finitude humana costumava ser comum. O que, de certa forma, ajudava a enfrentar e amenizar essa dor, tendo os rituais como forma de acalantar a alma dos que prestavam suas condolências. Quase como uma troca: o morto recebia suas homenagens e os vivos ficavam livres de qualquer culpa ou ressentimento.

No século XXI, a morte é um assunto do qual as pessoas fogem. A notícia da morte acomete aos parentes e amigos de tal forma que é como se não soubéssemos sobre o fim da vida. Ao contrário do que foi exposto anteriormente, o luto na contemporaneidade gera desconforto e inibe as pessoas de expressarem suas dores. Isso prova que as transformações ocorridas acerca do entendimento sobre o tema não acontecem de maneira linear. Ou seja, o fato de a morte ser encarada com certa naturalidade em séculos anteriores não implica que será percebida como um acontecimento comum ou cotidiano (passível de ser vivido e presenciado naturalmente pelas pessoas em torno do falecido) com o passar do tempo.

Enfim, o medo de morrer é um tema difuso e que envolve o mistério, o fascínio do além como algo desconhecido e temido ao longo dos séculos. Na Idade Média tal medo se expandiu com um grande temor que espreitava os indivíduos, o medo foi a ameaça; transbordando do imaginário do homem medieval, e penetrando na vida real e cotidiana, e isso ficou denotado e demonstrado na arte, na escrita, nas práticas e

nos ritos de uma coletividade cristã ocidental, que se designava sitiada, desmobilizada diante do medo de morrer (RODRIGUES, 2013, p. 52).

O luto passou a ser cada vez mais discreto ao ponto de ser evitado, quem sabe, na ânsia de que assim seja mais fácil de lidar com a dor da perda e da ausência.

Existe, sim, um afastamento da dor da perda no cotidiano, e o jogo entre indivíduo e sociedade torna-se quito: um não fala por não ter quem ouça e quem compreenda, e outro não ouve para não se incomodar e também para não envolver-se. E então permanece o silêncio, que guarda no fundo um som angustiado, isolado, sofrido e “inadequado” do enlutado (FREIRE, 2005, p. 13).

Não querer reconhecer a morte é a forma mais cômoda de não pensar sobre o sofrimento da partida e do vazio causado por ela. Vive-se como se a vida passasse sobre a promessa da imortalidade, mas perdesse essa chance silenciosamente para a morte, pois esta chega de formas tão variadas, que nos deixa de mãos atadas sobre as surpresas que ela pode trazer. A morte “é empurrada mais e mais para os bastidores da vida social durante o impulso civilizador” (ELIAS, 2001, p. 19).

Pensando o contexto da institucionalização da morte dos animais de estimação das famílias multiespécies, a parceria atual entre crematórios, clínicas e hospitais veterinários aumenta a possibilidade de que o corpo seja cremado. Em defesa do procedimento, o discurso de apoio apresenta uma perspectiva de dignidade, mesmo que a cerimônia seja coletiva, além do peso ambiental e moral apresentado como argumento para tal escolha, como não querer que o animal seja enterrado de qualquer jeito ou tenha qualquer destino. Apesar da popularidade, existem outros rituais oferecidos para as cerimônias que envolvem a morte do animal, para além da cremação. Fuchs (1987, apud OLIVEIRA, 2013), menciona que enterrar o *pet* é uma forma de tê-lo por perto ainda, de forma acessível, além de ser uma medida ambiental tão efetiva quanto a cremação quando apresenta alternativas como o cemitério para *pets*. “É um dos comportamentos mais importantes para se ver a humanização do animal, pois ao animal é outorgado um ritual que em nossa cultura é reservado ao homem” (FUCHS, 1987, apud OLIVEIRA, 2013, p. 64).

Todos os rituais citados caracterizam bem o processo de antropomorfização desses animais, cada vez mais próximos dos processos inerentes aos humanos. Ariès lembra, inclusive, que já faz algum tempo que os humanos não mais morrem costumeiramente em suas casas como antigamente, mas em hospitais e, geralmente, sozinhos. O que passou a ser rotina também nos processos de falecimento dos pets.

Chur-Hansen (2011), aponta que já existem registros literários acerca do tema que envolve a inserção dos animais como membros da família ou como substitutos humanos, mas a atenção sobre a vivência do luto sobre estes animais ainda é muito pouca. No entanto, quando se trata da morte dos animais, mostra-se um campo bem amplo no que concerne a eutanásia. Independentemente de a morte ter sido decidida ou ter acontecido de forma natural, o luto pode ocorrer da mesma forma. Se o animal é considerado da família, os cuidados com o corpo e com a ideia de alma do cadáver recebem ainda mais atenção (SEGATA, 2014). Além disso, Segata nos atenta também à preocupação com as terminologias referentes ao processo de morte, como evitar certos termos ou substituí-los, como forma de amenizar os fortes sentimento de perda.

Os rituais do luto seguem um processo, que pode ser considerado igual para humanos ou animais, não deixando de observar a dificuldade em lidar com os objetos do animal, além de vídeos e fotos, entre outros exemplos.

O processo de luto tem estado também, cada vez mais exposto nas redes sociais, a ponto de virar notícia em noticiários, principalmente, os casos ligados a *pets* que possuem algum vínculo com celebridades<sup>46</sup>, apesar destas não serem as únicas a expor seu afeto por seus *pets* na internet, sendo rotineiramente mais comum encontrar postagens pessoais, vídeos e até mesmo perfis para *pets* nas páginas de redes sociais. Além do mais, é possível encontrar até comunidades virtuais<sup>47</sup> destinadas ao apoio mútuo ao luto pela perda de animais de estimação. Na página inicial do site da comunidade há o seguinte texto:

Novos significados para a dor da perda – Um pedaço de mim foi escrito para ajudar você, tutor de um pet, a lidar com o sofrimento que sentimos quando a despedida entre nós e nossos animaizinhos acontece! Durante anos trabalhando diretamente com pets posso te

---

46 Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/05/20/morre-cao-que-rainha-elizabeth-ii-ganhou-durante-doenca-do-marido-diz-imprensa.ghtml>

47 Disponível em: <https://www.comunidadepet.com/>

dizer que a dor pela separação nunca acaba, mas quando aprendemos a experimentar novos significados sobre o que a perda pode nos ensinar e transbordar esses sentimentos, certamente tudo pode ficar melhor. Espero que eu, e todos que estão passando por esses momentos tão difíceis possamos te ajudar.

Podemos ratificar, através do texto acima, o pensamento clássico (por isso ainda muito valioso) de Marcel Mauss no qual afirma que “todas estas expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo são mais do que simples manifestações, são sinais, expressões compreendidas, em suma, uma linguagem” (Mauss, 1979, p. 332). Linguagem esta compreendida por aqueles que experienciam a dor da perda de um animal de estimação visto como integrante da família.

Existem ainda, na internet, sites específicos feitos para guardar recordações dos *pets* com fotos e textos, chamados de cemitérios virtuais. O primeiro foi criado em 1994 – Virtual Pet Cemetery<sup>48</sup> – nos Estados Unidos. Além dos “cemitérios virtuais”, há espaços virtuais reservados para que sejam deixadas condolências à família que perdeu o *pet*. Por exemplo, no Brasil, há o site Pet Condolências<sup>49</sup>, pertencente ao Pet Memorial localizado em São Bernardo do Campo (São Paulo).

A morte e luto pelos animais inseridos nas famílias multiespécies vem contribuindo como fortes componentes para o *petshismo*, devido ao seu grande potencial de consumo. De acordo com Jean-Pierre Digard (1999), o *petshismo* constitui um paradoxo importante da contemporaneidade: por um lado os animais de estimação são um fetiche da sociedade de consumo contemporânea aos quais se dirige um tipo de “idolatria”; por outro lado, esta é a mesma sociedade que abandona ou maltrata os *pets*. Os ritos fúnebres e os sentimentos de luto dedicados a humanos e *pets* se assemelham e, de acordo com Chur-Hansen (2011), ambos apontam a existência da dificuldade em tratar do assunto morte no que se refere aos *pets* (tal como ocorre com os humanos).

Louis-Vincent Thomas (1985) considera que os ritos fúnebres se atém sobre a perspectiva de ambos os lados: o do morto e o dos vivos.

No nível do discurso manifesto, seu objetivo é duplo: de um lado, reger o destino do morto juntando a abjeção da putrefação com a atribuição

---

48 Disponível em: <https://www.virtualpetcemetery.org/pet/index.html>

49 Disponível em: <https://petcondolencias.com.br/>

de um lugar para o morto, e se possível, lhe conferindo papéis benéficos para o grupo. De outro, apoiar os sobreviventes marcados pela perda, mobilizar em torno deles a comunidade de modo a reger o luto. De fato, nos dois casos, trata-se de dominar a morte em sua forma efetiva naquilo que concerne ao morto, em seu equivalente simbólico naquilo que concerne ao pesar dos enlutados. No nível do discurso latente, o ritual leva em conta apenas um destinatário: o homem vivo, indivíduo ou a comunidade (THOMAS, 1985, p. 120-1).

Apesar disso, ainda que sob o senso comum os ritos sirvam ao morto, em honra de sua memória ou para auxiliar essa travessia ao além, estas práticas rituais possuem também os vivos como destinatários. Ou seja, os ritos se destinam principalmente à paz dos vivos a partir de dois pontos básicos que vem para amenizar os impactos da perda. Primeiro a “designação”, que se refere aos signos que vão designar o reconhecimento ao acontecido, como o destino do morto, o cenário e outros atributos que demarcam a partida deste para outro momento de sua vida social pós-morte. Depois, conta-se também com a “capacidade de produzir efeito”, que se refere ao tratamento que o rito dá ao momento de angústia profunda causada pela morte, porém, sendo capaz de reestabelecer a curto prazo o cotidiano daqueles aos quais a morte marcou, trazendo também a estes o conforto pela certeza de estarem proporcionando ao morto uma pós-morte imersa em paz e sossego.

É através dos ritos que os vivos conseguem atravessar o luto e voltar a cuidar de seus negócios, recuperando os mortos como ancestrais protetores ou como símbolos de coesão do grupo, celebrando a vida que ainda os atém em triunfo sobre a morte. Sendo assim, a função dos ritos fúnebres é trazer formas de cuidado com o morto e, por outro lado, trazer também formas de cuidado e conforto aos que ainda vivem.

Os ritos fúnebres vêm com a prerrogativa de conferir dignidade ao corpo e nome dos que se foram. Sendo assim, a função simbólica do rito é justamente mediar a relação do mundo dos vivos (material) com o mundo dos mortos (espiritual), agregando ao rito o valor de interventor que mobiliza significantes, gestos e palavras para costurar a ruptura que irrompeu com a morte. É, portanto, necessário também pensar a cura do luto pelos ritos realizados no contexto social dos vivos e mortos. É nesta análise que Van Gennep (2011), em seu estudo pioneiro, classifica o rito fúnebre como rito de passagem, que marca com eficácia a separação entre o mundo dos vivos e dos mortos, um em relação ao

outro, diante de sociedades em que o indivíduo se desfaz em prol do social, demarcando o início e o fim desse período dedicado ao luto.

Ao longo da história, as sociedades ocidentais também apresentavam um discurso religioso que demarcava as expressões de luto, tal qual sua duração de acordo com os ritos. No entanto, a atualidade traz uma sociedade automatizada, que torna o indivíduo individualista a ponto de se observar que o luto psíquico passa a recobrir o luto social, relativizando a função e eficácia dos ritos outrora inerentes ao luto, apresentando uma forma menos aberta de pensar o pesar.

DaMatta (2011, p. 20), ajuda a elucidar a questão dos ritos quando considera que cada sistema social dispensará uma função diferente ao rito de acordo com a lógica de seu funcionamento. Deste modo, a exemplo de sociedades capitalistas, os ritos visam “juntar, agregar” ao contrário das sociedades totalizantes onde “todos se ligam a todos” como nos sistemas tribais. Deste modo, nossos rituais seriam mecanismos que objetivam a busca da totalidade frequentemente inexistente ou difícil de ser percebida em sociedades ditas complexas. Num sistema como o nosso, onde o indivíduo sempre tem primazia, tudo já está separado conceitual e concretamente. Por causa disso, aqui o rito não divide, junta. Não separa, integra. Não cria o indivíduo, mas uma ideia de totalidade (DAMATTA, 2011, p. 20). Vale lembrar que Mariza Peirano (2003) observa que os ritos deixam de ser eventos imutáveis e se tornam favoráveis a reinvenção.

Sendo assim, ainda que ligados à tradição, os ritos tornam-se influenciáveis pelos contingentes históricos, econômicos e sociais, cujos protagonistas influenciam a partir da contribuição com algo de si, além de interferir na tradição em via das trocas entre gerações. Apesar da globalização e individualismo trazidos pela atualidade, o luto se impõe em meio a repaginações e o enlutado ainda busca formas de ritualizar, buscando associar seus gostos, crenças e valores pessoais.

Minha pesquisa busca compreender modos considerados não convencionais de registrar e honrar a memória dos mortos, os quais possuem em comum o fato de serem não humanos. Os tributos prestados aos animais de estimação, seja em espaços virtuais ou em espaços cemiteriais, assim como os mais diversos tributos em contexto público, redes sociais, vão muito além do espaço outrora reservado ao animal de estimação ainda em vida. A reivindicação

ao direito ao rito, ao direito ao luto, traz mais a necessidade humana de preservar, em esferas públicas, a memória e honra de seus mortos, neste caso, seus animais de estimação.

Pesquisar algo em que o outro revela tanto de si, convida o pesquisador se permitir ser afetado (FAVRET-SAADA, 2015) para que consiga circular por caminhos desafiadores. Como uma bússola para esta investigação, destaco o trabalho de Chiara Pussetti (2016) no qual a autora argumenta em favor do campo da Antropologia das Emoções, marcado pelo estudo das estreitas relações entre emoções, sentidos, relações de poder e política. É neste aspecto que, para a autora, a Antropologia poderia dar grande contribuição crítica, tendo em vista que, a partir dessa dimensão sociopolítica das emoções e dos sentidos, a Antropologia reconduziria o emocional e o sensorial de seus aspectos puramente individuais (biopsicossociais) para um contexto de análise histórica, política e social nos quais os sujeitos estão inseridos (Pussetti, 2016, p. 44).

Do ponto de vista metodológico, a autora propõe que, para se chegar a uma problematização adequada das emoções e dos sentidos em Antropologia é necessário investir numa abordagem fenomenológica centrada no “corpo como instrumento de pesquisa para recolher, através de uma penetração sensual do campo, as componentes morais e identitárias que precisam de abordagens multissensoriais e corpóreas para serem investigadas” (Pussetti, 2016, p. 44). Portanto, sua proposta teórico-metodológica se direciona a vislumbrar o que denomina como “etnografia visceral”, pautada numa “imersão participante” na qual o corpo se torna protagonista do aprendizado antropológico. E isso não implica imaginar “tornar-se como o outro”, mas deixar-se ensinar pelo outro através de um mergulho, o mais completo possível, na experiência – o que só pode ser feito a partir de uma imersão corporal possibilitadora de uma “educação dos sentidos” que impulsiona a transformação do aprendizado antropológico num aprendizado sensorial (2016, p. 46).

Pussetti lança mão de diversos conceitos e termos como “empatia”, “ressonância” e “contágio”. “Empatia” e “ressonância” dizem respeito a uma proposta de aprendizado (antropológico) sensorial que visa estreitar as possibilidades de interlocução entre antropólogos/as e interlocutores/as em campo, facilitando um envolvimento emocional/sensorial mais pleno entre as partes. No que se refere ao “contágio”, trata-se de uma consequência da

“ressonância” gerada entre as partes envolvidas na pesquisa, pois, neste sentido, o “contágio” seria “uma transmissão que ocorre de forma involuntária e constante, sem necessidade de formar notas ou de ligar o gravador” (2016, p. 49).

Por fim, Pussetti faz uma crítica à Antropologia que ainda permanece resistente à abordagem das emoções como parte dos problemas propriamente antropológicos, atentando para o fato de que fazer pesquisa é sempre uma experiência pessoal, emocional, sensorial e até mesmo erótica. Para a autora,

as emoções e as sensações fazem parte tanto da pesquisa como do produto final, podem até mesmo alterar todo o curso do trabalho de campo e, portanto, não deveriam ser negligenciadas ou ocultadas como elementos marginais ou problemáticos. Os dados que os antropólogos tentam recolher não são informações preexistentes à relação entre o antropólogo e os sujeitos de sua pesquisa, algo que existe *a priori*, e que precisamos de descobrir e “recolher”: são sobretudo fruto de um processo de compreensão mútua, constantemente criados no momento do encontro e do diálogo (Pussetti, 2016, p. 50-51).

Diante disso, mergulhar nesse campo, permite-nos perceber que a morte ainda é algo que está envolto em controvérsias, mesmo que todos os estudiosos a compreendam como um processo partícipe da vida e tema sobre o qual o ser humano devesse lidar com mais abertura. Portanto, a relação com a morte, que já é por si só biológica, passa a ser também um fator social a partir do momento em que os ritos passam a ser de necessidade da humanidade para que possa lidar com as surpresas e desequilíbrios trazidos por ela.

Pensar na morte dos animais de estimação e em tudo que a envolve desde os ritos, luto, emoções, relações de afeto certamente não responde de maneira concreta aos questionamentos que seu mistério propõe, porém nos leva a refletir sobre o mundo dos vivos e dos mortos, leva-nos a construir uma forma de lidar com o morrer e respeitar a memória de nossos mortos como um todo. Ajuda-nos também a refletir sobre a sociedade em que estamos inseridos, sobre as continuidades entre natureza e cultura, sobre quem de fato somos, o que de fato importa, e, não menos importante, sobre a nossa própria humanidade e finitude.

**Capítulo III – Ações promocionais: o que a expansão do setor funerário  
pet tem a ver com a classe média?**

## Primeira Caminhada Pet de Pelotas

Era um dia ensolarado e, simultaneamente, frio. O céu estava muito azul, aparência límpida e matizado por inúmeras nuvens brancas espalhadas por todas as direções naquela tarde de inverno. Era domingo, dia 28 de agosto de 2022, e *Ricco* estava empolgado, como de costume, para fazer caminhada, passear, sair de casa. Mas talvez ficasse surpreso ao saber que, logo mais, participaria de seu primeiro evento público com inúmeros outros cães e humanos desconhecidos. Tratava-se da primeira Caminhada Pet realizada em parceria entre a Rádio União FM de Pelotas e o Crematório Memorial Pet São Francisco.

A concentração dos *pets* no local do evento estava marcada para as 14h, entretanto, a caminhada propriamente dita teria início somente às 15h, tendo como objetivo concluir 2km de percurso. O lugar escolhido para a concentração ficava situado na Avenida Francisco Caruccio, nº 1128, localizado oficialmente no bairro Três Vendas. Contudo, é de conhecimento público que este endereço está situado numa das vias de acesso ao Bairro Quartier, um empreendimento imobiliário de grandes proporções, voltado para classes média e alta. Sua proposta está assentada no conceito de “Novo Urbanismo” (BRITTO; SOBARZO, 2020), que consiste em oferecer aos seus moradores a experiência de viver num bairro planejado (destinado à venda de imóveis para habitação e para o desenvolvimento de atividades comerciais) cujo acesso e circulação nas áreas e ruas públicas que compõem a estrutura viária do bairro é livre aos demais habitantes da cidade.

Chegamos à concentração pontualmente às 14h e aproveitamos para mapear o lugar, observar a chegada das pessoas, tentar entender a estrutura do evento e, obviamente, interagir com cães e humanos ao ouvir suas histórias. E, mais uma vez, estar em trabalho de campo acompanhado do *Ricco* me fez ratificá-lo como um componente fundamental para o estabelecimento de interações interespécies naquele ambiente. Sendo assim, retorno à ideia de que um cachorro é capaz de fazer os humanos falarem espontaneamente, sem a necessidade de marcar formalmente uma entrevista, cujo agendamento poderia ser responsável por uma grande filtragem de informações por parte dos interlocutores humanos que resolvessem colaborar com a pesquisa. Sem a intenção de dispensá-las por completo, pois penso que as entrevistas

formalmente agendadas são igualmente relevantes, considero que a espontaneidade das trocas de informações, motivada por diálogos travados na presença dos cães (que também interagem entre si) é outra maneira diferente e importante de fazer trabalho de campo. Em termos metodológicos, as entrevistas formalmente agendadas nos permitem organizar certas etapas da experiência em campo, além de nos auxiliar a formular questões de modo mais direcionado e roteirizado. Porém, fazer campo acompanhado de um cachorro é um modo que considero apropriado para uma pesquisa antropológica que tem pensado o rompimento do grande divisor natureza/cultura.



*Figura 35 - Vista geral de parte do bairro Quartier ainda em construção*  
Foto: Marcus Negrão

E foi exatamente isso que aconteceu naquele dia: *Ricco* transformou-se num parceiro de trabalho de campo que contribuiu para atrair pessoas de todas as idades para o diálogo comigo. Desde idosos a crianças muito pequenas e, obviamente, outros cães, muitos foram aqueles que se aproximaram para dialogar conosco, quase sempre com uma conversa iniciada pela pergunta: “Qual é a raça dele?”. Ao responder “Samoieda” não raro observava nas pessoas

uma expressão de feliz estranhamento ao nome de raça inusitado e pouco conhecido na cidade. Inclusive era comum que as pessoas tivessem dificuldade para repetir o nome da raça que acabaram de escutar. Outras pessoas me diziam: “Eu só vi um desses cães aqui em Pelotas. Essa é a segunda vez que estou vendo um samoieda por aqui”. Ao ser avistado por uma das funcionárias da Rádio União FM, *Ricco* foi presenteado com uma bandana com o logotipo da rádio, que tratei de colocar em seu pescoço. Em seguida, a funcionária pediu que colocasse meu nome numa listagem para concorrer aos sorteios de brindes que ocorreria ao final da caminhada. Bandana colocada no pescoço, nome escrito na lista de sorteio de brindes, fiquei transitando entre cães e pessoas que, aos poucos, se aglomeravam na concentração do evento.



*Figura 36 - Público se reúne para iniciar a Primeira Caminhada Pet*  
Foto: Marcus Negrão

Interagindo com diversas pessoas, conheci Fernando, homem com cerca de 50 anos de idade, cabelos ficando lentamente grisalhos, estava acompanhado de seu filho adolescente e um cachorro da raça Golden Retriever chamado *Leo*. Conversando sobre lugares onde gosta de passear com *Leo* em Pelotas, Fernando me contou que morava no bairro do Areal nas imediações do Parque Una – outro empreendimento imobiliário pautado no conceito de “Novo

Urbanismo” situado próximo do Shopping Pelotas. Na conversa, Fernando revelou:

Eu não sei o que os outros cachorros veem no *Leo* porque, muitas vezes, quando ando na rua com ele, os cachorros parecem querer avançar no *Leo*, ficam mais agressivos quando o enxergam e, por isso, às vezes eu tenho receio de o *Leo* ser atacado por outro cão, principalmente se for um cachorro de rua sem coleira. Lá no Parque Una, como é um local aberto, tem cachorros de rua que vão pra lá, uns vira-latas que vivem ali na volta e que não têm dono ou até podem ter, mas andam soltos pelas ruas sem coleira. Teve um dia que eu tava andando despreocupado com o *Leo*, era fim de tarde, quando vi de longe um cachorro de rua enorme, um bicho bem grandão e forte. Percebi que ele ficou olhando muito fixamente pro *Leo* de longe. Daí ele veio vindo em nossa direção e não parecia muito amigável. Eu fiquei com receio e, não sei como, consegui me ‘esconder’ por trás daquelas lojinhas de contêiner que tem no Parque Una. O cachorro não viu quando a gente se escondeu. Fiquei lá parado um tempo e, quando percebi que ele tinha saído do nosso campo de visão, eu saí de lá com o *Leo*<sup>50</sup>.

Ao ouvir este episódio narrado por Fernando, fiquei pensativo, pois naquele momento considerei que sua história tinha algo interessante para pensar no meu campo e nas interações entre diferentes tipos de cães. Embora soubesse que esta história dizia algo muito mais profundo do que aquilo que se revelava em sua superfície narrativa, decidi guardá-la na memória para depois juntá-la com as demais informações que eu poderia colher durante o trabalho de campo. Assim, continuei a conversa com Fernando sobre temas triviais relacionados ao *Leo* e ao *Ricco* e logo fui conhecendo outras pessoas que se aproximavam de nós. Muitas crianças (ou seus pais e mães) me chamavam pedindo autorização para tirar fotos com *Ricco*. Eu sempre consentia e me oferecia para tirar as fotos.

Fui visualizando, aos poucos, a presença de algumas pessoas fundamentais para a realização do evento. Dentre elas, percebi a presença de Daniel Corrêa e Natália Corrêa (sua filha), proprietários do Crematório e Memorial Pet São Francisco, cuidando da organização dos preparativos para o início do evento. Além deles, havia uma equipe de pessoas ligadas à Rádio

---

<sup>50</sup> Este diálogo foi transcrito para o caderno de campo na mesma data em que fiz trabalho de campo neste evento. Ao retornar para casa, ainda com a memória recente dos fatos e diálogos transcorridos nesta ocasião, tratei de transcrevê-los tal qual pude retê-los na memória, evitando, da melhor maneira possível, a perda de informações importantes. Todos os diálogos reproduzidos neste capítulo foram transcritos desta forma.

União FM, que estavam envolvidas com a apresentação e a transmissão do evento para seu público ouvinte. De fato, a realização da caminhada foi uma iniciativa que nasceu de uma parceria entre o Crematório e a Rádio, porém recebeu o apoio de outras empresas e instituições que se vincularam ao evento como, por exemplo, a Prefeitura Municipal de Pelotas, a empresa de alimentação *pet Cookies & Dogs*, a escola de adestramento canino Real Dog, a ONG de adoção de animais A4 (Associação dos Amigos dos Animais Abandonados) e a Paradoxo Eventos, que forneceu apoio relativo à infraestrutura de som, suportes para banners e outros itens demandados pelo evento. O patrocínio do evento ficou a cargo da OsirNet, empresa provedora de internet, nascida na cidade de Pelotas, cuja marca é bastante presente no mercado local.



Figura 37 - Carro da União FM  
Foto: Marcus Negrão

Enquanto a caminhada não iniciava, permaneci observando as pessoas, interagindo sempre que era possível e, principalmente, deixando *Ricco* conhecer os cheiros do local: asfalto, plantas, calçadas, mas, sobretudo, muitos outros cães que ele insistia em cheirar, puxando a guia que eu usava para conduzi-lo

em nosso passeio. O entusiasmo de *Ricco* despertava olhares ternos, curiosos e sorridentes de outros tutores, suscitando diálogos amistosos e amigáveis:

- É filhote, né? – perguntou uma moça que estava acompanhada de seu namorado e um cão da raça *beagle*.

- Sim. Ainda não completou um ano – respondi.

O namorado respondeu rindo:

- Dá pra ver pela animação dele. Está com todo o gás pra caminhada.

A moça completou dizendo:

- E a carinha dele é bem de filhotão mesmo.

Perguntei, apontando para o *beagle*:

- Qual a idade dele?

- Vai fazer quatro anos – respondeu o rapaz, conduzindo o cachorro.

- Ah! Já é um adulto! Vocês moram aqui no *Quartier*? – continuei o diálogo

- Ah! Bem que eu queria, mas a gente mora no centro. Eu acho lindo os projetos de prédios que tem aqui, mas, ao mesmo tempo, esses apartamentos novos são menores do que os apartamentos antigos que tem lá no centro – respondeu a moça.

- Eu não sou daqui, moro em Pelotas há pouco tempo, ainda estou conhecendo os bairros. Vocês acham que é uma boa se mudar pra cá? Parece meio longe das coisas que a gente precisa – indaguei com intenção de continuar a conversa.

O rapaz, ainda conduzindo o *beagle*, argumentou:

- Mas aqui vai desenvolver muito. Porque é um bairro inteiro que está sendo construído. Vai ter supermercado grande, hospital, lojas... E com o tempo vão construir mais prédios aqui. Isso vai movimentar as ruas, trazer mais gente pra cá. Pelotas não tem mais como crescer pra outro lado. Tem que crescer pra cá mesmo.

A moça finalizou:

- E eu acho que quanto mais gente tiver aqui, vai ser mais seguro no futuro por causa do movimento. Eu queria morar num apartamento mais moderno, novinho. Me falaram que vai ter até teatro aqui no *Quartier*. De vez em quando tem umas apresentações culturais por aqui. O problema é que os apartamentos são pequenos e eu acho caros. Aí tem que pesar se vale a pena ou não porque pra ter um apartamento maior aqui é bem mais caro ainda.

O diálogo acima despertou minha curiosidade sobre certas questões correlatas à caminhada, isto é, ao evento que estava prestes a acontecer.

Embora seja uma temática transversal ao acontecimento principal daquela tarde, fiquei atento aos possíveis significados que aquela conversa, aparentemente trivial, poderia ter. Afinal, o local do evento foi escolhido aleatoriamente? Era o único lugar possível naquela data? O que teria motivado aquela escolha? Se o evento foi marcado para ocorrer naquele local, o bairro *Quartier*, que tipo de conexões é possível vislumbrar entre um evento e seu local de realização? Fiquei com essas questões em mente para, através do trabalho de campo e diálogo com a bibliografia pertinente ao tema, exercitar uma interpretação etnográfica da experiência vivida naquela tarde.

Observando ao redor, o bairro *Quartier* parecia à época com um grande vazio e um canteiro de obras, com alguns empreendimentos imobiliários já concluídos e com moradores residindo no local. Ainda assim, havia muitos espaços vazios, lotes ainda sem nenhuma construção, e amontoados de areia, pedras e outros materiais de construção que davam um ar empoeirado ao lugar. Havia também máquinas de obras, tratores, cavaletes, tapumes e tantas outras coisas que denunciavam que aquele local ainda estava em construção. A urbanização do bairro, com as ruas asfaltadas e a infraestrutura de saneamento e energia, estava concluída, conferindo ao lugar um mapa já reconhecível da área a delimitar os locais de construção dos futuros empreendimentos imobiliários.

No meio daquele imenso terreno, recém-inaugurado há menos de um ano, figurava o *Food Hall Quartier*, um complexo gastronômico implantado para abastecer o bairro de serviços de lazer, alimentação e entretenimento, agregando valor ao bairro, fixando a circulação de seus residentes em seu próprio entorno e, obviamente, atraindo novos moradores para os futuros empreendimentos que ali ainda seriam construídos. O *Food Hall Quartier* conta atualmente com diversas opções gastronômicas que contemplam bares especializados em vinhos e drinks; cervejarias; lanchonetes com opções variadas de pratos como sanduíches, pastéis, crepes, *calzones*, batatas fritas e outros aperitivos; docerias e sorveterias.

Além das atrações gastronômicas, o lugar promove regularmente um evento cultural intitulado *Quintal Quartier*, realizado a cada 40 dias e voltado à área da economia criativa. Neste evento, diversos empreendedores locais podem realizar inscrição para que possam apresentar e vender seus produtos e

serviços no espaço designado à realização do evento. O *Quintal Quartier* conta ainda com atrações artísticas, sobretudo musicais, cuja função é animar o ambiente com shows de gêneros musicais diversos como samba, chorinho e apresentações de DJs da cidade.

No cotidiano do complexo gastronômico há ainda uma programação cultural recorrente com atividades bem distintas entre si como, por exemplo, o *Pagode do Bairro* (roda de samba e pagode quinzenal), *Vem Brincar* (evento dominical que fecha a rua em frente ao *Food Hall* para atividades de lazer em família) e, por último, o *Happy How em Movimento* (com aulas de atividades físicas gratuitas oferecida ao público presente). Outras atividades também podem ser realizadas a partir de iniciativas particulares dos empreendedores que integram o conjunto de operações em funcionamento no *Quartier Food Hall* a exemplo de clubes de leitura ou eventos particulares sediados no local, movimentando variados públicos, em diferentes dias da semana, e em distintas lojas filiadas ao empreendimento.

Esta explicação sobre o bairro *Quartier* é necessária para que se possa melhor compreender o contexto em que *Ricco* e eu estávamos para aquela caminhada. Ou seja, é importante dizer que a primeira caminhada pet estava agendada para ocorrer num local que consiste em um novo bairro planejado da cidade de Pelotas, situado na região norte de seu território urbano, responsável, em parte, pela reconfiguração dos interesses habitacionais das camadas médias e altas pelotenses, fazendo com que esta região da cidade seja ressignificada a partir de uma lógica de valorização de mercado imobiliário pautada em novos parâmetros de urbanismo. Isso ressalta o fato de que este novo bairro é afeito aos eventos culturais que possam, de alguma forma, agregar valor ao empreendimento e movimentar o lugar promovendo a circulação de pessoas.

No que diz respeito à caminhada pet, era possível estimar que havia umas oitenta pessoas e seus cachorros, concentrados numa parte específica do bairro, participando do evento. Era também visível que a população de *pets* naquele local superava o número de humanos ali reunidos, pois, apesar da maioria das pessoas estarem acompanhadas de um único cachorro, outras famílias, casais ou mesmo indivíduos levavam dois ou três cachorros consigo. O fato é que caminhada estava repleta de raças de cachorro como *Golden Retriever*, *Boxer*,

*Beagle, Husky Siberiano, Shih-tzu, Yorkshire, Lulu da Pomerânia, Pincher, Bulldogue Francês, Poodle*, além de inúmeros cães sem raça definida.

Às 15h a caminhada teve seu início e, percorrendo cerca de 2km pelas ruas do bairro *Quartier*, cachorros e seus tutores contornavam obras em construção, passavam por carros estacionados ao longo das vias (provavelmente pertencentes a famílias que foram até ali para contemplar a paisagem e tomar um mate) e seguiam um trajeto previamente estipulado pelos organizadores do evento. O caminho incluía ruas destinadas a carro, mas, aos poucos, fomos adentrando algumas ruas designadas ao trânsito de pedestres, que davam acesso a praças e equipamentos de lazer urbano disponíveis no local.

Percebia-se ainda que havia um número considerável de pessoas ali sentadas em diversos locais do bairro (algumas ouvindo música em alto falantes disponíveis em seus carros), que aparentavam não ter vínculo com o evento da caminhada, mas escolheram as ruas do bairro *Quartier* para desfrutar de um domingo de sol. Adolescentes andando de bicicleta, crianças correndo, casais conversando, grupos de homens ouvindo música perto de seus carros cujos modelos não pareciam nem novos nem compatíveis o bastante com a faixa de renda necessária para morar no *Quartier*. Eram moradores do bairro ou moravam nos arredores? Ou será que vieram de bairros mais distantes para passar o domingo ali? Não tenho resposta para estas perguntas, mas é importante ressaltar que, do ponto de vista de uma classificação étnico-racial, a maioria destas pessoas tinha pele menos branca do que aqueles que participavam do evento e isso talvez possa ser um indicador do perfil racial do público que, em geral, é alcançado por este tipo de serviço.

Terminado o trajeto, a caminhada se encerrava num local vizinho uma pequena praça onde havia brinquedos infantis para a diversão das crianças. Ali havia uma área propícia para que se reunissem todos os participantes do evento, pois estava disposto naquele local um grande *backdrop* do evento, isto é, um *banner* (ou painel) contendo a arte de divulgação do evento, posicionado de modo a sinalizar a realização da atividade, decorar o ambiente e, ao mesmo tempo, servir como cenário para que o público presente pudesse tirar fotos e compartilhar imagens nas redes sociais que auxiliam na repercussão e, conseqüentemente, no aumento do alcance desta ação de marketing. Ao lado

do *backdrop* estavam os *stands* da OsirNet (patrocinadora do evento), Rádio União FM e Crematório Pet São Francisco, estes dois últimos o realizadores da ação. Havia ainda uma mesa onde estavam expostos alguns produtos alimentícios voltados aos *pets*, produzidos pela *Cookies & Dogs*, empresa parceira do evento.

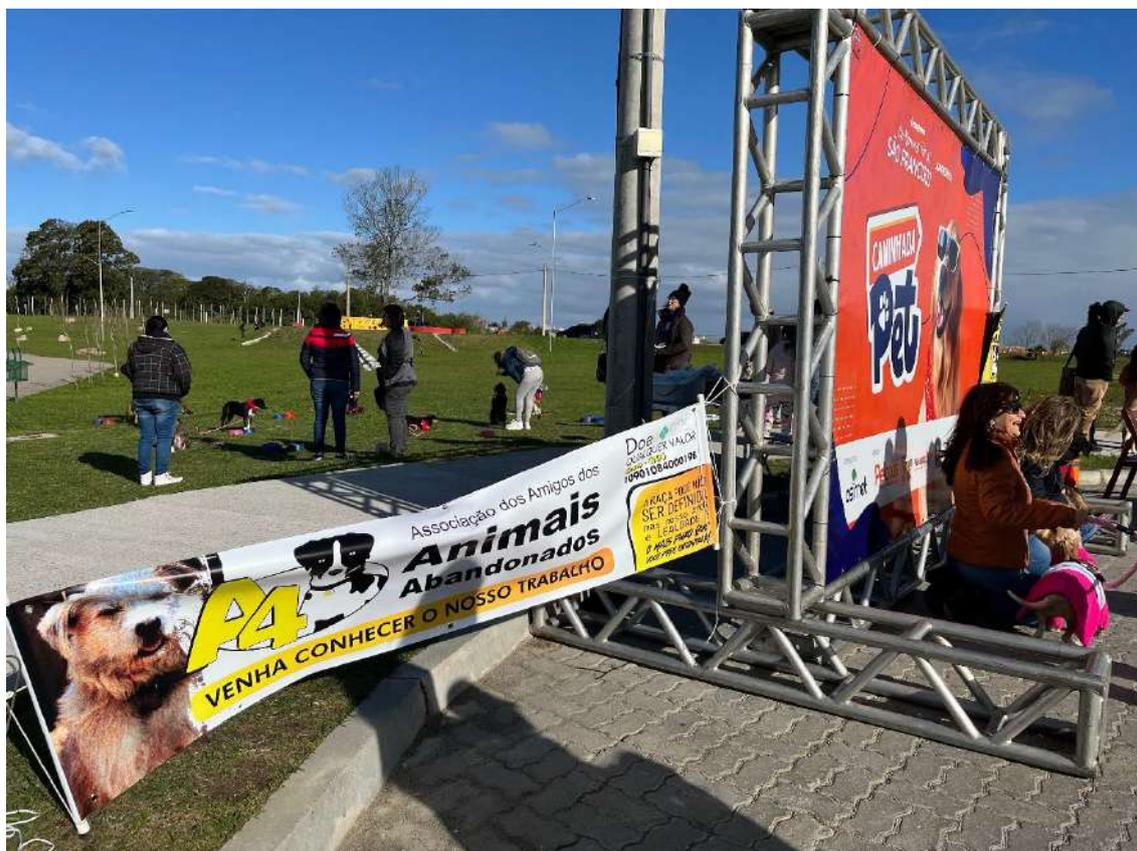


Figura 38 - ONG A4 expõe cachorros para adoção  
Foto: Marcus Negrão

Entretanto, chamava a atenção uma exposição da ONG A4 – Associação dos Amigos dos Animais Abandonados, posicionada logo atrás do *backdrop* do evento. Cerca de uns dez cães sem raça definida estavam ali expostos para, quem sabe, conseguirem uma família adotante. As informações sobre os cães e sobre o trabalho desenvolvido pela instituição poderiam ser obtidas junto às integrantes voluntárias da ONG, que estavam sentadas próximas aos cachorros e disponíveis ao diálogo. Conversei um pouco com uma das voluntárias, mas logo minha atenção teve que ser voltada para o início da programação preparada para a culminância das atividades da caminhada *pet*. Assim, retornei para o

centro do evento e direcionei a atenção ao desenvolvimento das atividades que estavam sendo propostas.

### **Sorteios, Brindes e Guloseimas**

A apresentação da programação, transmitida para os ouvintes da Rádio União FM, ficou a cargo do locutor Endrio Chaves, que fez uma fala introdutória sobre o evento e convidou Daniel Corrêa e Natália Corrêa (proprietários do Crematório Pet São Francisco) para falarem do propósito de estarem ali, dos serviços que sua empresa oferece e do cuidado que devemos ter com nossos cães ao oferecer-lhes qualidade de vida. Dentre as ações de cuidado mencionadas, a fala de ambos apontava para a necessidade que muitos tutores têm de dar aos cachorros (e outros tipos de *pets*) um final de vida digno. Esse tipo de preocupação, em geral, aparece quando os animais já estão visivelmente idosos ou acometidos por alguma doença de difícil recuperação.



*Figura 39 - Endrio Chaves (União FM) entrevista Daniel e Natália Corrêa*  
Foto: Marcus Negrão



Figura 40 - Ativista da ONG A4 fala sobre cães disponíveis para adoção  
Foto: Marcus Negrão

Dessa forma, avalio que o discurso de Daniel e Natália tem um papel muito importante na demonstração e conscientização de que os serviços oferecidos pelo crematório são ecologicamente corretos, pois além de darem destinação digna aos animais (para os tutores que assim desejarem), fazem com que cresça o entendimento de que enterrar animais em quintais ou outros tipos de terreno é uma prática irregular, que pode poluir o meio ambiente através da contaminação indevida do lençol freático. Assim sendo, esse tipo de sepultamento irregular pode ser considerado um crime ambiental passível de enquadramento no Art. 54 da Lei Federal 9605/1998. Esse fator auxilia a compreender que o papel de um crematório *pet* também está relacionado com boas práticas de destinação dos animais falecidos sob o ponto de vista de uma abordagem ecológica do assunto.

Seguindo a programação de atividades do evento, os instrutores da *Real Dog*, empresa que oferece treinos de adestramento canino, foram convidados a falar sobre a importância de adestrar cães e demonstrar algumas técnicas básicas de adestramento. O instrutor responsável pela empresa estava

acompanhado de um cachorro de grande porte, sem raça definida, enquanto a instrutora de sua equipe estava acompanhada de um cão da raça *beagle*. Ao fazer uso da palavra, o instrutor enfatizou que o adestramento de cães é um atividade que melhora a qualidade de vida dos animais e a qualidade da relação com seus tutores. Segundo o treinador, por meio do adestramento, os cachorros passam a assimilar quais comportamentos são bem aceitos no convívio social com humanos e outros cães, sendo recompensados positivamente quando conseguem manter uma boa conduta. Exemplos básicos de bom comportamento foram dados como a aquisição das habilidades de saber passear adequadamente com o tutor (sem puxá-lo através da guia); controlar-se diante de outros cães; não pular em cima das visitas quando chegam em casa; não latir sem motivo justificável; deixar-se manipular nas patas, boca ou partes íntimas caso seja necessário; não fugir de casa se a porta estiver aberta e, por fim, voltar para perto do tutor quando for chamado em uma situação de passeios sem guia.



*Figura 41 - Cães da ONG A4 expostos para adoção*  
Foto: Marcus Negrão

Esses comportamentos compõem um conjunto de conhecimentos iniciais que, de acordo com os adestradores, facilitam o convívio e, principalmente, garantem a segurança de *pets* e tutores em situações inesperadas. Contudo, as possibilidades de adestramento são infinitas, fazendo com que os cães adquiram tantas habilidades quanto seus tutores e adestradores forem capazes (e pacientes) para ensinar. Outro fator destacado foi o fortalecimento de vínculos que o adestramento pode proporcionar entre tutor e cachorro. Ao ingressar numa dinâmica de ensino e aprendizagem, que requer um envolvimento contínuo em atividades de interesse para ambas as partes, cães e tutores aprimoram a capacidade de entenderem um ao outro, aumentando as chances de desenvolverem atividades em conjunto no seu cotidiano. Por todos esses fatores, foi possível depreender que a tônica do discurso em torno do adestramento de cães ressaltava uma melhoria considerável na qualidade de vida dos animais de estimação e seus humanos-tutores.



Figura 42 - Instrutores da Real Dog demonstram técnicas de adestramento para cães  
Foto: Marcus Negrão

Por último, a programação do evento ainda contou com a participação da *Cookies & Dogs*, uma empresa voltada para um nicho cada vez mais crescente: a alimentação natural para *pets*. Em seu perfil no Instagram, a *Cookies & Dogs* se define como uma confeitaria *pet* que utiliza produtos “100% naturais, com ingredientes frescos e farinhas integrais, nas quantidades ideais para cães saudáveis!”. Essa descrição vem ao encontro de uma preocupação recorrente entre tutores de animais de estimação: como proporcionar uma alimentação mais saudável e saborosa aos *pets*? Na última década, cresceu o número de estudos, especialmente advindos de áreas como Zootecnia, Agropecuária, Administração e Marketing, que têm demonstrado a existência de um interesse crescente de tutores acerca de outras possibilidades de alimentação para seus *pets*, fazendo com que as empresas relacionadas a este mercado fiquem atentas a esta mudança de paradigmas a fim de melhor acompanhá-lo<sup>51</sup>.

---

<sup>51</sup> Estudo encomendado pela *Consumer & Market Insights da Nestlé*, constatou uma mudança de paradigma na preocupação de tutores no que tange aspectos relacionados à saúde e nutrição dos *pets*. De olho neste mercado, a Nestlé Purina convidou startups voltadas ao mercado pet para se inscreverem em evento que visa discutir e criar soluções para atender a esta demanda crescente. Ver em: <https://www.nestle.com.br/media/pressreleases/allpressreleases/nestle-purina-abre-inscricoes-em-plataforma-global-de-inovacao-para-conhecer> Acessar também em: <https://jornalvisaodenegocios.com.br/pesquisa-revela-que-41-dos-tutores-esperam-inovacao-com-beneficios-funcionais-na-alimentacao-dos-pets-e-startups-podem-contribuir/> [Acesso em 02 jul. 2024]



*Figura 43 - Cookies&Dogs sorteia brindes ao público e presenteia seus colaboradores*  
Foto: Marcus Negrão

Sobre esses novos parâmetros de alimentação na indústria *pet*, Saad e França (2010) afirmam que

Segundo os consumidores, benefícios ambientais e de saúde são os principais fatores para a aquisição desses tipos de produtos. A procura por exclusividade no setor pet food, combinada com uma tendência permanente de humanização na indústria pet, provoca um aumento da procura por alimentos diferenciados para animais de estimação. Embora alimentos pet orgânico, natural e holístico sejam temas recorrentes sobre as tendências na indústria alimentar animal, as possibilidades reais estão sendo avaliadas e debatidas (SAAD; FRANÇA, 2010: 53).



Figura 44 - Público ganha brindes e posa para fotografias  
Foto: Marcus Negrão

Sem entrar no mérito de um debate sobre “humanização” da alimentação animal ou da indústria *pet* como um todo, é importante reter desta pesquisa a constatação mercadológica do fomento de um novo perfil alimentar dos animais de estimação por parte de seus tutores. Conscientes dos aditivos químicos abundantes nas rações comerciais e na intenção de proporcionar uma alimentação mais apetitosa aos animais, os humanos têm cada vez mais se inclinado a adotar, com ou sem recomendação veterinária, práticas alimentares naturais que visam fugir da lógica da alimentação com ração. Na pesquisa feita por Ribeiro *et al.* (2020) constatou-se que

o uso de sobras da alimentação humana para a alimentação animal, tanto para cães quanto para gatos é comum, inclusive alguns tutores afirmam misturar a comida caseira à ração comercial, para torná-la mais atrativa (palatável) para o animal, ou preparar a sua própria alimentação natural, sem seguir nenhuma prescrição quanto à quantidade e qualidade dos ingredientes (RIBEIRO *et al.*, 2020: p. 28)

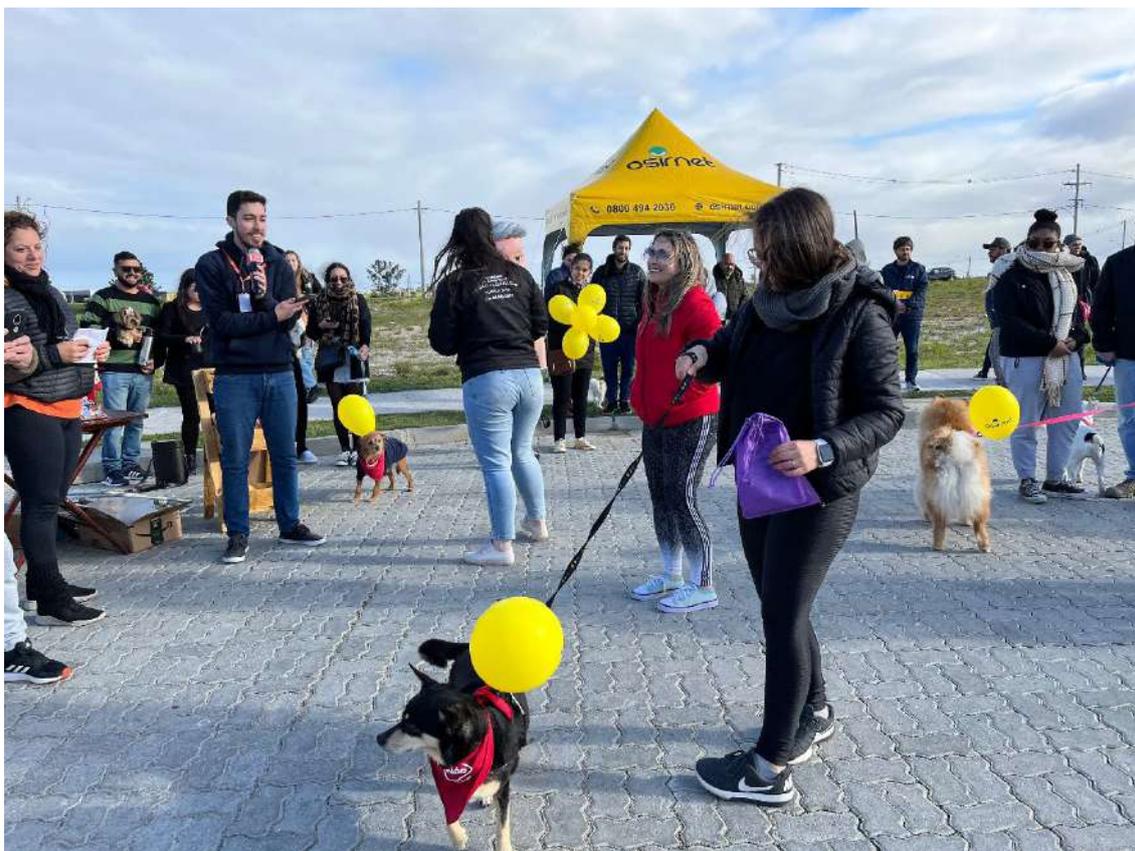


Figura 45 - Empresas apoiadoras do evento enfeitam pets com acessórios promocionais  
Foto: Marcus Negrão

Com maior ou menor acompanhamento nutricional adequado, o fato é que há uma expectativa de surgimento de novas opções de alimentação menos nocivas à saúde dos *pets*, tendo em vista que as rações tradicionalmente oferecidas no mercado são amplamente percebidas como prejudiciais à saúde ou, no mínimo, muito artificiais para servirem como alimento adequado. Assim, no caso de alguns tutores identificados em pesquisas anteriormente desenvolvidas, parece haver um gradativo abandono da alimentação artificial proporcionada pelas rações industrializadas e uma adesão crescente à alimentação natural. A pesquisa de Schneider (2023), pretendeu mapear quais as motivações para que determinadas tutoras de animais tomassem a decisão de fornecer uma alimentação integralmente natural aos seus *pets*. De acordo com a autora, “os relatos revelaram três principais motivações para as tutoras: a coerência com suas próprias escolhas de vida, e/ou orientação veterinária para

solução e controle de doenças e/ou querer oferecer mais prazer ao seu companheiro através do alimento” (SCHNEIDER, 2023: 66)<sup>52</sup>.

Numa linha tênue entre alimentos e medicamentos, Donna Haraway (2022) avalia a ampliação da oferta de produtos alimentícios destinados a animais de companhia, que visa garantir melhorias na qualidade de vida dos *pets* através da possível melhoria dos seus indicadores de saúde. A autora analisa que

uma grande e crescente porção de produtos alimentícios para animais de estimação se dirige a condições e específicas, tais como a saúde das articulações e do trato urinário, o controle do tártaro, a obesidade, exigências fisiológicas, necessidades relacionadas à idade e assim por diante. É impossível ir a um campeonato de *agility* com minha cadela sem tropeçar em folhetos e estandes de alimentos naturais, alimentos cientificamente formulados, alimentos que melhoram o funcionamento imunológico, alimentos que contêm ingredientes caseiros, alimentos para cães veganos, alimentos orgânicos crus que não agradariam nada aos veganos, alimentos fortificados com cenouras liofilizadas, comedouros automáticos para ajudar cães que passam muito tempo sozinhos e assim por diante. De fato, as dietas são como remédios nessa ecologia nutricional, e a criação de demanda por "tratamento" é crucial para o sucesso no mercado. Além das dietas, eu me sinto obrigada a investigar e comprar todos os suplementos apropriados que se encontram na oscilante linha entre alimentos e medicamentos (sulfato de condroitina e sulfato de glucoamina ou óleo de linhaça rico em ácido graxo ômega-3, por exemplo). Os cães na tecnocultura capitalista adquiriram o "direito à saúde", e as implicações econômicas (bem como legais) são legião (HARAWAY, 2022: 75).

No que tange à caminhada *pet*, evento no qual eu estava fazendo campo, é interessante notar como essa demanda por alimentação natural dos pets chega a Pelotas e se materializa nos produtos e serviços oferecidos pela *Cookies & Dogs*. Focada em alimentos de confeitaria, a empresa está muito relacionada ao fornecimento de alimentação para datas comemorativas como Natal, Páscoa e, principalmente, aniversários. Outro produto de destaque são os cookies (biscoitos) caninos para consumo como petiscos. Nos stories do Instagram da empresa há uma observação que esclarece sobre o seu propósito no que se refere ao fornecimento de alimentação mais saudável aos cães. A *Cookies & Dogs* avisa:

---

<sup>52</sup> A revista Cães&Gatos publicou em site uma matéria sobre o crescimento do interesse em fornecer alimentação natural aos pets, evitando alimentos ultraprocessados e criando uma rotina de aproximação entre tutores e pets no processo que envolve o preparo de uma dieta caseira. Ver em: <https://caesegatos.com.br/tutores-de-pets-tem-dado-preferencia-a-alimentacao-natural/> [Acesso em 02 jul. 2024].

Nossos produtinhos são feitos artesanalmente com farinhas integrais, frutas e legumes frescos, ovo caipira e mel da fazenda. Sem adição de açúcar, sal, corantes, conservantes e fermentos químicos, nas quantidades recomendáveis para um cão saudável! Informe-se sobre a opção vegana e sem glúten!

É interessante notar que a empresa fornece opções de alimentos veganos aos animais, o que pode suscitar um debate sobre as possíveis correspondências entre o estilo de alimentação adotada por humanos e as práticas de nutrição que são repassadas aos seus animais de estimação. É importante analisar que, se há oferta de alimentação vegana para cachorros é porque há, certamente, demanda para este tipo de produtos. Atentas às necessidades de sua clientela, as empresas de modo geral visam atender a estas demandas a fim de suprir uma lacuna no mercado, garantindo seu posicionamento em determinados nichos. Sem pretender aprofundar esta questão neste momento (pois foge do escopo daquilo que quero apresentar e discutir) fica registrado o questionamento sobre como determinados tutores, adeptos de um estilo de alimentação vegana, que é crescente na contemporaneidade, podem interferir na alimentação de *pets* de modo a fazer virar também veganos animais que naturalmente não o seriam.

Voltando ao meu trabalho de campo na caminhada *pet*, devo dizer que a participação da *Cookies & Dogs* também foi muito relevante para uma conscientização acerca da qualidade de vida dos animais de estimação que pode ser proporcionada pelo fornecimento de uma alimentação mais saudável e natural. Com produtos de confeitaria que refletem uma preocupação genuína com a qualidade e o tipo de nutrição dada aos *pets*, é possível depreender que a empresa está conectada às novas sensibilidades de tutores, que passam a considerar os *pets* como membros de uma família multiespecífica. Dessa forma, os tutores contemporâneos parecem admitir que é inconcebível fornecer uma alimentação excessivamente industrializada e de má qualidade aos seus *pets*, tendo em vista que há uma percepção cada vez mais generalizada destes animais como entes familiares.

A participação da *Cookies & Dogs* contou ainda com uma das atividades mais aguardadas da programação do evento: os sorteios de brindes. Como antes relatado, logo que chegamos no local, inserimos o nome de *Ricco* numa

listagem, sinalizada por números, para que participássemos do sorteio de brindes ao final da programação. Chegada a hora da realização dos sorteios, os organizadores escolhiam um número aleatório e, em seguida, conferiam na listagem o nome do *pet* e tutor vinculados ao número escolhido. Assim, diversos cachorros foram agraciados com brindes diversos, dentre eles biscoitos, bolos, aperitivos etc. Surpreendentemente *Ricco* foi sorteado ganhando uma pequena cesta de produtos alimentícios *pet* onde era possível encontrar biscoitos e outros alimentos que estimulam a limpeza bucal dos cães. Cada animal sorteado ia receber o prêmio das mãos dos organizadores, parava para tirar fotos e pegava o brinde.



Figura 46 - *Ricco* é sorteado e ganha brindes da *Cookies & Dogs*  
Foto: Marcus Negrão

Após o sorteio de todos os brindes programados para aquele evento, a *Cookies and Dogs* ainda forneceu aos cães presentes um bolo coletivo para que todos pudessem comê-lo. Uma representante da empresa segurava o bolo em suas mãos e oferecia aos cachorros que se aproximavam para degustar. Cada *pet* comia um pedaço, podendo repetir várias vezes. *Ricco*, aliás, repetiu

diversas vezes e parecia ter gostado bastante da comida oferecida. Os outros cachorros também aparentavam estar bastante eufóricos com o bolo oferecido. Num determinado momento, já com mais da metade do bolo comido pelos cães, *Ricco* aproveitou um momento de distração da moça que segurava o bolo e o derrubou de suas mãos, fazendo-o cair no chão e facilitando para que outros cães (e ele mesmo) terminassem de comer o restante. Constrangido, surpreso e, ao mesmo tempo, incrédulo com a atitude de *Ricco*, sorri aos demais tutores e registrei fotos do momento. Terminado o bolo, os organizadores anunciaram o fim do evento e agradeceram a presença de todos.



*Figura 47 - Ricco come bolo oferecido pela Cookies & Dogs*  
Foto: Marcus Negrão



Figura 48 - Cães beagle comem bolo e biscoitos da Cookies & Dogs  
Foto: Marcus Negrão

No momento de dispersão dos presentes acabei conversando com uma tutora de um cachorro da raça *Shi-tzu* chamado Zé. Perguntei a ela o que tinha achado do evento, se tinha gostado da experiência. Ela me disse:

- Eu gostei sim do evento. Achei divertido o sorteio de brindes, o Zé ganhou uns biscoitinhos e eu não sabia daquela confeitaria de bolos de cachorro. Acho que quando o Zé fizer aniversário eu vou encomendar um bolo daqueles. Mas será que eles podem comer tanto açúcar?

Respondi:

- Na verdade, esses bolos feitos para cachorro parecem que são doces, mas são salgados. Já vi na internet que existem algumas receitas de bolo *pet* de carne, legumes, frango. Como se fosse uma torta fria salgada. A aparência fica de bolo de aniversário e a gente tende a associar com coisas doces. Mas eu não sei quais foram os ingredientes que eles usaram pra fazer o bolo de hoje.

Ao que ela presumiu:

- Por isso que os cachorros ficaram todos malucos pra comer o bolo. Devia ser salgado e ter carne dentro.

Decidi mudar o foco:

- Mas o que você achou do restante da programação? O que você achou da fala do pessoal do crematório?

Ela disse:

- Aaahh! [falando com certo ar de tristeza] Esse tipo de coisa eu não gosto nem de pensar. Pra te falar a verdade, eu nunca tinha pensado nisso antes. Mas foi até bom saber que isso existe aqui em Pelotas porque eu não consigo nem imaginar em descartar o Zé de qualquer jeito quando ele partir. Eu peguei até um folder do crematório para eu pesquisar melhor. Acho que vou fazer um plano deles [crematório] quando o Zé tiver mais velhinho. Agora ele tá com 4 anos e acho que ainda vai demorar para ele partir. Assim eu espero! Eu não quero nem pensar nisso. Ele é a minha companhia do dia a dia.

Concluimos a conversa falando sobre outras amenidades e depois fomos embora do local.

### **Mercado funerário *pet* e mercado imobiliário: conexões possíveis?**

Diante de tudo o que presenciei na *Caminhada Pet*, fiquei reflexivo acerca das questões de pesquisa que me foram ali suscitadas. A primeira delas dizia respeito à minha tentativa de responder a uma simples pergunta: por que as pessoas iriam para uma caminhada *pet* promovida por um crematório de animais? Numa primeira percepção sobre o assunto, é possível inferir que o público ali se fez presente por curiosidade de conhecer o trabalho desenvolvido pelo crematório, entender os serviços que oferecem e saber um pouco mais sobre questões relacionadas aos ritos fúnebres possíveis de serem adotados quando ocorre a morte de um animal de estimação. Mas ainda assim isso não responde à minha questão, pois esta curiosidade poderia ser satisfeita com apenas uma visita à sede da empresa e um pedido de informações para que se obtivesse uma explicação detalhada de todos os aspectos que envolvem os serviços prestados pelo crematório.

Se uma visita à empresa poderia responder todas as dúvidas de um possível público consumidor daquele serviço, por que insistir em comparecer a uma caminhada cuja temática central era algo relacionado à morte dos *pets*? Seriam todas aquelas pessoas movidas por uma mera curiosidade? Ou todos eles eram amigos, conhecidos e apoiadores das empresas que estavam participando do evento? Ou será ainda que parte daquele público não havia prestado atenção suficiente no material de divulgação do evento a ponto de

perceber que, na parte superior do *card* de divulgação, estava escrito “Crematório Memorial Pet São Francisco apresenta”?

De fato, analisando o design do material de divulgação, a informação que mais chama a atenção é o nome do evento intitulado “Cãominhada Pet” seguido de uma descrição que afirmava ser “o passeio mais divertido do ano”. Destacam-se ainda a figura de um cachorro da raça *Golden Retriever*, usando óculos escuros, e os dados gerais do evento como, por exemplo, data, horário de concentração e início da caminhada, tamanho do percurso e localização do ponto de partida. Embora o nome do crematório estivesse na parte superior deste *card*, esta informação não ganha destaque e pode até passar despercebida para pessoas que não se detenham analisando a imagem. Na parte inferior do *card*, constam as logomarcas de empresas patrocinadoras e apoiadoras do evento. Entretanto, também não me convence, como antropólogo, a ideia de que o público ali presente era composto integralmente por pessoas distraídas, que não perceberam que o evento era promovido por um crematório de animais. Aceitar essa hipótese seria subestimar a atenção das pessoas e o grande esforço de divulgação que o crematório deve ter empreendido para que o seu evento tivesse grande alcance. Logo, descarto essa hipótese.

A certeza que tenho é a de que eu estava ali com o objetivo de fazer trabalho de campo, dar prosseguimento a mais uma etapa de minha pesquisa e, por fim, entender mais sobre o contexto pesquisado. A partir das minhas observações em campo, da leitura da bibliografia pertinente ao tema, da análise dos discursos mobilizados no evento e dos diálogos que tive com algumas pessoas naquela ocasião, é possível inferir que o público presente neste evento estava em busca de algo muito maior e mais complexo do que um conjunto de informações objetivas sobre os serviços prestados por um crematório. Havia ali um senso de compreensão mútua compartilhado entre tutores, fazendo com que as pessoas reconhecessem a si próprias na relação humano-*pet* que conseguiam enxergar nos outros. A conclusão à qual consigo chegar, em relação à minha interpretação deste evento, é a de que marcar presença neste tipo de atividade, mesmo que ela seja promovida por uma empresa do ramo funerário, evidencia uma busca por pares, isto é, por outros tutores que também partilhem de um entendimento renovado do conceito de família, uma categoria

socioantropológica na qual, sob nova perspectiva, os animais de estimação devem estar incluídos.

E, conforme essa inclusão dos animais como entes familiares se aprofunda no imaginário coletivo, as maneiras de lidar com o encerramento dos seus ciclos de vida também deverão ser renovadas, abrindo novas possibilidades de ritos fúnebres, modalidades de destinação dos corpos dos *pets* falecidos (sepultamento, cremação ou outras por vir) e, finalmente, formas de homenagens póstumas resguardando suas respectivas memórias. Também é necessário acrescentar que tudo isso significa dizer que o evento em questão (a caminhada *pet*) e os discursos ali compartilhados vão muito além de serem apenas uma ação de *marketing* para apresentar ao público pelotense os serviços oferecidos pelo crematório.

É possível inferir que este tipo de iniciativa contribui significativamente para a introdução e popularização, na cidade de Pelotas, de debates importantes sobre as relações entre humanos e *pets*. Se, inegavelmente, há uma intenção por parte do crematório de divulgar os serviços prestados e conquistar novos públicos, por outro lado, há uma contribuição expressiva na reconfiguração do imaginário local sobre temas como dignidade animal pós-morte, responsabilidade ambiental, direitos dos animais, qualidade de vida destinadas aos *pets* etc<sup>53</sup>. No evento em análise, esse tipo de debate foi contemplado não apenas pelo protagonismo do crematório como promotor do evento, mas pelas outras empresas (de adestramento e de alimentação *pet*) que estavam representando outras formas de abordar a temática da qualidade de vida dada aos animais de estimação. É válido ressaltar que o apoio expresso da Prefeitura de Pelotas para que o evento fosse realizado também é um indicador do reconhecimento de sua legitimidade bem como de sua importância para uma parcela da população que cultiva uma relação de proximidade com certos animais de companhia.

---

<sup>53</sup> No portal Gaúcha GZH, uma matéria assinada por José Flinker (2018) para o jornal Zero Hora demonstrou que a temática sobre enterramento de animais já vinha sendo debatida em Pelotas há algum tempo, resultando na aprovação da Lei Municipal 6570/2018, que autoriza o sepultamento de animais em cemitérios particulares. Ver matéria no link: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2018/02/projeto-de-lei-em-pelotas-busca-possibilidade-de-enterro-de-animais-no-mesmo-jazigo-do-dono-cje7kvhz800z401qo9d5jhboi.html> [Acesso em 28 ago. 2022]

Obviamente é necessário atentar para o fato de que, para além do evento em tela, há um conjunto maior de fatores, agentes e legislações que são responsáveis por acompanhar esta reconfiguração do imaginário sobre os *pets*. No entanto, os grandes protagonistas desta transformação são os próprios animais de estimação que, na condição de sujeitos ativos na transformação de como os humanos percebem os animais não-humanos, estão reinventando o próprio conceito de família ampliando-o para suas possibilidades multiespecíficas. Com isso, quero ressaltar que os animais, sejam eles cachorros, gatos, pássaros ou outras espécies, não são meros objetos passivos de uma ação humana que está reconfigurando o conceito de família.

Pelo contrário, com suas capacidades de interação e de aprendizagem de uma linguagem intersubjetiva entre humanos e *pets*, estes animais desempenham um papel muito relevante na mudança de percepção que a humanidade possui acerca destas outras espécies. Sendo assim, são eles mesmos os principais condutores de uma alteração de paradigmas, induzindo que os humanos mudem suas legislações, repensem seus conceitos de família e até mesmo reconsiderem as práticas funerárias destinadas aos *pets*.

Mas havia uma questão que ainda não havia sido respondida. E ela foi suscitada por dois depoimentos que tive neste evento: primeiro, a conversa que tive com Fernando (tutor do Golden Retriever *Leo*); depois, o diálogo travado com o casal que era tutor de um cão da raça *Beagle*. A questão que eu precisava responder era: por que a caminhada *pet* foi realizada no justamente no bairro *Quartier* e não em qualquer outra localização da cidade? Os diálogos mencionados acima me despertaram para esta questão porque ambos os interlocutores (tanto Fernando quanto o casal) fizeram referência, respetivamente, a dois bairros planejados de Pelotas, que foram construído sob a égide do Novo Urbanismo. Então, considero que, para responder a esta questão, é necessário refletir mais detidamente sobre as novas formas de habitar que estão em curso na cidade de Pelotas.

Mas antes de trazer pontos teóricos, levantados por pesquisadores especialistas em questões de urbanismo e especulação imobiliária, quero lembrar quais aspectos mais me chamaram a atenção, nos depoimentos de Fernando e do casal tutor do cachorro *Beagle*: em primeiro lugar, Fernando narrou uma experiência específica de caminhada com seu cachorro *Léo* pelas

ruas do Parque Una (bairro planejado a que fez referência). Em seu relato havia subentendido certo descontentamento por seu cachorro ser alvo da antipatia de outros cães. Mas seu desapontamento principal parecia ser direcionado aos cachorros sem raça definida, potencialmente perigosos, que circulavam livremente (sem coleira e sem tutor) pelas ruas do Parque Una, que não são privativas dos moradores do bairro planejado, mas abertas ao público em geral. Em segundo lugar, o casal com quem conversei (tutores do *beagle*) mencionou certo desejo de morar no *Quartier*, motivados pelo estilo de vida atrelado ao local. Embora não desconsiderassem os pontos negativos de residir neste novo bairro planejado, como a possibilidade de morarem num apartamento pequeno e com valor acima de suas possibilidades financeiras, o casal não descartava a hipótese e argumentava a favor de todas as benesses que o *Quartier* poderia oferecer num futuro próximo.

Dito isso, quero trazer aqui algumas questões para pensarmos acerca do local de realização da caminhada *pet*. Assim, evoco diálogo direto com a pesquisa desenvolvida por Natália Britto e Oscar Sobarzo (2020) para entender os novos contornos do urbanismo na cidade de Pelotas destas primeiras décadas do século XXI. De acordo com os autores, as últimas décadas foram marcadas por profundas transformações no capitalismo financeiro e modificações nas formas de regular e, assim, favorecer a expansão de empreendimentos financeiros e negócios de caráter imobiliário no Brasil. A principais transformações percebidas pelos autores foram:

i) as políticas setoriais e anticíclicas de incentivos à construção civil, fundamentais no estímulo e expansão do setor; ii) a abertura de capitais das empresas de construção e incorporação no mercado de ações, contribuindo para a ampliação do volume de capitais mobilizados no circuito secundário; iii) o avanço do neoliberalismo e do chamado “empreendedorismo urbano” na atração de investimentos, sobretudo imobiliários; iv) a expansão no volume dos recursos atrelados ao Sistema Financeiro Habitacional (SFH), permitindo a ampliação da demanda solvável; e, v) a consolidação do Sistema Financeiro Imobiliário (SFI), favorecendo a criação de novos mecanismos para o financiamento imobiliário e habitacional e ampliando a segurança no ambiente de negócios (BRITTO; SOBARZO, 2020: p. 02)

Com esta percepção em mente, Britto e Sobarzo analisam três grandes empreendimentos urbanísticos em Pelotas: o condomínio *Lagos de São Gonçalo*

e os bairros planejados *Parque Una* e *Quartier*. No que se refere ao *Lagos de São Gonçalo*, trata-se de um condomínio fechado, construído num grande terreno nas proximidades do Canal São Gonçalo, sem conexão com a malha viária da cidade de Pelotas, isto é, trata-se de um condomínio fechado ao restante da cidade, não sendo possível transitar por dentro de suas dependências sem prévia autorização ou convite de um de seus moradores. Por outro lado, tanto o *Parque Una* quanto o *Quartier* são caracterizados pelos autores como empreendimentos compatíveis com o conceito de “Novo Urbanismo”. As novas concepções de urbanismo colocadas em prática em Pelotas dizem respeito às tendências contemporâneas de refinamento da atuação do capital, ligado ao setor imobiliário, agindo por meio de parcerias com os poderes públicos para criar bairros planejados que são assim definidos pelos autores:

Baseando-se diretamente em alguns dos ideários do movimento do Novo Urbanismo norte-americano (*New Urbanism*), emergente no final do século XX, o conceito contemporâneo de bairro planejado reaparece no discurso técnico como uma resposta aos processos suburbanização, dispersão, descontinuidade territorial e desinvestimento nos centros urbanos [...], ancorando-se no mote da sustentabilidade como um importante atributo de inovação espacial, onde os padrões e estratégias de incorporação incluem a promoção de projetos de uso misto, baseados na busca pelo equilíbrio entre o trabalho e a residência, projetos com desenvolvimento orientado para o trânsito eficiente, otimização dos espaços públicos, design arquitetônico e urbano ambientalmente adequado e a retomada dos conceitos tradicionais de vizinhança e de comunidade. Seguindo estes pressupostos, a incorporação de bairros planejados operaria na reestruturação da cidade de forma proativa, na medida em que o aumento da densidade nos projetos, a multiplicidade dos usos e a redução do uso do automóvel permitiriam a diminuição da degradação ambiental, com a redução do tráfego e melhoria na qualidade de vida nas cidades (BRITTO; SOBARZO, 2020: p. 09)

Realizando uma avaliação crítica deste novo tipo de urbanismo, os autores demonstram que há um conjunto de características e estratégias em comum que configuram os moldes desses empreendimentos, tornando-os produtos altamente atrativos e vendáveis. Por um lado, tem-se a promessa de que tais bairros planejados serão responsáveis por urbanizar parte da cidade circunscrita ao terreno onde a obra será construída, trazendo uma combinação de prédios residenciais e comerciais que incentivaria a circulação de pessoas naquele ambiente, atrairia investimentos em novos empreendimentos comerciais

que estabeleceriam sede neste local e traria vida útil a certos “vazios urbanos” considerados improdutivos sob a lógica do capital<sup>54</sup>.



Figura 49 - Fotos de divulgação dos empreendimentos no bairro Quartier

Por outro lado, o Novo Urbanismo é marcado por um conjunto de características que os tornam comercialmente atraentes aos olhos dos consumidores de classe média-alta, pois são pensados a partir de alguns conceitos como *city marketing* e *starchitecture*. Basicamente, a ideia por trás do conceito de *city marketing* reside num processo de ressignificação de uma cidade ou de certos pontos do tecido urbano que são submetidos, por meio de investimentos do setor imobiliário, a uma mudança significativa de imagem com o objetivo de promover aquele local, alterando positivamente as antigas percepções que a opinião pública tinha ao seu respeito. No que tange o conceito de *starchitecture*, isto se refere a uma estratégia de personificação de um determinado empreendimento imobiliário, fazendo com que ele tenha a

---

<sup>54</sup> A instalação desses projetos compreendidos pela perspectiva do Novo Urbanismo não ocorre sem conflitos, tendo em vista que alguns desses projetos são desenvolvidos em espaços habitados por populações tradicionais e que são consideradas como áreas de patrimônio histórico e ambiental. Um exemplo disso é a região do Passo dos Negros, em Pelotas, para onde projetos com as características conceituais do Novo Urbanismo têm avançado. O ensaio fotográfico de Silveira, Alfonso e Cruz (2020), publicado na revista *Iluminuras*, problematiza conflitos dessa ordem na região do Passo dos Negros em Pelotas, evidenciando disputas no contexto urbano.

assinatura específica de um renomado arquiteto, preferencialmente com fama internacional, que venha contribuir para impulsionar a demanda por consumo do empreendimento. Ambos os conceitos estão relacionados a estratégias para criar uma marca relevante, materializada por um tipo de arquitetura que pretende ser icônica, distinguindo a paisagem urbana projetada como significante daquele empreendimento.

Mas há ainda um outro conceito, designado por arquitetos e urbanistas como *walkability*, muito implicado neste tipo de urbanismo contemporâneo. Neste caso, tanto o *Parque Una* quanto o *Quartier* foram concebidos como bairros planejados que favorecem a caminhabilidade aos seus residentes ou às pessoas transeuntes. Em revisão crítica do conceito de *walkability*, Ann Forsyth (2015: 03) define a caminhabilidade a partir de alguns indicadores encontrados na ampla bibliografia que consultou sobre o tema. Dentre os fatores enumerados pela autora como responsáveis pela percepção de caminhabilidade no tecido urbano destacam-se os seguintes: a construção de ambientes atravessáveis, ou seja, lugares que deem amplas condições para que os pedestres caminhem sem grandes dificuldades; proximidade e curtas distâncias entre lugares de interesse para os residentes no local; lugares que promovam uma sensação de segurança com relação à violência urbana; ambientes fisicamente atraentes; equipamentos facilitadores dos deslocamentos de pedestres como, por exemplo, boas calçadas, faixas de travessia e boa iluminação; arquitetura atraente e boa concentração de ofertas de serviços que facilitem o cotidiano das pessoas que ali residem.

As pesquisas sobre *walkability* são muito diversas, desenvolvidas sob perspectivas diferentes, mas sempre em busca de entender o que significa e como se dá a produção de bairros considerados caminháveis por seus usuários diretos. Para citar um exemplo de outros enfoques possíveis nas pesquisas que problematizam a pauta da caminhabilidade, menciono o trabalho de Golan, Henderson, Wilkinson e Weverka (2019) que, numa perspectiva dos estudos de gênero, desenvolveram metodologias para mensurar a caminhabilidade do espaço urbano na perspectiva de mulheres. Uma pesquisa realizada por estes autores constatou que a caminhabilidade para o público feminino está muito relacionada a elementos como sensação de segurança no trajeto (medida através das taxas de criminalidade, disposição das ruas e reputação dos bairros);

presença ou não de moradores de rua (avaliando se são moradores familiares à região ou se são completamente estranhos e desconhecidos no local) e, finalmente, limpeza e manutenção da infraestrutura urbana como, por exemplo, das calçadas e da coleta regular de lixo (a identificação de falta de manutenção indicaria desatenção do poder público e, conseqüentemente, potencial insegurança no lugar)<sup>55</sup>.

Feita esta discussão, retorno à análise crítica de Britto e Sobarzo que, a partir de uma problematização de diversos aspectos implicados na especulação imobiliária contemporânea na cidade de Pelotas, materializada pela construção de muitos condomínios fechados e de bairros planejados como o *Parque Una* e o *Quartier*, concluem que

apesar do discurso de retorno à cidade difundido pelos entusiastas do Novo Urbanismo – o que em seu conteúdo simbólico questiona elementos importantes do urbanismo “entre muros” – na prática, quando adotado pelos capitais e agentes produtores da cidade, observa-se o reforço dos padrões de exclusão e diferenciação na medida em que influencia nos ciclos de vida e de valorização/desvalorização das diferentes localizações na cidade. Nesse sentido, concordamos com Smith (2002) para quem o Novo Urbanismo – que vem substituindo a política urbana nas cidades do mundo capitalista após os anos 1980 – se expressa cada vez mais por meio dos impulsos da reprodução capitalista do que pelos pressupostos da reprodução social. Ainda, para Marcuse (2012), a difusão do Novo Urbanismo no mundo atual – transformado numa espécie de “Novo Graal” do urbanismo por seus defensores – não oferece uma solução plausível para os problemas urbanos já existentes, já que se aplica apenas a novos empreendimentos, deixando de fora as áreas já densamente ocupadas, além de oferecer apenas mais uma opção de escolha para uma classe média que já tem várias opções, excluindo os que mais sofrem com os problemas urbanos (BRITTO; SOBARZO, 2020: 13).

Com essa leitura crítica do contexto urbano pelotense devidamente contemplada, sinto-me amparado para retornar à questão: por que a caminhada *pet* foi realizada no bairro *Quartier*? Ao ter contato tanto com a bibliografia sobre a relação entre humanos e *pets* quanto com as pesquisas que discutem as implicações sociais e políticas do Novo Urbanismo, confrontadas com minhas experiências de campo, é notório que há um mercado consumidor constituído, com o qual se deseja estabelecer uma conexão, que é protagonizado por sujeitos

---

<sup>55</sup> Outras pesquisas sobre caminhabilidade investigam as relações existentes entre pobreza, segregação racial e seus impactos na caminhabilidade da cidade. Para um aprofundamento nesta discussão, ler a pesquisa de Duncan *et. al.* (2012).

pertencentes às camadas sociais médias e altas. Por isso, é importante destacar alguns elementos que auxiliam a formular certa interpretação deste fenômeno que conecta um evento (a caminhada *pet*) a um lugar (o bairro planejado *Quartier*).

Donna Haraway (2022) nos ajuda a compreender que os animais são parte constituinte daquilo que denomina como “capital vivo” ou “biocapital”, pois “os cães [...] são ao mesmo tempo mercadorias e consumidores de mercadorias” (p. 70). A autora postula que além do “valor de uso” e “valor de troca”, os entes constituintes do capital vivo são marcados pelo “valor de encontro”. Haraway (2022: 70-71) afirma que “o valor de encontro transespécies diz respeito a relações entre um conjunto variado de seres vivos, e nele o comércio e a consciência, a evolução, a bioengenharia, a ética e as utilidades estão todos em jogo”. Assim, Haraway (2022: 72) desenvolve um sofisticado raciocínio no qual demonstra que “a família humano-animal de companhia é um indicador-chave para as práticas atuais do capital vivo”, fazendo-nos perceber que “o direito à saúde e as práticas de fazer-família são fortemente capitalizados e estratificados, tanto para os cães bem como para seus humanos” (2022: 78).

Se entendemos que humanos e cães estão implicados em regimes de consumo mútuos dentro da lógica do capital vivo, temos elementos para melhor compreender as conexões que podem existir entre diferentes nichos de consumo como, por exemplo, o mercado imobiliário e o mercado funerário *pet*. Se, como demonstra Haraway (2022: 74), o valor de mercado atribuído à indústria de alimentos para animais é equivalente ao valor de mercado da indústria farmacêutica de medicamentos para controlar as taxas de colesterol em humanos, estamos diante de valores monetários gigantescos. Portanto, trabalhar com *pets*, independentemente do tamanho e alcance da empresa envolvida, significa movimentar um mercado bilionário em franco crescimento. Dessa forma, deve-se destacar que a grande parcela de público que consome os produtos mais sofisticados, específicos e exclusivos fornecidos por esta indústria *pet* está localizada nos estratos mais privilegiados das sociedades de consumo. Iniciando no consumidor de classe média e indo em direção ao consumidor de classe alta, esse mercado *pet* tem um alvo em comum com a especulação imobiliária que vende o conceito de Novo Urbanismo.

Assim, realizar a caminhada *pet* num bairro planejado que personifica esses ideais de urbanização, pode ser um indicador da intenção de se conectar com esse público, sua faixa de renda e seu estilo de vida. Se, como tenho demonstrado ao longo desta pesquisa, os cachorros são seres mediadores de novas modalidades de sociabilidade entre humanos, beneficiando-se altamente das caminhadas para fazer e facilitar contatos entre seres, nada melhor do que realizar um evento promocional, onde a caminhada é a atividade central, num bairro planejado de classe média-alta concebido sob a égide da ideia de caminhabilidade. A ideia de contratar um crematório *pet* para dar um final digno aos animais de estimação falecidos, a demanda pelo fornecimento de uma alimentação saudável e mais natural para cães e gatos, assim como a possibilidade de matricular os cães em escolas de adestramento são todos sinais de amor e estima pelos animais, mas também são sinais de distinção social que inserem humanos e *pets* na lógica de consumo apregoada pelos padrões de vida vendidos pela lógica do capital vivo.



Figura 50 - Ricco e eu: parceria no trabalho de campo  
Foto: Rafael Noleto

Embora este tópico tenha se baseado em trabalho de campo feito na Primeira Caminhada Pet de Pelotas e a discussão aqui abordada esteja diretamente relacionada aos temas do Novo Urbanismo, especulação imobiliária, espaço urbano, *walkability*, *starchtecture* e outros assuntos correlatos, penso que esses elementos não caracterizam, propriamente, minha pesquisa como uma “etnografia de rua” no sentido em que Rocha e Eckert (2020) a concebem<sup>56</sup>. Isso se deve ao fato de que meus interlocutores (agentes do crematório pet e tutores de animais de estimação) me levaram ao bairro *Quartier* para um evento específico cuja realização tinha data e hora marcada para começar e terminar. Ou seja, não se trata de um hábito de meus interlocutores um deslocamento reiterado, junto ao Crematório Pet São Francisco, para fazer caminhadas assíduas no bairro *Quartier*, mas sim um evento extraordinário cuja realização passou a ser anual e sem descartar a possibilidade de ocorrer em diferentes pontos da cidade nas suas próximas edições.

Portanto, reitero que fui ao bairro *Quartier* para fazer trabalho de campo porque meus interlocutores me levaram até lá e porque isso me auxiliaria a debater os dois campos de interesse bem delimitados: a relação humanos e não-humanos no que diz respeito à temática da morte e as ações de *marketing* de uma empresa do ramo funerário *pet* para promover sua marca no mercado local através da realização de uma caminhada coletiva. No que tange a discussão sobre esta ação de *marketing*, é inevitável problematizar o lugar onde ela foi realizada, neste caso o bairro *Quartier*, que naturalmente demanda um debate sobre a sua constituição como lugar sob um ponto de vista mercadológico. Na busca por compreender esses fatores que o campo me apresentou, mergulhei num arcabouço conceitual, que perpassa os interesses da antropologia urbana, para apreender em que medida uma ação de marketing de uma empresa do ramo funerário pet se encontra com a produção de um lugar marcado sob o signo do Novo Urbanismo.

A conclusão a que cheguei é a de que esses dois nichos de mercado se encontram na intersecção de público-alvo que ambos compartilham. Embora

---

<sup>56</sup> Ver também um outro artigo em que as autoras Eckert e Rocha (2003) discutem o conceito de “etnografia de rua” e ainda abordam a importância do uso da fotografia como recurso de trabalho de campo e reflexão antropológica. Por se tratar de uma etapa de pesquisa que desenvolvi em Pelotas, cidade de médio porte, também recomendo a leitura do dossiê “Cidades do interior, interior das cidades”, cujo texto de apresentação é assinado por Noleto, Magni e Rieth (2019).

considere que a discussão empreendida aqui seja bastante útil aos pesquisadores de Antropologia Urbana, pois fornece elementos importantes para pensar acerca da cidade de Pelotas, não tenho a pretensão de que esta pesquisa seja lida como uma etnografia urbana ou de rua, pois isso exigiria um acompanhamento contínuo de interlocutores em seus deslocamentos e práticas habituais no espaço urbano, além de um mergulho mais profundo na bibliografia própria de antropologia urbana. Por isso, reitero que o foco de análise de minha pesquisa parte sempre destas relações entre tutores e *pets* e de meu interesse em refletir sobre o mercado funerário *pet* em desenvolvimento no Rio Grande do Sul.

A expansão mundial do mercado *pet* – como atesta Haraway (2022) – é verificável em Pelotas de diversas formas como, por exemplo, a ampla oferta de serviços de *pet shop*; a instalação na cidade de grandes franquias de lojas com produtos e serviços voltados aos *pets*; o uso de plataformas digitais para contratar hospedagens *pet* com anfitriões avaliados pelo público usuário; surgimento de creches diurnas para animais que ficam sozinhos em casa; e a inauguração de clínicas veterinárias 24h. Dentro do escopo que interessa a esta investigação, busco pensar nesta expansão de mercado a partir do crescimento da oferta de serviços funerários voltados para animais de estimação. No tempo em que estou desenvolvendo esta pesquisa, mais um crematório *pet* foi inaugurado na cidade. É sobre este assunto que falarei no próximo tópico com o objetivo de salientar as estratégias de divulgação que estas empresas têm utilizado para se posicionarem no mercado através dos eventos promocionais em Pelotas e em outras cidades da região.

### **Expansão do setor funerário *pet* em Pelotas**

Este tópico tem dois objetivos principais: primeiro, pretendo abordar a inauguração de um novo crematório para *pets* em Pelotas e, em seguida, irei discutir sobre a importância estratégica de divulgação destes novos empreendimentos em eventos promocionais que são úteis para o posicionamento destas marcas empresariais no mercado local. Cerca de dois anos após o surgimento do Memorial e Crematório Pet São Francisco, inaugurou-se em Pelotas a Angelus Pet, uma empresa funerária do ramo *pet* que

oferece serviços de crematório para animais de estimação. Com sede na zona central do município de Pelotas, o atendimento ao público é realizado pela empresa na Rua Marechal Deodoro, nº 929. Ao saber de sua existência, entrei em contato com a empresa para estabelecer um contato inicial que me possibilitasse fazer uma entrevista, conhecer o local de atendimento, entender mais sobre os serviços oferecidos, perguntar sobre as dinâmicas de cada serviço prestado, saber mais sobre a equipe envolvida e dialogar sobre temas de interesse a esta pesquisa tais como mercado funerário *pet*, morte de animais de estimação, luto, cerimoniais de homenagem e experiências com clientes que procuram a empresa.

Ao entrar em contato com a empresa, apresentei-me como estudante de Doutorado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas e informei que estava desenvolvendo uma pesquisa sobre ritos funerários destinados a animais de estimação, luto em relação aos *pets* falecidos, mercado funerário e experiências de despedida entre tutores e seus *pets*. Fui muito bem atendido por Adriane Pires, que prontamente me convidou a conhecer a sede da Angelus Pet e, assim, realizar uma entrevista com ela. Ao chegar lá e dar início à conversa que havíamos combinado, Adriane se apresentou da seguinte forma:

Antes de ser responsável pela Angelus Pax, trabalhei 4 anos e meio na Angelus Pax, como supervisora de vendas, vendendo plano empresarial e pessoa física. A Angelus Pet é uma empresa do Grupo Angelus Pax, a soma e extensão da Funerária Bom Jesus. Este projeto nasceu da demanda da própria população, que já conhecendo a excelência dos nossos serviços, pediam que este luto também fosse acolhido pelos seus *pets*. O Grupo Angelus Pax já tem crematório de um ano, lá no município do Capão do Leão, e estuda investimentos para um crematório *pet* no local.

Logo de início, perguntei sobre quais eram as motivações para a criação de uma empresa funerária *pet* e para a realização de investimentos no intuito de concretizar esta ideia. Adriane sinalizou que o surgimento da Angelus Pet se deu por uma percepção – adquirida com a experiência de atuação no ramo funerário há mais de 20 anos – dos gestores da Angelus Pax sobre dúvidas e demandas de tutores de animais de estimação que emergem quando ocorre a morte de seus *pets*. De acordo com ela,

logo após a notícia da morte do petzinho, surge a primeira preocupação. É o que sempre os tutores dizem: o que eu vou fazer com o corpinho? O que eu faço agora? Onde eu vou colocar? É proibido enterrar? Sempre tem essa pergunta. Seguindo os mesmos passos do que acontece com os humanos, os *pets* já dispõem de cemitérios e serviços de cremação em um grande número de cidades do país. Mas essa alternativa [de serviços funerários] tem de ser popularizada cada vez mais devido à consciência do destino adequado do corpo, enquanto as necessidades de simbolizar a morte e oferecer um direcionamento digno aos seus *pets*. Inclusive, você já foi nas capelas [funerárias] ali na Duque de Caxias?<sup>57</sup> Ali também tem as propagandas dos *pets*. Mas antes de nós surgirmos, as pessoas mesmo chegavam e perguntavam ali: por que vocês não têm crematório de *pet*? O *pet*, pra mim, é meu filho de quatro patas. Eu quero ficar mais pertinho dele. E as pessoas, muito, todo mundo, é exatamente como tu dizes, as pessoas tudo querendo, querendo cremar, querendo que a gente tivesse algo [algum serviço] igual aos humanos pra ficarem com recordação dos seus *pets*.

Dando prosseguimento ao diálogo, perguntei como funcionava o serviço. Minha intenção era saber um pouco mais sobre como os tutores acionavam a Angelus Pet e como se desenrolavam os procedimentos de atendimento aos clientes. Adriane relatou que

- O tutor liga: “Ó meu *pet* foi a óbito”. [Pergunto] “Está na clínica ou na residência?” Seja aonde for, vão os colegas [da equipe da empresa] recolherem, pegamos o *pet*, colocamos num saco plástico, chega lá no depósito, nós chamamos de depósito, mas é o lugar onde eles preparam os corpos, e separado tem uma sala onde tem a parte dos *pets*, tem um freezer, câmara fria, e a balança. Lá eles pesam, colocam num invólucro, com um lacre, com adesivo, com toda a identificação do *pet*, aí vai para a câmara fria.

Perguntei:

- E da câmara fria...

- Depois vai direto para o crematório. Nosso crematório de humanos é aqui em Pelotas, lá no Capão do Leão, perto da universidade, mas o dos *pets* é em Porto Alegre. Por enquanto está sendo lá. Aí, vai todas as semanas vai [um conjunto de *pets* falecidos para o crematório em Porto Alegre]. Sábado foram 10 *pets*. Agora, hoje é sexta-feira, nós já temos 11, para levar amanhã.

Continuei indagando:

- Então, é um dia na semana que vocês fazem esse transporte [de *pets* para Porto Alegre]?

- Sim, um dia na semana – Adriane confirmou.

<sup>57</sup> Adriane referia-se ao Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, situado á Avenida Duque de Caxias, número 454, bairro Fragata, Pelotas/RS.

- Então, [se] o *pet* falece na segunda-feira... – lancei a hipótese para que ela completasse

- Fica até sábado na câmara fria para depois ser transportado [até Porto Alegre] – finalizou o raciocínio.

Adriane comentou ainda que o crematório atende diversos tipos de animais de estimação e não apenas cachorros e gatos – que, sem dúvida, representam a maior parte dos atendimentos realizados até o momento, configurando-se como os animais mais frequentes e comuns na demanda pelos serviços prestados. No rol de animais mencionados, Adriane citou que a Angelus Pet já atendeu tutores que procuravam por serviços de cremação para hamsters, porquinhos da Índia, coelhos e calopsitas. Sobre estas últimas, é interessante notar como, nos últimos anos, a consolidação de dados sobre o universo *pet* tem nos auxiliado a compreender melhor este segmento, fornecendo informações que, muitas vezes, desmistificam algumas certezas que pairam no senso comum como, por exemplo, sobre a prevalência de cães e gatos como espécies companheiras mais frequentes nos lares brasileiros.

Apenas a título de exemplo, em 2018 a TV UFMG produziu uma reportagem sobre as calopsitas como animais de estimação, na qual fornece dados do censo *pet*, realizado pelo IBGE em 2013, através dos quais se constatou que as aves (de modo geral) ocupam o segundo lugar no *ranking* populacional dos *pets* presentes nos lares brasileiros<sup>58</sup>. Em 2022, o Instituto Pet Brasil noticiou, por meio de resultados do Censo Pet IPB, que os gatos registraram maior percentual de crescimento populacional nos lares brasileiros nas passagem dos anos de 2020 para 2021, apresentando alta de 6% em número de gatos nas residências<sup>59</sup>. Contudo, o ranking populacional dos *pets* brasileiros é liderado pelos cães, informação verificável tanto no censo realizado em 2013 quanto naquele divulgado em 2022.

Semelhante a outras empresas do setor, a Angelus Pet trabalha com três tipos de planos crematórios: coletivo, individual e o plano preventivo. No plano coletivo, a cremação do *pet* é realizada junto com outros animais de estimação falecidos, impossibilitando a entrega das cinzas individualizadas para seus

---

<sup>58</sup> A reportagem está disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/as-doceis-e-divertidas-calopsitas> [Acesso em 02 jun. 2024]

<sup>59</sup> Ver em reportagem disponível em: <https://institutopetbrasil.com/fique-por-dentro/amor-pelos-animais-impulsiona-os-negocios-2-2/> [Acesso em 02 jun. 2024]

respectivos tutores. Dessa forma, o compromisso estabelecido entre crematário e cliente (no caso de plano coletivo) é apenas a realização da cremação coletiva com entrega de um certificado aos tutores, mas sem o retorno das cinzas aos tutores. Já no plano individual, os tutores têm a possibilidade de recebimento das cinzas do *pet*, tendo em vista que o processo crematório ocorrerá de maneira individualizada, possibilitando o devido recolhimento das cinzas dos *pets*. Neste caso, as cinzas são depositadas numa urna funerária – que já possui um design padrão – e entregues acompanhadas de um certificado de cremação. Porém, caso seja do desejo dos tutores, é possível escolher outros modelos de urna funerária (com valores diferenciados) e inserir parte das cinzas dos *pets* em joias que servem como artefatos de recordação.

Adriane me contou ainda sobre a modalidade de plano crematório preventivo dizendo:

Nós também, além de termos cremação com *pets* em óbito, nós também trabalhamos com plano preventivo pelo seu *pet*. Um exemplo: Tu tens os teus *pets*, tá? Seja a idade que for, temos o plano preventivo. No momento da adesão, 50 reais, e no máximo, 36 vezes no carnê, de 30 reais com 50 centavos. Tu fez em 36 [vezes]. Aí, na vigésima, o *pet* foi a óbito. Para o serviço ser realizado, as 16 parcelas que estão faltando terão que ser pagas em dinheiro ou no cartão em até 12 vezes sem juros. Se tu pagou as 36 parcelas e o petzinho tá bem, tens uma cremação garantida. Se tu queres fazer um plano e não ter retorno das cinzas, é 50 também reais de adesão e 36 parcelas de 19 com 50. Muitos planos também eu faço, muitos planos, tá? Também podemos fazer em menos vezes, né? 20 vezes de 61 reais, 24, enfim, 54, depende até 36. Também fizemos os planos preventivos para quando o seu *pet* for a óbito já ter uma cremação garantida.

Perguntei ainda:

- Então, por exemplo, a pessoa faz o plano, vamos supor que a pessoa fez o plano, pagou todas as parcelas, mas o *pet* tá bem. Ele vai receber [uma cremação], independente da época que ele falecer? [O serviço] Já tá garantido?

- Já tem uma cremação garantida – respondeu Adriane.

Dentre os tópicos abordados em nossa entrevista, conversamos sobre assuntos diversos como, por exemplo, tutores que chegam a Angelus Pet para pedir informações sobre os valores dos serviços prestados, já com o *pet* em óbito, e não querem pagar pelo serviço. Em seu relato, narrou experiências com tutores que, visivelmente, aparentavam ter condições financeiras para pagar, moravam em endereços privilegiados da cidade, mas não se dispunham a arcar

com as despesas relacionadas ao serviço crematório, preferindo sepultar os animais na fazenda da família ou mesmo em algum local do bairro ou Praia do Laranjal (como já aconteceu uma vez de uma família lhe contar que adotaria esta opção). Assim, Adriane afirma que fica impossibilitada de interferir nas decisões da família, mas sempre tem o cuidado de alertar que o sepultamento de animais é proibido, pode caracterizar crime ambiental e, portanto, não é uma atitude ecologicamente correta devido aos riscos de contaminação do lençol freático que esta atitude pode acarretar.

Por outro lado, a supervisora de vendas relatou que há muitas famílias de classe social mais baixa, que pedem informações sobre os custos envolvidos na cremação e fazem questão de contratar os melhores planos, optando pela cremação individual, às vezes solicitando a confecção de urnas cinerárias mais personalizadas, e cuidando para que o *pet* tenha uma homenagem o mais especial possível. Sobre isso, Adriane explicou: “Não estou desfazendo das pessoas, mas assim: às vezes aqueles que têm menos condições [financeiras], tu vê o carinho [pelo *pet*]. [E] ainda querem porque querem uma cremação individual, que, porém, o valor é mais alto, só pra ter as cinzas”.

Conversamos também sobre os processos de preparação do corpo dos *pets* após a sua remoção do local de falecimento que, em geral, é a casa onde residiam ou clínicas veterinárias onde passavam por tratamentos e cirurgias. Embora a explicação não tenha sido tão detalhada quanto ao desenvolvimento dos procedimentos de preparação, compreendi que esta etapa esteja relacionada principalmente ao aspecto da higienização do corpo do *pet* falecido para que ele se torne mais apresentável para a cerimônia de despedida. Enfatizo a questão da higienização (que pode parecer óbvia à primeira vista) porque o *pet* ficará pouco tempo exposto ao ambiente, devendo ser conduzido rapidamente para a câmara fria. Assim, Adriane contou:

– O corpo é preparado lá no [bairro] Fragata. Eles recolhem o petzinho, levam lá no Fragata, na sala de preparação, preparam o corpo e trazem pra sala de velório [que fica na sede de atendimento ao público da Angelus Pet]. Ali, no máximo, fica 45 minutos. Quando eu vejo que os tutores estão muito tristes e pedem pra ficar mais um tempinho, eu deixo, né? [Isso] se não tem outro [*pet* aguardando]. Porque é muito...

– Ah, sim. Há um agendamento – afirmei para que ela confirmasse.

– Sim. É o seguinte: o pet hoje de manhã foi a óbito. Se [você] já quer [que o *pet* seja recolhido]... “Ah, eu quero!” Que nem essa [cadela] de 63kg. Nós pegamos às 9h da manhã, o velório, a despedida começou às 3h da tarde. Às vezes tem óbito de noite, a despedida é no outro dia de manhã. Porque é somente no horário comercial [que as despedidas ocorrem].

– E essa preparação do corpo, o que que é? – perguntei tentando obter mais detalhes.

– Eles lavam, limpam, às vezes eles precisam fazer uma... sugar, como eles dizem, que nem faz de humano, tirar sangue, tirar tudo porque estão vazando...

Embora não tivéssemos aprofundado esse assunto acerca da preparação dos corpos, ficou evidente que ela se refere aos processos de higienização para que o *pet* possa ser conduzido à sala de despedidas, retirando de seu corpo eventuais maus odores, manchas de sangue, vômito impregnado em seus pelos, curativos pregados em suas patas ou outras eventuais sujeiras ocasionadas por urina e fezes evacuadas involuntariamente. Ainda assim, fui pesquisar um pouco mais sobre este tipo de procedimento em outras empresas que oferecem serviços funerários destinados aos *pets*. A título de exemplo, encontrei em minhas buscas na internet o site da Pet Pax, uma empresa sediada no estado de Mato Grosso do Sul, que oferece serviços de crematório para *pets*. Com várias abas explicativas sobre os serviços prestados, o site também visava informar aos tutores como funciona, de maneira geral, um funeral *pet* para, em seguida, especificar quais são os serviços disponibilizados pela Pet Pax. De acordo com a descrição encontrada, um funeral *pet* é realizado da seguinte maneira:

Quando um animal de estimação falece, o tutor entra em contato com um serviço especializado em funeral pet e a empresa envia uma equipe para recolher o corpo do animal na residência do proprietário ou em uma clínica veterinária. O corpo do animal é cuidadosamente tratado, higienizado e preparado para o velório. Isso envolve banho, tosa, arrumação do pelo e acomodação em uma urna ou caixão apropriado. Assim como em um funeral humano, é organizado um espaço para o velório do animal de estimação. O velório do animal é realizado em uma sala especializada dentro da própria empresa funerária ou em um local determinado pelo proprietário. Durante o velório, os tutores e pessoas próximas como seus amigos e familiares podem se despedir do animal e prestar suas últimas homenagens. Algumas empresas funerárias pet oferecem a opção de realizar uma cerimônia em homenagem ao animal. Neste caso, o tutor pode incluir discursos, momentos de silêncio, música, vídeos com fotos e lembranças especiais que podem ser compartilhadas por eles. Após o velório e a cerimônia, o corpo do animal será encaminhado para a cremação ou

sepultamento, conforme a escolha do proprietário. No caso da cremação, que é o serviço oferecido pela Pet Pax, as cinzas do animal são entregues ao dono em uma urna cinerária. No caso do sepultamento, o corpo é encaminhado para os cemitérios especializados para animais de estimação. Na Pet Pax, cuidamos de cada detalhe para garantir que seu pet seja tratado com o amor e o respeito que ele merece. Nossos serviços funcionam da seguinte forma: 1- Recolhimento do corpo com todo o cuidado e respeito; 2- Preparação adequada, com banho, tosa e acomodação em uma urna ou caixão apropriado; 3- Velório em um ambiente tranquilo e acolhedor, para que vocês possam se despedir em paz; 4- Cerimônias personalizadas, onde vocês poderão compartilhar memórias e homenagens especiais; 5- Opções de cremação coletiva ou individual a escolha do tutor; 6- Suporte emocional, com profissionais especializados em luto pet, para ajudá-los durante todo o processo<sup>60</sup>

O que pretendo enfatizar a partir da descrição acima é o aspecto informativo que esta empresa tem realizado ao dispor em seu site oficial detalhes sobre o funcionamento de um funeral *pet*. Em geral, os tutores que enfrentam o falecimento de um animal de estimação estão à procura de informações rápidas e confiáveis, buscando entender que tipo de serviços estão prestes a contratar numa situação de emergência. Possivelmente, devido ao abalo emocional da morte do *pet*, muitos tutores querem evitar diálogos longos e burocráticos para tirarem suas dúvidas. Neste caso, há ainda que se considerar a própria incerteza (ou desconhecimento) da possibilidade de existência de cerimônias funerárias destinadas aos *pets*, tendo em vista que, apesar de este mercado estar em rápida expansão no Brasil, ainda é desconhecido por grande parte das pessoas. Portanto, a descrição acima facilita o entendimento imediato, sana dúvidas e fornece um panorama do fluxo de atendimento pelo qual o tutor passará ao submeter o seu *pet* aos cuidados de uma empresa funerária.

Outros pontos que merecem destaque, dizem respeito à preparação dos corpos dos *pets* falecidos, mencionando explicitamente a possibilidade de que o *pet* passe por sessões de “banho, tosa, arrumação do pelo e acomodação em uma urna ou caixão apropriado”. Esse processo de higienização tem cunho estético, mas também visa preparar o *pet* para que esteja devidamente limpo pra ser colocado na sala de cerimônia de despedida. Vale ressaltar que, em muitos casos, antes do falecimento o *pet* estava debilitado, com aparência física distinta

---

<sup>60</sup> Para consultar tanto o site da empresa quanto esta descrição acima transcrita, acessar este link: <https://petpaxms.com/como-funciona-um-funeral-pet/#:~:text=O%20corpo%20do%20animal%20%C3%A9,vel%C3%B3rio%20do%20animal%20de%20estima%C3%A7%C3%A3o.> [Acesso em 30 abr. 2024]

da usual, talvez tenha sofrido algum tipo de acidente e, por todos esses motivos, a preparação do corpo é fundamental para que o impacto da perda do *pet* seja, de alguma maneira, atenuado na percepção de seus tutores e outros amigos e familiares. Afinal, assim como nos velórios humanos, amigos e familiares não desejam ver seus entes falecidos fisicamente degradados. Os procedimentos de preparação dos corpos *pet* parecem nos informar que as despedidas funerárias dos animais de estimação também seguem protocolos semelhantes aos humanos, objetivando causar os mesmos efeitos de fornecer conforto emocional através dos detalhes pensados e colocados em prática nas cerimônias. Por fim, vale dizer que o exemplo acima menciona ainda o oferecimento de apoio emocional, com profissionais especializados em luto *pet*, aos tutores para que enfrentem, da melhor maneira possível, o processo de luto<sup>61</sup>.

Voltando aos serviços da Angelus Pet em Pelotas, uma das coisas que me chamou a atenção na entrevista com Adriane foi a seguinte frase: “Humanos a gente diz velórios, *pet* se diz despedida”. De fato, em todas as interações que tive com o ramo funerário *pet* ao longo do trabalho de campo, notei que havia uma ênfase na categoria “despedida” em substituição à nomenclatura “velório”. Esta é um informação verificável tanto nas interações faladas com agentes deste setor quanto nas interações escritas, presentes nas redes sociais e nos sites institucionais de cada empresa. No caso da entrevista com Adriane, esse detalhe ficou em relevo porque diversas vezes esta interlocutora corrigiu a si mesma quando usava a palavra “velório”, trocando-a por “despedida”.

Percebendo isso, aproveitei a oportunidade para indagar se havia alguma diferença entre “velório” e “despedida” e se isso marcava alguma diferença entre humanos e *pets*. De acordo com sua resposta, a categoria de “despedida” não é usada para produzir uma demarcação de diferenciação de *status* entre humanos e *pets*. Pelo contrário, seria utilizada para demarcar que o rito em si é diferente, pois o velório, como é bastante usual, tem uma duração mais longa, podendo se estender por 24 horas para dar tempo suficiente de se prestarem homenagens

---

<sup>61</sup> Por se tratar do tema do próximo capítulo, não entrarei em detalhes de questões relacionadas à discussão do luto em relação aos animais de estimação. No capítulo seguinte, haverá espaço para o debate sobre algumas temáticas como: luto dos humanos para com os animais de estimação, luto dos animais de estimação em relação a outros *pets* e espiritualidade animal.

ao humano falecido. No caso dos *pets*, a despedida dura apenas 45 minutos. Assim, não seria caracterizada nos moldes de um velório tradicional.

Na ocasião, relatei a Adriane que estava encontrando dificuldades para obter depoimentos de possíveis interlocutores que pudessem compartilhar, nesta pesquisa, suas experiências com a morte de seus *pets*. A supervisora de vendas disse que entendia perfeitamente a minha dificuldade, confirmando que este era um assunto delicado, pois as pessoas, em geral, são mais resistentes a falarem de seus sentimentos em relação aos *pets*<sup>62</sup>. Contudo, diante do meu pedido de indicações de possíveis interlocutores para a pesquisa, Adriane disse que tinha uma excelente indicação de um tutor do município de Rio Grande (RS) que perdera recentemente uma cadela de estimação. De acordo com ela, este tutor teria sensibilidade para compartilhar suas experiências, pois, além de tudo, era espírita e tinha uma visão diferenciada sobre a experiência de luto. A indicação de Adriane veio acompanhada de um convite: participar de um evento que ocorreria, em breve, na cidade de Rio Grande e no qual a Angelus Pet havia sido convidada para ser expositora. Assim, eu aproveitaria a oportunidade para realizar trabalho de campo no evento, conhecer outros integrantes da equipe da Angelus Pet e, possivelmente, encontrar um interlocutor que pudesse relatar sua experiência de luto.

### **Um crematório *pet* num evento de economia criativa**

Rio Grande é um município gaúcho que fica na região sul do estado. Bem próximo a Pelotas, a distância entre as duas cidades é de cerca de 60,4 Km. Indo de carro, a duração de uma viagem de uma cidade a outra pode variar entre 40 a 60 minutos a depender da velocidade empregada ou das condições de tráfego. Com uma população estimada pelo Censo de 2022 em 191.900 pessoas residentes, Rio Grande configura-se como o 4º maior PIB do estado do Rio Grande do Sul. Seu território é, em grande parte, delimitado pelas águas. Na região nordeste de sua extensão, sua fronteira é desenhada pelo contato com a Lagoa dos Patos. Em sua parte leste – mas também sul e sudeste – o município é delimitado pelo Oceano Atlântico. Na porção sudoeste, o território de Rio

---

<sup>62</sup> A questão da legitimidade do luto direcionado aos *pets* será tema do próximo capítulo.

Grande encontra-se com a Lagoa Mirim. No lado norte e noroeste, são as águas do Canal São Gonçalo – que, ao longo de seu percurso, encontram-se com o Rio Piratini – as responsáveis por fazer os contornos do município. A única parte de Rio Grande que não é delimitada por algum curso de águas é a sua porção sul, cuja fronteira é terrestre, fazendo a divisão com o município de Santa Vitória do Palmar<sup>63</sup>. Por ser tão geograficamente relacionada com as águas, Rio Grande constituiu-se, ao longo do tempo, como um importante destino turístico de verão para os residentes no Sul do Estado.

Era uma tarde ensolarada de domingo, dia 21 de Abril de 2024, quando me desloquei de Pelotas com destino a Rio Grande para fazer trabalho de campo num evento intitulado *Me Gusta – Feira, Música, Arte e Gastronomia*. Meu objetivo era acompanhar a atuação da Angelus Pet durante o evento, conhecendo outros membros de sua equipe, e ainda encontrar um interlocutor indicado por Adriane Pires. Com o número de contato do interlocutor, combinei para nos encontrarmos no *stand* da Angelus Pet no meio da tarde para que pudessemos realizar uma entrevista. Mas antes deste encontro acontecer percorri todo o ambiente onde o evento estava sendo realizado para entender sobre sua proposta e inferir os possíveis sentidos relacionados à presença da Angelus Pet naquela programação.

O *Me Gusta*, como é conhecido de forma abreviada, é um evento itinerante, realizado na cidade de Rio Grande, cujo objetivo é fomentar a economia local através da divulgação dos empreendedores da região, que expõem seus produtos e serviços a cada edição do evento. Focado especialmente no setor da chamada economia criativa, o *Me Gusta* tem por intuito oferecer uma opção de lazer aos residentes naquele município. De acordo com descrição disponibilizada por seus idealizados nas redes sociais,

A criação do *Me Gusta* partiu da necessidade de valorizar a nossa cidade. Incentivar o comércio e entregar ao rio-grandino o lazer que ele merece é a nossa missão. O que o *Me Gusta* mais deseja é girar a economia local e valorizar os seus parceiros, que sempre abraçam a ideia do evento com confiança e entusiasmo. O *Me Gusta* é um evento

---

<sup>63</sup> Rio Grande tem uma história econômica e de desenvolvimento que foi alavancada entre os anos 1900 e 1920, confirmando-se como um período de investimentos na modernização da cidade através da industrialização, urbanização, projeção de espaços públicos para sociabilidade e lazer, melhorias no porto da cidade e intensificação da vida cultural. Para maiores detalhes acerca do período histórico da Belle Époque vivenciado em Rio Grande, ler o artigo de Andrea Ortigara (2019).

de rua, aberto ao público, realizado em Rio Grande desde 2022, onde comércio, gastronomia, música e arte se unem. Nossa missão é proporcionar lazer de qualidade ao rio-grandino e valorizar o comércio local. O evento é aberto ao público a partir das 12h. Comércio e gastronomia começam a partir das 12h e seguem até o final do dia ao som de DJs e bandas locais. Não cobramos ingresso. Traga sua família, amigos e *pets* para curtir o dia conosco. Este é um evento para todos. O *Me Gusta* foi pensado para a família e para você curtir com a sua galera. Para as crianças, brinquedos e espaço para brincar ao ar livre. Para os adultos, comércio, gastronomia de qualidade, chopp e música ao vivo<sup>64</sup>.



Figura 51 - Equipe da Angelus Pet aguarda o início do evento  
Foto: Marcus Negrão

A cada edição do evento um conjunto de empresas parceiras figura como atração, podendo expor ou vender seus produtos em três categorias diferentes: expositor, comerciante e gastronomia. Para participar, cada empreendedor precisa fazer contato com os organizadores do evento, submeter o perfil de suas redes sociais para avaliação e, assim, dar início ao processo de negociação que poderá resultar no aceite ou recusa da empresa parceira. Isso se deve porque o evento conta com uma curadoria que é responsável por avaliar as propostas

<sup>64</sup> Ver mais detalhes sobre o evento em seu perfil no Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/me\\_gustarg/](https://www.instagram.com/me_gustarg/) [Acesso em 30 abr. 2024]

recebidas, buscando identificar se estão alinhadas com os propósitos do evento, se combinam com a programação elaborada e, por fim, se estão devidamente encaixadas nos parâmetros de empreendedorismo local, tendo em vista que a ênfase do *Me Gusta* reside no fomento e divulgação de iniciativas empresariais locais.



Figura 52 - Vista frontal da entrada do Shopping Praça Rio Grande  
Foto: Marcus Negrão

Na ocasião em que estive presente, o *Me Gusta* foi realizado no estacionamento do Praça Rio Grande Shopping (situado na Rua Jockey Club, 155) em evento comemorativo pelos 10 anos de inauguração do referido centro de compras. Ao chegar no local, fui percorrer o espaço para conhecer os expositores que ali estavam. O ambiente estava sendo animado pela apresentação da DJ Laura Bastos e, logo mais, entraria o DJ Klisman. De modo que a presença de atrações musicais se estenderia até por volta das 21:30h e estava encarregada de sonorizar o evento, estimulando interações entre as pessoas através da dança e do consumo de comidas e bebidas que estavam sendo comercializadas. Naquela edição, o *Me Gusta* contava com 11 empresas

que expunham na categoria “gastronomia” e mais 31 empreendedores que estavam alocados na categoria “expositores”, dentre eles a Angelus Pet.



*Figura 53 - Equipe de vendas da Angelus Pet posa em frente ao stand*  
Foto: Marcus Negrão

Depois de percorrer o local, mapear as empresas envolvidas naquela edição fui ao *stand* da Angelus Pet para encontrar Adriane e acompanhá-la naquela tarde de exposições no evento. A estrutura do *stand* era composta por uma tenda (gazebo) com o nome Angelus Pax, um balcão expositor todo identificado com a marca da Angelus Pet e um balão de divulgação com a marca da empresa, exposto na carroceria de um veículo também caracterizado com a identidade visual da Angelus Pet. No início de minha permanência no *stand* fiquei me perguntando se, no contexto de um evento tão festivo, haveria espaço e demanda para a exposição dos serviços de um crematório *pet*. Será que o público presente, que foi em busca de atividades de lazer, pararia no balcão expositor para pedir informações sobre a empresa? A resposta é sim. Ao longo de horas de permanência no local, percebi que muitas pessoas paravam,

pegavam os folders de divulgação, perguntavam sobre os planos crematórios e, em conversas relativamente curtas, interagiam com Adriane.



*Figura 54 - Adriane Pires atende clientela*  
Foto: Marcus Negrão

Além dela, estava presente no local Cristiano Bortolotto, proprietário da empresa. Aproveitando a oportunidade, perguntei se eu poderia entrevistá-lo. Ao receber uma resposta afirmativa, iniciamos uma conversa sobre a Angelus Pet. A entrevista formalmente gravada foi rápida, pois Cristiano estava atarefado e deveria deixar o local em breve. Mas, antes que a gravação tivesse sido iniciada, já estávamos conversando sobre sua empresa e ele havia mencionado que o início deste empreendimento funerário voltado para *pets* foi incentivado por sua participação numa feira de negócios. A partir deste ponto, pedi autorização para gravar nosso diálogo e iniciei a entrevista oficialmente. Perguntei a ele por que estava presente naquele evento a Angelus Pet ao invés de ter sido escolhida a Angelus Pax. Ao ouvir minha pergunta, respondeu:

– Como é que nós vamos botar algo da funerária pra estar aqui? E querendo ou não, [a Angelus Pet estar aqui] fortalece a marca [da

Angelus Pax também], fortalece a nossa... Como é que você vai fortalecer a marca dos funerários? [...] [Es]Tá[r] no evento. Isso aqui, que uma funerária, cresceu. E, querendo ou não, [a Angelus Pet] é uma funerária.

– Então, quer dizer que todo esse processo [de abertura da Angelus Pet] surgiu a partir de uma feira, né? Que vocês participaram em São Paulo?

– É. Já tinha procura de pessoas pra gente atender os *pets*, né? Mas nós não tínhamos essa ideia de negócio ainda. Foi na feira em São Paulo que a gente deu o *start* do negócio. Ó, vamos ver. E depois da feira, a gente faz os nossos carros funerários em Santa Rosa. Em Santa Rosa que alonga os carros da funerária, põe todo aquele negócio [para os carros ficarem maiores]. E nessa fábrica que eu estava em Santa Rosa, fazendo dois carros da funerária, tinha um [carro] de outra funerária que já tem o negócio *pet* no estado de... Mato Grosso. Se não me engano. E ele também comentou muito. Cara, leva [os serviços *pets*] ali [pro Rio Grande do Sul], dá uma estudada, é legal, faz isso, faz aquilo. Então, também ele nos deu o material dele, de contratos, de... de banner, de carros, de fotos dos carros para... Porque eu não tinha essa visão, eu não estava com essa ideia de abrir um negócio na época. E aí, com essa ideia e tudo mais, o evento em São Paulo fechou: vamos começar a ver esse material mesmo. Foi a ideia do *pet*.

– A feira em São Paulo era um evento do ramo funerário ou do ramo *pet*?

– A feira em São Paulo é uma feira do ramo funerário. Sim, de maneira geral. Tudo. Então tem fornos, forno crematório de humano, forno crematório de *pet*, tem carros [funerários], revendas de carros, tem fábricas de urna, cemitérios, lápides, tudo que você imagina do ramo funerário. Sim.

– E o que mais te chamou a atenção em relação a esse mercado *pet* nessa feira, em termos de serviços, que tu viste lá que eles oferecem, de inovação nessa área?

– A última feira que eu tive de funerária foi anterior a 2019, antes do COVID. Depois, quando terminou o COVID, teve essa feira em seguida, porque ela estava marcada para 2019 e não conseguiu acontecer. Aí, quando começou a voltar as feiras de novo, eles abriram em seguida essa feira funerária. E aí foi o que nós fomos. Então, eu tinha ficado uns seis anos sem [ir a] feira alguma. E, da última que eu tive, há seis anos atrás, até essa que eu fiz em São Paulo, eu vi que aumentou gigantescamente o mundo *pet*, o mercado *pet*. Aí foi o que a gente começou a observar. Isso aqui é *pet*. Aí tem joias *pet*, tem pingente de *pet*, tem urnas de cinza *pet*, coisas que não existiam, coisas que não tinham. Existia fornos crematórios de *pet*, existia uma fábrica, talvez, na época. Hoje deve ter mais de cinco, seis fábricas de fornos *pet*. Que são as mesmas de humano, só tinha uma fábrica que tinha fornos *pet*. Agora todos já tem *pet* também. E também tem carros. Tem limousine *pet*, tem vários. É um mercado enorme para *pet*.

– Na sua percepção, esse mercado tende a crescer ainda mais?

– Com certeza. A gente leu uma reportagem, que é o mercado que está mais em expansão, mais em crescimento é o *pet*. Pode ir a Porto Alegre, em cada esquina tem um hospital veterinário durante 24h.

Muito, muito, muito mesmo. Coisa que meus pais são de Porto Alegre, eu não conhecia. E isso morando, meus pais morando em Porto Alegre, eu indo a Porto Alegre seguido, não chamava tanto a minha atenção. Quando eu comecei o negócio *pet*, eu comecei a ver, por que tem um hospital 24 horas? Por que tem um, sabe? Eu não tinha essa visão, não tinha essa impressão que tinha tanto. Agora tem muito. Então, tu vê que o mercado que está em expansão, crescimento.



Figura 55 - Veículo da Angelus Pet posicionado na praça de alimentação do evento  
Foto: Marcus Negrão

Um dos pontos discutidos em nossa entrevista estava relacionado à necessidade de separação dos serviços funerários para humanos e para *pets*. Cristiano fez questão de enfatizar que a Angelus Pax e Angelus Pet possuem sedes diferentes para atendimento ao público (localizadas em endereços completamente distintos entre si), carros diferentes para realização de traslado funerário (com identidade visual marcadamente diferenciada) e, por fim, capelas para velório e salas de despedida completamente diferentes. Entretanto, há um ponto em comum entre as duas empresas: situacionalmente ambas podem operar com a mesma equipe de funcionários. Embora haja funcionários que atuem separadamente em cada sede no atendimento ao público e em atividades burocráticas relacionadas ao cotidiano de cada empresa, a equipe que cuida do

transporte funerário e tratamento dos corpos é, em alguns casos, a mesma. Dessa forma, é possível que o principal serviço prestado, que consiste em lidar com o manuseio dos corpos de pessoas ou animais falecidos para lhes dar o devido tratamento funerário, poderia ser feito por uma equipe já experiente e com bastante expertise no assunto. Diante dessas informações, perguntei que tipo de prejuízos haveria se, num exemplo fictício, as empresas Angelus Pax e Angelus Pet se misturassem por completo, tendo a mesma sede, frota de carros e capelas funerárias. Cristiano me respondeu mencionando um exemplo do próprio mercado gaúcho.

Eu acho que, assim, tem uma empresa em Santa Cruz que ela usa os mesmos carros, [para] funerária e *pet*. Eu não achei [que deu] uma boa impressão, sabe? Tu tens um carro funerário, tu carregas um ser humano, nada contra um animal, um *pet*. Mas acho que não é legal, sabe? Carregar o teu pai, tua mãe, teu filho, num carro funerário, [n]o mesmo carro que usou o *pet*. Eu acho que... Acho legal o serviço, mas tem que ser carros bem separados, lojas bem separadas, estruturas separadas. Daí eu acho que o negócio dá certo.

Dessa maneira, o argumento usado por Cristiano diz respeito a diversos aspectos que considero importantes de serem ressaltados: a construção da marca de uma empresa, a definição precisa de sua identidade visual, o estabelecimento de seu público-alvo e a consolidação de um processo comunicativo com este público<sup>65</sup>. Isso significa que, do ponto de vista de um planejamento estratégico de negócios, a Angelus Pet demonstra estar afinada com princípios de boas práticas para um adequado posicionamento no mundo empresarial. Ao diferenciar as sedes das empresas, dispondo-as em pontos completamente distintos da cidade, a Angelus Pet demonstra a especificidade de seus serviços e estabelece um relevante marco diferencial em relação a Angelus Pax. Ou seja, uma nova sede para uma nova marca.

Esse novo empreendimento, obviamente necessitará de elementos imagéticos que constituam a sua identidade visual de maneira a comunicar, com

---

<sup>65</sup> No campo epistemológico das áreas de Administração, Marketing e Comunicação Social, a discussão sobre posicionamento de marca (nomeada como *branding*) é amplamente conhecida e diz respeito a aspectos teóricos relacionados à construção de marcas, definição de público-alvo, construção de imagem pública para empresas, elaboração de identidade visual condizente com os propósitos da organização e táticas de comunicação para alcançar o público desejado. Para um maior aprofundamento da discussão destes tópicos, recomendo a leitura de Philip Kotler (2018); Marcos Hiller (2015); Jean Noel Kapferer (2003); Marcos Cobra (2009); Guimarães, Penteado e Gracioso (2013); Crescitelli e Shimp (2012); Telles e Queiroz (2013).

muita nitidez e da forma mais direta possível, quais são os seus propósitos como marca, que tipo de produtos ou serviços é possível esperar desta empresa. Iniciado este processo de comunicação visual, a empresa está lançando informações que visam estabelecer conexões com o público que está em busca daquilo que ela tem a oferecer. De maneira complementar a isso, a empresa deverá investir num processo comunicativo com este possível público, qual seja, os tutores de *pets*, através de anúncios publicitários, produção de conteúdo nas redes sociais, promoção e participação em eventos de interesse à marca.



*Figura 56 - Visão geral da circulação de pessoas no Me Gusta*  
Foto: Marcus Negrão

Como fica demonstrado, a Angelus Pet aparentemente está cumprindo estas etapas de consolidação da marca no mercado local, criando as estratégias possíveis para que sua marca seja cada vez mais conhecida. Embora pertença ao grupo empresarial vinculado a Angelus Pax, a Angelus Pet, na condição de ser uma empresa funerária voltada exclusivamente ao mercado *pet*, diferencia-se em seu público-alvo porque atinge um grupo de pessoas (cada vez maior) que considera os animais de estimação como membros de uma família (agora tida como) multiespécie. Se este público é crescente, não se pode dizer que seja hegemônico. Ter animais não-humanos como um tipo de parente não é um

consenso. Logo, oferecer serviços funerários para *pets* sem diferenciá-los dos serviços funerários oferecidos para humanos – misturando marcas, empresas, equipes de funcionários, capelas funerárias, fornos crematórios e locais de funcionamento das empresas – pode representar um enorme risco mercadológico às funerárias e crematórios já consolidados cujo alvo é o atendimento de humanos.



Figura 57 - Público faz atividade física durante o evento  
Foto: Marcus Negrão

Numa hipótese, para possíveis consumidores que já compartilham da concepção de família multiespécie, provavelmente, não seria uma surpresa negativa descobrir a existência de uma empresa funerária que não diferencia humanos e *pets*. Contudo, para grande parte da população que não possui animais de estimação ou não estabelece com eles uma relação de parentesco interespecífico, talvez seja negativamente incômodo contratar os serviços de uma empresa funerária que não produz a esperada diferenciação entre humanos e *pets*. De todo modo, deixo aqui uma questão que, até o momento, não consigo respondê-la com os dados que consegui produzir nesta pesquisa: do ponto de

vista sanitário, haveria algum grande elemento impeditivo que impossibilitaria unificar os serviços funerários ou crematórios para humanos e *pets* numa mesma empresa?

É provável que não haja, tendo em vista o exemplo acima de uma funerária em Santa Cruz do Sul (RS) que, aparentemente, não diferencia os veículos utilizados para o transporte de corpos *pets* ou humanos. Obviamente, os dados de minha pesquisa, produzidos através de trabalho de campo, entrevistas, pesquisas on e offline, e estudo bibliográfico do tema, permitem afirmar que, no caso dos fornos crematórios, é necessário que sejam diferenciados entre si, pois a cremação de corpos *pets* envolve questões sanitárias que não são idênticas às questões relativas aos humanos. Entretanto, o enterramento de *pets* junto aos seus tutores humanos é perfeitamente possível. Isso se comprova, do ponto de vista sanitário, com a implementação da Lei Municipal 6570/2018, que dispõe acerca do sepultamento de animais em cemitérios particulares na cidade de Pelotas. Assim, é possível inferir que a separação total entre serviços funerários *pets* e humanos está muito mais próxima de uma lógica de mercado do que de uma razão sanitária. Além disso, tal diferenciação é um indicativo de que a concepção de família multiespécie não é consensual.

Se o público-alvo das funerárias *pet*, com sua concepção contemporânea de família e parentesco, não representa uma hegemonia no que diz respeito à forma como encara sua convivência e suas relações de afeto com os animais, isso implica inferir que o luto humano direcionado aos animais de estimação pode ser constantemente colocado sob suspeita. Durante o processo de realização desta pesquisa, tive grandes dificuldades para encontrar interlocutores que, de alguma maneira, aceitassem elaborar sua experiência com o luto numa situação de entrevista formalmente gravada. Nas interações que tive com interlocutores nas caminhadas que fiz com *Ricco* e nos eventos em que participamos, a experiência de morte de animais surgia como um assunto incômodo sobre o qual as pessoas passavam com certa rapidez, sem dar detalhes sobre os seus sentimentos, resignando-se a apenas falar, de maneira breve, das causas de morte de seus *pets*.

É interessante notar que muitas de minhas tentativas de aproximação com interlocutores para falar detidamente sobre este assunto foram frustradas. E isso

se repetiu no meu trabalho de campo durante o evento *Me Gusta*. Embora estivéssemos em constante comunicação por mensagens, este possível interlocutor avisou, quando eu já estava em Rio Grande, que não poderia ir ao meu encontro. Marcamos uma entrevista virtual para a semana seguinte. Esta entrevista também não aconteceu. Fora desmarcada devido a outro compromisso deste interlocutor. Trago este caso como emblemático, embora não tenha sido o único. Compreendi a mensagem de que estes interlocutores viviam, provavelmente, aquilo que a própria bibliografia sobre o tema aponta: a vivência de um luto interdito. Dessa forma, entendi que é necessário respeitar o silêncio de meus interlocutores, transformando suas evasivas num ponto de partida para a discussão. Como continuar uma pesquisa etnográfica quando os interlocutores não querem falar? Como, numa pesquisa sobre morte, lidar com um tipo de luto não legitimado socialmente? Estas são as perguntas que pretendo responder ou, pelo menos, problematizar no próximo e último capítulo desta tese.

## **Capítulo IV – Lutos interditos, memoriais online e mortes célebres**

## Pensando sobre morte, luto e relações tutores-pet

A mãe de Andrea foi a uma cartomante para pedir-lhe conselhos e ter acesso a previsões sobre seu futuro. No entanto, uma previsão a deixou particularmente mais impactada e preocupada, pois a mensagem do *tarot* havia sido muita clara: havia risco iminente de ocorrer a morte de uma pessoa próxima. Assustada, a mulher ficou intrigada com o que dissera a vidente e, instantaneamente, começou a perguntar-se quem poderia ser a vítima mencionada naquela predição de morte. Pensou que poderia ser seu irmão, mas não via conexão possível com a *causa mortis* revelada no jogo de cartas: a cartomante afirmou com exatidão que a morte ocorreria por problemas gástricos. Passou-se uma semana, duas semanas e, nas palavras do relato fornecido por Andrea,

A minha mãe deu ração pra nossa Rottweiler. [A cadela] Tinha uns cinco anos. Deu ração. E aí ela [a mãe] olhou pelo janelão, assim, do pátio, viu que ela comeu, comeu [a ração]. Daqui a pouco apareceu alguém no portão e o bicho foi lá atrás, agitou, pulou, fez aquela arruaça de cachorro e tal. Aí, depois, daqui a pouco, [a mãe] olhou de novo, 15 minutos depois, ela viu que o bicho, que a Kaia tava passando mal, no chão, assim, encolhida. “Mas ela não fica assim” [pensou a mãe]. E aí ela foi ver, assim, olhar. E ela viu que o bicho tava sofrendo, que tinha acontecido alguma coisa. Chamou o veterinário. O veterinário foi correndo. E aí, tá, eu vou explicar com as minhas palavras, tá? É muito comum em animais de grande porte, quando eles comem em seguida, se eles se agitam, parece que o estômago vira. Uma torção, né? E aquilo torce o intestino, assim, e começa a fermentar a comida. O bicho estoura, né, com os gases e tal. E não ia dar tempo de fazer uma cirurgia nela. Tiveram que sacrificar. A minha mãe, ela me ligou chorando, assim, em um estado de nervos, aquela coisa, né? E aí, porque vou ter que sacrificar a Kaia e não sei o que. Até depois ela me contou que até o veterinário olhou [e disse]: “a senhora quer uma receita de calmante, alguma coisa? Posso lhe receitar também”. Porque era uma comoção ela [a mãe], a namorada do meu primo, que morava no mesmo pátio e tal. Faleceu, né? Tiveram que, né, fazer a eutanásia, né? E aí, acho que ela [mãe] pediu pro meu primo dar jeito lá no corpo, né, como ela disse e tal. Depois ela se deu conta da cartomante que tinha dito que alguém muito importante pra ela ia falecer. Depois ela se deu conta. Claro, foi a Kaia! Até nas cartas apareceu.

Esta história foi contada num encontro de um grupo de amigas, que se tornaram interlocutoras desta investigação. Embora eu já tivesse planejado anteriormente que estas interlocutoras contribuíssem com a pesquisa, suas participações não haviam sido exatamente pensadas para ocorrer nem daquela

forma nem naquela ocasião. Eu as conheço a partir de nosso convívio na Graduação em Filosofia da UFPEL, curso que fiz durante um tempo, mas interrompi momentaneamente em virtude das atividades de pesquisa no Doutorado em Antropologia. Como a relação entre humanos e não humanos é uma temática fortemente filosófica, há algum tempo, sabendo que estas amigas tinham uma relação muito próxima com seus animais de estimação, eu havia entrado em contato perguntando se cada uma delas poderia me dar uma entrevista. Em meu planejamento de pesquisa, a entrevista seria individual, ocorreria em data marcada com antecedência e seria realizada do modo mais tradicional possível, possibilitando uma conversa tanto personalizada quanto direcionada para a experiência de cada uma delas.

Entretanto, numa determinada tarde o grupo decidiu se reunir para um *happy hour* na casa de Márcia e eu fui convidado a fazer parte da reunião. Assim, estávamos eu, Márcia, Andrea, Liza, Carol e Rafael. Ao chegar no evento, fui perguntado por todas elas quando seria realizada a entrevista. Respondi que a entrevista seria feita em breve e que eu agendaria uma data que fosse mais propícia para cada uma delas. O que eu não poderia imaginar é que os imponderáveis do trabalho de campo me reservaram uma surpresa: a entrevista seria realizada ali mesmo naquele encontro e de maneira coletiva com todas elas compartilhando suas experiências de luto, suas concepções de espiritualidade, suas visões acerca dos *pets*. E tudo isso começou comigo sendo o entrevistado com a infalível pergunta: como vai a sua pesquisa? Tal questionamento foi seguido por tantos outros, mas o principal interesse residia em entender melhor como eu estava abordando a temática sob o ponto de vista de uma abordagem antropológica. Interessadas no que eu tinha a dizer, tendo em vista que esse grupo nutre interesse por temáticas de pesquisa desenvolvidas nas Ciências Humanas, especialmente quando relacionadas ao campo filosófico, Andrea, Márcia, Liza e Carol começaram a compartilhar comigo suas vivências a respeito do tema.

Diante disso, percebi que a entrevista poderia acontecer naquele momento e, de fato, já estava acontecendo. Ao redor de uma mesa com uma tábua de frios, pães, bolos, vinhos e espumantes, a principal marca daqueles diálogos era a espontaneidade com que estavam ocorrendo. Se fosse uma entrevista previamente agendada e individualizada, penso que ganharia

contornos mais formais, menos espontâneos e talvez mais ensaiados (de ambas as partes). Com isso em mente, pedi autorização para que eu pudesse gravar nossa conversa e, dessa forma, seguirmos o fluxo do encontro. Com o gravador do celular ligado, continuamos a falar sobre a pesquisa e comecei a fazer perguntas mais diretamente sobre a experiência de cada uma delas.

Embora a conversa tenha sido direcionada, em maior parte, para abordar as temáticas que interessam à pesquisa, deixamos fluir outros assuntos não necessariamente relacionados aos animais de estimação e vivências de luto *pet*. Penso que essa forma de conduzir a entrevista facilitou a espontaneidade do compartilhamento de ideias, lembranças, opiniões e curiosidades que emergiam inesperadamente no decorrer dos diálogos e que tinham direta relação com meus interesses de pesquisa. O resultado foi uma gravação longa, com uma profusão de vozes de pessoas falando, às vezes simultaneamente, sobre suas experiências de modo que a própria transcrição da entrevista e o entendimento de alguns trechos da conversa foi uma atividade desafiadora.

Num dado momento desta entrevista, Liza compartilhou que, quando o seu cachorro Boromir (um exemplar da raça *Chow Chow*) faleceu, ela achou que iria ficar viúva, pois seu marido, Giovanni, ficou muito abalado emocionalmente com a morte do *pet*. Liza relatou que o seu cachorro faleceu devido a um procedimento necessário de eutanásia e, na ocasião, foi levado por um serviço de táxi *pet* para ser incinerado no forno da Universidade Federal de Pelotas.

Gente, assim, foi por isso que eu comprei a Gallie. Pra ele [Giovanni] ficar com um suporte [emocional]. A Gallie foi, assim, uma surpresa pra ele. Nós fomos a Porto Alegre. Porque o Boromir morreu na terça-feira. E ele [Giovanni] teve que viajar no mesmo dia. Porque ele tinha uma audiência em Porto Alegre. E aí eu procurei na internet alguém que tivesse uma pastora alemã, um pastor alemão pra vender. Tipo, pronta entrega, né? E nós conseguimos [um pastor alemão] em Novo Hamburgo. Eu disse pra ele [Giovanni] assim: “eu preciso ir a Novo Hamburgo. É um negócio que eu tenho que tratar lá. E é urgente, eu preciso ir lá”. Aí, quando eu cheguei lá, eu botei no colo dele a Gallie. Porque foi um horror, assim, o estado [emocional] que ele ficou. Porque o Giovanni não... Ele é muito apegado, sabe? Eu caio [emocionalmente] depois [da morte do *pet*]. O Giovanni, ele já começa a cair antes, né? Então foi bem... E aí esse senhor do *táxi pet* é uma pessoa muito humana. Foi ele que levou pra [Universidade] Federal pra incinerar o Boromir. Porque o Boromir é um Chow Chow enorme, né? Era um leão. Porque eu não tinha aonde ir [cremar ou enterrar]. Eu não tenho pátio.

Ao contar sobre a experiência de luto do marido, Liza começou a elaborar sobre a relação que ela e o esposo têm com os animais de estimação na intimidade de sua casa. Irônica e em tom de brincadeira, Liza diz:

– Lá em casa eu sempre digo, eu não tenho *pet* nem bicho. Eu tenho filhos. Também, né? Porque, assim, pra ter uma noção, o meu psicólogo vive brigando comigo. Eu faço terapia toda semana e meu psicólogo diz que lugar de cachorro é lugar de cachorro. E eu digo, mas eu não tenho cachorro. Eu tenho filho. Eu tenho filha. Então eles [os *pets*] dormem comigo. O Giovanni dorme no closet – brincou Liza.

Andrea reage entrando na brincadeira:

– Acabou! Ponha-se no seu lugar, né, Giovanni? Acabou!

Liza continua:

– Porque ele [Giovani] reclama que [o closet] tá apertado. Ele reclama que tá com calor. [Liza diz a ele] “Não. Sai”. Simples assim. [Tem um] sofá lá na sala maravilhoso [para o Giovanni dormir]. Tu sabe, o meu marido é economista e faz perícias, né. E ele, nós temos três cachorros em casa. Mas é inacreditável que o Tchusco, que é um pitbull, ele passa o tempo todinho sentado, sabe assim, parece uma pessoa. Ele se senta ao lado do meu marido, e ali ele fica, sabe, acompanhando todos os passos do meu marido [enquanto ele está trabalhando]. E a Gallie fica no chão junto com ele. Mas na hora de dormir, é comigo. Eles têm o hábito... Eles têm a preferência... Sabe, a impressão que eu tenho é que eles são tipo os operários. Eles têm o horário de trabalhar e o horário de descansar. E é algo... Eu fico fascinada com isso. É algo fascinante, assim. E a Gallie [uma pastora alemã] é muito interessante porque a [minha gata] Nenê, ela reclama, tipo, a caixinha de areia tá suja, a água tá pouca, porque a Nenê só toma água se o pote tiver... Cheio. A ração tem que estar na quantidade... E tu sabe que a Gallie vai lá avisar, que a Nenê quer. É algo impressionante. [A Gallie] é a fiscal. Então, assim, eu fico fascinada com isso. Essa dinâmica.

Liza compartilha essa história ressaltando um aspecto bem-humorado da relação que tem com o marido e os *pets*, tendo em vista que essa anedota é contada para enfatizar que os seus animais de estimação gostam de dormir com ela na cama de casal ao passo que o esposo, na verdade, não se importa em ceder espaço para que os animais possam dormir ao lado da tutora à noite. Isso faz parte da relação que constituíram entre si e, de certa forma, configura uma divisão de atenção e tarefas que estes tutores conseguiram consolidar no contexto desta família multiespécie. Os próprios animais, que estabelecem uma convivência interespecífica entre cães e gatos, elaboram padrões de convivência com seus tutores, delineando os aspectos de uma rotina firmada e esperada: de

dia acompanham Giovanni em suas atividades de trabalho, à noite dormem com Liza em sua cama.

Relatos sobre a rotina são de extrema relevância porque, em situações de luto, são essas narrativas que emergem com maior força na condição de serem lembranças de uma convivência interespecífica, entre tutores e *pets*, capaz de gerar vínculos emocionais duradouros. É no cotidiano que se tece o afeto, é a intensidade do afeto que determina a intensidade do luto. Assim, quando ocorreu a morte de Boromir, cachorro Chow Chow de Liza e Giovanni, o impacto emocional foi imenso para ele, configurando-se como uma experiência de luto preocupante para Liza, pois poderia acarretar danos emocionais, físicos e psicológicos ainda maiores aos seu marido. Sobre este assunto, isto é, a relação profunda de amor entre *pets* e humanos, conversei, em outra ocasião, com Adriane Pires (supervisora de vendas do crematório Angelus Pet). Sua experiência, lidando com o luto de pessoas em relação a outros humanos ou em relação aos animais de estimação, possibilitou-lhe uma reflexão comparativa acerca da demonstração de sentimentos, por um lado, de humanos para humanos e, por outro lado, de humanos para *pets*. A partir de suas observações, Adriane conclui que

o amor dos tutores pelos seus *pets* é muito maior do que o amor de humano para humano. Claro que tem exceções. Mas é com todas as letras que eu te digo isso. Hoje em dia, como eu disse, não é o cachorrinho do Fulano, o gatinho do Beltrano, é o amor de alguém, é o filho de quatro patas. Quando tem o óbito, tem pessoas que chegam aqui assim, desesperadas. Não aceitam, não aceitam o óbito do *pet*. Ficam sentados no sofá quando alguém traz [o *pet* para a funerária], porque a maioria das vezes nós vamos recolher, seja na clínica ou na residência [do tutor]. [Os tutores] ficam com o *pet* no colo, em óbito, e não querem entregar [para a funerária]. Quando [o óbito] é na clínica, com o tutor longe do *pet*, [os tutores] fazem todo o processo aqui comigo, ou via WhatsApp, pagamento por Pix, ou levamos a máquina de cartão ou o link, e não querem nem olhar o seu *pet* morto na clínica. Eu, particularmente, te digo isso porque eu vivenciei ali. Eu digo. O tutor em relação ao seu *petzinho* é diferente. O carinho, o amor, eu acredito assim, que o *pet* te demonstra mais. Se tu passa assim, ó, um dia ou dois dias sem dar comida pra ele ou tu xinga ele, quando tu chama ele: “vem aqui, fulaninho!”. Ele vem sacudindo o rabinho, feliz. Se tu tá triste, ele sente. Se tu tá feliz, ele sente. E o humano, infelizmente, tu faz tudo e [o humano] nunca [te] abraça. Não é verdade? Resumindo. Tu dá carinho, dá amor, dá comida. Mas olha aqui, gente, não é assim? Eu digo assim, um exemplo: o Marcus. Tudo que eu quero, eu peço ao Marcus, o Marcus faz. Aí um dia... [faz um parêntese] Só tô dando um exemplo, né? Porque eu não sou assim. Eu sempre reconheço e valorizo as pessoas. Mas um dia que tu diz “não” [a um pedido meu]. “Eu não vou poder [atender ao pedido],

Adriane”. [Eu direi]: “Mas que droga! O Rafael, o Luís, o Marcus, ninguém me faz nada!” [As pessoas] esquecem de todas as vezes que tu fez antes. Não é assim, os humanos?

A hipótese central mobilizada aqui é a de que a relação de amor entre humanos e *pets* é genuína, desinteressada e, em alguns casos, especialmente da parte do *pet*, vista como incondicional. Fazendo um exercício de condensação de termos a partir dos discursos encontrados no decorrer da pesquisa, são estes três elementos, a genuinidade, o afeto desinteressado e a incondicionalidade do afeto, que parecem ser apontados pelos interlocutores como fundantes do vínculo profundo entre tutores e *pets*. Ainda que a ideia de amor incondicional seja questionável, como problematizou Donna Haraway (2021)<sup>66</sup>, ela faz sentido para os tutores e alimenta discursivamente a grande maioria dos agentes que operam no mercado funerário *pet* seja vendendo serviços de funerária e cremação ou mesmo fornecendo outros tipos de atendimento, psicológico ou espiritual, para tutores em luto. O fato é que existe um corpo argumentativo que coloca os animais de estimação como desprovidos de interesses mesquinhos e comportamentos egoístas que, muitas vezes, caracterizam as relações entre humanos. Assim, a qualidade e a intensidade destes três elementos são avaliadas pelos tutores no processo de defesa dos seus sentimentos pelos *pets*.

Dito isso, é importante ressaltar que, diante de um afeto genuíno, desinteressado e possivelmente incondicional emanado pelos *pets*, os tutores sentem-se na obrigação de retribuir seus animais de estimação com atos de afeição que sejam, minimamente, correspondentes ao que ganham. Na tentativa de corresponder a estes três elementos que definem este tipo de afeto, os tutores são também julgados, pois as manifestações de seus atos de afeição ocorrem durante a vida dos animais e podem se estender até depois de sua morte. O que está em questão é sempre um jogo comparativo entre humanos e *pets* na avaliação que os tutores fazem de uma possível destinação de seus atos de afeição, altruísmo, carinho, compreensão e entrega emocional.

Voltando à entrevista que fiz com o grupo de interlocutoras da Filosofia, Liza compartilhou comigo, nesta ocasião, um exemplo bem ilustrativo daquilo que pensa acerca da orientação de seus atos mais altruístas em benefício dos

---

<sup>66</sup> Ver no Capítulo I quando discuto essa questão levantada pela autora.

animais de estimação. Em suas palavras está contida uma avaliação muito sincera que faz entre humanos e *pets* num exercício comparativo:

Eu fui julgada porque me perguntaram assim: “mas tu não podes fazer os exames pra ver se tu podes doar um rim pro teu irmão?” Mesmo que eu pudesse, eu não doaria. Agora, se fosse [doar] para o meu filho animal, eu doaria não um rim, mas os dois. Mas pro meu irmão, não. E aí ela disse: “mas tu é louca?” [Respondi]: “Não, eu não sou louca. É uma questão de merecimento. As coisas são como são”. Porque eu tenho certeza que a recíproca [do meu irmão] não seria verdadeira. Sabe? Então, assim, eu sou julgada o tempo todo porque eu não tenho essa relação assim: Ai, o meu irmão... Ai, porque o fulaninho... Ai, porque o meu paizinho... Não. Sabe?

A partir do depoimento acima, devo mencionar que Liza relatou, por exemplo, que a sua tristeza pela morte de seu pai foi menor em comparação ao luto que sentiu pela morte de alguns de seus *pets*. Sua casa, sempre coabitada por vários e diversos animais de estimação, é um lugar onde a questão animal tem um lugar especial de debate, tendo em vista que ela e sua filha frequentemente se envolvem com atividades voluntárias de resgate de animais abandonados, encaminhamento para adoção, doações de mantimentos para abrigos *pets* e fornecimento de auxílio financeiro para ONGs vinculadas à causa animal. Ao falar sobre sua relação com seu pai, Liza enumerou algumas características negativas atribuídas a ele, que marcaram profundamente sua percepção como filha acerca dos comportamentos de seu pai. Além disso, Liza não tinha uma avaliação positiva das formas através das quais seu pai se relacionava com os familiares, em especial, com a sua mãe. Ao formular os termos em que ocorriam essas relações familiares, Liza revelou que, ao saber da morte de seu pai, a primeira coisa que sentiu foi alívio por tudo o que aquela morte poderia representar. Comparativamente, jamais sentiu alívio pela morte de nenhum de seus *pets*, pelo contrário, experimentou grande tristeza e abalo emocional.

Enquanto conversava com minhas interlocutoras, a ideia de julgamento relacionada ao luto de humanos por *pets* se tornava cada vez mais presente. A bibliografia sobre o assunto atesta que o luto motivado pela morte de animais de estimação é, com frequência, não reconhecido socialmente. Abordando esta temática, Spain, O’dwyer e Moston (2019) desenvolveram uma pesquisa online na Austrália para investigar as possíveis conexões entre luto não reconhecido,

gravidade do luto e crescimento pós-traumático. A ideia de crescimento pós-traumático se refere às possibilidades de desenvolvimento emocional positivo após uma experiência traumática causada por acontecimentos drásticos na vida de alguém como, por exemplo, a morte de um ente querido. Os autores argumentam que, em relação à morte de animais de estimação, há uma escassez de práticas de luto socialmente sancionadas e isso é um fator impeditivo para que os humanos enlutados tenham suporte emocional de outras pessoas, gerando este fenômeno do luto não reconhecido.

De acordo com Spain, O'dwyer e Moston (2019: 564, tradução minha), “a maioria das pesquisas nesse campo se concentra na experiência de luto após a perda de um membro humano da família, e esperava-se que o crescimento após a perda de um animal de estimação fosse diferente, pois a perda de um animal de estimação é uma forma de luto sem direitos”. Dessa maneira, os autores concluem que “o luto não vivenciado pode afetar o crescimento pós-traumático após a perda de um animal de estimação. Essas descobertas destacam a complicada relação entre os domínios do crescimento pós-traumático, a intensidade do luto e o luto não vivenciado” (2019: 566, tradução minha).

No contexto brasileiro, mais especificamente na cidade de Canguçu (Rio Grande do Sul), Dioni Lapa e Maria Teresa Duarte Nogueira (2022) pesquisaram sobre o luto não reconhecido a partir do aporte teórico da Psicologia. Através de entrevistas semiestruturadas com cinco mulheres com faixa etária entre 30 e 60 anos, cujos animais de estimação haviam falecido no último ano (tomando como referência a época em que a pesquisa foi realizada), os autores afirmam que

muitos tutores de animais de estimação não encontram reconhecimento do seu luto, encontrando dificuldade de expressar seus sentimentos e sentindo, até mesmo, vergonha de vivê-lo pela perda dos seus animais. Então, vive-se um processo de luto não reconhecido, em que é ausente o acolhimento e a empatia no seu contexto social (LAPA; NOGUEIRA, 2022: 253).

Sendo assim, a conclusão à qual a pesquisa os conduziu foi a de que “a vivência desse luto foi marcada por isolamento social, receio e, até mesmo, culpa por sentirem esse pesar. Além de lidar com a dor da perda, foi preciso lidar com a dor de não poder expressar esse sofrimento abertamente. Com o não reconhecimento do luto, elas se sentiram incompreendidas e tristes” (LAPA;

NOGUEIRA, 2022: 267). Por sua vez, Rémillard, Meehan, Kelton e Coe (2017), também investigaram as formas pelas quais os tutores vivenciam o luto e, a partir dos resultados obtidos com esta pesquisa, constataram que o luto em favor de *pets* envolve uma complexidade que merece atenção, pois é marcado por interações negativas entre tutores e veterinários além de uma percepção de baixo apoio emocional das outras pessoas que rodeiam o tutor. Os autores estimulam, inclusive, que veterinários e profissionais de saúde mental estejam abertos a estimular seus pacientes a elaborarem suas experiências de luto por animais de estimação e a explorarem redes de apoio que possam auxiliá-los a lidar com este momento de dor. Os autores defendem que

considerando que muitos donos de animais provavelmente passarão por alguma forma de luto devido à perda do animal, é importante que a sociedade esteja ciente de que o luto resultante da morte de um animal de estimação é uma experiência legítima e deve ser normalizada. As percepções dos donos de animais de estimação sobre as pessoas que os apoiam emocionalmente em suas reações de luto e as práticas de memorialização são mecanismos de enfrentamento em potencial para os donos de animais de estimação enlutados. Os conselheiros de saúde mental e a equipe veterinária podem ser mais capazes de apoiar os donos de animais de estimação em sua experiência de luto se estiverem abertos a discutir questões relacionadas ao fim da vida, como qualidade de vida e procedimentos de eutanásia antes da morte do animal (RÉMILLARD, MEEHAN, KELTON; COE, 2017: 159, tradução minha).

Sabendo que eu tinha em mente a bibliografia que estava estudando sobre luto em relação aos animais de estimação, decidi perguntá-las se concordavam (ou não) com algo que esta bibliografia apontava: o luto pelos animais de estimação é frequentemente colocado sob julgamento. Recebi uma resposta surpreendente de Carol:

As pessoas não julgam só pelo sofrimento [do luto]. Tu acha que eu não sou mega julgada pela prioridade da minha vida ser a Morocho e não uma pessoa? Eu sou super julgada por isso. Tem uma amiga minha, que não é minha amiga, eu não considero mais como amiga, mas eu conheci ela [há] muitos anos, quando eu convivia muito com ela. Mas ela tem uns surtos assim. E ela começou a falar mal da Morocho e mentindo, uma mentira. Tipo assim, que ela, Morocho, pulava em crianças. Ela [ex-amiga] começou a gritar, daí começou a surtar que a Morocho pulava em criança. Eu quase que... Daí eu me segurei. Perguntei: "Mas [em] que criança [a Morocho pula]?" A Morocho não pula [em criança]. Por que que veio esse comentário? Eu me segurei e disse assim: "Ai, meu Deus do céu. Primeiro, a Morocho só pula em quem ela gosta muito e ela jamais pularia em ti".

Perguntei:

Mas [esse comentário] teve algum motivo?

Eu não sei. Eu estava falando entre gato e cachorro, porque eu tenho um afilhado que é autista e é afilhado dela também. E o sonho [dele] era ter um gatinho, não sei o que. E aí a gente, nem me lembro, mas o assunto foi esse. Daí, eu disse: “ah, mas eu prefiro cachorro”. E ela começou a surtar, assim, surtar. E falou isso, que a Morocho pula em criança. Não, nunca mais, faz dois anos, nunca mais falei com ela. E ela sabe que eu parei de falar com ela por isso.

A ideia contida no discurso de Carol, tutora de *Morocho*, uma cachorra da raça *Bernese*, é a de que o julgamento externo antecede em muito o período de luto pela morte do *pet*. Os tutores são julgados durante a vida do *pet* ao serem avaliados como fornecedores de um afeto exagerado, que possivelmente é concedido ao *pet* em detrimento da afeição que poderia ser direcionada a outro humano. Carol afirma, categoricamente, que a prioridade de sua vida é a relação com *Morocho*, *pet* que a acompanha na maior parte de suas atividades sociais, inclusive em seu cotidiano de trabalho como administradora na empresa em que é proprietária.

Afirmando conhecer muito bem a conduta de *Morocho*, Carol demonstra certeza de que seu comportamento jamais seria o de pular em uma criança a ponto de incomodá-la ou colocá-la em risco, tendo em vista que a conversa que motivou esta discussão com sua ex-amiga se deveu ao fato de especularem sobre a possibilidade de presentear seu afilhado autista com um animal de estimação. O que lhe causou descontentamento foi o fato de sua ex-amiga levantar falso testemunho contra sua cadela, atribuindo-lhe um comportamento que não lhe é característico. Então, Carol interpreta essa atitude como uma manifestação do julgamento que esta pessoa, e outras tantas que a rodeiam, fazem de sua relação de afeto com *Morocho*.

No decorrer da conversa, pensando nesta conexão forte que há entre Carol e *Morocho*, decidi indagá-la a respeito da possibilidade de morte de sua cadela no intuito de conhecer como esta tutora imagina que seria a sua reação à morte de um animal tão querido por ela. Carol me respondeu da seguinte maneira:

Eu sempre tive bicho. Toda vida. A minha mãe diz que eu saí da barriga dela e que eu já preferi os bichos do que as pessoas. Eu era [de brincar com a] gatinha. Eu era [de ficar] no meio das ovelhas. Sempre tive

cachorro. Vários morreram. Mas eu sei que a *Morocho* é uma sintonia muito forte que a gente tem. E eu passei nesses... Ela tem seis anos. Nesses últimos seis anos, nos últimos quatro, eu passei por muita coisa difícil. E só ela estava comigo. Então, a gente tem uma cumplicidade que até quem é entendido, assim, pessoas veterinárias, não tem [a mesma cumplicidade] ... A nossa relação vem dela. É uma coisa muito diferente. É uma sintonia muito grande. Eu acho que um pedaço de mim morre se ela morrer.

É interessante notar como, através deste depoimento, é possível haver um refinamento de percepção que habilita os tutores a diferenciar níveis de conexão distintos entre si e os diferentes *pets* com quem conviveu ao longo da vida. Neste caso, Carol analisa que, embora tenha sido, desde a infância, muito inclinada a um convívio intenso com os animais, sendo tutora de muitos *pets* em diversas fases de sua vida, a relação com *Morocho* lhe parece mais intensa. Isso não exclui o sofrimento e o luto por *pets* falecidos em épocas anteriores à chegada de *Morocho* em sua vida. Pelo contrário, nosso diálogo demonstrou que havia um reconhecimento pleno da dor em cada uma dessas perdas, porém, existia ainda uma constatação de diferença de qualidade, vínculo e intimidade na relação estabelecida com *Morocho*. Esse fator é particularmente interessante porque revela a possibilidade de identificar que diferentes *pets* (com suas características únicas de comportamento) em diferentes fases da vida de um mesmo tutor podem gerar diferentes tipos de conexão.

Por exemplo, uma criança que tutora um cachorro, que é compartilhado com seus pais e irmãos, construirá um tipo de relação com aquele animal que, provavelmente, será diferente da relação que construirá no futuro quando se tornar uma pessoa adulta e passar a tutorar outros *pets*. Seu senso de responsabilidade será outro; suas concepções de morte serão adensadas; suas vivências pessoais com outros humanos terão se tornado mais complexas; seus vínculos com outros humanos externos à sua família serão consolidados de outras maneiras; suas percepções de afeto, companhia, amizade e solidão terão sido grandemente modificadas. Isso não exclui a agência do *pet* no manejo destas relações, pois cada animal, embora possua um conjunto de comportamentos comuns à sua espécie e mesmo à sua raça, poderá manifestar reações físicas, emocionais e comportamentais que o diferenciam qualitativamente de outros *pets*.

Ainda é necessário considerar que, num contexto familiar multiespécie, diferentes *pets* conectam-se de forma mais ou menos intensa com diferentes tutores com quem convive. E, como contribuição ao diálogo que estávamos tendo, compartilhei com minhas interlocutoras que meu cachorro *Nemo* (já falecido)<sup>67</sup> tinha uma conexão emocional muito forte comigo, embora também estabelecesse conexões emocionais com outros membros da minha família com quem *Nemo* convivia intensamente como meu pai, minha mãe, meu companheiro e meus sobrinhos. As ações de *Nemo* demonstravam que, embora vivêssemos todos na mesma casa ou tivéssemos uma convivência familiar muito próxima com outros parentes que não residiam ali, sua conexão emocional maior era comigo. Por outro lado, revelei às minhas interlocutoras que, atualmente, *Ricco* tem uma conexão maior com Rafael, meu companheiro, pois seus comportamentos indicam que, de certa maneira, *Ricco* se identifica mais à personalidade de Rafael e à forma de convivência que ele propõe ao *pet*.

Esse fator foi mencionado, de um modo ou outro, por todas as interlocutoras, fazendo a referência a como os bichos escolhem seus tutores e distinguem diferentes tipos de vinculação com outros membros da família no convívio íntimo. Liza disse que, em certa ocasião, uma gata chamada *Katiúscia*, que pertencia a uma vizinha, simplesmente escolheu morar na casa de Liza e ser tutorada por seu filho Eduardo. Márcia, por sua vez, cuida de uma gata que, originalmente, é de sua filha que mora fora do país e, por isso, refere-se à gata como neta. Trago esses dois exemplos felinos para dizer que, com base nas interações que tive com estas interlocutoras, com agentes do mercado funerário *pet* e pautado nas leituras que fiz da bibliografia especializada em relações humano-animal, há uma percepção compartilhada de que os animais, com seus modos de ser e se expressar, são agentes ativos em suas escolhas, pois elas determinam o tipo e qualidade de vínculos que terão com diversos tutores no seio de uma família. Isso vai determinar também os tipos e qualidades de luto pelas perdas destes mesmos *pets*.

Ainda que um determinado animal conviva simultaneamente com diversas pessoas, há um foco de afeição que lhe é prioritário. Este foco é determinante para definir as proporções do vínculo emocional, que será o elemento central na

---

<sup>67</sup> Ver capítulo II em que trato do falecimento de *Nemo*.

configuração do luto. No caso de *Morocho* e Carol, deve-se considerar um elemento crucial na definição da intensidade de um luto que, por enquanto, é apenas presumido pela tutora. Este elemento refere-se à fase da vida em que *Morocho* se fez presente no cotidiano de Carol. Ao afirmar que passou por momentos muito difíceis e que somente *Morocho* estava ao seu lado nos últimos seis anos, Carol deixa entrever que está se referindo ao suporte emocional que *Morocho* lhe dá frente aos prováveis grandes desafios da vida adulta como, por exemplo, o aumento de responsabilidades de trabalho, o enfrentamento de questões sensíveis relacionadas à saúde, as possíveis decepções afetivas com outras pessoas, a constatação de uma solidão intrínseca a certos momentos de vida, o luto pela morte de pessoas queridas etc. Assim, é possível depreender que *Morocho* chegou na vida de Carol num momento em que, provavelmente, as situações desafiadoras da vida adulta proporcionaram-lhe um ganho de maturidade para avaliar qualitativamente a natureza dos vínculos emocionais que ligam humanos e também humanos e *pets*. É esta avaliação qualitativa que lhe permite presumir a intensidade de um luto ainda não consumado.

### **Lutos antecipados e um cemitério parisiense**

Isto me leva a outro ponto de discussão que emergiu nesta conversa com minhas interlocutoras: o conceito de luto antecipado. O assunto começou a ser falado porque Márcia está aflita com a possibilidade iminente de falecimento de *Maga*, uma gata sem raça definida. *Maga* está idosa, 13 anos, com câncer no aparelho digestivo e toma medicações frequentes. A gata, na verdade, pertence à filha de Márcia, Laura, que atualmente mora em Paris (França). Sempre que possível, Márcia vai à França para visitar Laura e, com viagem programada para ver os Jogos Olímpicos de Paris em 2024, Márcia compartilhou sua preocupação em deixar *Maga* em Pelotas. Enquanto estivesse viajando, a gata seria cuidada por pessoas de sua inteira confiança que, de certa maneira, já convivem com o *pet* e assumiriam a responsabilidade pelos cuidados com seus remédios. No entanto, Márcia revelou estar particularmente aflita com a possibilidade de *Maga* falecer durante sua ausência do Brasil. Para amenizar o seu sofrimento e garantir o bem-estar de *Maga*, fez uma lista de tarefas que seus cuidadores temporários teriam. A lista incluía inúmeras indicações e, dentre elas, algumas prioridades

como dar os remédios nos horários estipulados, abastecê-la de comida e água adequadamente e conversar muito com *Maga*. Márcia enfatizou que a conversa é algo prioritário para que a gata não se sinta sozinha, pois essa é uma prática comum entre as duas.

O assunto da possível morte de *Maga* surgiu quando Márcia nos perguntou sobre o que fazer quando um animal morre, referindo-se à correta destinação do corpo. Carol e eu respondemos que, atualmente, Pelotas conta com duas empresas que prestam serviços funerários voltados para a prática crematória. Com esta informação em mente, Márcia revelou um momento anterior de sua vida em que teve que lidar com a morte de um *pet* chamado *Bruno*, um cachorro idoso que, há alguns anos, havia falecido em sua casa. Márcia revelou alguns detalhes sobre o choque com a constatação da morte do *pet* causando nela uma reação de inatividade frente à necessidade de manejo do corpo para que lhe fosse dado um fim.

Porque o *Bruno*, quando o *Bruno* morreu, meu cachorrinho, aí foi muito triste. Encontrei ele afogado na piscina. Já tinha esquecido disso. Ele era muito velhinho. É muito comum isso. E ceguinho. E foi uma noite de muita chuva, muita tempestade. E, de manhã, eu levanto e olho, e ele tá boiando na piscina. Meu Deus, que desespero! A Laura já morava... Já morava em Paris, eu acho. Aí, eu acordei o Pedro [meu filho], o Pedro morava comigo. O Pedro chorando e eu chorando também. Porque o Pedro parece ser muito frio, assim, mas ele, na hora, ele se emociona. Eu não tive coragem. Aí, o Pedro tirou ele [*Bruno*] da piscina. E tinha um terreno baldio, ali perto da... Quase de frente à nossa casa, mas o Pedro foi e enterrou ele. É, eu não tive coragem.

O depoimento acima torna visível a rapidez do crescimento no mercado funerário *pet*, considerando que a morte de *Bruno* ocorreu há poucos anos e, nesta época, ainda não era possível contar com serviços crematórios voltados para animais de estimação em Pelotas. Diante do desespero com a morte e da recusa completa à possibilidade de descarte do corpo do *pet*, a solução mais próxima a um tratamento digno em relação ao animal falecido foi o seu sepultamento num terreno baldio próximo à casa em que morava anos atrás. Márcia ressaltou sua preocupação com *Maga* afirmando que, mais cedo ou mais tarde, vai passar pela situação de morte de sua gata, considerando o estado debilitado em que ela se encontra. Liza também compartilhou a sua aflição com a possibilidade da morte de *Nenê*:

Eu não sei quem é o veterinário que te atende, Carol. Quem é o veterinário que te atende? O meu é o Roberto Ladeira da [clínica] Arca de Noé, [que fica] na [rua] Dr. Amarante. E o Roberto Ladeira, a gente se conhece há mais de 30 anos. Então, assim, a esposa dele foi nossa colega na Filosofia, né? Então, assim, o Roberto Ladeira, ele é o veterinário que, digamos assim, ele entende exatamente a minha alma, sabe? É uma cumplicidade que a gente tem espiritual. E ele me prepara todos os dias, né, sempre que a gente conversa a respeito da *Nenê* [gata de Liza]. Porque a *Nenê* tem o mesmo câncer da *Maga* [gata de Márcia]. E a gente sabe que [a morte] vai acontecer, sabe? Mas é aquela coisa, assim, eu não estou preparada.

Nossa conversa girava em torno desta sensação de expectativa de luto que a bibliografia especializada conceitua como luto antecipado, isto é, um sentimento de perda ou tristeza antes mesmo que a morte do animal de estimação seja consumada. Em geral, este sentimento está associado à consciência da elaboração do luto em experiências anteriores de processamento de mortes envolvendo *pets*. Liza, por exemplo, narrou um momento anterior de sua vida em que afirma ter surtado com a morte de uma gata de estimação. Ao encontrá-la morta, Liza se desesperou e teve que ser controlada por familiares, levando inclusive tapas em seu rosto dados por sua irmã. Além disso, teve que tomar forte medicação para lidar com o choque da situação.

Na verdade, assim, eu surtei, né? Como eu disse, eu caí no chão, eu não conseguia levantar. Nós temos um vizinho ali, que ele é médico, doutor Roberto Stoll. E ele... A minha irmã me deu uns tapas, como eu disse, né? E aí ele [médico] pegou e mandou me dar uma medicação pra me acalmar. Que não foi o Rivotril, foi o Haldol. E... Aí o meu marido [Giovanni] e o Henrique, o meu genro, enterraram ela, sabe? Enterraram ela, plantaram umas flores em cima e marcaram o local, né? Enterraram onde? Na rua mesmo, em frente onde ela foi encontrada [morta].

Esta experiência anterior é tomada como ponto referente para antecipar o luto futuro que ocorrerá quando se concretizar a morte de *Nenê*, gata que atualmente enfrenta um câncer. Do mesmo modo que a morte de *Bruno*, cachorro de Márcia, é também tomada como experiência referente para delinear os contornos do luto que a possível morte de *Maga* poderá ocasionar. Entretanto, os exemplos aqui citados referem-se, por enquanto, a animais de estimação gravemente doentes, enfrentando tratamentos medicamentosos severos e em idade avançada. Porém é importante ressaltar que o luto antecipado não é um estado emocional que afeta apenas tutores de *pets* em estágio terminal de vida.

Pelo contrário, é perfeitamente possível que tutores experimentem graus variados de tristeza ao antecipar sensações de perda quando se põe a pensar constantemente na possível morte de *pets* que são ainda jovens e que estão em ótimas condições de saúde.

O caso de Carol, por exemplo, é exemplar de uma trajetória de vida humana cercada de animais de estimação ao longo dos anos, resultando numa sequência de mortes *pets* no decorrer desse período. Mesmo que sua cachorra *Morocho* esteja com plena saúde, sua vivência de sequenciais períodos de luto por diferentes *pets* a faz dimensionar com maior exatidão os efeitos desses processos de enlutamento em seu campo emocional e psicológico. Soma-se a isso a avaliação de qualidade de vínculos que esta tutora faz ao elaborar para si os termos da relação que construiu com *Morocho*. Tendo em vista que esta pesquisa comporta, em algumas partes, uma abordagem de cunho autoetnográfico, devo mencionar que estou também implicado nessa categoria de luto antecipado, pois antes da morte de *Nemo* eu não havia tido experiências de luto por *pets* tão significativas, impactantes e duradouras. E isso reverbera um sentimento de luto prematuro que constantemente sinto em relação ao *Ricco*, um cachorro saudável que ainda nem completou três anos de idade, mas cuja possibilidade de morte afeta minha forma de percebê-lo em algumas situações do cotidiano.

A pesquisa de Cleary, West, Thapa, Westman, Vesik e Kornhaber (2021) aborda a ligação entre questões como luto, relação entre tutor e *pet*, sentimento de culpa, suporte emocional das pessoas no entorno do tutor e perspectivas de futuro após a morte de um animal. Para os autores, a perda de um animal é sentida de maneira antecipada por causa de sua baixa expectativa de vida em relação à experiência humana. É dessa percepção que se origina o conceito de luto antecipado. Os autores identificam que a culpa é um sentimento recorrente nos tutores quando seus *pets* passam por eutanásia. O suporte emocional de pessoas ligadas aos tutores aparece com um fator muito importante para que se saiba manejar o luto e validá-lo da maneira como se entende que este sentimento deve ser compreendido. Dessa forma,

A dor é uma emoção complexa e o luto é também um processo complexo. As pessoas vivem esta experiência de formas muito diferentes, atenuadas e amplificadas por muitos fatores, tanto

intrínsecos como extrínsecos. Extrinsecamente, as normas e valores sociais moldaram um sentido do que é correto e aceitável em períodos de luto e muitos refletiram a falta de apoio que se segue quando a perda é de um animal de estimação. No entanto, a experiência do luto é tão tangível para muitas pessoas que a vivem como quando a perda é de um ente querido humano. Consequentemente, ocorre uma justaposição entre os sentimentos que querem sentir e os sentimentos que acreditam que devem sentir. Este fato, associado aos fatores específicos dos animais de estimação, como o luto antecipado e a culpa pela eutanásia, cria uma experiência única para as pessoas afetadas pelo luto de um animal de estimação (CLEARY, WEST, THAPA, WESTMAN, VESK E KORNHABER, 2021: 10, tradução minha)

O que está implicado neste conceito de luto antecipado é o fato de que a expectativa de vida dos animais é consideravelmente menor em comparação aos humanos. Assim, temos consciência da diferença de amplitude que existe entre nossas vidas e as vidas *pets*. Vale ressaltar que essa valoração relacionada à quantificação da expectativa de vida é fruto de uma perspectiva humana (e não *pet*), pois, sob a lógica dos animais de estimação, seu tempo total de vida é compatível com a biologia de outros animais de sua espécie. Mas, se comparada aos humanos, essa expectativa de vida é drasticamente menor. Sobre este assunto, uma de minhas interlocutoras, Andrea, falou a respeito:

esse é um processo novo que a gente está passando também. Conviver com os pets idosos, com suas doenças. Alzheimer de cachorro... Todas as doenças que vêm com a idade. É recente esse fenômeno de animais de 14, 16, 20 anos. Então é conviver com essas situações de surdez, cegueira. Com casas que não são adaptadas para animais com deficiência. Tem uns amigos no Laranjal que o cachorro morreu com 26 anos. Eu moro perto de uma clínica de internação de *pets*. E, volta e meia, quando eu passeio com a *Cida* [cachorra de Andrea], a gente vê a saída e a entrada de pessoas. E assim, ó, é... A gente vê pessoas carregando o corpo [dos *pets*]. Ou colocando, carregando dentro do carro. E, assim, pessoas passando, precisando de amparo. A última vez a gente viu um rapaz colocando [o *pet*] dentro de uma caminhonete, tipo uma Saveiro. E ele parou assim, ficou assim, respirando durante minutos, assim, olhando, assim, claramente, assim, sabe? [Andrea fez gestos para indicar que o rapaz estava ofegante]



Figura 58 - Vista anterior e posterior do portão do cemitério Asnières-sur-Seine  
Fotos: Márcia Schuch



Figura 59 - Placas informativas sobre o cemitério Asnières-sur-Seine  
Fotos: Márcia Schuch

A participação deste grupo de interlocutoras em minha pesquisa não se resumiu a esta entrevista. Na verdade, estas interlocutoras se fizeram presentes

desde o início de meu trabalho de campo, contribuindo de maneiras diversas ao enviar reportagens sobre a temática pesquisada, compartilhar informações sobre novas legislações sendo propostas em favor dos animais e dividir pensamentos sobre as relações humano-*pet* fora de contextos formais de entrevista. Havia um interesse em contribuir com a pesquisa, saber de seu andamento e adotar ações práticas de colaboração ao desenvolvimento deste trabalho. Um dos exemplos colaborativos que gostaria de destacar é o fato de Márcia ter visitado e fotografado o cemitério *Asnières-sur-Seine* em Paris para produzir material imagético que pudesse auxiliar nos debates aqui propostos.



Figura 60 - Astro do cinema: túmulo do cachorro Rin Tin Tin  
Foto: Márcia Schuch

Fundado em 1899 e sendo o primeiro cemitério no mundo destinado a animais de estimação, o cemitério *Asnières-sur-Seine* configura-se como um marco histórico significativo para a pauta dos ritos funerários de enterramento de animais. De acordo com a pesquisa de Bérénice Gaillemín (2009) o cemitério de animais de *Asnières* representou uma alteração importante na forma como os tutores se relacionavam com seus animais de estimação. Em seu propósito original, havia motivações muito práticas que justificaram a fundação deste

cemitério: as preocupações com questões de saúde pública e saneamento além de um aumento gradual na conscientização acerca dos direitos dos animais. Na transição do século XIX ao XX, Paris passava por problemas demográficos de superlotação da cidade e isso favorecia o surgimento e disseminação de epidemias. Esses fatores influenciavam na necessidade de providências quanto a uma nova abordagem sanitária direcionada ao tratamento adequado que deveria ser dado aos restos mortais de pessoas e animais.



Figura 61 - Túmulos do cachorro Topsy e do macaco Kiki  
Fotos: Márcia Schuch

Fora esta razão prática, a percepção social de certos animais pelos humanos também foi sofrendo alterações, sendo gradativamente associados ao prazer, lazer e a companhia. Dessa maneira, o cemitério o *Asnières-sur-Seine* atendia a tanto a uma necessidade prática quanto uma necessidade emocional, pois os tutores de animais passaram a ter um local onde podiam homenagear dignamente animais falecidos. Isso marcou uma nova era caracterizada por uma significativa mudança na percepção do vínculo emocional estabelecido entre humanos e animais de estimação. Para Ciliberti, Malcotti e Alfano (2023), as últimas décadas foram marcadas por transformações profundas na visão que os humanos têm dos animais de estimação, admitindo que estes *pets* estão cada vez mais incluídos na vida humana e, portanto, são cada vez mais valorizados

emocionalmente. Assim, os cemitérios de animais cumprem uma função de simbolizar a existência consolidada de um vínculo humano-animal, contribuindo para legitimar a intensidade do luto pela morte de um *pet*. Essa transformação social contraria a ética Ocidental que, historicamente, marginalizou os animais, considerando-os apenas sob o ponto de vista da funcionalidade direcionada ao bem-estar humano.

Antes de prosseguir com as contribuições de minha interlocutora Márcia Schuch ao fotografar o cemitério parisiense. Gostaria de chamar a atenção para o fato de que é importante relativizar a narrativa única de que o cemitério *Asnières-sur-Seine* tenha sido o primeiro cemitério destinado aos animais de estimação. Talvez possamos afirmar que o *Asnières-sur-Seine* tenha sido o primeiro cemitério moderno, pois pesquisas arqueológicas demonstram que na Antiguidade havia cemitérios destinados a animais de estimação. É o que mostra a pesquisa de Marta Osypinska, Michal Skibniewski e Piotr Osypinsk (2021) cuja investigação girou em torno de um cemitério em Berenice (um porto romano situado no Egito). A existência deste cemitério pode ser localizada no tempo entre os séculos I e II d.C. Os autores identificaram o enterramento de 585 animais dentre gatos (91%), cães (5,4) e macacos (2,7%). A importância desta pesquisa reside em demonstrar que os animais na Antiguidade gozavam de uma relação com os humanos que não necessariamente passava pelo utilitarismo da exploração animal. Isso desmitifica a ideia de que somente os animais modernos passaram a receber cuidados específicos (inclusive funerários) que denotam vínculos de afeto com os humanos. Isto é, mesmo na Antiguidade os animais não eram percebidos, em muitos contextos, como meros recursos de exploração.



Figura 62 - Túmulos com esculturas de animais, pedras, brinquedos  
Fotos: Márcia Schuch

Voltando à minha interlocutora que, no intuito de contribuir com minha pesquisa, fotografou o cemitério *Asnières-sur-Seine*, devo mencionar como chegamos a essa proposta de colaboração com a tese. Consciente de que Márcia vai a Paris com frequência visitar sua filha, indaguei, logo no início de minha pesquisa, se Márcia conhecia este cemitério. Ao responder que ainda não o tinha visitado, perguntei se, numa próxima viagem, não gostaria de conhecê-lo pessoalmente e, quem sabe, tirar umas fotos para que eu colocasse em minha tese. E foi assim que, no ano de 2022, Márcia viajou e, chegando a Paris, convidou sua filha Laura para ir com ela ao cemitério. Chegando aos portões do *Asnières-sur-Seine*, encontrou-o fechado, pois aquele não era um dia disponível à visitação. Dessa maneira, Márcia só retornaria a este cemitério no ano seguinte, 2023. Este foi o seu relato sobre a visitação:

– Eu fui duas vezes ao cemitério de Paris. Eu fui uma vez numa segunda-feira. Que tava fechado. Chuvoso. E eu digo: vou ajudar meu amigo Marcus, meu companheiro da Filosofia, aquele pelo qual eu ia às aulas de Filosofia. Depois que ele parou, eu também parei. Porque eu adorava a presença dele e a companhia. Tu falaste, né? Que tinha um cemitério lá. Eu descobri, peguei o metrô, fui de guarda-chuva. Cheguei lá na segunda-feira fechado. Segunda-feira não abria. Voltei. Depois, no outro ano, quando eu voltei pra Paris, aí eu fui. A Laura foi comigo. Foi uma experiência maravilhosa. Até agora eu tenho... Eu

espero que as fotos tenham te ajudado em alguma coisa. É um cemitério enorme, que tem todos os tipos de animais: cavalo, galinha, passarinho, gato, cachorro. E a Laura se emocionou tanto, tanto, tanto. Porque a Laura é muito apegada aos bichos. É lá que tem o Rin-Tin-Tin [enterrado]. Tem vários animais lá. Tem heróis de guerra. E é um cemitério lindo, lindo, lindo. E a gente passou a manhã inteira lá. E pra mim é muito mais uma coisa, uma curiosidade antropológica. E a Laura foi muito emocional pra ela. Porque ela é muito ligada aos bichos. Ela é muito ligada aos bichos. Muito mais do que... Eu não sou nem perto do que ela é.

Continuei perguntando:

– Tu lembras a sensação de estar andando por lá? Percebeu se o cemitério estava abandonado, bem conservado...

Márcia respondeu:

– Inclusive, tinha um rapaz que estava retirando restos mortais de uma cova. E eu perguntei pra ele se eu podia filmar e ele me disse que não. Então, por que eu ia filmar, né? Ele estava tirando... É uma coisa de respeito, né? E ele me disse que não [podia filmar]. Mas [o cemitério] estava bem conservado, com flores, as pessoas iam lá, tudo muito bonito. Muito lindo, muito lindo mesmo. Fica no subúrbio de Paris. É tipo uma cidadezinha do lado. Mas é fácil de chegar. Não tem problema. Eu acho que paga 300 euros por ano pra manter o bichinho lá. Pra manter o bichinho lá. [O cemitério] funciona, é bem conservado, bem bonito, bem legal. Tem uns túmulos enormes lá. Eu tirei umas fotos. As pessoas vão lá e colocam os brinquedos que os bichinhos gostavam de brincar, botam em cima do túmulo. É muito legal. Interessante porque é uma coisa que lembra muito a questão das crianças, o túmulo de criança. Se tu passar, vai ter brinquedo. Porque adulto não é comum encontrar coisas do dia-a-dia, coisas de apego. Agora, criança... Mas criança, sim, encontra roupinha, brinquedo, chupeta. Era pedrinhas, bolinhas, coisas assim, brinquedinhos dos bichos. E declarações de amor escritas nos túmulos. Eu achei muito interessante eles colocavam na lápide. É muito bonito. Foi uma experiência muito bacana, muito forte. Foi muito legal. Gostei de ter ido. As pessoas lá dão muito mais importância aos bichinhos do que aqui. Me parece. Não sei se eu tenho razão.

A visitação ao cemitério possibilitou a Márcia e sua filha uma experiência de reflexividade sobre o morrer animal, fazendo com que ambas tivessem contato com a dimensão do luto a partir das vivências de outras pessoas que ali enterraram seus *pets*. Por outro lado, a produção de fotografias para a minha pesquisa constituiu-se numa outra forma de fazer-se interlocutora, marcando presença neste trabalho com o testemunho estético e documental da imagem capturada e, por fim, elaborando posteriormente esta visitação pelas vias do discurso compartilhado numa entrevista.

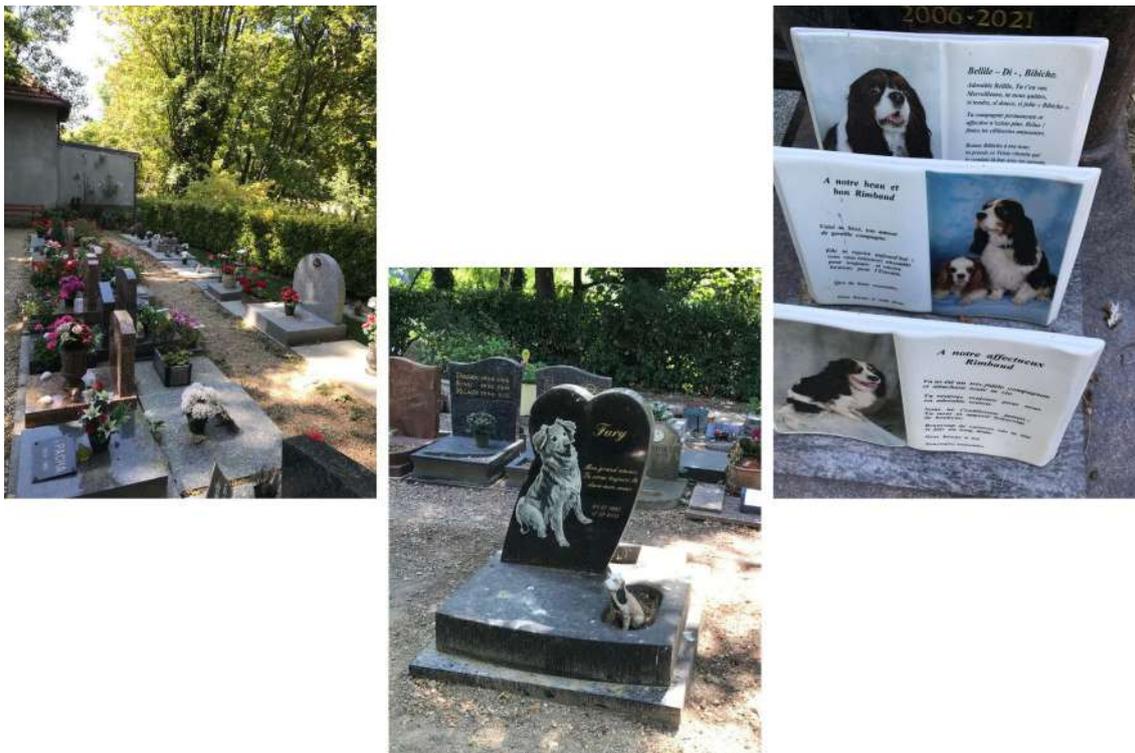


Figura 63 - Lápides com homenagens póstumas aos pets  
Fotos: Márcia Schuch

Esta participação ativa de minhas interlocutoras de pesquisa não me deixa esquecer as tantas outras pessoas que, simplesmente, optaram por evadir às minhas iniciativas de marcar entrevistas em que elas pudessem elaborar o luto por seus *pets*. Isso ocorreu devido ao que minhas interlocutoras mencionaram acerca dos julgamentos que os tutores sofrem por sua dedicação aos animais. Se são julgados por amarem os *pets* enquanto estão vivos, serão ainda mais julgados por continuarem amando esses animais nos pós-morte. Daí a incerteza de colaborar com uma pesquisa que trate especificamente deste assunto, pois não teriam controle nem garantia total acerca de como seriam retratados no texto acadêmico – ainda que eu explicasse que a pesquisa não coaduna com perspectivas antropocêntricas.

Embora o luto seja apenas um dos tópicos abordados ao longo desta tese, ele não é menos importante do que outras questões aqui levantadas. Mas isso aponta para o fato de que, ao abordar outras temáticas correlatas, esta pesquisa não se configurou como dependente exclusiva da problematização de depoimentos verbalizados pessoalmente sobre experiências de luto.



*Figura 64 - Vista panorâmica dos túmulos no cemitério Asnières-sur-Seine*  
Fotos: Márcia Schuch



*Figura 65 - Detalhes das esculturas tumulares no cemitério parisiense*  
Fotos: Márcia Schuch

Considero que a morte dos animais de estimação, e todas as vivências a ela relacionadas, pode ser apreendida a partir de diversos tipos de interlocução como a interação com agentes funerários, a visitação de espaços cemiteriais, a

realização de entrevistas gravadas com interlocutoras de pesquisa e a análise discursiva de homenagens online dispostas em cemitérios ou memoriais virtuais. Neste tópico, abordei experiências traumáticas de morte e luto através da perspectiva de um grupo de interlocutoras que colaborou compartilhando suas experiências pessoais acerca dos temas propostos. Entretanto, considero ser necessário problematizar como essas experiências de luto vem sendo percebidas e acolhidas pelas empresas e agentes do ramo funerário *pet*. Quais são as práticas de acolhimento que estão se consolidando neste mercado e como são os discursos que circulam sobre o luto *pet*? Esse é o tema do próximo tópico.

### **“No luto *pet* nós precisamos reforçar o óbvio”**

Ao desenvolver uma pesquisa a partir de consultas documentais, discussão de textos literários, buscas em arquivos especializados e análises de registros de tribunais, Damien Baldin (2014) se dedicou ao entendimento das implicações envolvidas na domesticação dos animais na França num período que vai do final do século XVIII e se estende até a década de 1950. De acordo com o autor, foi no século XIX que se consolidou a importância do papel dos animais domésticos para a sociedade francesa porque foi nessa época que começou a se estabelecer um corpo discursivo, que envolve tanto um apelo emocional quanto político, em torno dos animais. As discussões de seu livro estão pautadas em quatro eixos a saber: o crescimento dos vínculos entre humanos e animais domésticos; o aumento das iniciativas de supervisão da vida animal pelos humanos; a emergência de iniciativas de proteção aos animais; o surgimento de estratégias de exclusão e confinamento de animais considerados selvagens.

Baldin (2014) problematiza as mudanças socioestruturais do século XIX que possibilitaram uma convivência mais íntima entre humanos e animais domesticados, aumentando inclusive a população de animais de estimação tanto no contexto urbano quanto rural e favorecendo uma maior proximidade física e emocional entre pessoas e animais. O autor atenta para as diferenciações discursivas que começam a ser produzidas a partir de então, estabelecendo diferenças, por exemplo, entre animais de casa (mais vinculados a contextos de

ruralidade) e animais urbanos de convivência íntima (categoria que seria equivalente ao que chamamos de *pets* atualmente). Essas alterações na sensibilidade humana em relação aos animais domesticáveis desencadearam processos de dominação técnica e aprimoramento fisiológico dos bichos. Dessa maneira, os animais (com destaque para os cães e cavalos) passaram a ser submetidos, cada vez mais, a treinamentos de obediência para facilitar o convívio com os humanos. Tais treinamentos eram um desdobramento (ou consequência) do desenvolvimento científico da época que estava interessado em estudar, simultaneamente, as raças de animais e as raças humanas. De acordo com Baldin (2014), isso criava hierarquias animais que espelhavam as hierarquias sociais.

O autor destaca a Lei Grammont de 1850 como um exemplo das transformações na sensibilidade social da época, fazendo com que surgisse um debate sobre proteção dos animais em relação aos maus-tratos e à violência humana sem deixar de reconhecer a importância econômica dos animais para o desenvolvimento do capital. Foi no século XIX que também se intensificaram as políticas de controle dos animais nas cidades, afastando bichos considerados perigosos e inconvenientes, que muitas vezes eram enviados a matadouros, e criando regras de limpeza e cuidado para com os animais considerados inofensivos e passíveis de viver nos centros urbanos sob tutela de humanos. Isso implica dizer que o autor equipara a história dos processos de domesticação dos animais às grandes mudanças e revoluções sociais. Sua abordagem, que se distancia de uma perspectiva antropocêntrica, parte da premissa de que os animais são sujeitos culturais, possuem direitos próprios e contribuíram significativamente para operar mudanças relevantes nos modos de vida cultivados pela espécie humana. O autor busca mostrar que

a história dos animais não pode ser reduzida à história das ideias e que a domesticação é muito mais do que apenas exploração material. Para fazer isso, tivemos que encontrar os animais no contexto das principais mudanças que afetam as sociedades: a história dos animais de companhia não pode ser entendida sem a história da intimidade e do corpo, o nascimento da proteção animal sem a evolução da sensibilidade humana em relação ao sangue e à violência, e as libras sem as prisões. Os animais não são os únicos a serem treinados: crianças e soldados também são. Pessoas marginalizadas, como os cães, estão presas, e os cavalos não são os únicos a morrer no campo de batalha. Uma história que se concentrasse apenas na vida dos animais perderia a riqueza positiva de sua presença entre os humanos.

Também perderia de vista a extrema diversidade de status que os humanos atribuem a eles. Eles flutuam constantemente, não apenas com o tempo, as espécies e as raças, mas também de acordo com os grupos sociais que os domesticam: o cavalo pode ser amado e comido, o cachorro adorado e abatido. Essa diversidade positiva e a riqueza da domesticação provam que, na história, não existe um animal, mas sim animais. Muitas obras animalistas falam claramente desse animal, que tem mais a ver com especulação filosófica do que com objetividade histórica: os animais existem na história somente por meio do que os humanos pensam e fazem com eles. (Baldin, 2014, posição 4276, tradução minha)

O que pretendo destacar é que a historicização das implicações emocionais e políticas da domesticação animal – prática que avançou no sentido de posteriormente torná-los *pets* – nos possibilita perceber que o crescimento dos vínculos entre humanos e animais favorece o fortalecimento de laços emocionais, demandando também políticas de reconhecimento destes vínculos através de ritos funerários e da necessidade de legitimação do luto. Entretanto, ainda que a história da domesticação animal tenha um passado extenso, contando com um histórico de leis de proteção aos animais e atestando relações de longa duração que os humanos estabeleceram com espécies não humanas, o luto em favor dos *pets* é ainda estigmatizado. Esse fator de estigmatização do luto aparece nos depoimentos de minhas interlocutoras de pesquisa, surge no discurso das empresas vinculadas ao mercado *pet*, emerge como um elemento crítico na fala de consultores de *marketing* direcionados ao nicho *pet* e, por fim, se materializa nas atitudes de outros tantos interlocutores que adotaram posturas evasivas quando os abordei para conversarmos sobre luto.



Figura 66 - Print informativo sobre reconhecimento do luto I



Figura 67 - Print informativo sobre reconhecimento do luto II

No que se refere ao mercado *pet*, por exemplo, as empresas funerárias e os consultores de *marketing*, que estão ligados a este universo profissional, enfatizam a necessidade de consolidação de um mercado funerário *pet* que parte de reconhecimento pleno do luto. Isso deve se manifestar em atitudes respeitadas de acolhimento às pessoas enlutadas no processo de atendimento aos clientes que buscam estes serviços. No meu trabalho de campo pude

perceber essa preocupação em todas as etapas de interação que tive com meus interlocutores de pesquisa, neste caso, as empresas que integram esse nicho de atuação.

A Angelus Pet mantém nas redes sociais um perfil público em que costuma compartilhar informações sobre práticas funerárias voltadas para animais assim como mensagens de homenagens póstumas de humanos em relação aos seus *pets* (que serão discutidas ainda neste capítulo). Nas imagens acima, extraídas do perfil do Instagram empresarial da Angelus Pet, é possível depreender a produção de um conteúdo que é, ao mesmo tempo, informativo e serve como peça publicitária de divulgação e posicionamento da empresa no mundo digital. Afirmando que “o momento de luto deve ser compreendido, não criticado”, a empresa ratifica: “Acreditamos que toda vida merece respeito”. E, dessa maneira, produz um conteúdo destinado à circulação nas redes sociais onde enumera quatro frases desrespeitosas que jamais poderiam ser ditas a um tutor em luto.

A partir da constatação do luto não reconhecido nos discursos de meus interlocutores (empresas funerárias, agentes que trabalham nestas empresas e pessoas que me concederam depoimentos para a pesquisa), assim como através da identificação da presença dessa temática dos lutos interditos na bibliografia especializada, tive a iniciativa de empreender uma nova etapa de trabalho de campo que consistiu em mapear como esse assunto é tratado por pessoas que lidam com e produzem diretrizes para esse mercado funerário *pet*. No início de 2020, quando se intensificou a pandemia de coronavírus em escala mundial, cresceu nas redes sociais a necessidade de interações *online* por meio de eventos ao vivo. Dessa forma, passou-se a realizar shows musicais, palestras, bate-papos, peças de teatro, programas de entrevista, eventos educacionais e outros formatos possíveis de atividades de entretenimento, educação ou arte feitas no formato de *lives*<sup>68</sup>. O setor empresarial não ficou de fora dessa tendência, que repercutiu, inclusive, no ramo funerário. Foi neste

---

<sup>68</sup> Em 2020, ainda no auge da pandemia de covid-19, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), lançou um *e-book* no qual pesquisadores brasileiros da área refletiam sobre questões políticas e socioantropológicas suscitadas pelo contexto pandêmico de então. Dessa forma, a temática das *lives*, especialmente relacionadas ao setor musical, foi abordada pelo antropólogo Rafael da Silva Noleto (2020), cujo texto discute as desigualdades no mercado da música, que se tornaram ainda mais visíveis no contexto de realização de *lives* por artistas brasileiros de diversos nichos musicais.

contexto que compreendi que meu trabalho de campo também deveria abranger este tipo de evento *online*, atentando para as atividades de formação e trocas de ideias neste mercado específico.

Então, desde 2020, passei a acompanhar mais de perto inúmeras entrevistas e palestras *online* de agentes do setor funerário e profissionais que prestam assessoria ao mercado funerário *pet*. E, mesmo após a pandemia, continuei acompanhando esses eventos online como parte do meu trabalho de campo. Foi assim que cheguei, em 2024, até uma *live* promovida pela Associação dos Cemitérios e Crematórios do Brasil (ACEMBRA) e Sindicato dos Cemitérios e Crematórios Particulares do Brasil (SINCEP), conduzida pelo consultor empresarial César Pancinha e que teve Kênia Camargo como convidada especial. Dentre todas *lives* que acompanhei neste período entre 2020 e 2024, tomarei este evento em específico como exemplar das principais questões que pretendo abordar neste tópico, pois a convidada sintetiza com muita clareza pontos importantes que dizem respeito às noções de luto, acolhimento, atendimento ao público e qualificação do setor funerário que interessam particularmente à minha pesquisa<sup>69</sup>.

Iniciando a *live*, o apresentador anunciou a convidada da seguinte forma: “A Kênia é tanatóloga, tem uma atividade bacana, é especialista em luto pet e é consultora, que há mais de 10 anos vive com o propósito de acolher as famílias que perdem os seus pets. É... isso aí tá cada vez mais presente nas nossas vidas e aqui tá o [mais] importante: é a empatia, o afeto, o amor”. A primeira pergunta dirigida à convidada dizia respeito ao início de sua trajetória como tanatóloga e ao seu consequente envolvimento com o mercado funerário *pet*. Kenia elaborou sua história da seguinte forma:

– Quando eu era criança, a gente sempre viveu com animais, tá? E aí a gente teve um cão-pastor, que foi ele o idealizador todo desse projeto na mente do meu pai e depois passou realmente a ter uma referência para mim. Nós perdemos esse cão-pastor, que chamava Max, a gente morava no Rio de Janeiro, eu tinha 9, 10 anos, e meu pai simulou esse sepultamento num sítio de um amigo porque tinha procurado ainda naquelas listas telefônicas, né? A lista amarela, conhecida antigamente, e não encontrou nenhum estabelecimento [funerário voltado para *pets*]. E aí nada de achar empresa, nada de encontrar alguém que pudesse fazer esse trabalho para a gente. E aí simulamos,

---

<sup>69</sup> Intitulada “Luto pet no setor funerário”, a *live* está disponível no link: <https://www.instagram.com/reel/C36EoWIOJfX/?igsh=MTM5OWU5Zm90eXU2Mw%3D%3D>

porque somos quatro irmãos, e naquela época a gente queria entender o que eu ia fazer com o corpo do Max e todo mundo muito desesperado, chorando. Foi meu primeiro contato com luto, com entender perda, quebra de vínculo. E, ao longo do tempo, dos anos, eu fui entendendo melhor sobre perdas, perdi meus avós maternos, paternos, e sempre tive facilidade de lidar com essas questões, ok? Aí, eu fui para os Estados Unidos, residi lá um período de dez anos, busquei conhecimento em algumas outras áreas, mas me deparava sempre com essa questão de luto, né? E aí o meu cunhado, ele cremou o gatinho dele, meu cunhado que é americano [estadunidense], cremou o gatinho dele. Foi ali que eu fui entender, lá nos Estados Unidos. Lá nos Estados Unidos! Ele cremou o gatinho dele e eu falei: meu Deus, existe isso?

– E já era uma coisa comum lá? Já era comum isso lá, quando tu estivesse lá?

– Muito comum nos Estados Unidos, para quem não sabe, o terceiro cemitério *pet* crematório desenvolvido foi lá, o terceiro do mundo, né? Então, assim, é muito desenvolvida essa questão, o relacionamento dos animais com o americano. E aí, quando chegou as cinzas do gatinho dele [cunhado], eu fiquei curiosa para ver, para entender, e comecei a estudar sobre o assunto e vi que lá [nos EUA] tinha muito isso. Meu pai já estava paralelamente nesse período desenvolvendo algo aqui [no Brasil], que ele cismou que ele ia ser dono de um cemitério para animais. A ideia é inovadora. Esse cemitério hoje tem 27 anos. E quando eu voltei dos Estados Unidos, depois de um tempinho, eu assumi a direção ali [do cemitério]. E aí eu me apaixonei por isso. Eu falei: eu quero trabalhar com isso, eu quero viver com isso e eu quero fazer mais coisas. Mas aí que vem a situação que eu vivenciei. Empresa familiar, situações diferentes e eu me sentia muito mais em paz com isso. Eu comecei a fazer serviços para consertar [a empresa], trazer a empresa para o que eu acreditava que precisava melhorar. Porque, naquela época, quando eu assumi em 2014, meu pai só pensava em cremar e sepultar. Ele só pensava em acolher o corpinho do animal para prestar o serviço. Qual que é a missão dessa empresa, o objetivo dela, o propósito? O que é que eu realmente tenho que fazer para as pessoas que vão me procurar?" "Cremar e sepultar!" Ele pensava assim. Então, quando eu comecei a acolher pessoas, que eu olhava para as pessoas nos velórios, nas despedidas... Eu via aquele laço, que elas conversavam comigo, compartilhavam as histórias Eu falei: "Pera lá! Esse mercado precisa de mais [atenção]!" E aí eu ia para o Google procurar em inglês, procurar para saber se tinha outras coisas que a gente podia desenvolver aqui no Brasil, se eu teria suporte de fornecedores... Tudo que eu procurava, eu não encontrava. As urnas [cinerárias], elas foram surgir depois de muito tempo. Então, eu saí fazendo cursos, tudo voltado para alguma questão referente à luto E aí eu resolvi estudar tanatologia. Resolvi estudar tanatologia. [Pensou]: "Vou começar a estudar tanatologia para entender mais sobre a morte [além] do que essa facilidade [de entendimento] que eu tenho, que já é natural. Mas quero ver a teoria que eles têm para me mostrar". E aí eu estudei a tanatologia. O professor orientador me sugeriu fazer um artigo. Eu tenho um artigo, o único artigo até hoje sobre o luto *pet* na tanatologia é meu. E aí a gente foi estreitando laços. [...] Mas eu buscava, ainda busco, ainda busco cursos. Mas não encontro porque não tem nada específico no Brasil. Não tem.

O depoimento de Kênia Camargo é interessante por diversos motivos: revela o seu processo de luto por pets falecidos durante sua infância, traz a descoberta de um mercado profissional promissor encontrado nos Estados Unidos, recupera informações de sua trajetória de profissionalização dentro deste nicho de atuação profissional e, por fim, demonstra seu interesse acadêmico na temática. A ênfase que esta profissional dá ao seu processo de busca intelectual para o entendimento deste assunto possibilita que Kênia Camargo se posicione para além de ser uma administradora empresarial e consultora de negócios neste ramo, constituindo-se como uma autoridade, devidamente qualificada no mundo acadêmico, para atuar neste campo.

É importante ressaltar que sua busca por conhecimento na área favoreceu uma percepção de mercado altamente aguçada para identificar possíveis lacunas que as empresas funerárias *pet* podem ter nos seus processos de construção e posicionamento de marca (*branding*) assim como erros no que se refere ao atendimento e relacionamento com seus clientes. É este conjunto de fatores que melhor posiciona a sua atuação profissional como consultora, pois sua narrativa traça um arco de trajetória que se inicia com a morte de seu cachorro *Max*, a inexistência de empresas funerárias *pet* brasileiras na época deste óbito, a simulação do sepultamento de *Max* por seu pai, a migração temporária de Kênia para os EUA, a experiência de cremação de um gato neste país estrangeiro, o retorno de Kênia para o Brasil, o envolvimento com a empresa funerária do pai, a reformulação desta empresa para se adequar a outros parâmetros de acolhimento dos tutores enlutados e, finalmente, o investimento em estudos de tanatologia.

A tônica dos ensinamentos compartilhados por Kênia Camargo está concentrada na ideia de acolhimento, tido como elemento fundamental na determinação do sucesso de uma empresa que atuará no mercado funerário *pet*. Neste sentido, a consultora é enfática ao dizer que “não adianta a gente ter o empreendimento, ter o capital, o investimento, se na hora de acolher e saber realmente como comunicar com essa família multiespécie, isso não acontece. O resultado [de sucesso da empresa] não vem”. Em geral, seu processo de consultoria para empreendedores do ramo se volta a um trabalho de sensibilização dos profissionais do setor para que reconheçam plenamente o luto dos tutores que procuram seus serviços. Sem reconhecimento deste luto não há

possibilidade de existir acolhimento. Quando perguntada sobre como funciona o seu trabalho, como utiliza seus conhecimentos em tanatologia ou qual seria a principal diretriz que conduz a sua atuação profissional, Kênia responde assim:

Eu pego o que eu aprendo para o humano e vejo o que eu posso adaptar para nós, que somos tutores de *pets*. Eu transfiro com todo o acolhimento que eu já aprendi, que eu consigo transformar. E aí eu vou fazendo um acolhimento diferenciado, que é meu. Que é uma coisa que está em mim, mas que a teoria [da tanatologia] não me trouxe. Ela me traz ainda conhecimento sobre o humano. Mas que também não está errado porque eu também preciso entender o humano. E as questões dele [humano] nessa parte, para mim [sic], acolher e transferir com mais sensibilidade [para] as questões do *pet*. É isso que eu faço. Então, eu não tenho o material que eu lanço ali. O conteúdo que eu lanço no Instagram é tudo meu, é tudo edição minha. Eu leio alguma coisa e penso como seria para acolher alguém.

Embora ressalte sua formação na área, a consultora também destaca qualidades que lhes são intrínsecas como, por exemplo, a sensibilidade que possui para o reconhecimento e acolhimento das emoções das pessoas enlutadas. Isso é mobilizado como uma característica própria, inata, que tem papel fundamental na elaboração dos conteúdos que veicula em suas redes sociais e utiliza como mote para gerar pontos de discussão com empreendedores em suas atividades como consultora. São estas características que possibilitam que ela produza um material inteiramente autoral, com conteúdo original que emerge de conexão de longa duração com a temática. E, dessa forma, esse processo a faz refletir e confrontar a teoria no campo da tanatologia na medida em que reconhece que esse campo teórico tem limitações no fornecimento de subsídios teóricos para lidar com o mercado funerário *pet*. Sendo assim, há sempre a necessidade de realizar adaptações no conhecimento que extrai do campo teórico relacionado aos humanos para tratar dos animais de estimação.

O principal problema identificado por Kênia Camargo nas empresas para as quais presta consultoria está relacionado à forma de se comunicar com a clientela.

eu fico buscando entender, primeiramente, a comunicação, nas redes sociais, que as empresas têm usado para com os tutores. Porque, na verdade, o que eu tenho visto são muitas empresas colocando conteúdo, jogando conteúdo ali na rede social para manter a rede social ativa. Mas elas estão esquecendo, em algum momento, que elas

estão comunicando com os tutores. Então, tem alguns vocabulários que estão ficando insensibilizados. Tem algumas maneiras [de se comunicar] que estão sendo usadas de forma incorreta. E que esse resultado, que é ter esse relacionamento com o cliente, que vai trazer o foco de ter esse cliente com você, ele [o resultado] não está sendo bem executado, na minha opinião. Então, às vezes, eu fico ali [nas redes sociais]. Eu tenho, inclusive, chamado alguns [empreendedores] no direct, dando um toquinho: “Lá vai um insight meu aí”... Hoje mesmo eu fiz, outro dia eu fiz com outro... Porque eu me sinto incomodada. Eu me sinto incomodada como tutora, mãe de *pet*. E eu me sinto incomodada por tudo que eu já escutei das histórias. E tudo que eu ainda escuto. Porque o meu papel principal mesmo, junto com ser consultora, é ser a porta-voz desses tutores. Eu tenho uma ponte direta com eles aqui. E eles confiam no que eu faço, no meu trabalho, no meu acolhimento. Então, nada mais justo do que fazer essas empresas ajustarem as rotas. Não adianta ficar jogando *post* ali achando que está escolhendo a melhor foto, que está bonitinho. Mas chega uma hora que tem um texto totalmente invasivo, que não corresponde a essa sensibilidade. E aí, não existe humanização e cuidado com esse acolhimento. Quando eu entrei mesmo para trabalhar com acolhimento, eu vi aquela necessidade de cuidar de quem ia embora. O meu maior medo era como esse tutor vai fazer quando ele chegar em casa. E aquela rotina, por exemplo, de colocar comida para o cachorrinho, para o gatinho, [colocar] a água... [A rotina] está instalada nele [tutor]. Criou-se não só um laço, um vínculo. Mas é uma rotina pré-fixada ali para a pessoa. Então, a minha preocupação era saber como ela ia chegar em casa e parar com essa rotina de imediato. Então, eu desenvolvi o *ImCura Luto Pet* com o foco de cuidar desse tutor que precisava conversar. Até mesmo porque os tutores não têm com quem conversar. Tem, às vezes, o marido, a esposa, que às vezes são realmente pais de *pets*. E vivem aquele momento de luto, sim. Mas tem, às vezes, a esposa que é e o marido que não é tanto [pai/mãe de *pet*]. Ele [marido] tem sentimento, ele sofre, sim. Mas ela não tem como ficar chorando. E ele vai escutar e achar que tudo bem. Porque as pessoas não entendem que é um luto não reconhecido. E que é vivenciado hoje. Mas não tem reconhecimento.

Nestes trechos de sua fala, a ênfase na atenção ao acolhimento se volta para os processos de comunicação das empresas do ramo com seus clientes. De acordo com o que é possível analisar das recomendações da consultora, essa comunicação não pode ser esvaziada de sentido, não pode ter como único objetivo manter ativos os perfis destas empresas nas redes sociais, mas sim demonstrar sensibilidade no tratamento do luto, reafirmando o posicionamento da empresa como um empreendimento confiável. Necessita-se atentar ao vocabulário usado nos conteúdos produzidos para as redes sociais, consciente de que há uma gramática afetiva que está diretamente relacionada ao campo emocional de tutores, que são especialmente sensíveis a qualquer tipo de percepção de inadequação de linguagem. E, dessa forma, Kênia se coloca como mãe de *pet*, constituindo-se como uma porta-voz do público-alvo pretendido por este nicho de mercado e, ao mesmo tempo, ocupando posições diversas que a

colocam em lugar empático em relação aos diferentes sujeitos que circulam neste universo: empresária, consultora, tanatóloga, pesquisadora, mas, acima de tudo, mãe de *pet*.

É com este grau de inserção neste contexto mercadológico que Kênia Camargo propõe a criação *ImCura Luto Pet*, uma empresa que oferece serviços de acolhimento a tutores enlutados. Além disso, a tanatóloga fornece uma consultoria e mentoria intitulada “*Pet Death Care*” voltada para empresas do ramo funerário *pet*. Durante a live, perguntou-se a Kênia como funciona o trabalho realizado pelo *ImCura Luto Pet* e quando, em geral, os tutores costumam procurar os serviços que a empresa oferece: antes, durante ou depois da morte dos *pets*? Kênia respondeu que os tutores a procuram em diversas situações desde antes do falecimento do animal até depois que o luto se consuma plenamente com a efetivação do óbito. A consultora inicia sua resposta explicando o que é o luto antecipatório<sup>70</sup>:

[Tem] O luto antecipatório, tipo, meu cachorro está doente e eu estou achando que vai morrer. Já começam a me chamar, querer conversar, ver como que faz... [Querem] uma palavra de conforto. E a gente começa o acolhimento. Tem os tutores também que o pet faleceu e a gente tem um processo, uma jornada, eu chamo de processo do equilíbrio. Para a gente chegar no equilíbrio, para você conseguir caminhar tranquilamente e entender que aquilo aconteceu. E que não tem como mais resolver. Mas a gente precisa ter um equilíbrio para viver bem com as rotinas padronizadas. Que a gente não para a vida após uma perda. Então, eu trabalho essa jornada do equilíbrio com eles. E tem também aqueles que ainda não passaram por isso, que têm interesse pelo assunto. Muitos profissionais de psicologia me procuram, muitos querem aprender como atender, como acolher, como conversar com o tutor. E, recentemente, eu tenho no meu Instagram do *ImCura* muitas empresas, crematórios, que estão me procurando. Às vezes ficam ali acompanhando o meu conteúdo para replicar o que eu estou falando ou o que eu estou escrevendo. Porque eles estão sentindo como eu trabalho sensibilizado, com vocabulário etc. Nesse [projeto] *ImCura* está sendo isso. Só que eu vi a necessidade de ter um outro projeto voltado para mentoria e consultoria, pegando todas as minhas informações de acolhimento direto com os tutores para levar para os empresários, para as empresas, crematórios, cemitérios e funerárias. Como realmente acolher uma família enlutada por *pet*. Por isso tem o *Pet Insight Business*. E, nesse momento, eu sinto a necessidade dessa palavra “*insight*”, ideia, sugestão. Isso está em mim. Eu gosto de compartilhar. Então, nesse momento, eu compartilho alguns insights gratuitos, sem ter nenhum retorno financeiro, para essas empresas se antenarem: “Oh, tem alguma coisa errada aí”.

<sup>70</sup> A partir das pesquisas que fiz na bibliografia especializada, traduzi esta categoria de enlutamento como “luto antecipado”, porém compreendo que a categoria pode também ser nomeada como “luto antecipatório”. Ambas as formas de designação fazem referência a uma expectativa de morte que antecede o óbito concreto dos animais de estimação.

Dentre os serviços de acolhimento oferecidos pela consultoria da empresa de Kênia Camargo estão a venda de um e-book intitulado “Luto Pet: legado do amor incondicional”; a consultoria e mentoria “*Pet Death Care*” para empresas do setor funerário pet; e, por fim, o “Memorial da Saudade Pet”, uma proposta de escrita terapêutica que estimula os tutores a registrarem as memórias de seus *pets* num diário digital, expressando o seu luto e, de alguma maneira, honrando a experiência de vida que tiveram ao lado daquele animal de estimação. Analisando estas iniciativas empreendedoras, o que se pode depreender é que há uma forte percepção de expansão de um mercado *pet* alinhado ao campo emocional das pessoas, possibilitando aos empreendedores deste nicho vislumbrarem possibilidades promissoras de investimento em serviços cada vez mais exclusivos, especializados e sofisticados. Sobre a questão das emoções envolvidas no ato de acolher e ser acolhido no luto, Kênia teceu importantes considerações acerca da relevância que a validação de lutos não reconhecidos tem no desencadeamento de um processo de cura dos tutores enlutados.

Eu busquei na teoria do luto humano para tratar com o [luto] *pet*. Para tratar, mas [busquei] já sabendo porque [este entendimento] está internalizado em mim. Eu já tinha escutado milhões de histórias, mas no luto *pet* nós precisamos reforçar, falar o óbvio para a sociedade. Que [o luto *pet*] é realmente como um [luto] humano, os sentimentos, o que eu vou sentir, como eu vou reagir, o meu dia depois do sepultamento, da cremação... Cada reação é diferente. O luto é singular, no luto *pet* nós estamos tendo que falar o óbvio. No luto humano, já se sabe que é assim, quais são as reações, que é assim que a gente vai reagir, que é assim que o luto é. Então, todo luto não reconhecido ele precisa ser enfatizado a todo momento. E, até mesmo para o tutor de *pet*, agora, eu quero falar uma coisa importante. Porque o tutor de *pet* ele fica em dúvida se ele está em luto, se ele está sofrendo. Ele perdeu o cachorro dele, ele começa a chorar, a não conseguir comer, não fazer as coisas de rotina normal. E aí, eles entram em contato comigo e falam: “Eu não sei o que está acontecendo comigo, o meu cachorro morreu e, depois disso, eu estou assim”. Aí, eu complemento: “Por isso você está assim”. Então, eles buscam validação, eles não entendem nem que é um processo de luto porque não são validados. E onde as empresas hoje podem fortalecer esse vínculo para trazer mais relacionamento com os tutores? [...] Primeiro, a gente precisa mostrar para eles que tem um laço [entre empresa e cliente], que eles [tutores] são bem aceitos ali na sua empresa. Se não tiver relacionamento, não tem acolhimento. Enquanto vocês não começarem a fazer encontros realmente para mães e pais de *pets*, para esse público, não tem acolhimento humanizado ainda.

A partir de uma análise que considera o depoimento acima deixa evidente que o não reconhecimento do luto *pet* é uma ferida social que precisa ser curada através de mecanismos de sensibilização das concepções de mundo que circulam nas sociedades ocidentais. Se, por um lado, há um crescimento expressivo do mercado consumidor *pet*, alavancado pelo estreitamento de vínculos que os humanos empreenderam com os animais de estimação, por outro lado, a não legitimação do luto por *pets* falecidos ainda vigora de forma patente. Isso é consequência da persistência ontológica iluminista e ocidental que separa natureza e cultura, colocando a humanidade como o centro propulsor de um planeta que é explorado por ela. Nesta lógica, os animais, ainda que domésticos ou até mesmo aqueles elevados à categoria íntima de *pet*, são seres inferiores, vidas menos importantes, logo, não passíveis de merecimento de um luto severo. A interdição do luto é tão eficaz, em seus mecanismos de deslegitimação discursiva, que é capaz de inculcar dúvidas aos tutores quanto a qualidade e o caráter de seus sentimentos, afastando-lhes da autoclassificação de sua condição de enlutamento. A partir de uma percepção do quão valioso é, para estes tutores, o reconhecimento de um luto que lhe é interdito, o mercado funerário *pet* deve estar atento às possibilidades de inovação neste setor do luto para, numa abordagem sensível, mas também mercadológica, atender a uma demanda social que cresce na contemporaneidade.

Para concluir este tópico, quero chamar a atenção para um ponto que está relacionado à experiência etnográfica discutida no Capítulo III desta tese: a participação de empresas funerárias *pet* em eventos de negócio, feiras de economia criativa ou mesmo a atuação destas empresas na promoção de eventos realizados por iniciativa própria no intuito de divulgar seus serviços e posicionar sua marca. Este aspecto foi levantado por Kênia Camargo ao elogiar, durante a *live*, o trabalho de um empresário deste setor. De acordo com suas palavras,

Ele [empresário] já faz um trabalho muito lindo de presença no mercado *pet*: que é participar de feiras, que é participar de eventos que vão levar as pessoas a entenderem e até visualizarem que existe esse tipo de mercado. O tutor de *pet* ele não sabe, quando o animal falece, ele não sabe exatamente [a] quem procurar. Ele procura o Google pra procurar alguém. Então, a gente precisa estar mostrando esse posicionamento mais na nossa sociedade. E nas cidades, principalmente pequenas, onde o concorrente, o maior concorrente

hoje do mercado são as fazendas, são os sítios, são os quintais, é o aterro, é a incineração e não a dificuldade entre chegar até os tutores realmente que querem fazer esse encerramento de ciclo de vida dignamente. Então, é um trabalho a ser construído, mas é demorado. [...] é uma cultura dentro da sua empresa. É você se posicionar no mercado, se fazer presente nos momentos vivos da família. Eu não quero só aparecer naquele momento que tem a despedida [do *pet* falecido], eu preciso aparecer antes. Outro dia, tinha uma [aluna] mentorada minha, de São Luís do Maranhão. Ela [aluna] ofereceu um evento de “*Cãominhada de carnaval*”. Inclusive, de carnaval! O crematório dela que patrocinou tudo, que desenvolveu tudo. Então, a marca dela foi ali crescendo. Um crematório cuida de momentos alegres da família. É isso que a gente tem que levar, essa mensagem. E quando a gente leva essa mensagem, não tem nada que faça ser diferente: o retorno [de clientes] vem.

O posicionamento de marca, neste caso, consiste em construir autoridade local no assunto, fazer-se presente, mostrar que o serviço existe e está disponível, tornar-se visível como uma empresa que está aliada a uma ampla gama de empreendimentos confiáveis dentro de um mercado local. Neste ponto reside a importância de participação em eventos de grande impacto positivo no público de interesse às empresas funerárias *pet*, associando-se positivamente com momentos de lazer e vinculando-se a outras empresas, de diversos ramos de atuação, que já são bem aceitas pelo público consumidor local. É interessante perceber que estas ações promocionais estão nomeadamente no foco das consultorias deste mercado funerário *pet*, tendo aparecido, na prática, nas ações desenvolvidas por empreendedores de Pelotas que tive oportunidade de acompanhar no meu trabalho de campo. Inclusive, a estratégia de realizar uma caminhada *pet* é uma iniciativa que é vista, neste ramo de consultoria, como altamente recomendada, pois fortalece a marca e reforça os vínculos com a clientela.

Contudo, há ainda uma parte deste complexo mercado *pet* que precisa de aperfeiçoamentos no que tange o atendimento de tutores que passam pela experiência traumática da morte de um animal: os médicos veterinários. Meu trabalho de campo, que contempla as experiências de minhas interlocutoras e ainda traz uma dimensão autoetnográfica sobre a morte de meu cachorro, coaduna aquilo que aparece na bibliografia especializada nas questões de luto *pet*: a aparente insensibilidade de alguns veterinários diante das vivências de morte pelas quais passam os tutores, a falta de manejo do luto na clínica veterinária. Entretanto, é necessário relativizar essa questão e contextualizá-la

no âmbito de pesquisas mais recentes que atestam a crescente preocupação do campo veterinário com a formação de novos profissionais mais preparados para lidar com a temática da morte de pacientes *pets*.

Para citar alguns exemplos, a tese de Samantha Gaspar (2018) aborda, dentre outros assuntos, o aumento da atenção do campo veterinário aos aspectos psicológicos que estão implicados nas atividades cotidianas destes profissionais quando, por exemplo, têm que lidar com situações de eutanásia ou com a comunicação, direcionada aos tutores, das notícias de morte de seus *pets*. Patrícia Deponti *et al.* (2023) publicaram artigo no qual discutem as afetações na saúde mental de médicos veterinários que, constantemente, realizam eutanásia em seus pacientes e, por causa disso, são atingidos por sentimentos de estresse, sintomas de depressão e até pensamentos suicidas. Neste estudo, é possível perceber uma preocupação da classe veterinária com a possibilidade de obter ou fornecer uma formação mais sensível nos cursos superiores desta área, que ofereça disciplinas que tratem de questões de saúde mental, bem como oferecer suporte emocional para os profissionais do ramo.

Dessa forma, gostaria ainda de sublinhar uma nova geração de profissionais da Medicina Veterinária que têm desenvolvido pesquisas bem recentes e promissoras, produzindo TCCs (o que pode indicar uma nova geração no início de suas carreiras acadêmicas) e Dissertações (o que pode sinalizar uma continuidade no desenvolvimento desse tipo de debate) sobre o tema. Dora Alice Hipólito (2023), por exemplo, aborda o luto vivenciado por residentes de veterinária após a morte de pacientes. Dentre os sentimentos mais frequentemente relatados por seus interlocutores de pesquisa, constam a tristeza, a sensação de culpa e a frustração. Assim, a autora defende que a formação em medicina veterinária seja mais abrangente, expandindo-se aos aspectos emocionais da vida profissional.

A pesquisa de Maria Jankovitz (2023) segue na mesma direção, discutindo os impactos psicológicos do luto sobre os profissionais da veterinária, problematizando o luto não legitimado (quando em favor de animais de estimação) e reivindicando maior suporte psicológico aos médicos veterinários em seus ambientes de trabalho. A pesquisa de Letícia Vitorino (2021) demonstra a importância de uma comunicação empática dos veterinários para com os tutores em situações de notificação de falecimento. A autora faz algumas

recomendações específicas: ter cuidado ao comunicar a morte de um pet (preparando, inclusive, um ambiente para isso); respeitar e interagir com as emoções dos tutores; permitir que os tutores vejam o corpo do animal; e ter preparo para lidar com emoções fortes como a raiva (que pode ser manifestada por esses tutores). Maria Araújo (2023) reflete sobre o crescente vínculo emocional entre humanos e *pets* que tem como consequências reações emocionais cada vez mais intensas e, às vezes, enérgicas por parte dos tutores quando são comunicados da morte de um animal. Para isso, a autora se dedicou a investigar sobre o impacto da comunicação adequada entre veterinário e tutor na conformação do luto deste último.

Por todos estes motivos, gostaria de sinalizar que se, para muitos tutores e para boa parte da bibliografia especializada, alguns médicos veterinários demonstraram insensibilidade ao tratarem da morte de animais de estimação, essa experiência não pode ser, de nenhuma forma, generalizada. A bibliografia mais recente aponta em direção contrária, demonstrando que o campo veterinário tem estado cada vez mais atento a essa questão, desenvolvendo pesquisas sobre o tema, debatendo o assunto em seus círculos internos e repensando a própria formação que é oferecida na área. Sem contar que esta mesma bibliografia ainda demonstra que os médicos veterinários são altamente afetados emocionalmente pelas situações de morte com as quais têm que lidar.

Apesar dessa necessária relativização, é interessante notar como essa percepção de certa insensibilidade veterinária ainda é persistente e faz parte dos relatos de experiência de muitos tutores. Esse tema é também debatido por agentes que atuam na conformação deste nicho de mercado. No que tange a minha pesquisa e a análise que tenho feito da *live* em que a tanatóloga Kênia Camargo falou sobre luto *pet*, devo dizer que esta profissional, ao projetar seus próximos passos de atuação no setor no sentido de educar as sensibilidades de agentes deste mercado, revelou:

Eu tenho uma luta grande para passar conhecimento para profissionais de medicina veterinária. Ainda não consegui muito acesso. Faço treinamento em algumas clínicas, treinamentos presenciais. Para ensinar mesmo como acolher, como falar. Porque não sabem dar más notícias. Não sabem como, inclusive, manejar o corpinho do animal ali dentro para entregar para o tutor, armazenar, que é difícil também. Todos nós [tutores] passamos por dificuldades no Brasil todo quanto a

isso [a falta de preparo das clínicas para lidar com o corpo morto]. Mas ainda não tem outros setores investindo nisso não.

A partir deste depoimento, é possível depreender que as ações de acolhimento de enlutados no setor *pet* devem ser compreendidas de maneira holística, abrangendo desde o médico veterinário – que, na maioria dos casos, é o primeiro profissional que tem contato com a morte do animal – até os inúmeros agentes do setor funerário como, por exemplo, empresas do ramo funerário *pet*; supervisores de venda de planos funerários ou cinerários; profissionais que lidam com manejo e traslado dos corpos falecidos; cerimonialistas que tratam diretamente dos ritos de despedida; *designers* que elaboram *cards* de divulgação de homenagens póstumas para compartilhamento *online* (que se transformam em peças publicitárias para as empresas do ramo nas redes sociais); e, finalmente, consultores do setor que precisam mapear mudanças de ordem cultural nas sensibilidades socialmente compartilhadas pelos tutores em relação à temática do luto *pet*. Com isso em mente, passo, então, ao próximo tópico deste capítulo, que trata de dois temas recorrentes no meu campo: primeiro, memoriais e cemitérios para expressão de sentimentos de luto online e, em segundo lugar, a morte de animais célebres no mundo contemporâneo.

### **Cemitérios online, memórias na rede e mortes célebres**

Nadia Veyrié (2018) publicou um artigo intitulado "Cemitérios virtuais para animais de companhia: vestígios de um luto?"<sup>71</sup> no qual problematiza uma temática contemporânea de alta relevância para minha pesquisa: a cultura de criar homenagens póstumas *online* para animais de estimação falecidos em memoriais (ou cemitérios virtuais) disponíveis na internet. A autora se dedica a analisar as funções desempenhadas, na era digital em que nos encontramos, por esses espaços virtuais de memória no que tange à elaboração do luto por parte de tutores que perderam seus *pets*. Veyrié pretende compreender as formas através das quais esses cemitérios ou memoriais virtuais nos permitem perceber importantes transformações socioculturais que dizem respeito às

---

<sup>71</sup> Livre tradução minha a partir do título original em francês.

temáticas da morte e do luto, destacando o atual contexto de massiva digitalização das interações sociais. Seu artigo começa por contextualizar a crescente presença (e relevância) dos *pets* na sociedade ocidental moderna. E, dessa forma, Veyrié (2018) cuida de enfatizar o aumento populacional de grandes proporções no número de animais de estimação nos centros urbanos e o consequente estreitamento de vínculos emocionais entre humanos e *pets* no âmbito da sociedade francesa. A autora demonstra, através da historicização destas relações entre tutores e animais, o desenvolvimento aprofundado das ligações emocionais interespécies, possibilitando a emergência de famílias consideradas multiespécies. Tais vínculos serão necessariamente expressados nas formas como as pessoas encaram a morte de seus animais de estimação, procurando maneiras de elaborar o luto em espaços específicos destinados à expressão dos sentimentos e à honra das memórias dos *pets* falecidos.

Com pesquisa desenvolvida na França, a autora argumenta que

apesar da lei que regula a inumação dos animais e a eventual utilização de um cemitério, o destino dos seus restos mortais é menos sujeito aos mesmos cuidados que o do cadáver humano. De fato, com a morte dos seres humanos, não se pode prever o caos social. Não existe o risco de os cadáveres serem abandonados. Tal seria um sinal de guerra e/ou de extermínio de seres humanos, não deixando lugar ao respeito e à contemplação num espaço consagrado ao ritual e ao luto. A implementação por lei dos cuidados com o cadáver e os ritos funerários constituem a humanidade. No caso dos animais, esse cuidado é diferente, mais discreto e raro. É preciso dizer que os cemitérios para animais de companhia não são muitos. Existem atualmente cerca de vinte na França, geridos por associações, particulares ou coletividades locais. Além disso, embora estes cemitérios tenham sido defendidos no passado, não parece haver muito entusiasmo por eles atualmente. O que é paradoxal, tendo em conta o número crescente de animais de estimação. [...] Por esta razão, pretendemos estudar a possibilidade de contemplação e expressão das pessoas que possuem animais de estimação à luz da lei e de vidas urbanas que nem sempre lhes permitem possuir um jazigo privado. O cemitério virtual, embora não retire aos donos a possibilidade de escolherem o que fazer com o corpo dos seus animais de estimação (cremação, enterro, dispersão ou inumação das cinzas), é mais facilmente acessível. O lugar do virtual na nossa sociedade reflete uma nova relação com a vida e a morte. Os vestígios já não são físicos, mas estão também presentes no espaço virtual. Queremos compreender esta evolução tecnológica para questionar a própria essência destes novos traços virtuais (VEYRIÉ, 2018: p. 03-04, livre tradução minha).

O artigo de Veyrié (2018) nos mostra como os cemitérios virtuais, blogs e redes sociais emergem na condição de plataformas de expressão da dor pela perda de animais de estimação. Estes espaços virtuais configuram-se como uma

alternativa de fácil acesso (no sentido de custo do produto e de facilidade de acessar as plataformas) que desempenha função semelhante aos cemitérios físicos, embora não consiga substituí-los por completo. Isso permite que tutores os compartilhem lembranças e elaborem seu luto de uma maneira que é, simultaneamente, pública, coletiva e íntima. Na perspectiva adotada por Veyrié (2018), esta prática de cultivo de cemitérios ou memoriais *online* está relacionada a um perfil de sociedade de consumo típico da era digital, que oferece aos usuários um espaço de memória único, íntimo e de acesso simples para que humanos lidem melhor com a morte de seus animais.

Filiada a uma teoria antropológica da morte, Veyrié observa como a morte, o morrer, o luto e a produção de memórias são incorporados pelo mundo digital nas práticas discursivas de tutores que transitam por este universo empírico. Dialogando com Louis-Vincent Thomas (1983), Veyrié (2018) argumenta que as marcas digitais das memórias compartilhadas *online* são elementos testemunhais que atestam a importância dos animais falecidos. Esses “rastros” deixados nas redes sociais, blogs ou outras plataformas *online* ajudam, de acordo com a autora, não somente a preservar a memória dos *pets*, mas também a enfrentar a dor pela perda de maneira menos individualizada.

A exemplo de outros autores que lidam com esta temática cemiterial, Veyrié retoma brevemente a história dos cemitérios voltados para animais. Inevitavelmente, menciona o cemitério parisiense *Asnières-sur-Seine* como um marco decisivo na história dos ritos funerários destinados aos *pets* desde 1899. Assim, Veyrié tece comparações entre cemitérios físicos e espaços virtuais de construção de memórias. Sua análise incide nos discursos que circulam nesses cemitérios virtuais no intuito de identificar questões que aparecem com maior frequência como, por exemplo, a possibilidade de existência de um lugar espiritual para onde irão os *pets* após a morte, o choque emocional pelo falecimento destes animais e, por fim, a própria formação de comunidades virtuais de apoio aos tutores enlutados. Veyrié (2018) defende que os cemitérios virtuais conformam uma mudança cultural nas maneiras de lidar com a morte e o luto. Esses espaços de memória oferecem uma possibilidade de que a morte de animais de estimação seja reconhecida, compartilhada e legitimada no contexto de sociedades onde os vínculos com os animais e a expressão das emoções relacionadas a isso são cada vez mais profundos. Veyrié defende o

argumento de que essa prática de produção de memórias digitais, quando analisadas em seu teor coletivo, pode trazer significativo alívio emocional aos tutores enlutados, legitimando as suas dores pelo reconhecimento pleno e público do luto em comunidades *online* de apoio emocional. A autora finaliza seu artigo dizendo que

este estudo sobre cemitérios virtuais para animais mostra que o luto se expressa hoje além de um espaço físico de recolhimento, por meio de uma tela. As pessoas expressam sua subjetividade, suas experiências, seu luto mais íntimo na Internet, muitas vezes à vista de todos, como se houvesse uma necessidade de aproximação e compartilhamento emocional. Isso não é diferente dos cemitérios virtuais para humanos, mas não seria também uma manifestação de um desejo de que a morte na segunda pessoa – o "você está morto" que provoca o luto (Jankélévitch, 1966: 27) – integre o lugar singular dos animais? (VEYRIÉ, 2018: p.11, livre tradução minha)

É válido considerar que, a partir da pesquisa de Veyrié, sugiro que os cemitérios virtuais podem cumprir uma missão importante de reiteração de vínculos entre tutores e *pets* que podem ter vivenciado alguns tipos de morte mais específicos: *pets* que morreram em acidentes graves onde não é possível recuperar o corpo para enterro ou cremação; *pets* que, mesmo aptos ao recolhimento do corpo acidentado, não apresentam condições para que este corpo seja levado de forma integral à empresa funerária; *pets* que foram comidos por outros animais selvagens em contextos de zona rural; pessoas que não possuem condições financeiras de contratar serviços funerários para *pets* e optam por descartar ou incinerar o corpo etc. Elaborei estes exemplos como forma de ilustrar que, nos caso acima elencados, não há possibilidade de ter um corpo para sepultar ou cremar ou, em último caso, não há como recuperar as cinzas de um *pet* que foi encaminhado para incineração. Dessa maneira, os cemitérios e memoriais virtuais podem ser uma alternativa para que aquele *pet* tenha um lugar de memória compartilhado com seu tutor.

Fiz esta revisão do texto de Nadia Veyrié porque sua pesquisa reverbera diretamente na minha, pois suas ponderações dizem respeito ao corpo discursivo das memórias produzidas em cemitérios físicos, mas também virtuais. No meu caso, de fato, fiz trabalho de campo num cemitério físico, localizado na Serra Gaúcha (ver capítulo II) onde há um livro de visitas no qual os tutores expressam seus sentimentos de luto em relação aos *pets* ao mesmo tempo em

que registram suas visitas ao local. Entretanto, no decorrer da pesquisa, chamou-me a atenção a iniciativa de empresas funerárias do mercado *pet* criarem espaços nas redes sociais para que os tutores deixem mensagens ou homenagens póstumas aos animais falecidos. Este é o caso da Angelus Pet que, em seu perfil no *Instagram* publica homenagens dos tutores aos seus animais de estimação, criando um espaço de memória. Embora esta seja uma prática verificável em outras empresas do setor no Brasil, gostaria de enfatizar a cidade de Pelotas, foco principal do meu trabalho de campo, e apreciar algumas dessas mensagens deixadas pelos tutores no perfil social da Angelus Pet.



Figura 68 – Mel: o primeiro registro de atendimento da Angelus Pet

A captura de tela acima disponibilizada mostra o primeiro registro, realizado em 05 de Julho de 2023, que o perfil do *Instagram* da Angelus Pet realizou de um atendimento cujo tutor resolveu deixar uma mensagem para *Mel*, uma cachorra que viveu durante 13 anos. A mensagem reflete sobre o tempo próprio da vida e seu caráter passageiro, mas também fala acerca de como as lembranças deixadas pelo *pet* falecido possibilitam algum tipo de perenidade dentro da lógica efêmera do viver. Para este tutor, *Mel* veio mostrar o verdadeiro significado de amor.



Figura 69 – Kika: um amor incondicional



Figura 70 – Bento: companheiro de momentos felizes

O sentimento de amor é evocado em inúmeras outras homenagens póstumas deixadas pelos tutores como, por exemplo, na mensagem deixada à *Kika* na qual o amor é tido como incondicional e aparece associado à noção de lealdade. Para os tutores de *Kika*, talvez sejam estes os alicerces, amor e lealdade, que sustentam a impossibilidade de apagamento das memórias de todas as experiências felizes que tiveram juntos. De acordo com esta

mensagem, a falta de *Kika* será sempre sentida nos corações de seus tutores. A recorrência da ideia de compartilhamento de momentos felizes entre humanos e *pets* é verificável em diversas mensagens, atestando uma convivência familiar íntima na qual o animal de estimação circula com seus tutores por diversos espaços da cidade onde vivem, faz viagens com a família e tem experiências de recreação com seus parentes multiespécie. Este parece ser o caso de *Bento*, um cachorro para quem seus tutores declaram que os momentos felizes vivenciados em família não serão mais os mesmo sem a sua presença.

Entretanto, as memórias compartilhadas na rede social da Angelus Pet também contam histórias de resgate de animais como, por exemplo, o caso de *Branco*, gato que foi resgatado por uma família com quem viveu por 18 anos. Na homenagem deixada a ele, sua tutora o menciona como membro da família, amigo, brincalhão e afirma que o seu espírito (sem especificar se esta palavra se refere a um *ethos* próprio do gato ou a uma possível “alma” deste animal) permanecerá nos corações de seus familiares.



Figura 71 – Branco: um gato resgatado

Outras relações humano-pet iniciadas por resgates de animais são compartilhadas na rede social. *Vans* foi encontrado em situação de abandono numa estrada e, ao ser resgatado por seus tutores, viveu com eles por 13 anos. Sem data de nascimento ou morte especificada, registrou-se apenas o

sentimento de gratidão pelos bons momentos que este animal proporcionou à sua família.

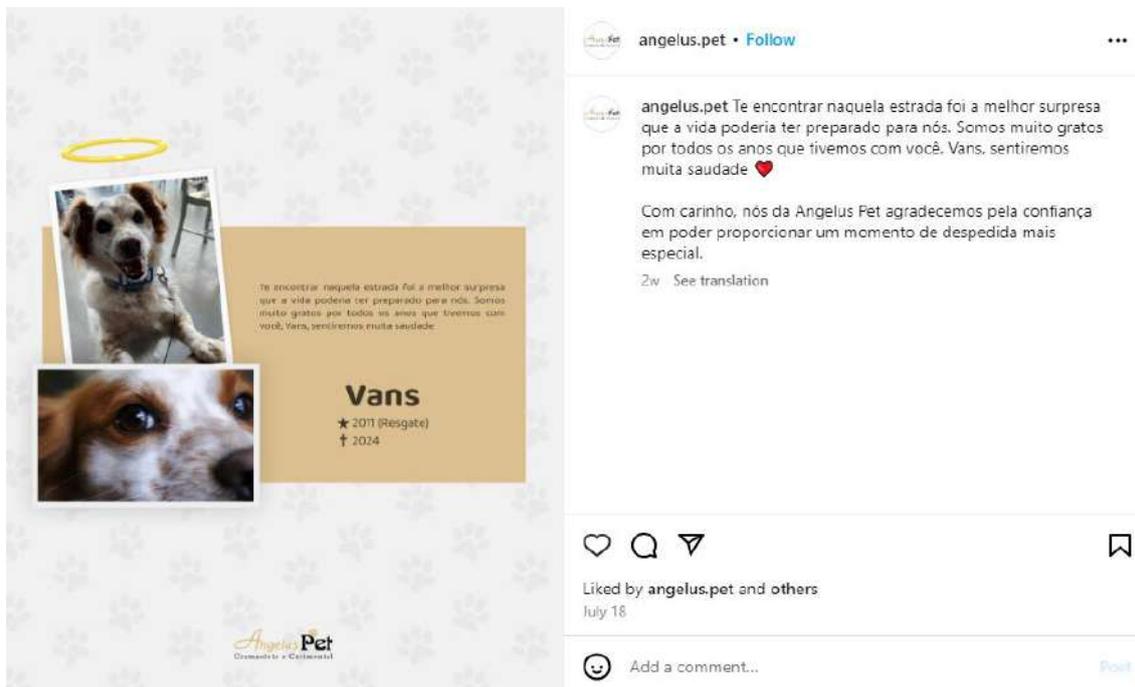


Figura 72 – Vans: um cão que resgatou uma família



Figura 73 - Carlos Eduardo: um gato que veio das chuvas

A história de convivência entre *Carlos Eduardo (Cadu)* e sua família se cruza com acontecimentos recentes na história do Rio Grande do Sul. A mensagem póstuma deixada na internet revela que o seu resgate ocorreu no início das grandes chuvas ocorridas no estado, causando uma enchente

histórica, que ocasionou a destruição de muitos municípios gaúchos. O conteúdo do texto revela que *Cadu* teve uma vida sofrida, marcada por doenças graves, lesões profundas e, provavelmente, o desconhecimento do amor até o momento em que foi resgatado por sua tutora, que se sente grata por tê-lo possibilitado experimentar o amor nos breves dois meses e dois dias em que estiveram convivendo.



Figura 74 - Hope: tradução Esperança

A história de *Hope* talvez seja a mais perfeita tradução da qualidade e profundidade dos vínculos que são possíveis de se estabelecer entre tutores e *pets*. A gata foi resgatada e viveu apenas um dia com sua tutora, tempo suficiente para que estabelecessem uma forte ligação, para que *Hope* tivesse um final de vida digno através de um processo de cremação e, finalmente, para que sua memória fosse preservada neste espaço de elaboração do luto nas redes sociais. Sem especificar em que condições *Hope* chegou ao seu convívio, sua tutora menciona que muitas pessoas se mobilizaram para ajudar o animal a ter uma vida melhor, referindo-se a uma trajetória de muito sofrimento, provavelmente por ser vítima de maus tratos. A gata, então, foi nomeada como *Hope*, numa tradução para o inglês da palavra “esperança”, que simboliza os sentimentos de sua tutora em relação às possibilidades de recuperação plena da saúde do felino.



Figura 75 - Xuxa: companhia da infância à vida adulta



Figura 76 - Uma nova morada para Amora

Se a gata Hope viveu apenas um dia com sua tutora, a calopsita Xuxa conviveu por 17 anos com seu tutor, autodenominado como “pai”, participando de todas as fases de sua vida entre os 09 e os 25 anos de idade. Na mensagem póstuma, o tutor relata que o pássaro foi um suporte emocional que teve desde os tempos de escola até após a sua formatura na Universidade. Morando longe

de sua família, provavelmente noutra cidade ou estado, o tutor teve em *Xuxa* uma companhia contra a solidão, revelando que, apesar de tantas mudanças vivenciadas ao longo de sua biografia, a presença do *pet* era uma constante que lhe dava segurança e, em suas palavras, iluminava a sua vida. Por fim, destaco ainda a homenagem deixada à *Amora*, uma cadela que viveu por 07 anos. Afirmando terem entregado os seus corações à relação recíproca de amor com este *pet*, seus tutores demonstram gratidão por Deus ter permitido que a encontrassem nesta vida, sinalizando a possibilidade de haver outras e rogando aos anjos que cuidem de *Amora* e a conduzam à sua nova morada espiritual. Os tutores pedem forças para continuarem suas jornadas sem a presença do *pet* e finalizam o texto declarando um amor infinito e dizendo “Até um dia”, referindo-se a uma possibilidade de reencontro no plano espiritual.

Perguntei a Adriane Pires como essas mensagens são produzidas para serem compartilhadas no *Instagram* da Angelus Pet. A supervisora de vendas me respondeu que, durante os trâmites para realizar a cremação do *pet*, ela consulta os tutores se desejam fazer uma homenagem pública ao animal de estimação nas redes sociais. Em caso de resposta afirmativa, solicita que os tutores enviem uma foto do *pet* e uma mensagem de homenagem póstuma com conteúdo livre. Em geral, os tutores enviam o texto, pois preferem escrevê-lo de maneira mais personalizada, contando histórias mais específicas da convivência com o *pet*, narrando momentos marcantes da vida que tiveram em família, revelando curiosidades e, obviamente, declarando seus sentimentos de tristeza, luto e, principalmente, amor.

Entretanto, há tutores que, devido ao abalo emocional, pedem para que Adriane providencie uma mensagem de homenagem ao *pet*. Neste caso, a mensagem será escrita pela equipe de *marketing* da empresa que se encarregará de produzir um texto que possa fazer jus à ideia de homenagem póstuma adequada ao perfil da família que procurou o serviço. Com a mensagem pronta, resta elaborar um *design*, no formato de *card* de divulgação, com o texto e a foto do *pet* falecido para colocar nas redes sociais. Em ambos os casos, dos tutores que enviam um texto personalizado ou daqueles que preferem que o texto seja escrito pela equipe da Angelus Pet, as homenagens só são publicadas após a aprovação expressa dos tutores. “A gente manda antes para saber se a família aprova ou não a mensagem de homenagem que nós preparamos. Se

eles aprovarem, a gente publica nas redes sociais. Se não aprovarem, a gente pergunta se tem que mudar alguma coisa, acrescentar algo. Tudo pra ficar do jeito que os tutores acharem melhor”, comentou Adriane.

## Mortes célebres

Para concluir este capítulo, gostaria de mencionar uma questão que considero relevante, embora não tenha a intenção de discuti-la exaustivamente aqui por entender que, apesar de diretamente relacionada ao meu tema de pesquisa, trata-se de um assunto que demandaria uma discussão mais longa sobre animais nos meios de comunicação digital. Isso criaria a necessidade de abrir, talvez, mais um capítulo nesta tese – o que fugiria do escopo inicialmente estabelecido de trabalhar com esta temática de maneira mais centrada no Rio Grande do Sul. A questão à qual me refiro trata da morte de animais famosos por sua participação ativa nas redes sociais e outros meios de comunicação mais tradicionais (como a TV, por exemplo). Esses animais são atualmente chamados *pet influencers* por fazerem muito sucesso nas redes sociais com vídeos que mostram o seu cotidiano. Em muitos casos, a notoriedade alcançada por esses *pet influencers* nas redes sociais, medida pelo número de seguidores que conseguem angariar, favorece que tais animais se tornem sujeitos atuantes no mercado publicitário, realizando ações publicitárias para produtos do setor veterinário<sup>72</sup>.

Dessa forma, quero mencionar três casos de falecimento de *pets* recentemente ocorridos no Brasil e que marcaram o debate público sobre o tema: a morte dos cachorros *Estopinha*, *Shurastey* e *Joca*. Considerada como a primeira *pet influencer* do Brasil, *Estopinha* foi uma cadela que tem uma história de abandono e adoção. Sem raça definida, *Estopinha* era uma cadela que estava disponível para ser adotada e foi devolvida ao abrigo de cães duas vezes pelas pessoas que a adotaram. Algum tempo depois, *Estopinha* finalmente encontrou um tutor que transformaria a sua vida: o zootecnista e veterinário Alexandre

---

<sup>72</sup> Apesar de não abordar aqui esta temática explorando todo o seu potencial de debate, pretendo discuti-la em trabalhos futuros, pois está diretamente relacionada aos meus interesses no campo da Antropologia da Morte ao mesmo tempo em que é um assunto de extrema relevância para a Comunicação Social (Publicidade e Propaganda), área em que sou formado como bacharel e onde atuei profissionalmente por muitos anos.

Rossi. A cachorra tinha todas as características que fizeram com que Alexandre se interessasse por ela: muita energia e maus comportamentos que precisavam ser ajustados para que se adaptasse a uma convivência numa família multiespécie. Aliás, foram exatamente estes dois fatores que foram alegados para que *Estopinha* fosse devolvida nas duas adoções que antecederam a adoção definitiva por parte de Alexandre Rossi<sup>73</sup>.

Pesquisador da área comportamental de animais, o veterinário teve em *Estopinha* uma grande companheira de trabalho, pois, ao ajustar os seus maus comportamentos com técnicas de adestramento positivo, Alexandre Rossi se notabilizou nacionalmente ao auxiliar outros tutores a entenderem melhor o comportamento de seus cães. *Estopinha* também foi lançada à fama nacional, aparecendo na TV e tendo quadros fixos de grande audiência em programas televisivos<sup>74</sup>. Isso bem antes da grande popularização das redes sociais, do avanço das tecnologias de acesso à internet móvel, da popularização da produção de conteúdo digital pelo celular e do próprio aperfeiçoamento tecnológico do celular para produção de imagens com altíssima qualidade. Após uma trajetória construída na TV, *Estopinha* passou a ocupar cada vez mais espaço nas redes sociais e se tornou a primeira *pet influencer* nacionalmente conhecida.

Sua vida durou 14 anos, vindo a falecer em setembro de 2023, e sua morte foi causada por uma infecção que teve numa de suas unhas. Os remédios para combater a doença acabaram por desregular outras funções no organismo já idoso de *Estopinha*. Todo o seu processo de tratamento foi compartilhado por Alexandre Rossi nas redes sociais e acompanhado por um público de fãs que, ao longo de anos, fez de *Estopinha* a *pet influencer* mais seguida do Brasil. Sua morte foi inevitável. Mas o que chama a atenção neste caso é a repercussão de seu falecimento, que foi proporcional à sua importância como influenciadora animal. A morte gerou uma comoção nas redes sociais e foi noticiada por todos

---

<sup>73</sup> Em reportagem de 2023, a jornalista Juliana Finardi contou a história da adoção de Estopinha nesta matéria: <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2023/09/20/do-abandono-a-fama-a-historia-de-estopinha-a-1-pet-influencer-do-brasil.htm>

<sup>74</sup> Após o falecimento de Estopinha, o Jornal Domingo Espetacular (TV Record), onde a cadela iniciou sua carreira como *pet influencer*, fez reportagem especial com Alexandre Rossi na qual a história da pet é contada a partir da necessidade de o veterinário ter uma assistente de trabalho no adestramento de cães. A própria adoção de Estopinha foi registrada pelo programa de TV e pode ser conferida nesta reportagem: <https://youtu.be/tZV6AMZDj3Y?si=dweRcpE6HIDP5lhd>

os principais veículos de comunicação do Brasil<sup>75</sup>. Mais do que isso, seu velório foi transmitido ao vivo pelas redes sociais, sendo uma grande demonstração do espaço que os animais atualmente ocupam no debate público no que tange as relações familiares multiespécie que conseguiram estabelecer com os humanos<sup>76</sup>.

Além de *Estopinha*, outro cão brasileiro se notabilizou mais recentemente nas redes sociais, trata-se de *Shurastey*, um cão da raça Golden Retriever que, junto ao seu tutor Jesse Koz, faziam uma viagem por diversos países da América a bordo de um Fusca. Saindo de Balneário Camboriú (SC) e passando por 17 países diferentes no continente americano, Jesse e *Shurastey* compartilhavam sua rotina de viagem nas redes sociais e, com isso, ganhavam muitos seguidores interessados em acompanhar conteúdos de viagem, vídeos de *road trip* e vida nômade, assim como o cotidiano das aventuras vividas por tutor e *pet*. O interesse pelo conteúdo que produziam e compartilhavam nas redes sociais fez com que suas experiências fossem assistidas por uma grande audiência de cerca de um milhão de pessoas no *Instagram*, dando notoriedade a ambos. O objetivo de Jesse era chegar até o Alasca junto de seu cão *Shurastey* e, quando estavam viajando pelos Estados Unidos, sofreram um acidente fatal ao tentarem desviar de um engarrafamento e invadirem a pista automotiva oposta, colidindo com outro veículo. A morte de ambos foi instantânea, causando comoção sobretudo nas redes sociais, gerando muitas homenagens de pessoas que comentavam o assunto ou dedicavam a eles desenhos, charges ou outras manifestações gráficas nas quais Jesse, *Shurastey* apareciam perto de seu Fusca<sup>77</sup>.

---

<sup>75</sup> O Jornal o Estadão publicou matéria disponível neste link: <https://www.estadao.com.br/emails/gente/morre-estopinha-primeira-influencer-pet-do-brasil-nprec/> A revista Exame, em matéria de Mateus Omena, noticiou o falecimento nesta matéria: <https://exame.com/pop/estopinha-rossi-a-primeira-pet-influencer-do-brasil-morre-apos-contrair-infeccao-na-unha/> O portal G1 divulgou a morte da pet com esta reportagem: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/09/20/estopinha-1a-influenciadora-pet-do-pais-morre-em-sp-uma-parte-de-mim-foi-destruida-diz-tutor-da-cachorra.ghtml>

<sup>76</sup> O portal G1 noticiou o fato nesta matéria: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/09/21/despedita-de-estopinha-1a-pet-influencer-do-brasil-teve-transmissao-online-coroa-de-flores-e-emocao-de-tutor.ghtml>

<sup>77</sup> A história de Jesse e *Shurastey* está registrada nesta matéria: <https://g1.globo.com/sc/santa-atarina/noticia/2022/05/26/influenciador-que-morreu-em-acidente-nos-eua-com-cao-shurastey-passou-por-17-paises-com-o-fusca-e-tinha-como-destino-o-alasca.ghtml>

O corpo de Jesse Koz foi repatriado para ser cremado e os custos do traslado do corpo ao Brasil foram inteiramente pagos por dinheiro arrecadado em uma “vaquinha” online financiada por seus seguidores. Entretanto, o corpo de *Shurastey* não pôde ser repatriado junto ao seu tutor imediatamente. Apesar do cão ter sido cremado nos EUA logo após o acidente, suas cinzas ainda permaneceram naquele país até que se concluísse a burocracia relacionada ao assunto e todos os trâmites para a viagem fossem realizados. Além disso, seria necessário que alguém pudesse trazê-las dos EUA ao Brasil. As cinzas foram transportadas por Ingrid Costa, empresária brasileira que reside em *New Jersey* e conheceu Jesse e *Shurastey* num atendimento de banho e tosa na sua empresa de *pet shop*. Durante o traslado das cinzas ao Brasil, a companhia aérea responsável por aquele voo anunciou aos passageiros que as cinzas de *Shurastey* estavam sendo transportadas, atestando a notoriedade do cão ao prestar-lhe uma última homenagem<sup>78</sup>. A fama de Jesse e *Shurastey*, a imagem positiva que tinham, o número de seguidores que cativaram e as aventuras que compartilhavam nas redes sociais vão virar um filme produzido pela Paris Entretenimento que, ao anunciar a produção, não revelou uma previsão de quando será lançado<sup>79</sup>.

Por fim, quero trazer o impacto causado pela morte de *Joca*, um cão da raça *Golden Retriever*. Tutorado por João Fantazzini Júnior, *Joca* era um cão com cinco anos de idade quando embarcou num voo da companhia aérea GOL para acompanhar seu tutor numa viagem até Sinop, no estado de Mato Grosso. Seu tutor estava de mudança para esta cidade e decidiu levar seu cão consigo por transporte aéreo. Devido as empresas aéreas não permitirem cães de médio e grande porte viajarem nas cabines das aeronaves, *Joca* teve que ser conduzido ao setor de bagagens do avião, viajando como carga viva. Ocorre que, por um erro da companhia aérea, o cão não foi transportado para o destino correto, indo parar no aeroporto de Fortaleza. Ao constatar o erro, a companhia aérea enviou o cão de volta para São Paulo para, só então, ser transportado definitivamente

---

<sup>78</sup> Mais detalhes sobre a repatriação do corpo de Jesse Koz e o traslado das cinzas de *Shurastey* podem ser conferidos nesta matéria: <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2022/08/04/ultima-viagem-como-as-cinzas-do-cao-shurastey-foram-trazidas-ao-brasil.htm>

<sup>79</sup> Sobre o assunto, ler a seguinte reportagem: <https://www.metropoles.com/colunas/e-o-bicho/shurastey-caso-de-brasileiro-e-golden-retriever-vira-enredo-de-filme>

para Sinop. *Joca* não resistiu à longa viagem de Fortaleza a São Paulo e faleceu dentro do avião, conforme concluiu a investigação da Polícia Civil de Guarulhos. No laudo necroscópico, havia a constatação de que a causa da morte se deu por problemas cardíacos causados por estresse e desidratação.

A morte de *Joca* e a reação de seu tutor, João Fantazzini Júnior, causaram comoção e mobilização nacional, ocasionando protestos nos aeroportos de todo o Brasil para pressionar as companhias aéreas a mudarem as regras de transporte de animais de médio e grande porte, tendo em vista que essa é uma demanda antiga dos tutores de *pets*, pois a morte de animais de estimação nestas condições de transporte aéreo oferecidas pelas empresas de aviação não é uma novidade. Diante da repercussão do caso, autoridades como o Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, e o ministro de Portos e Aeroportos, Silvio Costa Filho, se manifestaram lamentando o óbito do pet e se comprometendo a tomarem providências para reformular a regulação de voos de *pets* em aviões de passageiros. A primeira-dama, Rosângela (Janja) Lula da Silva, afirmou ter ficado abalada com a morte de *Joca*.

Mas o que mais se destacou neste cenário foi o protagonismo de João Fantazzini Júnior ao manifestar sem pudores o seu luto nas redes sociais e nos canais de televisão. Foram inúmeras as entrevistas que deu aos mais diversos veículos de comunicação, aumentando a repercussão do caso, potencializando a discussão sobre luto em favor dos animais estimação e, principalmente, pressionando as autoridades políticas a obrigarem as companhias aéreas a mudarem as regras para transporte de animais nos voos. O tutor esteve presente em protestos contra as companhias aéreas, participou de reunião com o Ministro de Portos e Aeroportos e sua mobilização foi capaz de fazer com que a Câmara dos Deputados aprovasse um projeto de lei chamado *Lei Joca*, que obriga as companhias aéreas a instituírem o serviço de rastreamento de cães e gatos nos voos, determina que os aeroportos tenham sempre um veterinário à disposição e extingue o transporte de animais de estimação no compartimento de cargas das aeronaves. O projeto de lei seguiu para apreciação do Senado e ainda continua tramitando até que se tenha uma decisão final sobre sua implantação como lei.

Este caso é muito útil para tornar evidente que, ao contrário de *Estopinha* e *Shurastey*, *Joca* não teve uma vida como *pet influencer*. Sua história só se

tornou conhecida do grande público por causa de sua morte trágica, causada por negligência da companhia aérea GOL, que admitiu o erro. Mas quero chamar a atenção para um fato: se *Estopinha* foi a primeira *pet influencer* do Brasil, *Joca* é o primeiro cão que se tornou *pet influencer* numa condição *post mortem*. Após o seu falecimento, o seu perfil no *Instagram* cresceu em número de seguidores como um sinal de adesão das pessoas às pautas que João Fantazzini Júnior e *Joca* ajudaram a levantar no debate público, constituindo-se como porta-vozes de tantos tutores que temiam transportar seus *pets* nos compartimentos de carga dos aviões ou cujos *pets* faleceram por causa de transporte aéreo inadequado. Se aprovada a *Lei Joca*, a sua vigência será um grande marco na legislação em favor dos direitos animais, provando uma mudança de sensibilidade social ao tema e, ao mesmo tempo, atestando o protagonismo deste animal como elemento catalisador do atendimento de uma demanda de tantos outros tutores e *pets* cujas vozes nunca foram ouvidas.

Ao abordar aqui as histórias de *Estopinha*, *Shurastey* e *Joca* faço referência ao livro do historiador Michel Pastoureau (2015) cujo título é “Os animais célebres”. Dividido em vários pequenos capítulos, o livro é repleto de textos curtos, diretos, com linguagem acessível e que revisitam a história dos animais em sua convivência com os humanos. Assim, Pastoureau (2015) nos faz perceber como a história da humanidade é, desde a Antiguidade até os tempos atuais, permeada por um convívio intenso com animais de outras espécies seja no discurso mitológico, teológico, iconográfico, artístico, científico, político, filosófico ou ainda quando os animais participam como protagonistas importantes de fatos históricos. Logo na introdução de seu livro, o autor relembra sua trajetória acadêmica e diz que

durante muito tempo, os historiadores não deram muita atenção aos animais. Relegaram-nos às coletâneas de anedotas e à história “menor”, como costumavam fazer com todos os assuntos que lhes parecessem secundários, insignificantes ou marginais. Apenas alguns filólogos e alguns historiadores das religiões antigas se interessaram por certos estudos específicos em que faziam referência aos animais, mas era impensável dedicar-lhes um verdadeiro estudo ou um livro erudito. Lembro-me ainda das dificuldades que encontrei no final da década de 1960, na Ecole des Chartes, para conseguir apresentar o bestiário medieval como assunto de tese. Meus professores, que, aliás, gostavam de mim, julgavam a matéria fútil por se referir a animais, isto é, a atores que não tinham destaque na cena histórica (PASTOUREAU, 2015, p. 09)

Atualmente, o autor reconhece que a relevância dos animais, na condição de temática acadêmica, se transformou significativamente, passando a ocupar posições de destaque na pesquisa historiográfica e até mesmo nas zonas de intersecção entre distintas disciplinas científicas. Dessa forma, dedica capítulos de seu livro a animais como a serpente do pecado original; os bichos da Arca de Noé; o Minotauro da mitologia grega; a loba romana que alimentou Rômulo e Remo; as abelhas que simbolizavam os projetos políticos de Napoleão Bonaparte; o primeiro urso de pelúcia da história, chamado Teddy Bear; Mickey e Pato Donald etc. Dentre tantas histórias contadas pelo autor, selecionei duas que me parecem dialogar diretamente com os propósitos deste tópico em que abordo os animais célebres: *Laika* (a cadela que conquistou o espaço) e *Dolly* (a ovelha clonada).

Pastoureau (2015, p. 285) é sagaz ao afirmar que “na conquista do espaço, o cão precedeu o homem em alguns anos”, evidenciando que “*Laika*, que já participara de diferentes experiências a bordo de foguetes no ano anterior, embarcou a bordo do satélite *Sputnik II* e tornou-se o primeiro ser vivo enviado ao espaço”. O autor enumera as especulações sobre a causa da morte de *Laika* durante a missão espacial e ratifica que o animal “virou uma celebridade póstuma, que ultrapassou o âmbito da URSS. Em vários países, foi declarada mártir da ciência. Em *Asnières*, foi erguida uma lápide à sua memória no célebre cemitério de cães. Em Moscou, recebeu uma estátua” (p. 286). Outro animal renomado retratado em seu livro é *Dolly*, a ovelha que serviu à ciência no que tange o desenvolvimento de técnicas de clonagem. O autor nos faz lembrar que o primeiro animal domesticado pelo homem foi a ovelha (e não o cão), conectando isso ao fato de que o primeiro animal clonado também foi a ovelha, o que evidencia uma relação de longa duração entre a humanidade e os ovinos. De acordo com o autor, esta relação é tão longínqua e duradoura que os cães foram domesticados exatamente para guardar e proteger os rebanhos de ovelhas.

Trago as histórias de *Laika* e *Dolly* apenas como exemplos, extraídos do livro de Pastoureau, de como os animais participam de momentos decisivos da história que a humanidade constrói para si. Os animais, sejam eles usados ou explorados em contextos científicos, personagens de culturas contemporâneas de entretenimento e consumo (como Mickey, Pato Donald ou Teddy Bear), ou

ainda abordados de maneira arquetípica nos discursos mitológico-filosóficos, são também protagonistas nas grandes transformações históricas resultantes de mudanças de sensibilidade social em relação a temáticas diversas que interessam à humanidade. No caso de minha pesquisa, penso que os animais de estimação estão a operar alterações significativas nas nossas percepções de afeto, família, vida, morte, aproveitamento do tempo, consumo, lazer, dignidade destinada a outras espécies, exploração etc. Além disso, estes mesmos animais estão transformando a própria ciência que, no caso das Ciências Humanas e Sociais, tem alargado seus campos de interesse para abarcar os animais como temática relevante.

Em relação à minha pesquisa, a intenção que tive ao trazer esses três casos de *pet influencers* brasileiros (*Estopinha*, *Shurastey* e *Joca*), cujas mortes se tornaram célebres, é evidenciar a sua utilidade na compreensão social do luto em favor dos animais de estimação. Em todo o meu trabalho de campo essa pauta apareceu de uma maneira ou de outra: tutores que não queriam aprofundar diálogos sobre este tema comigo; interlocutoras de pesquisa que falavam do julgamento que sofrem por sentirem luto pelos *pets* ou por dar muita atenção a eles em vida; agentes atuantes no ramo funerário *pet* que relatam a persistência dos estigmas relacionados ao luto por animais e, por fim, a própria bibliografia que atesta esse fenômeno social. Se a existência de preconceito com o luto em favor dos *pets* é um consenso, o aumento de empresas funerárias e crematórios atuantes no ramo é um sinal muito claro de uma mudança de paradigma nessa concepção de interdição de luto aos tutores. Neste caso, os *pet influencers* contribuem para ampliar as vozes de tutores que se sentem estigmatizados, criticados e julgados por um sentimento de luto ainda considerado indigno. As mortes célebres de *Estopinha*, *Shurastey* e *Joca* deram visibilidade a lutos igualmente célebres, que atingiram grandes proporções jamais imaginadas em tempos anteriores. Esses são apenas três exemplos brasileiros, mas há outros *pet influencers* cujas mortes foram socialmente impactantes ao redor do mundo. Assim, considero que *Estopinha*, *Shurastey* e *Joca* auxiliam os humanos, agrupados sob uma ideia de “sociedade”, a repensarem suas próprias concepções acerca da relação humano-animal, da noção de família e parentesco, de ideia de morte, da abrangência do luto e do significado de dignidade *post mortem*.

## **Considerações Finais**

Encerrar uma tese de doutorado jamais significa esgotar uma temática, mas apenas sinaliza o ponto exato em que decidimos que uma determinada discussão foi devidamente contemplada, apesar da consciência que temos de seu infindável potencial reflexivo. Em Antropologia, aprendemos sobre o quão dinâmica é a vida social, pensada a partir de uma noção antropológica de socialidade, e conseqüentemente temos que nos acomodar à ideia (às vezes incômoda) de que nossas etnografias produzem tão somente um retrato de um momento habitualmente chamado de presente etnográfico. O campo, como a vida social, é vivo, está em constante transformação. Felizmente, minha pesquisa conseguiu capturar, em quatro anos, um pouco da vivacidade deste campo em mutação constante.

A autorização do sepultamento de animais de estimação em cemitérios particulares de Pelotas, legitimada pela Lei Municipal nº 6570/2018, foi o que me instigou a iniciar esta etnografia, considerando que seria uma oportunidade de acompanhar as mudanças no setor funerário *pet* da cidade. Se esta lei foi meu ponto de partida para começar uma jornada investigativa, devo dizer que esta etnografia está sendo finalizada com a promulgação de uma nova lei, publicada em 12 de julho de 2024, que entrou em vigor praticamente às vésperas da defesa desta pesquisa perante uma banca examinadora. Trata-se da Lei 7350/2024 cujo Art. 1º informa que “autoriza e regulamenta, no âmbito do Município de Pelotas, a instalação e o funcionamento do serviço de crematório de corpos, de peças anatômicas e de restos mortais de animais domésticos de pequeno, médio e grande porte”.

A promulgação desta lei é fruto de uma luta do setor funerário *pet* em Pelotas e isso me remete diretamente ao início do meu trabalho de campo quando entrei em contato com a equipe administrativa do Memorial e Crematório Pet São Francisco. Na época, meus interlocutores me informaram que estavam demandando da prefeitura de Pelotas uma apreciação de seu pedido para que pudessem instalar definitivamente um forno crematório *pet* na cidade. Essa medida, quando autorizada por lei, facilitaria o desenvolvimento das empresas que prestam este tipo de serviço no município, tendo em vista que os corpos dos *pets* falecidos não precisariam mais ser transportados para cidades como Porto Alegre, São Leopoldo ou Glorinha com o objetivo de serem cremados; além disso, a autorização para a implantação do forno crematório em Pelotas, não

somente é um importante marco para o mercado funerário *pet* da cidade em si, mas para toda a região sul do Estado do Rio Grande do Sul, pois será o primeiro forno crematório implantado na região.

Outro fator importante e que, do meu ponto de vista, é o mais significativo, reside na possibilidade de acompanhamento próximo do processo crematório por parte dos tutores, reduzindo consideravelmente o tempo de espera das cinzas, obtidas por meio da cremação individual, que não mais necessitarão serem transportadas de cidades distantes. Com fornos crematórios instalados em Pelotas, os tutores podem, dependendo da disponibilidade da empresa crematória, receber as cinzas dos seus *pets* no mesmo dia ou, no máximo, na mesma semana. Vale lembrar que, antes da possibilidade de ter fornos crematórios na cidade, este processo poderia demorar entre 15 e 20 dias (prazo máximo fornecido pelas empresas). Se esta demanda por regulamentação dos fornos crematórios começou com o Crematório Pet São Francisco, certamente, após a recente promulgação da Lei 7350/2024, ela beneficiará a Angelus Pet e todas as outras empresas funerárias que, no futuro, possam vir a se instalar por aqui.

Quando penso no assunto, lembro de meus interlocutores, agentes funerários, que sempre me relatavam da angústia e sofrimento dos tutores à espera do transporte de seus *pets* falecidos para crematórios fora de Pelotas e do retorno das cinzas em suas respectivas urnas cinerárias. É inevitável também lembrar do meu próprio sofrimento quando vivenciei este processo a partir do falecimento de *Nemo*. Embora suas cinzas tenham chegado bem antes do prazo máximo acordado entre minha família e a empresa contratada, esperar o seu corpo ser transportado para São Leopoldo; receber fotos, vídeos e notícias esparsas sobre sua cremação; aguardar o retorno do traslado das cinzas com receio de que fossem extraviadas ou avariadas de alguma forma, definitivamente, é uma experiência que potencializou o sentimento de luto e a dor de não poder estar ao lado de *Nemo* no momento de despedir-se do formato de seu corpo canino. Em quatro anos de pesquisa, pude testemunhar a rápida expansão no mercado funerário *pet* não apenas em contexto local, mas estadual. E isso certamente se reflete no mercado nacional, tendo em vista o crescimento do debate sobre o tema no âmbito da Associação dos Cemitérios e Crematórios do Brasil (ACEMBRA).

Vale ressaltar que esta pesquisa foi iniciada logo que deflagrado o contexto pandêmico de coronavírus, que, no Brasil, se espalhou no início de 2020. E foi exatamente a pandemia que me impossibilitou de ir até São Leopoldo transportando o corpo de *Nemo* com vistas a acompanhar *in loco* sua cremação e receber imediatamente as suas cinzas. Em fevereiro de 2021, quando *Nemo* faleceu, o estado do Rio Grande do Sul adotava um sistema de “bandeiras” que sinalizava o grau de periculosidade, no que se refere aos riscos de contágio por coronavírus, dos municípios gaúchos. São Leopoldo era um dos municípios que, neste período, estava sinalizado com bandeira preta, isto é, designado como de alto risco de infecção pelo vírus da covid-19.

A pandemia foi decisiva para que eu também moldasse o formato de meu trabalho de campo, desenvolvendo-o a partir de caminhadas que, inicialmente, fiz com *Nemo* (2020) e, após o seu falecimento, continuei a fazer com *Ricco* (a partir de 2022) num contexto inicial de pós-pandemia e, obviamente, depois que este cenário pandêmico estava plenamente superado. Se as caminhadas ao ar livre eram uma das poucas coisas que poderíamos fazer em situações extremas de *lockdown*, foi assim que iniciei a pesquisa de campo, atendendo às necessidades de caminhada dos meus cachorros e aproveitando para interagir, à distância, com outros tutores com quem continuei expandindo o diálogo ao longo da escrita desta tese (embora fossem bem lacônicos ao falarem de seus lutos). E, dessa forma, os cachorros me ensinaram a pensar e a fazer trabalho de campo de outra maneira, tendo-os como aliados da feitura etnográfica.

Os cães me ensinaram a valorizar, inclusive, o material discursivo que emergia das conversas rápidas e intermitentes que eu poderia ter com outros tutores nos percursos de passeios que fazíamos no meu condomínio e em outros espaços da cidade por onde circulamos. Aprendi que esses diálogos às vezes fugazes, interrompidos, inconclusos, retomados dias depois ou jamais recuperados por meus interlocutores em conversas posteriores, são também um valioso material de campo. E isso me fez ressignificar a relevância da entrevista formalmente agendada, em geral gravada, como condicionante da escrita etnográfica. Embora não tenha me desfeito por completo do hábito antropológico de entrevistar pessoas, pois fiz várias entrevistas gravadas ao longo da pesquisa, entendi que há diversos caminhos para conseguir produzir informações de interesse etnográfico junto aos meus interlocutores.

Nos momentos finais desta pesquisa – quando tive que tomar decisões sobre o que mais seria passível de discussão nesta tese ou sobre quando encerrar o campo em meio às novidades e novos eventos que apareciam no setor funerário *pet* de Pelotas –, o Rio Grande do Sul sofreu, em maio de 2024, um desastre climático de proporções gigantescas com as enchentes que destruíram grande parte dos municípios do estado, ceifando vidas, interrompendo sonhos, paralisando a economia, vulnerabilizando ainda mais pessoas já fragilizadas economicamente, varrendo memórias de lugares, instaurando incertezas. Diante de tantos animais levados aos abrigos para *pets* atingidos pelas enchentes, fui também fazer trabalho de campo nestes locais em Pelotas, realizei doações para ONGs que cuidavam de animais e tive que deixar meu próprio cachorro, *Ricco*, num hotel para cães, durante um mês, devido à necessidade de sair de minha casa por estar localizada em zona de alerta de risco por afetação das enchentes. Como terminar uma tese de doutorado nessas condições? O trabalho de campo que fiz nos abrigos entraria como um tópico da tese? Em que medida este trabalho de campo estaria relacionado ao setor funerário *pet* da cidade?

Minha decisão foi a de não incluir as enchentes e meu trabalho de campo com os animais abrigados como um tópico desta tese por entender que este assunto demandaria um aprofundamento na bibliografia de desastres climáticos, antropoceno, grandes projetos econômicos, Antropologia do Estado e vários outros temas correlatos. Embora esta discussão seja de extrema importância, sua inclusão na tese causaria um desvio da temática que me propus investigar, ainda que este assunto esteja indiretamente relacionado ao tema da tese. Portanto, menciono esta questão apenas a título de registro do contexto em que finalizei esta pesquisa, pretendendo abordá-la em etnografias futuras de menor extensão, no formato de artigo científico, mas com a densidade e exclusividade que o tema merece.

Olhando em retrospecto, percebo que esta tese se construiu partindo de uma dimensão microssociológica (as caminhadas individuais no meu condomínio, nas praças, na Praia do Laranjal, no shopping ou em outros locais de Pelotas) em direção a um contexto macrossociológico (o trabalho de campo em outras cidades gaúchas, os discursos de agentes do setor funerário em âmbito nacional, os cemitérios e memoriais virtuais e as mortes de animais

célebres). Isso me faz notar, empiricamente, que há uma conexão entre esses mundos micro e macrosociológicos e que eles se afetam mutuamente, constituindo aquilo que Donna Haraway vai designar como uma indústria *pet*.

Quero finalizar esta tese evocando as considerações de Vinciane Despret (2016) para enfatizar que toda a construção desta pesquisa foi pautada nas proposições teóricas desta autora, especialmente quanto ao seu postulado de que os laços e as histórias que criamos são capazes de moldar as formas através das quais percebemos o mundo e interagimos com as outras espécies. Compartilho com Despret dessa ideia de que a vida se concretiza a partir do estabelecimento de vínculos, que, por sua vez, podem engendrar ecologias interdependentes. E é nesta perspectiva ecológica que Vinciane Despret propõe uma “ecologia da atenção e do tato” que implica em observar, interagir com os animais a partir de uma postura de sensibilidade, responsabilidade e inventividade na recriação das relações que temos com eles. A consequência desta “ecologia da atenção e do tato” é o surgimento de um processo involutivo que articula as diversas espécies animais. Se a ideia de evolução é o que nos fez produzir distanciamentos e divergências entre as espécies, a ideia de involução promove o contrário, pois está centrada em modelos de relação mais afetivos pautados na interconexão e coevolução interespecífica.

Ponto estas questões, pois foi a partir delas que esta tese foi sendo moldada para melhor compreender as novas sensibilidades implicadas nas práticas funerárias destinadas aos *pets* na contemporaneidade. Espero, sinceramente, ter contribuído para que outros antropólogos e outros tutores de *pet* interessados neste tema compreendam mais a fundo este debate, pois, vendo a pesquisa pelo lado de dentro, posso afirmar que esta aventura etnográfica me ajudou (e muito) a entender cada vez mais profundamente os vínculos entre os humanos e seus animais de estimação.

## **Referências**

## Referências Bibliográficas

ABONIZIO, Juliana; BAPTISTELLA, Eveline dos Santos Teixeira. O papel do consumo na construção de relacionamentos entre humanos e pets. **Ponto Urbe** [Online], 19, 2016, Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3257> [Acesso em 30 abr. 2024]

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne**. São Paulo: Alaúde, 2012.

AMBROS, Barbara. “The necrogeography of pet memorial spaces: pets as liminal family members in contemporary Japan”. **Material Religion**, v. 6, n. 3, p. 304-333, 2010. Disponível em: [10.2752/175183410X12875081703268](https://doi.org/10.2752/175183410X12875081703268). [Acesso em 30 abr. 2024]

ARAÚJO, Maria Beatriz Almeida Marques Martins de. **O impacto da comunicação no luto dos detentores de animais de companhia**. 2023. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina Veterinária) – Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2023.

ARIÈS, Philippe. **Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 1989.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

AUSTER, Carol; AUSTER-GUSSMAN, Lauren; CARLSON, Emma. “Lancaster Pet Cemetery Memorial Plaques 1951–2018: an analysis of inscriptions”. **Anthrozoös**, v. 33, n. 2, p. 261-283, 2020.

BALDIN, Damien. **Histoire des animaux domestiques**. Paris: Seuil, 2014.

BARBOSA, I. L. **A dissolução do vínculo conjugal na família multiespécies e a tutela jurídica dos animais não humanos como sujeitos de direitos**. Dissertação de mestrado em Direito. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

BARDINA, Svetlana. "Social functions of a pet graveyard: analysis of gravestone records at the Metropolitan Pet Cemetery in Moscow". **Anthrozoös**, v. 30, n. 3, p. 415-427, 2017. DOI: [10.1080/08927936.2017.1335099](https://doi.org/10.1080/08927936.2017.1335099) [Acesso em 30 abr. 2024]

BARRETO, Álvaro. A elite em festa: a comemoração do Carnaval de Pelotas na década de 1910. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 37, n. 2, p. 232-249, 2011. Disponível em: [https://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/article/view/8999/pdf\\_15](https://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/article/view/8999/pdf_15) [Acesso em 02 ago. 2024]

BARRETO, E. S. B. **Por dez vacas com cria eu não troco meu cachorro: as relações entre humanos e cães nas atividades pastoris do pampa brasileiro**. 2015. n. 116 de páginas. Dissertação de mestrado em Antropologia – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

BATISTA, Amanda Christianine Costa *et al.* Arroio Pepino: caminhadas às margens de um arroio urbano em Pelotas/RS. **Tessituras**, v. 7, n. 2, p. 01-50, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/tes.v7i2.16653> [Acesso em 02 ago. 2024]

BEAUVIOR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BITTENCOURT, Carolina Amorim da Silva. **Pessoas, Sereias e Divindades: Um Estudo Etnológico, Mitológico e Etnoceanográfico em uma Colônia de Pescadores no Sul do Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

BLOCH, M.; PARRY, J. **Death and the regeneration of life**. Great Britain: Cambridge University Press, 1982.

BRITTO, NATÁLIA; MARTINS, Solismar. Vazios da indústria: reflexões acerca das friches industriais na cidade de Pelotas – RS. **Geografia: Ensino & Pesquisa**, v. 13, n. 2, 2009, p. 396-402. Disponível em: <http://www.repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/808/Vazios%20da%20ind%C3%BAstria%20Reflex%C3%B5es%20acerca%20das%20friches%20industriais%20na%20cidade%20de%20Pelotas%20-%20RS.pdf?sequence=1> [Acesso em 28 ago. 2022]

BRITTO, Natália Daniela Soares Sá; SOBARZO, Oscar. 2020. Nexos produtivos e espaciais da dinâmica imobiliária recente: um estudo sobre a produção residencial de alto e médio padrão em Pelotas (RS). **GEOgraphia**, v. 22, n. 49, p. 1-15. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/38442> Acesso em 30 set. 2022.

BULLIET, Richard. **Hunters, Herders, and Hamburgers: The Past and Future of Human-Animal Relationships**. New York: Columbia University Press, 2005.

BURKE, Peter. Como cresceu a ideia de cuidado. Vídeo. São Paulo: CPFL, 2014. Disponível em: <https://youtu.be/dfxu56uFyk> Acesso em: 07 dez. 2021.

CARLE, Cláudio Baptista. Vozes Indiretas: Imaginário Afrocentrado das Águas dos Ocupantes da Região de Pelotas – RS. **Revista Debates Insubmissos**, Ano 3, v. 3, n. 10, p. 197-221, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.32359/debin2019.v2.n8.p263-264> [Acesso em 05 ago. 2024]

CARNEIRO DA CUNHA, M. **Os mortos e os outros**. São Paulo: Hucitec, 1978.

CHIESA, Gustavo; BRITO, Luz. Learning to Walk with Turtles: Steps Towards a Sacred Perception of the Environment. **Environmental Values**, 31 (2), 2022, p. 177-192.

CHUR-HANSEN, Anna. Cremation servisse upon the death of a companion animal: views of service providers and serviceusers. **Society & Animals**, Leiden, v. 19, n. 3, p. 248-260, 2011.

CILIBERTI, Rosagemma; MALCOTTI, Ivano; ALFANO, Linda. Ethics in Pet Funeral Practices: The State of Liminality. **Medicina Historica**, v. 7, supl. 2, p. 1-8, 2023.

CLEARY, Michelle; WEST, Sancia; THAPA, Deependra K.; WESTMAN, Mark; VESK, Kristina; KORNHABER, Rachel. Grieving the loss of a pet: A qualitative systematic review. **Death Studies**, p. 1-12, 2021.

COBRA, Marcos. 2009. **Administração de marketing no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Cobra.

CRESCITELLI, Edson; SHIMP, Terence. 2012. **Comunicação de marketing integrando propaganda, promoção e outras formas de divulgação**. São Paulo: Cengage Learning.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. "Apresentação". In: Van Gennep, A (1909). Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes, 2011.

DEPONTI, Patrícia Soares *et al.* Percepções do médico veterinário a respeito da eutanásia animal e a relação com sua saúde mental. **Ciência Rural**, v. 53, n. 5, e20210578, 2023.

DESCOLA, Philippe. 1998. "Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia." **Mana**, v.4, n.1, p. 23-45. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93131998000100002> [Acesso em 05 ago. 2024]

DESCOLA, Philippe. **As lanças do crepúsculo**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Editora 34, 2016.

DESPRET, Vinciane. **O que diriam os animais se...** Tradução de Cícero de Oliveira. Caderno de Leituras n. 45. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2016. Disponível em: [https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2016/05/cad.45\\_v.despret.pdf](https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2016/05/cad.45_v.despret.pdf) [Acesso em 22 mar. 2023]

DICTORO, Vinícius *et al.* A relação ser humano e natureza a partir da visão de alguns pensadores históricos. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 159-169, 2019.

DIGARD, Jean-Pierre. “A biodiversidade doméstica, uma dimensão desconhecida da biodiversidade animal”. **Anuário Antropológico**, v. 37, n. 2, p. 205-223, 2012.

DORNELLES, Soraia Sales. 2011. De coroados a Kaingang: as experiências vividas pelos indígenas no contexto de imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul do século XIX e início do XX. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DUNCAN, Dustin T. *et. al.* Space, race, and poverty: Spatial inequalities in walkable neighborhood amenities? **Demographic Research**, v. 26, 2012: p. 409-448. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26349906> [Acesso em 22 mar. 2023]

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. **Iluminuras**, v. 4, n. 7, p. 1-22, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.9160> [Acesso em 02 jul. 2024]

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FARACO, C. B.; SEMINOTTI, N. Sistema social humano-cão a partir da autopoiese em Maturana. **Psico**, v. 41, n. 3, 2 jan. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/8162>

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, n.13, p. 155-161, 2015.

FAUSTO, Juliana. **A cosmopolítica dos animais**. São Paulo: N-1, 2020.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi; CERQUEIRA, Fabio Vergara. Mulheres e doces: o saber-fazer na cidade de Pelotas. **Patrimônio e Memória**, v. 8, n. 1, p. 255-276, 2012. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/156/359> [Acesso em 02 ago. 2024]

FOCHI, M. G. **Morte, cemitérios e jazigos: um estudo do cemitério municipal de Joinville/SC**. Dissertação de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, UNIVILLE, Joinville, 2011.

FORSYTH, Ann. What is a walkable place? The walkability debate in urban design. **Urban Design International**, v. 20, n. 04, 2020, p. 01-19. DOI: 10.1057/udi.2015.22 [Acesso em 30 mar. 2024]

FRANCIONE, Gary. **Introdução aos direitos dos animais – seu filho ou o cachorro?** Campinas: Unicamp, 2013.

FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. **O som do silêncio: a angústia social que encobre o luto – um estudo sobre isolamento e sociabilidade entre enlutados do cemitério Moarada da Paz (Natal/RN)**. Orientadora: Lisabete Coradini. 2005. 144f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

GAILLEMIN, Bérénice. Vivre et construire la mort des animaux: Le cimetière d'Asnières. **Ethnologie française**, v. XXXIX, n. 3, p. 495-507, 2009.

GASPAR, Samantha dos Santos. **Cães e gatos como pacientes: uma etnografia de um hospital veterinário**. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2018.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes. 2011.

GIACOIA JÚNIOR, Osvaldo. A visão da morte ao longo do tempo. **Revista Medicina**, Ribeirão Preto, v. 38, n. 1, p. 13-19, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/418>

GILL, Lorena; CHIARELLI, Ana Paula; LANGHANZ, Milena da Silva. A vida se transforma em morte: a pandemia de COVID-19 no cotidiano dos moradores e moradoras da cidade de Pelotas (RS). **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, v. 15, n. 29, p. 213-229, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/16626> [Acesso em 02 ago. 2024]

GOLAN, Yael; HENDERSON, Jason; WILKINSON, Nancy Lee; WEVERKA, Aiko. Gendered walkability: Building a daytime walkability index for women. **Journal of Transport and Land Use**, v. 12, n. 1, 2019: p. 501-526. Disponível em: <https://www.jtlu.org/index.php/jtlu/article/view/1472> [Acesso em 22 mar. 2023]

GRÜN, Mauro. Descartes, Historicidade e Educação Ambiental. In: CARVALHO, I.C. M.; GRÜN, M.; TRAJBER, R. (Orgs). **Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental**. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, p. 63 – 78, 2006.

GUIMARÃES, Ricardo; PENTEADO, J. Roberto Whitaker; GRACIOSO, Francisco. 2013. Branding: uma nova filosofia de gestão. **Sumários Revista Da ESPM**, 10(2), 84–103. Disponível em: <https://bibliotecasp.espm.br/espm/article/view/198> [Acesso em 30 abr. 2024]

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridades significativas**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

HERTZ, Robert. "A contribution to the study of the collective representation of death". *In*: \_\_\_\_\_. **Death and the right hand**. Illinois: The Free Press Glencoe, 1960.

HILLER, Marcos. 2014. **Branding: a arte de construir marcas**. São Paulo: Editora Trevisan.

HIPÓLITO, Dora Alice. **O luto como desafio profissional: percepções dos residents do Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

HOUDART, S. Humanos e não humanos na Antropologia. *Ilha*, v. 17(2), p.13-29, 2015.

HOWELL, Philip. "A Place for the Animal Dead: Pets, Pet Cemeteries and Animal Ethics in Late Victorian Britain". **Ethics, Place & Environment: A Journal of Philosophy & Geography**, v. 5, n. 1, p. 5-22, 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13668790220146401> [Acesso em 28 ago. 2022]

IARED, Valéria. Etnografia em movimento como possibilidade para a interpretação da experiência estética da natureza. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Número Especial, 2018, p.184-203.

IARED, Valéria. (Eco)Narrativa de uma caminhada na floresta australiana. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 36, n. 3, 2019, p. 198-212.

IARED, Valéria; OLIVEIRA, Haydée. O walking ethnography para a compreensão das interações corporais e multissensoriais na educação ambiental. **Ambiente & Sociedade**, v. XX, n. 3, 2017, p. 99-116.

IARED, Valéria; OLIVEIRA, Haydée. Walking ethnography e entrevistas na análise de experiências estéticas no Cerrado. **Educação e Pesquisa**, v. 44, 2018, p. 01-18.

INCHAUSPE, Ícaro; SILVA NETO, Francisco. O sofá está na rua: uma etnografia sobre pontos de encontros e formas de sociabilidade na região do Porto na cidade de Pelotas/RS. **Ponto Urbe**, n. 24, 2019, p. 01-30. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/7656> [Acesso em 28 ago. 2022]

INGOLD, Tim. Humanidade e animalidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo 10(28), 1995, p. 01-11.

INGOLD, Tim. Footprints through the weather-world: walking, breathing, knowing. **Journal of the Royal Anthropological Institute** (N.S), 2010, p. 121-139.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos** 18(37), 2012a, p. 25-44.

INGOLD, Tim. Caminhando com dragões. In: STEIL, Carlos; CARVALHO, Isabel (orgs.). **Cultura, percepção e ambiente**: diálogo com Tim Ingold. São Paulo: Terceiro Nome, 2012b, p. 15-29.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015a.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, ano 21, n. 44, 2015b, p. 21-36.

JANKOVITZ, Maria Elizabeth Corrêa. **Aspectos psicológicos do luto na saúde mental do profissional de saúde: uma abordagem médico veterinária**. 2023. Monografia (Residência em Clínica Médica de Pequenos Animais) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

JOY, Melanie. **Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas – uma introdução ao carnismo**. São Paulo: Cultrix, 2014.

KAPFERER, Jean Noel. **As marcas, capital da empresa: criar e desenvolver marcas fortes**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

KENNEY, Elizabeth. “Pet funerals and animal graves in Japan”. *Mortality: Promoting the Interdisciplinary Study of Death and Dying*, v. 9, n. 1, p. 42-60, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13576270410001652532> [Acesso em 30 abr. 2024]

KOSBY, Marília Floôr. **“Nós cultuamos todas as doçuras”**: as religiões de matriz africana e a tradição doceira de Pelotas. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

KOVACS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. 2018. **Administração de marketing**. 15. ed. São Paulo: Pearson.

KULICK, Don. Animais gordos e a dissolução das fronteiras entre as espécies. **Mana**. Rio de Janeiro 15(2): 481-508.

LAPA, Dioni Mateus Kammer; NOGUEIRA, Maria Teresa Duarte. O luto não reconhecido pela morte do animal de estimação: Um estudo com tutoras de animais na cidade de Canguçu-RS. **Psicologia Revista São Paulo**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 251-270, 2022.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 2013.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Papyrus, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Lugar da Antropologia nas Ciências Sociais e problemas colocados por seu ensino. *In:\_\_\_\_\_ Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido**. Mitológicas 1. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 2012.

LEWGOY, Bernardo; SORDI, Caetano; PINTO, Leandra. 2015. Domesticando o humano para uma antropologia moral da proteção animal. **Revista Ilha**, v. 17, n. 2, p. 75-100.

LIMA, M. H. C. C. A. **Animais de estimação e civilidade: a sensibilidade de empatia interespecie nas relações com cães e gatos**. Tese de doutorado em Sociologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

LONER, Beatriz Ana. Negros: Organização e Luta em Pelotas. **História em Revista**, Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, v. 5, n. 1, p. 7-30, 1999.

LONER, Beatriz Ana. **Experiências e vivências de ex-escravos urbanos na sociedade do trabalho livre: trajetórias (in)comuns**. *In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DO TRABALHO, V JORNADA NACIONAL DE HISTÓRIA DO TRABALHO*, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida. Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 35, n. 1, p. 145-162, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2009.1.5798> [Acesso em 02 ago. 2024]

MACHADO, Valentina. **O arroio, a rua, o verde e a vida: cartografia do caminhar nas bordas do arroio Pepino**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020. Disponível em: <https://quaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/6910> [Acesso em 02 ago. 2024].

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MOREIRA, Simone Xavier. **Da cidade imaginada ao imaginário da cidade: Literatura, história e cultura em Pelotas**. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

MORIN, Edgard. **O homem e a morte**. 2. Ed. Portugal: Publicações Europa-América, LDA, 1976.

MOTTA, Antônio. **À flor da pedra**: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2009.

MOTTA, Antônio. 2010. “Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas”. **Horizontes Antropológicos**, ano 16, n. 33: 55-80. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832010000100005> [Acesso em 05 ago. 2024]

MÜLLER, Dalila. **Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840 – 1870)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.

NEGRÃO, Marcus Vinícius Nascimento. **Iluminando os mortos: um estudo sobre o ritual de homenagem aos mortos no Dia de Finados em Salinópolis – Pará**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014a. Disponível em: [https://www.ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/NEGR%C3%83O,%20Marcus.%20Iluminando%20os%20mortos%20\(1\).pdf](https://www.ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/NEGR%C3%83O,%20Marcus.%20Iluminando%20os%20mortos%20(1).pdf) [Acesso em 05 ago. 2024]

NEGRÃO, Marcus Vinícius Nascimento. “Arrumação dos túmulos: infância e reverência aos mortos em Salinópolis (Pará)”. **Amazônica: Revista de Antropologia**, n. 6, v. 1, p. 236-242, 2014b. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/1756/2208> [Acesso em 05 ago. 2024]

NEGRÃO, Marcus Vinícius Nascimento. Entre túmulos e vínculos: (re) construindo e iluminando memórias em um ritual de tributo aos mortos em Salinópolis – Pará – Amazônia. **Novos Debates**, n. 1-2, v. 3, p. 85-91, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.48006/2358-0097-3114> [Acesso em 05 ago. 2024]

NEGRÃO, Marcus Vinícius Nascimento. “Iluminando os mortos: um estudo sobre o ritual de homenagem aos mortos no Dia de Finados em Salinópolis – Pará.”, **Ponto Urbe** [Online], n. 24, p. 1-24, 2019, Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.6404> [Acesso em 05 ago. 2024]

NOLETO, Rafael da Silva. Cor de jambo e outros matizes amazônicos: sobre a abolição da mulata e o advento da morena cheirosa nas festas juninas de Belém. **Mana**, n. 24, v. 2., 2018, p. 132-173. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-49442018v24n2p132> [Acesso em 28 ago. 2022]

NOLETO, Rafael da Silva. Pandemia de lives: sobre covid-19 e música no Brasil. In: GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo (orgs.). **Cientistas sociais e o coronavírus**. São Paulo/Florianópolis: ANPOCS/Tribo da Ilha, 2020, p.390-393. Disponível em: [https://anpocs.org.br/wp-content/uploads/2024/03/Livro\\_Cientistas-Sociais\\_eo\\_Coronavirus.pdf](https://anpocs.org.br/wp-content/uploads/2024/03/Livro_Cientistas-Sociais_eo_Coronavirus.pdf) [Acesso em 02 ago. 2024]

NOLETO, Rafael da Silva; MAGNI, Claudia Turra; RIETH, Flávia. Cidades do interior, interior das cidades: apresentação. **Ponto Urbe**, n. 24, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.6875> [Acesso em 02 ago. 2024]

OLIVEIRA, Déria de. **O luto pela morte do animal de estimação e o reconhecimento da perda**. Orientadora: Maria Helena Franco. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15313>

OLIVEIRA, S. B. C. **Sobre homens e cães: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção**. 143 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

OSYPINSKA, Marta; SKIBNIEWSKI, Michał; OSYPINSKI, Piotr. “Ancient pets: The health, diet and diversity of cats, dogs and monkeys from the Red Sea port of Berenice (Egypt) in the 1st-2nd centuries AD”. **World Archaeology**, [s.l.], v. 53, n. 1, p. 108-132, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00438243.2020.1870545>. [Acesso em 30 abr. 2024]

ORTIGARA, Andrea Maio. 2019. Belle Époque no Rio Grande-RS: memória e cotidiano urbano. **RELACult – Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade**, 5(4), p. 01-21. Disponível em: <https://doi.org/10.23899/relacult.v5i4.1362> [Acesso em 30 abr. 2024]

OSÓRIO, A. B. A cidade e os animais: da modernização à posse responsável. **Teoria & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 143-176, 2013.

PASTOUREAU, Michel. **Os animais célebres**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

PASTORI, E. O. **Perto e longe do coração selvagem: um estudo antropológico sobre animais de estimação em Porto Alegre, Rio Grande do Sul**. 106 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PEIXOTO, Clarice. **Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro**. São Paulo: Annablume, 2000.

PINA CABRAL, J. “A morte na Antropologia Social”. **Análise Social Volume XX**, 81-82, p. 349-356, 1984.

PREŢGOWSKI, Michał Piotr. “Memorial Services and Rituals for Companion Animals in Japan, Poland and the United States of America”. **Analecta Nipponica, Journal of Polish Association for Japanese Studies**, v. 8, 2018, p. 109-122. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/335992968> [Acesso em 28 ago. 2022].

PUSSETTI, Chiara. **Quando o campo são emoções e sentidos: apontamentos de etnografia sensorial**. In: MARTINS, H.; MENDES, P. (org.). Trabalho de Campo: Envolvimento e experiências em Antropologia. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016.

RAPCHAN, E; NEVES, W. Etnografias sobre humanos e não humanos: limites e possibilidades. **Revista de Antropologia**, n. 57(1), p. 33-84, 2014.

REESINK, M. “Reflexividade nativa: quando a crença dialoga com a dúvida no período de Finados”. **Mana**, n. 16 (91), p. 151-177, 2010.

RÉMILLARD, Liam W.; MEEHAN, Michael P.; KELTON, David F.; COE, Jason B. Exploring the Grief Experience Among Callers to a Pet Loss Support Hotline. **Anthrozoös**, v. 30, n. 1, p. 149-161, 2017.

RIBEIRO, Rosana et al. Percepção dos tutores sobre alimentação oferecida para animais de companhia no brejo paraibano. **Agropecuária técnica**, v. 41, n. 1-2, p. 25–35, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25066/agrotec.v41i1-2.50373> [Acesso em 28 ago. 2022]

RIETH, Flávia; LIMA, Daniel Vaz. Etnografia da pecuária: o modo de vida campeiro no pampa brasileiro. In: WIZNIEWSKY, Carmen; FOLETO, Eliane (orgs.). **Olhares sobre o pampa: um território em disputa**. Porto Alegre: Evangraf, 2017, p. 194-207. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/538/2019/01/Livro-Pronto-Olhares-sobre-o-pampa-2.pdf> [Acesso em 28 ago. 2022]

RIETH, Flávia; KOSBY, Marília. **Patrimônio**: região doceira de Pelotas atual e de Pelotas antiga. In: RUBIRA, Luís (org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas**, v. 2: Arte e Cultura. Santa Maria/RS: Pró-Cultura-RS. Gráfica e Editora Pallotti, 2014, p. 367-377.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. A arte de narrar as (nas) cidades: etnografia de (na) rua, alteridades em deslocamento. **Revista Hawò**, v. 1, p. 1-51, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/hawo/article/view/63521> [Acesso em 02 jul. 2024]

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

ROSA, Patrícia Santos da. **Etnografia de mediações e negociações entre moradores humanos, agentes de saúde e cães na periferia urbana de Pelotas (RS): sobre guarda compartilhada, o direito à rua e os afetos multi-espécie**. Trabalho de conclusão de curso para o Bacharelado em Antropologia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da; CRÉPEAU, Robert R. “Puissance et connaissance animales chez les Kaingang du Brésil meridional”. **Anthropologica**, v. 62, p. 60–69, 2020. Disponível em: [10.3138/anth.2018-0105.r1](https://doi.org/10.3138/anth.2018-0105.r1) [Acesso em 28 ago. 2022]

SAAD, Flávia; FRANÇA, Janine. Alimentação natural para cães e gatos. **Revista Brasileira de Zootecnia**, vol. 39, p. 52-59, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-35982010001300007> [Acesso em 28 ago. 2022]

SAHLINS, M. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SCHNEIDER, Fabiana Azevedo. **Estilo de vida de tutores de animais de estimação que optam pela alimentação natural para seus tutorados**. Dissertação de Mestrado (Administração de Empresas). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2023.

SCHUURMAN, Nora; REDMALM, David. “Transgressing Boundaries of Grievability: Ambiguous Emotions at Pet Cemeteries. Emotion”. **Space and Society**, v. 31, p. 32-40, 2019.

SEGATA, Jean. **Nós e os outros humanos, os animais de estimação**. (Tese de doutorado). Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2012.

SEGATA, Jean. Os cães com depressão e os seus humanos de estimação. **Anuário Antropológico**, n. II, p. 177-204, 2012b.

SEGATA, Jean. Gatos fidalgos, cálculos renais e as humanidades dos animais de estimação. Vivência – **Revista de Antropologia**, n. 44, 2014, p. 85-104.

SILVA, Fernanda Oliveira da. **Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)**. Dissertação (Mestrado em História) —

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2011.

SILVEIRA, Melina Monks da; ALFONSO, Louise Prado; CRUZ, Larissa Osterberg da. Cidade em Disputa: Narrativas do passo dos negros em Pelotas, RS. **ILUMINURAS**, v. 21, n. 55, 2020. DOI: 10.22456/1984-1191.103701. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/103701>. Acesso em: 4 ago. 2024.

SINGER, Peter. **Libertação animal: o clássico definitivo sobre o movimento pelos direitos dos animais**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SPAIN, Breeanna; O'DWYER, Lisel; MOSTON, Stephen. Pet Loss: Understanding Disenfranchised Grief, Memorial Use, and Posttraumatic Growth. **Anthrozoös**, v. 32, n. 4, p. 555-568, 2019.

STENGERS, I. **No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TEIXEIRA, Ivana dos Santos. **A terapia assistida por animais como uma forma de associação: um estudo antropológico sobre a relação humano-animais na promoção da saúde humana, no Brasil**. Orientador: Bernardo Lewgoy. 2015. 357 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural – mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

THOMAS, Louis-Vincent. **Antropología de la muerte**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

THOMAS, Louis-Vincent. **Rites de mort, pour la paix des vivants**. Paris: Fayard, 1985.

TOMA, Renata H. C. **Amor canino: emoção, mercado e subjetividade entre seres humanos e cães de estimação na cidade de São Paulo**. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

TOURIGNY, Eric. “Do all dogs go to heaven? Tracking human-animal relationships through the archaeological survey of pet cemeteries”. **Antiquity**, [S. l.], v. 94, n. 378, p. 1-16, 2020.

VELDEN, F. F. V. Dessas galinhas brancas, de granja – ciência, técnica e conhecimento local nos equívocos da criação de animais entre os Karitiana (RO). **Caderno eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 3, n. 1, p. 11-34, 2015.

VELDKAMP, Elmer. “The Emergence of 'Pets as Family' and the Socio-Historical Development of Pet Funerals in Japan”. **Anthrozoös**, v. 22, n. 4, p. 333-346, 2009.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade: ensaios de uma antropologia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VEYRIÉ, Nadia. Cimetières virtuels pour les animaux de compagnie: les traces d'un deuil ?, **Semen** [Online], 45 , 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/semen.11623> [Acesso em 30 abr. 2024]

VEYRIÉ, Nadia. Cimetières pour les animaux de compagnie et micro-rites funéraires: Quelles frontières entre humains et animaux? **L'Homme & la Société**, n. 210, v. 2, p. 85-105, 2019. Éditions Association pour la Recherche de Synthèse en Sciences Humaines (ARSSH). Disponível em: <https://doi.org/10.3917/lhs.210.0085> [Acesso em 30 abr. 2024]

VITORINO, Letícia. **Nossas vidas após a morte do paciente: como lidar com o tutor quando perdemos um animal?** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Residência em Medicina Veterinária) — Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

YACCOUB, Hilaine. A chamada "nova classe média": cultura material, inclusão e distinção social. **Horizontes Antropológicos**, ano 17, n. 36, p. 197-231, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832011000200009> [Acesso em 02 ago. 2024]

### **Legislações, reportagens, sites, filmes, blogs e outras referências online**

AS DÓCEIS e divertidas calopsitas. **TV UFMG**, publicado 04.04.2018. Disponível em <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/as-doceis-e-divertidas-calopsitas> [Acesso em 02 jun. 2024]

BORGES, Caroline. Influenciador que morreu em acidente nos EUA com cão Shurastey passou por 17 países e tinha como destino o Alasca. Portal G1, 26 mai. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/05/26/influenciador-que-morreu-em-acidente-nos-eua-com-cao-shurastey-passou-por-17-paises-com-o-fusca-e-tinha-como-destino-o-alasca.ghtml> [Acesso em 30 jul. 2024]

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê de Registro da Região Doceira de Pelotas e Antiga Pelotas** (Arroio do Padre, Capão do Leão, Morro Redondo e Turuçu)/RS. Brasília: IPHAN, 2018.

CACHORRO. [Filme] Direção: Taíla Soliman. 2019. (30min).

CENSO Pet IPB: com alta recorde de 6% em um ano, gatos lideram crescimento de animais de estimação no Brasil. **Instituto Pet Brasil**. Disponível em: <https://institutopetbrasil.com/fique-por-dentro/amor-pelos-animais-impulsiona-os-negocios-2-2/> [Acesso em 02 jun. 2024]

COMO funciona um funeral pet? **Pet Pax**. Disponível em: <https://petpaxms.com/como-funciona-um-funeral-pet/#:~:text=O%20corpo%20do%20animal%20%C3%A9,vel%C3%B3rio%20do%20animal%20de%20estima%C3%A7%C3%A3o> [Acesso em 02 jun. 2024]

DESPEDIDA de Estopinha, 1ª pet influencer do Brasil, teve transmissão online, coroa de flores e emoção de tutor. **Portal G1**, 21 set. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/09/21/despedita-de-estopinha-1a-pet-influencer-do-brasil-teve-transmissao-online-coroa-de-flores-e-emocao-de-tutor.ghtml> [Acesso em 30 jul. 2024]

"ELA morreu abraçadinha comigo": o relato emocionante de Dr. Pet sobre o adeus a Estopinha. **Domingo Espetacular**, Youtube, 24 set. 2023. Disponível em: <https://youtu.be/tZV6AMZDj3Y?si=dweRcpE6HIDP5Ihd> [Acesso em 30 jul. 2024]

ESTOPINHA, 1ª influenciadora pet do país, morre em SP: 'Uma parte de mim foi destruída', diz tutor da cachorra. **Portal G1**, 20 set. 2023, Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/09/20/estopinha-1a-influenciadora-pet-do-pais-morre-em-sp-uma-parte-de-mim-foi-destruida-diz-tutor-da-cachorra.ghtml> [Acesso em 30 jul. 2024]

FINARDI, Juliana. Do abandono à fama: a história de Estopinha: a 1ª pet influencer do Brasil. **Nossa UOL**, 29 set. 2023, Disponível em: <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2023/09/20/do-abandono-a-fama-a-historia-de-estopinha-a-1-pet-influencer-do-brasil.htm> [Acesso em 30 jul. 2024]

FINKLER, José. 2018. Projeto de lei em Pelotas busca possibilidade de enterro de animais no mesmo jazigo do dono. **Zero Hora**, publicado em 28.02.2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2018/02/projeto-de-lei-em-pelotas-busca-possibilidade-de-enterro-de-animais-no-mesmo-jazigo-do-dono-cje7kvhz800z401qo9d5jhboi.html> [Acesso em 28 ago. 2022]

GASPARETTO, Glau. Última viagem: como as cinzas do cão Shurastey foram trazidas ao Brasil. **Nossa UOL**, 04 ago. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2022/08/04/ultima-viagem-como-as-cinzas-do-cao-shurastey-foram-trazidas-ao-brasil.htm> [Acesso em 30 jul. 2024]

LUTO pet no setor funerário. **Instagram**, 28 fev. 2024. <https://www.instagram.com/reel/C36EoWIOJfX/?igsh=MTM5OWU5Zm90eXU2Mw%3D%3D> [Acesso em 28 fev. 2024]

Me Gusta. Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/me\\_gustarg/](https://www.instagram.com/me_gustarg/) [Acesso em 30 abr. 2024].

MORRE Estopinha, primeira pet influencer do Brasil; relembre história e veja fotos. **Estadão**, cadernos E+, 20 set. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/gente/morre-estopinha-primeira-influencer-pet-do-brasil-nprec/> [Acesso em 30 jul. 2024]

NESTLÉ Purina abre inscrições em plataforma global de inovação para conhecer soluções de startups brasileiras de pet tech e pet care. Disponível em: <https://www.nestle.com.br/media/pressreleases/allpressreleases/nestle-purina-abre-inscricoes-em-plataforma-global-de-inovacao-para-conhecer> [Acesso em 02 jul. 2024]

OMENA, Mateus. Estopinha, a primeira pet influencer do Brasil, morre após contrair infecção na unha. **Exame**, seção Home, 20 set. 2023, Disponível em: <https://exame.com/pop/estopinha-rossi-a-primeira-pet-influencer-do-brasil-morre-apos-contrair-infeccao-na-unha/> [Acesso em 30 jul. 2024]

PELOTAS. **Lei nº 6570, de 13 de Abril de 2018.** Dispõe sobre a autorização para o sepultamento de animais domésticos em campas e jazigos localizados nos cemitérios privados do município de Pelotas. Pelotas: Prefeitura Municipal, 2018. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/pelotas/lei-ordinaria/2018/657/6570/lei-ordinaria-n-6570-2018-dispoe-sobre-a-autorizacao-para-o-sepultamento-de-ani-mais-domesticos-em-campas-e-jazigos-localizados-nos-ce-miterios-privados-do-municipio-de-pelotas> [Acesso em 02 ago. 2024]

PELOTAS. **Lei nº 7350, de 12 de Julho de 2024.** Autoriza e regulamenta, no âmbito do Município de Pelotas, a instalação e o funcionamento do serviço de crematório de corpos, de peças anatômicas e de restos mortais de animais domésticos de pequeno, médio e grande porte. Pelotas: Prefeitura Municipal, 2024. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/pelotas/lei-ordinaria/2024/735/7350/lei-ordinaria-n-7350-2024-autoriza-e-regulamenta-no-ambito-do-municipio-de-pelotas-a-instalacao-e-o-funcionamento-do-servico-de-crematorio-de-corpos-de-pecas-anatomicas-e-de-restos-mortais-de-animais-domesticos-de-pequeno-medio-e-grande-porte> [Acesso em 02 ago. 2024]

PESQUISA revela que 41% dos tutores esperam inovação com benefícios funcionais na alimentação dos pets e startups podem contribuir. **Jornal Visão de Negócios.** Disponível em: <https://jornalvisaodenegocios.com.br/pesquisa-revela-que-41-dos-tutores-esperam-inovacao-com-beneficios-funcionais-na-alimentacao-dos-pets-e-startups-podem-contribuir/> [Acesso em 02 jul. 2024]

PINTO, Marília Cristina *et. al.* Cemitérios de animais no Brasil. Portal Clínica Veterinária, 08 jan. 2019. Disponível em: <https://www.revistaclinicaveterinaria.com.br/opiniao/mvcoletivo/cemitrios-de-animais-no-brasil/> [Acesso em 02 ago. 2024]

SCHAFFNER, Fábio. RS tem 21% da população preta ou parda, aponta IBGE. Zero Hora, Comportamento, 23 dez. 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2023/12/rs-tem-21-da->

[populacao-preta-ou-parda-aponta-ibge-clqilipq10021013lxonmjufk.html](https://populacao-preta-ou-parda-aponta-ibge-clqilipq10021013lxonmjufk.html) [Acesso em 02 ago. 2024]

SOUZA, Danielle. Shurastey: caso de brasileiro e golden retriever vira enredo de filme. Metr opoles, coluna “  o bicho”, 09 jan. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/e-o-bicho/shurastey-caso-de-brasileiro-e-golden-retriever-vira-enredo-de-filme> [Acesso em 30 jul. 2024]

TUTORES de pets têm dado preferência   alimenta o natural. **Cães&Gatos**. Disponível em: <https://caesegatos.com.br/tutores-de-pets-tem-dado-preferencia-a-alimentacao-natural/> [Acesso em 02 jul. 2024]

VARGAS, Bruna. Um passeio pelos doces e pela história de Pelotas. **Zero Hora**, Viagem, 18 mai. 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/viagem/noticia/2018/05/um-passeio-pelos-doces-e-pela-historia-de-pelotas-cjhaouj36092101qoghq95r0l.html> [Acesso em 02 ago. 2024].